MÉSZÁROS E A CRITICA À EXPERIÊNCIA SOVIÉTICA

SUMÁRIO

Prefácio.....5

Uma Vitória da qual ainda não nos Recuperamos - A Revolução Russa e o paradoxo da transição interrompida 11

Capital e Capitalismo: uma Distinção Necessária.....47

A Preservação do Trabalho Alienado na União Soviética.....77

Elementos para uma Crítica do Estado Soviético.....99

Burocracia e Estado do Capital Pós-Capitalista.....121

Capital e Meio Ambiente: uma Contradição também Vigente na União Soviética.....145

O Sistema Soviético e o Reformismo.....181

Mészáros e a Transição *Para Além Do Capital*.....205

ANEXOS (traduções)

1.**Por que não há Revolta? A Classe Trabalhadora Russa e o Movimento Operário**.....239
David Mandel

2.***Rabotyagi* – uma visão dos de baixo, após a Perestroika (Introdução e Capítulo I)**.....279
David Mandel

PREFÁCIO

A presente coletânea tem por objetivo contribuir para o debate relativo ao passado revolucionário que assombra o movimento operário internacional com suas derrotas, para muitos inadmissíveis, como também para a recuperação histórica da necessidade e da possibilidade da revolução e da construção do socialismo em escala mundial.

Aproximamo-nos dos 100 anos da Revolução Russa de Outubro de 1917, que se consumou com a tentativa historicamente mais significativa de construção de uma sociedade sem exploração, regida pela autodeterminação dos trabalhadores livremente associados, conforme proposto por Marx.

Sociedade emancipada que não se alcançou realizar, apesar das intenções revolucionárias originais. Pelo contrário, resultou, de maneira inaudita, em uma das expressões mais perversas e contraditórias de controle e exploração dos trabalhadores por meio de um inegável autoritarismo político, violento e repressor, sobre os próprios trabalhadores, os quais se pretendia libertar da tirania czarista e do capital que já se impunha em uma Rússia que evidenciava sua dependência da acumulação e da expansão capitalistas forâneas.

A avaliação histórica rigorosa e necessária para se elucidar o que de fato significaram os acontecimentos entre a Revolução de

Outubro e o que passou a se chamar de União Soviética (URSS) por mais de 70 anos ainda é um enorme tabu.

Tem-se conhecimento, através de autores de enorme autoridade e intimidade com o tema (Victor Serge, Isaac Deustcher, Fernando Claudín, entre outros), que durante a stalinização do regime soviético, a partir do final dos anos 1920, muitas vítimas da dura e mortal repressão imposta pelo Estado ainda hesitavam em expor ou denunciar suas desumanidades, suas contradições insanáveis e a total intolerância à dissidência política que se insurgia contra os descaminhos da construção do socialismo e o esvaziamento forçado das formas coletivas de participação democrática dos trabalhadores, como os *soviets*.

As críticas, no geral, se resumiam às divergências políticas táticas e às políticas que visavam a recuperação e o desenvolvimento acelerado da economia soviética. É o que se pôde observar mesmo em personagens históricos como Lenin, Trotsky e a oposição de esquerda, e Bukharin e a oposição de direita, no interior do Partido Bolchevique já no poder. Todos ainda acreditavam que se tratava de acertar a direção, cada um a seu modo, para se continuar no sentido da transição ao socialismo.

Somente depois da morte de Lenin, com a transferência de todo o poder do partido e do Estado Soviético para a corrente política liderada por Stalin é que foram vistos com maior gravidade os efeitos avassaladores que a consolidação do "socialismo num só país" estava a provocar. A perplexidade de muitos sobre até onde se pôde chegar no tocante ao uso da violência contra os opositores de Stalin, como justificativa à defesa do "socialismo", teve, ainda, de juntar-se a uma atitude de resignação diante do fortalecimento do Estado Soviético, sem sequer aventar-se a necessidade de seu fenecimento como uma das condições vitais para uma genuína transição ao socialismo.

Desde aquela época, o que mais constrangia a revolta e a indignação dos que não reconheciam o regime soviético como expressão verdadeira da transição ao socialismo era o receio de que ao criticá-lo frontalmente se estaria reforçando a arrasadora crítica ocidental de direita, que opunha o modelo de sociedade capitalista àquele "socialismo" que condenava, alimentando uma propaganda enganosa e mistificadora ao apresentar o capitalismo avançado como a solução positiva dos problemas enfrentados pelo povo

soviético, tais como a fome, a castração da liberdade política, o atraso econômico e social, etc.

Hoje podemos ver que a omissão ou a submissão aos desígnios da União Soviética, que se observou em boa parte do movimento operário internacional, subordinando a seus interesses particulares valiosas tentativas revolucionárias no século XX, em nada contribuíram para evitar a trilha do fracasso em que a experiência soviética se enredou irreversivelmente, como se comprovou com a extinção da URSS em 1991. A causa da derrota não se deveu ao inimigo externo ou à crítica mal-intencionada da direita ocidental; encontrava-se nas determinações internas (políticas, sociais e econômicas) do próprio regime soviético e em sua particular inserção no mundo capitalista em plena, e contraditória, expansão.

Muito há que se investigar sobre as causas fundamentais que explicam historicamente aquele triste desfecho revolucionário. A luta revolucionária no mundo carrega uma marca indelével daquele passado, e enquanto os revolucionários do presente não esmiuçarem a fundo a relação causal determinante do fracasso soviético e o peso real das diversas causas presumidas expressas em argumentos parciais tais como: deveu-se ao atraso do capitalismo na Rússia, ao fracasso das revoluções no resto do mundo, ao isolamento provocado pela hegemonia da proposta do "socialismo em um só país", à hipertrofia do Estado Soviético, aos danos da burocratização, à quebra do princípio democrático de todo poder ao povo ou ao cerco das nações inimigas e ao bloqueio de seus mercados, esse passado continuará a nos perseguir.

Um dos princípios marxianos de mais difícil aceitação tem sido o exercício contínuo e renovador da crítica e da autocrítica em uma teoria que se propõe a intervir na história com consciência e finalidade históricas radicalmente transformadoras.

O acerto de contas teórico e político com o passado histórico e revolucionário da experiência soviética é fundamental para que possamos reconstruir o sentido e os caminhos de uma genuína transição ao socialismo.

De nada adianta fugirmos dessa necessidade, pois é uma barreira inevitável para que se possa desvencilhar a noção de socialismo do significado soviético dado ao termo, ao desprovê-lo do sentido emancipador concebido por Marx e Engels. O resgate do conteúdo de autodeterminação do trabalho associado e,

portanto, da igualdade real que a construção do socialismo objetiva é uma das tarefas mais difíceis em tempos de conservadorismo neoliberal e de derrota das estratégias reformistas e revolucionárias da esquerda mundial.

István Mészáros, filósofo marxista húngaro, assistente de Lukács na Universidade de Budapeste nos anos de 1950, tem se dedicado ao resgate do conteúdo original de socialismo desde o último terço do século XX[1], e para isso não pôde evitar um mergulho sem limite de profundidade no exame crítico do que denominou de "sistema de capital pós-capitalista" de tipo soviético. Este filósofo afirma, de forma enfática, em seu livro *Estrutura Social e Formas de Consciência – a determinação social do método* (São Paulo: Boitempo, 2009), que é

> notório quão frequentemente circunstâncias e ventos históricos trágicos reaparecem e causam mais devastação, devido à recusa das partes interessadas em encarar o desafio de reavaliá-las (...). Para o movimento socialista, a implosão do sistema de tipo soviético foi uma das mais trágicas experiências históricas do século XX. Teria sido ainda mais trágico se daí não pudéssemos retirar as lições apropriadas. (MÉSZÁROS, 2009, p. 238).

Daí, para Mészáros, significa que "aprender com a experiência histórica é uma parte importante do processo de autocrítica" (MÉSZÁROS, 2009, p. 239).

Com a crise estrutural e a impossibilidade do sistema do capital resolver seus problemas fundamentais para sustentar sua legitimidade, enquanto o modo de produção e reprodução social mais eficiente da história, a questão de uma alternativa radical e positiva que contemple a realização dos interesses sociais e do desenvolvimento humano da maioria da população planetária – dos trabalhadores – está na ordem do dia.

---

[1] A radicalidade de sua crítica ao sistema soviético foi expressa, desde os anos 1970, em artigos tais como: "Poder Político e Dissidência nas Sociedades Pós-revolucionárias" e " Divisão do Trabalho e Estado Pós-Capitalista". Ambos fazem parte da Parte IV de sua obra *Para Além do Capital- rumo a uma teoria da transição* (Boitempo, 2002), publicada no original em inglês, em 1995, pela Merlin Press (Londres).

O socialismo, como uma alternativa real à crise estrutural[2] provocada pelo modo de controle despótico e destrutivo exercido pelo capital sobre a vida humana e a natureza, deve ser recuperado em seu real significado, enquanto uma necessidade histórica. Portanto, reconhecer crítica e historicamente o fato de que o socialismo não pôde sequer ser minimamente experimentado na história da humanidade, até nossos dias, é um imprescindível ponto de partida.

O caminho a ser seguido pela esquerda revolucionária, ao contrário de simplesmente alternar-se entre o da simples apologia ou o da mera negação da experiência soviética, é o do aprofundamento da crítica e da autocrítica ainda insuficientemente realizadas, bem como extrair todas as lições legadas pelo passado para que estas possam influenciar positivamente a constituição criativa de uma transição efetiva e irreversível ao socialismo. Uma transição na qual se efetive a verdadeira igualdade entre os homens. Uma igualdade sustentada pelo exercício da plena liberdade, pois uma somente se realiza em conjunção com a outra.

Tendo como foco a abordagem radicalmente crítica de Mészáros, os estudos, sobre sua obra, apresentados na presente coletânea nos parecem da maior relevância, pois visam colaborar com esse esforço de uma crítica e autocrítica necessárias.

Os artigos que compõem esta coletânea são resultado das pesquisas desenvolvidas até o momento por quatro estudantes (graduandos e mestrandos) e três professores do Grupo de Pesquisa *Lukács e Mészáros: fundamentos ontológicos da sociabilidade burguesa*, além de dois autores colaboradores de valiosa contribuição e de atento conhecimento da obra de Mészáros. Os temas centrais abordados nos artigos, como se pode constatar no sumário dessa coletânea, trazem à tona, com base na pesquisa minuciosa, fundamentalmente, do *Para Além do Capital – rumo a uma teoria da transição*, elementos fundamentais para a compreensão de como se processou na experiência soviética a continuidade da

[2] Mészáros, recuperando Marx, nos lembra de que "uma transformação socialista viável tinha de emergir – e somente poderia emergir – da crise estrutural do sistema do capital global, com sua divisão social do trabalho internacional antagônica e um mercado mundial profundamente problemático". (MÉSZÁROS, I. *Para Além do Capital-rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 705).

relação-capital e do trabalho alienado, a permanência da dominação política sobre os trabalhadores, exercida pelo Estado e pela burocracia, a reincidência de uma ação destrutiva sobre o meio ambiente, o ressurgimento de um "novo" reformismo, o verdadeiro significado de revolução vitoriosa e as contradições estruturais impeditivas da efetiva transição ao socialismo.

Não pretendemos esgotar, com os textos ora apresentados, a crítica original a nós oferecida por Mészáros em relação às sociedades pós-capitalistas. Os temas aqui tratados são objeto de pesquisas individuais em andamento, que, supõe-se, virão contribuir de forma cumulativa, ainda mais, no futuro. Estes são apenas os primeiros passos de uma pesquisa de longa duração.

Não podemos assegurar que haja um consenso consolidado sobre tudo o que está sendo abordado em cada artigo e neste prefácio. É esta a intenção: contribuir, e provocar uma discussão de evidente teor polêmico, correndo-se os riscos necessários e expondo-se à prova o comprometimento e o rigor teórico e político de cada autor nesta composição editorial coletiva.

Por fim, anexamos a essa coletânea dois textos de David Mandel, traduzidos pelo Grupo de Pesquisa (*Por que não há revolta? A classe trabalhadora russa e o movimento operário*, e *Rabotyagi – uma visão dos de baixo, após a Perestroika. Introdução e Capítulo I)*, com o intuito de compartilharmos um material de pesquisa acerca do que se passou na União Soviética em sua derrocada final, do ponto de vista da consciência, do movimento e da luta dos "trabalhadores soviéticos". Esses dois textos adicionam uma força documental e analítica de enorme relevância a esta coletânea, possibilitando-nos uma maior aproximação à realidade vivida pelos trabalhadores - os quais foram os que, de fato, amargaram a derrota final do projeto de "socialismo" soviético.

Os temas enfocados em cada artigo correspondem, cada um em sua particularidade, a princípios e argumentos fundamentais da crítica de Mészáros ao "sistema do capital pós-capitalista" que vigorou na União Soviética. Procuram, também, situar historicamente a Revolução Russa de Outubro de 1917 e os desdobramentos de uma "transição" ao socialismo que, por fim, resultou no retorno trágico ao capitalismo.

Socialismo que ainda está por ser construído na história mundial, por uma classe trabalhadora potencialmente criativa e

desafiadora do lema desesperançado das classes dominantes, expresso na defesa do "fim da história".

Maceió, novembro de 2016.

UMA VITÓRIA DA QUAL AINDA NÃO NOS RECUPERAMOS

A Revolução Russa e o paradoxo da transição interrompida

1. A transição interrompida e o grande engano do século XX

A história do século XX é a história de um grande engano. Uma tentativa de transição ao socialismo foi iniciada no fim da I Guerra Mundial, tendo como marco mais importante a Revolução Russa de 1917. Entretanto, depois que a transição foi interrompida, com a derrota da revolução em outros países (em especial na Alemanha) e o isolamento dos socialistas na Rússia, um tipo de formação social intermediária se consolidou na URSS e entrou para a história como "modelo" de socialismo. Depois da II Guerra, esse "modelo" se expandiu para uma série de outros países, por meio de vários processos particulares. E essa forma de transição interrompida também prevaleceu como guia para a luta pelo socialismo no restante do mundo. Entretanto, não se tratava de uma autêntica transição ao socialismo, por motivos que veremos ao longo do texto, mas de um tipo de formação social *sui generis* inerentemente instável e contraditória.

E ao sucumbir, por força das suas contradições, essa forma de transição interrompida acabou servindo como prova do "fracasso do socialismo". As décadas seguintes ao desmoronamento da URSS e seus satélites foram marcadas por uma ofensiva do imperialismo contra os trabalhadores (financeirização, desregulamentação, abertura comercial, privatizações, reestruturação produtiva, precarização, terceirizações, etc.) e pelo discurso triunfalista da vitória do capitalismo e sua "globalização", e do "fim da história", "fim do socialismo", "fim do proletariado", "fim do sujeito", "fim das narrativas", "fim do marxismo", etc. Entretanto, a mundialização do sistema do capital é simultaneamente a mundialização de suas crises, o momento em que o sistema expõe de maneira mais gritante a sua inviabilidade. E justamente nesse momento, em que se dá o mais evidente desdobramento da crise estrutural do capital (MÉSZÁROS, 2002), a alternativa socialista se encontra mais desacreditada, exatamente devido ao exemplo negativo da URSS como "modelo" de socialismo que "fracassou".

Esse é o grande engano do século XX, o qual foi deixado como herança ao século XXI. Para retomar a luta pelo socialismo no atual momento histórico é preciso explicar como essa forma de transição interrompida ocupou indevidamente o lugar de "modelo" do socialismo durante a maior parte do século XX. E isso exige concretamente detalhar o modo como a experiência heróica e inicialmente vitoriosa da Revolução Russa resultou paradoxalmente neste engano do qual ainda não nos recuperamos. Para fazer este detalhamento, percorreremos alguns pontos principais da história da Rússia revolucionária, estabelecendo, ao mesmo tempo, a relação entre os seus desenvolvimentos internos e os acontecimentos internacionais que foram fundamentais para determinar os rumos do movimento socialista, concebido sempre como um movimento que visa uma transformação de escala necessariamente mundial. (MARX e ENGELS, 2007)

2. A expansão imperialista e a ofensiva do movimento operário

A tentativa de transição ao socialismo materializada na Revolução Russa aconteceu num momento histórico em que o sistema do capital ainda possuía margens de expansão. (MÉSZÁROS, 2002). A lógica expansionista do sistema do capital havia levado as potências capitalistas a um salto de qualidade, a sua transformação em imperialistas.[3] O capitalismo liberal, do *laissez-faire*, dos empreendedores e "capitães de indústria", tinha ficado no passado. O século XX seria a era das corporações transnacionais, gigantescas concentrações de capital, geridas por burocracias profissionais, que controlam ramos inteiros da economia e dirigem a política dos Estados nacionais.

No início do século XX, as potências imperialistas já haviam retalhado o mundo em possessões coloniais e zonas de influência. Ásia, África, América Latina e Oceania foram fatiadas pelas antigas potências européias da França e Inglaterra, e pelas novas potências da Alemanha, Japão e Estados Unidos. Antigos impérios multinacionais como o Russo, o Austro-Húngaro e o Turco-Otomano lutavam para manter seus territórios sob controle. Depois que tudo já havia sido dividido, não havia maneira dos capitais imperialistas se expandirem a não ser avançando sobre os domínios uns dos outros. A única forma de resolverem as suas disputas por mercados seria a guerra. O espectro de uma guerra mundial era uma ameaça que rondava o Velho Mundo como uma nuvem de tempestade prestes a desabar.

Ao mesmo tempo, do ponto de vista interno, as potências imperialistas européias enfrentavam outra ameaça, o movimento operário em expansão. No início do século XX, a classe operária estava na ofensiva pela construção de uma nova sociedade. Atuando ainda por dentro do capitalismo, mas em oposição a ele, as organizações operárias esboçavam em inúmeras frentes[4] os

---

[3] O imperialismo, na definição de Lenin, é a fusão entre o capital financeiro e o Estado na conquista de mercados em outros continentes. O capital financeiro, por sua vez, é a fusão entre o capital bancário e o industrial, na forma de mega corporações monopolistas. A esse respeito, ver "O Imperialismo, etapa superior do capitalismo".

[4] A Internacional Socialista, ou II Internacional (assim batizada por ter sucedido a Associação Internacional dos Trabalhadores – AIT, presidida por Marx, e que funcionou entre 1864 e 1876) agrupava os partidos socialistas do mundo inteiro e organizava campanhas mundiais, como a da redução da jornada de trabalho

passos que poderiam viabilizar uma futura transição ao socialismo, ao fortalecer os laços coletivos da classe e criar as instituições que poderiam servir como embriões para uma gestão socialista da sociedade.

3. A vitória do reformismo e a derrota da revolução

A ofensiva da classe operária era desigual de país para país, com avanços mais rápidos ou lentos em cada caso, mas em seu conjunto, a marcha para o socialismo avançava. O desafio ao capitalismo era claro e evidente. A alternativa para a humanidade era a revolução socialista ou a guerra imperialista: "socialismo ou barbárie", como sintetizou Rosa Luxemburgo. Nesse momento histórico crucial, a alternativa socialista foi derrotada, e é preciso que nos debrucemos sobre o modo como isso aconteceu. Começamos pelo fato de que, na disputa pela estratégia do movimento socialista, prevaleceu a linha reformista, que defendia a possibilidade do atingimento do socialismo por meios pacíficos, com o acúmulo de reformas, sem a destruição do Estado burguês e a expropriação da burguesia. A linha revolucionária, que tinha a visão de que o capitalismo não poderia ser administrado, nem reformado de modo duradouro, mas tinha que ser destruído, foi derrotada nessa disputa. Isso aconteceu a despeito de esforços brilhantes, como a luta de Rosa Luxemburgo contra o reformismo no interior do partido alemão. (LUXEMBURGO, 2015)

Num primeiro momento, a derrota da linha revolucionária não apareceu de maneira evidente. Ao contrário, nos Congressos da II

---

para 8 horas diárias. Sindicatos se fortaleciam e obtinham aumentos salariais e avanços nos direitos, como redução das jornadas, descanso semanal, proibição do trabalho infantil, regulamentação da segurança no trabalho, etc. Partidos operários eram legalizados e obtinham votações cada vez maiores, com a expansão do sufrágio, inclusão do voto feminino, etc., e conquistavam reformas sociais. As organizações operárias gerenciavam fundos de ajuda mútua e caixas de assistência para inválidos, idosos e viúvas, já que ainda não havia previdência pública. Círculos de leitura e bibliotecas alfabetizavam e difundiam a cultura entre os operários. Até os clubes de futebol fundados nesse período contribuíam para solidificar a identidade de classe do proletariado, ao fornecer um vínculo coletivo e uma ocupação para o tempo livre em que o trabalhador não estava na fábrica.

Internacional de 1907, 1910 e 1912, foram votadas resoluções contra a guerra e em defesa da revolução socialista.[5] Mas em 1914, quando os dois blocos que agrupavam as potências capitalistas entram em guerra, os partidos da II Internacional, por meio dos seus deputados no parlamento de cada país, votam a favor dos seus respectivos governos, autorizando as declarações de guerra e os orçamentos para travá-la. A eclosão da guerra foi uma derrota clamorosa do movimento socialista, colocando milhões de jovens oriundos da classe operária para matar jovens operários de outros países, em nome dos lucros da burguesia. O que possibilitou essa derrota do movimento socialista foi a prevalência da linha reformista, contra os revolucionários, na prática concreta do movimento socialista.

Por mais que os Congressos votassem resoluções revolucionárias, no dia a dia do movimento socialista adotava-se uma linha reformista. Havia uma base material para isso, que era a possibilidade das burguesias imperialistas fazerem concessões aos trabalhadores em seus países, por meio da margem de manobra proporcionada pelos lucros da exploração colonial. O capital ainda vivia o seu momento de ascendência histórica, (MÉSZÁROS, 2002) e sua expansão em escala mundial é o que lhe permitia fazer essas concessões. A espoliação da Ásia, África, América Latina e Oceania forneceu o suborno com o qual a burguesia imperialista pagou pela cooptação da classe operária nos países metropolitanos. Era possível conceder salários e direitos maiores no centro do sistema, à custa da superexploração da periferia.

Saciados por essas concessões, os dirigentes do movimento operário nos sindicatos e os deputados dos partidos socialistas da II Internacional capitularam ao social-chauvinismo ou social-imperialismo. As ideias nefastas do chauvinismo, patriotismo, nacionalismo, darwinismo social, racismo, xenofobia, contaminaram o conjunto das populações, e também a classe operária, sem serem combatidos por um autêntico internacionalismo classista. Quando a guerra foi declarada, os operários intoxicados por essas ideologias aderiram entusiasmadamente a ela. Os dirigentes reformistas da época se

[5] Em caso de guerra, diziam as resoluções aprovadas por pressão dos revolucionários, cada partido socialista deveria lutar para derrubar o governo burguês em seu próprio país.

acomodaram ao senso comum, ao economicismo, às promessas de melhorias materiais contínuas, abrindo mão da disputa ideológica necessária pelo socialismo, pelo internacionalismo e pela revolução. Objetivamente, trocaram a possibilidade da revolução pelos benefícios de serem sócios menores na superexploração da periferia colonial. Uma troca que custaria bem caro.

4. O fim da I Guerra e as revoluções

Num primeiro momento, a própria eclosão da I Guerra foi uma derrota para o movimento socialista revolucionário, que tinha se oposto ao militarismo. Mas ao final da guerra, uma nova oportunidade tinha se aberto para os revolucionários, quando os sofrimentos causados pelo conflito levaram as populações de vários países a questionarem seus governos. As mortes em escala industrial provocadas pelo armamento moderno (metralhadoras, granadas, morteiros, tanques, aviação, gás venenoso) traumatizaram aquela geração. Aqueles que esperavam uma vitória rápida se decepcionaram com os anos em que a guerra estacionou nas trincheiras da infame frente ocidental, com longas confrontações levando milhões à morte e trazendo nenhum avanço.

O morticínio e as privações causadas pelo esforço de guerra eram uma espécie de prova prática de que os socialistas revolucionários, que tinham se colocado contra a guerra desde o começo, estavam com a razão. A oposição à guerra cresceu internamente em cada país. O primeiro governo a ser derrubado foi o da Rússia, na revolução de fevereiro de 1917, que aboliu o czarismo e instalou um regime parlamentarista[6], que, no entanto, manteve a Rússia na guerra.

As vacilações do governo provisório levaram a um crescimento da agitação entre os operários, que voltam a formar conselhos (*soviets*), como tinha acontecido em 1905.[7] O partido bolchevique, a

[6] Com a presença de partidos burgueses, pequeno-burgueses, camponeses, todos de tendências democráticas, e socialistas moderados (mencheviques).

[7] Entre 2004 e 2005, o Império Russo estava também travando uma guerra, no caso contra o Japão, onde seria também derrotado. No curso dessa guerra, a população se revoltou contra o governo devido às privações. Houve uma greve geral na capital São Petersburgo, quando os operários, pela primeira vez,

partir da liderança de Lenin, desenvolve uma campanha em torno das principais reivindicações populares: pão, paz e terra.[8] Em outubro de 1917, com a palavra de ordem de "todo poder aos *soviets*", os bolcheviques assumem o poder, dissolvendo o governo provisório, com apoio massivo dos operários e camponeses.

Entre as suas primeiras medidas, os bolcheviques decretam a reforma agrária, expropriando definitivamente a aristocracia e concedendo a terra aos camponeses; iniciam conversações de paz com os alemães, para retirar a Rússia da guerra (o que só aconteceria em março de 1918, ao custo de pesadas concessões em territórios); e publicam os tratados secretos de antes da guerra, que expunham as conspirações entre os governos capitalistas. (SERGE, 1993) O exemplo da Rússia entusiasmou os trabalhadores no mundo inteiro. Motins e greves começam a se espalhar por toda a Europa, durante o último ano da guerra. Na Itália, França, Reino Unido, por toda parte, aumenta a oposição da população civil à continuidade do conflito. Motins anti-belicistas na marinha e no exército derrubam o imperador da Alemanha e proclama-se a república em fins de 1918. Temendo uma revolução operária ao estilo da Rússia, o novo governo alemão aceita render-se e encerrar a guerra. A revolução estava no ar.[9]

---

formam um conselho de representantes eleitos em cada local de trabalho, para dirigir a luta contra o governo. Essa primeira revolução em 1905, depois chamada de "ensaio" para a de 1917, seria derrotada, mas o exemplo dos conselhos (que em russo se chamam "*soviets*") como forma organizativa da luta permaneceu.

[8] A população em geral queria o fim da escassez, os soldados queriam a paz, os camponeses queriam a terra. Uma primeira tentativa de fazer com que os *soviets* tomassem o poder em julho foi abafada. Mas em seguida, em setembro, um golpe do general czarista Kornilov contra o governo provisório é derrotado pela resistência dos operários. O governo provisório estava evidentemente enfraquecido, e o movimento operário fortalecido. Na linha de frente os batalhões se diluem e os soldados desertam em massa. No interior do país os camponeses começam a expropriar a terra espontaneamente. Era preciso levar essa situação à sua conclusão lógica, a derrubada do governo pelo movimento popular, do contrário a reação o faria.

[9] A I Guerra termina com a decomposição de vários governos e regimes entre os países combatentes. A paz foi improvisada às pressas para evitar a disseminação da revolução socialista, que estava de fato se iniciando em vários países. Na Alemanha a agitação entre os operários não parou com a saída da

5. O isolamento da revolução na Rússia e a derrota da transição

Um dos pontos centrais da estratégia socialista revolucionária era a ideia de que a revolução deveria ser mundial, e começar pelos países mais avançados. A apropriação das forças produtivas mais desenvolvidas era tida como pressuposto para uma transição ao socialismo por todos os marxistas revolucionários. Marx e Engels o deixaram registrado já na Ideologia Alemã, ainda em 1846 (embora a obra somente tenha sido publicada em 1932). Coerentemente com esse pressuposto, os socialistas revolucionários que atuavam no início do século XX enxergavam sua ação em cada país como uma parte da luta pela revolução mundial. No difícil contexto de um continente europeu exaurido pela guerra interimperialista, mas agitado pela multiplicação de greves operárias, ocupações de fábricas, motins de soldados e marinheiros, formação de conselhos, os revolucionários tinham uma oportunidade de dar seguimento à estratégia da revolução mundial.

Quando os bolcheviques lideraram a tomada do poder em 1917, não o fizeram porque esperavam construir o socialismo a partir da Rússia, mas porque aproveitaram a oportunidade de quebrar a cadeia do capital a partir de um dos seus "elos frágeis", na expressão de Lenin. Com isso, esperavam contribuir para a revolução nos países capitalistas avançados da Europa, onde a batalha pelo socialismo seria decidida. A Revolução Russa seria mero estopim para a Revolução Europeia. Em particular, a revolução na Alemanha era o evento que todos os marxistas esperavam como condição para se iniciar uma transição ao socialismo. De fato, com sua classe operária numerosa, culta e organizada, seu progresso científico, tecnológico e cultural, a Alemanha poderia ter dado o impulso inicial para a formação de um novo modo de produção, já contando com os recursos da

---

guerra e até meados de 1919 houve repúblicas baseadas em conselhos de operários e soldados em várias cidades e regiões alemãs. O mesmo aconteceu na Hungria, com uma república de conselhos operários que vigorou entre 1919 e 1920. Na Itália os anos de 1919 e 1920 foram chamados de "biênio vermelho", com as ocupações de fábrica. A atividade insurrecional e grevista na península só foi detida com o golpe de Mussolini em 1922.

Rússia e dos países do leste europeu situados entre os dois, como primeiro terreno de expansão. A partir dessa base, o socialismo nascente teria melhores condições de se consolidar e se espalhar, até se tornar mundial. Os revolucionários tinham alguma consciência disso, embora estivesse fora do alcance de suas forças contribuir para que a revolução vencesse em outros países.

Mas a revolução na Alemanha não avançou. O mesmo partido socialista alemão (SPD), na verdade reformista, que em 1914 votou a favor dos créditos de guerra requisitados pelo Kaiser, em 1918 assumiu o governo republicano com Ebert, e tratou de reprimir os levantes de operários e soldados. A consumação do crime do reformismo se deu em janeiro de 1919, quando seu governo emitiu uma condenação contra Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, históricos dissidentes e revolucionários do SPD e agora líderes da recém-fundada Liga Spartaquista (depois Partido Comunista Alemão – KPD). Os dois foram executados pelos *freikorps*, milícias de oficiais de ultra-direita surgidas da decomposição do exército, no momento em que as revoltas operárias estavam em curso no país. Sem uma liderança adequada, os conselhos operários retrocederam e o Estado burguês recuperou o controle. O mesmo aconteceria no levante de 1923, já sob orientação da III Internacional, como veremos mais adiante. A derrota da revolução alemã acabaria sendo decisiva para a luta pelo socialismo no século XX.

6. A guerra civil e o "comunismo de guerra"

Enquanto isso, na Rússia, a tarefa dos bolcheviques de manter o poder no contexto da guerra em andamento e com a população descontente e exausta já era, em si mesma, bastante complexa. Para dar conta da questão prioritária de obtenção da paz, nas negociações com a Alemanha, foram cedidos importantes territórios do império russo, como Finlândia e Polônia, que jamais foram recuperados, além da Ucrânia, Bielorússia e países bálticos, que depois voltariam a fazer parte da URSS. Esses territórios concentravam cerca de 1/3 da população do império, além de importantes recursos industriais, fábricas, reservas minerais, etc. (SERGE, 1993) A paz foi comprada a um alto preço, mas era parte das promessas do novo governo.

Neste primeiro momento, o governo revolucionário contava com apoio total dos camponeses, operários e setores mais progressistas da pequena burguesia. Os meses que se seguiram a outubro de 1917 foram bastante democráticos, até meados de 1918, quando começará a guerra civil. Nesse breve intervalo, havia liberdade de organização e de expressão para qualquer agrupamento político. Uma série de outras conquistas sociais foram outorgadas, como permissão do divórcio por iniciativa da mulher, descriminalização da homossexualidade, etc.[10], as quais somente seriam revertidas anos depois, no período stalinista. A atmosfera de liberdade era contagiante, as artes e a criatividade floresceram. O cinema com Eisenstein e Vertov, a poesia com Maiakóvski, a psicologia com Vygotsky, a pedagogia com Makarenko, o *design* e a fotografia com Rodschenko, etc., diversos campos da atividade humana experimentaram avanços impressionantes na atmosfera da Revolução e ao longo da década de 1920 (vindo a definhar também depois, sob o stalinismo).

Mas a reação das forças contrarrevolucionárias não tardaria. Generais czaristas reúnem suas tropas em várias partes do país e declaram guerra ao governo dos *soviets*, formando o chamado "exército branco", já em meados de 1918. Sob o pretexto de fazer a Rússia voltar à guerra, tropas dos países aliados invadem o território russo e apoiam os brancos. França, Inglaterra, Japão e uma dezena de outros países enviam tropas para diferentes partes da Rússia. O governo soviético teve que improvisar o Exército Vermelho (tarefa que foi entregue a Trotsky, que a desempenhou de maneira genial e eficiente), para combater na guerra civil e enfrentar a invasão estrangeira. A guerra civil duraria até 1921 (os japoneses, expulsos da Sibéria em 1922, foram os últimos estrangeiros a sair do país) e seria terrivelmente destrutiva. Milhões de pessoas morreram nos combates ou por causa da fome, doenças e escassez que se seguiram. (SERGE, 1987)

Durante a guerra civil o governo chefiado pelos bolcheviques foi forçado a tomar medidas extremas. Sobre a base material de um

[10] Também foi legalizado o aborto e tomadas iniciativas para socializar o trabalho doméstico, como creches, lavanderias e refeitórios públicos. Ver: http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/05/uniao-sovietica-foi-pioneira-nos-bdireitos-das-mulheresb-afirma-historiadora-americana.html, acessado em 15/10/2016.

país capitalista atrasado, sem poder contar com assistência internacional e, na verdade, pressionados pelo imperativo da sobrevivência imediata, os revolucionários tiveram que improvisar uma forma de funcionamento para que a economia continuasse minimamente produzindo. Foi organizado o chamado "comunismo de guerra", um regime econômico que aboliu o mercado e a circulação de moeda, substituídos pela requisição estatal de bens às fábricas e às fazendas. O resultado disso é que parte dos camponeses deixaram de produzir e pegaram em armas contra os destacamentos do governo que vinham confiscar reservas de mantimentos. Ao mesmo tempo, grupos armados de salteadores se espalhavam pelo país, se declarando ora brancos, ora vermelhos. A fome se instalou, as cidades se despovoaram, as fábricas pararam de produzir. Houve inclusive casos de canibalismo, em meio à desorganização e barbárie generalizada. (DEUTSCHER, 1968)

No plano político, foram adotadas medidas emergenciais que, no entanto, jamais voltariam a ser revertidas. Primeiramente, os demais partidos, mencheviques e Socialistas Revolucionários (SR, partido camponês e não marxista, apesar do nome) foram banidos por colaborar com os brancos e os aliados imperialistas.[11] Assim, o governo dos *soviets* se tornou um governo de partido único, sob controle exclusivo dos bolcheviques. Na prática, já não havia mais *soviets*[12], pois os operários mais militantes estavam todos engajados no Exército Vermelho. Depois, no X Congresso do partido, em 1921, foram proibidas as tendências e frações, estabelecendo-se a

[11] Os anarquistas tinham se dividido, uma parte apoiando o governo dos *soviets*, uma parte se colocando contra, mas na prática seus grupos acabaram também todos suprimidos.

[12] O nome de "União Soviética" assumido pela Rússia pós-revolucionária e o conjunto de repúblicas sob seu controle é em si mesmo mais um grande engano. O *soviet* (conselho de representantes eleito pelos trabalhadores a partir da base) é uma espécie de forma básica de organização da classe trabalhadora que desponta em várias revoluções, como a Comuna de Paris, ou durante a Guerra Civil Espanhola. A supressão do poder dos conselhos de trabalhadores em favor do Estado e do partido significa em última instância a morte de qualquer possibilidade de autodeterminação da classe. O fim dos conselhos na URSS deu origem a uma corrente dissidente de "comunistas conselhistas", críticos do bolchevismo, formada por autores como Pannekoek, Karl Korsch e Paul Mattick.

ditadura dos órgãos de direção do comitê central no interior do próprio partido. A direção bolchevique era o único espaço em que havia alguma disputa. Além disso, vigorava na prática um estado de sítio, com a Tcheka (polícia política, depois chamada de GPU, NKVD e KGB) tendo poder de aplicar a pena de morte sobre acusados de traição.

O X Congresso coincidiu com a revolta de Kronstadt, base naval próxima a São Petersburgo, a capital russa na época, onde os marinheiros se amotinaram em torno de reivindicações econômicas e exigiram o restabelecimento dos *soviets*, dos direitos políticos, da liberdade de organização e o fim das instituições centralizadas do comunismo de guerra. (SERGE, 1987) A revolta foi derrotada e os marinheiros amotinados foram fuzilados. A decisão de tratar adversários políticos situados no mesmo campo de classe como um inimigo militar foi um erro monumental da liderança revolucionária (mesmo considerando o atenuante de que esses adversários se levantaram em armas contra o governo soviético). Esse episódio, bem como a traição e perseguição da guerrilha organizada por Makhno, na Ucrânia (onde foi importante para ajudar a derrotar os brancos), aprofundaram drasticamente a cisão entre os anarquistas e os marxistas no movimento operário, de tal forma, que jamais seria superada.

7. A formação da III Internacional sob liderança soviética

Além da imensa tragédia humana, das mortes e da destruição, do fechamento do regime político, outra conseqüência dramática da guerra civil e da intervenção estrangeira foi a "russificação" ou "bolchevização" do movimento socialista internacional. A derrota da revolução alemã, em 1919 e 1923, foi o que decidiu o destino do socialismo no século XX. Entretanto, todas as atenções foram concentradas na Rússia, como se tal país pudesse representar sozinho a "experiência socialista", o que era manifestamente absurdo para qualquer marxista. Ao ficar isolada em um único país, ainda que enorme e importante, a luta pelo socialismo passou a se ressentir dos paralisantes limites do atraso russo.[13]

[13] Com sua população esmagadoramente rural e analfabeta (cerca de 80% de camponeses), sua urbanização e industrialização incipiente, sua classe operária

Ainda assim, como dissemos, todos os olhos estavam voltados para a Rússia e isto era, até certo ponto, justificado. A vitória inicial dos bolcheviques, ao tomar o poder e conseguir sustentá-lo depois das duríssimas provações da guerra civil, credenciou os revolucionários russos como figuras centrais do movimento socialista internacional. Em 1919, foi fundada uma III Internacional, ou Internacional Comunista – IC, para agrupar os socialistas revolucionários do mundo inteiro que rompiam com os partidos socialistas reformistas. No Congresso de 1920, a IC aprovou as famosas 21 condições para admissão dos partidos comunistas de cada país.

Essas 21 condições (inicialmente 19) eram extremamente restritivas, centralizadoras, autoritárias, refletindo um momento em que o regime dos *soviets* lutava pela sua sobrevivência na guerra civil. A IC se tornou um comando de tipo quase militar sobre os PCs que, por sua vez, foram forçados a se estruturar de forma também militar, sem democracia interna, com o poder absoluto dos dirigentes sendo imposto verticalmente sobre os militantes de base. Essa subordinação do movimento socialista internacional ao controle autoritário da IC, que por sua vez se subordinou ao partido russo, era até natural nas circunstâncias em que todos contavam com a iminência da revolução mundial. Neste contexto, entendia-se que era preciso construir partidos que fossem verdadeiras organizações de combate para a tomada imediata do poder. Mas nem por isso a subordinação deixava de estar errada, e este erro não ficaria sem conseqüências. Quando se tornou evidente que a revolução mundial não estava na ordem do dia, a burocracia stalinista já tinha assumido o controle na URSS e na IC, processo que descreveremos no ponto seguinte.

8. A NEP e a estabilização

pouco numerosa (embora aguerrida e militante), a Rússia só poderia contar com os abundantes recursos naturais do seu gigantesco território, o que no entanto se provou insuficiente em longo prazo.

A guerra civil terminou, na prática, em 1921[14], embora houvesse tropas estrangeiras até 1922. Ao contrário da Comuna de Paris de 1871, que até então era o único exemplo disponível de uma ditadura do proletariado, a revolução russa tinha sido vitoriosa em todo um país, e não apenas por meses, pois estava consolidada depois de anos de luta (ainda que com uma participação decrescente da base do proletariado na tomada de decisões). Tratava-se agora de iniciar a reconstrução.

Com exceção da crise provocada pela hiperinflação alemã, que levou a uma tentativa de revolução em 1923, já não havia mais esperanças de que a revolução mundial viesse socorrer a URSS em sua reconstrução, pelo menos não a curto prazo. O isolamento era completo, não haveria qualquer tipo de comércio com outros países durante muitos anos. O primeiro regime pós-capitalista (MÉSZÁROS, 2002) do mundo teria que se reerguer com suas próprias pernas. Nessas condições, chegaram a se travar debates sobre a possibilidade de estender o comunismo de guerra para realizar, de forma direta, a transição a um regime socialista. (DEUTSCHER, 1968) Mas ao final dos debates, prevaleceu a sobriedade e adotou-se a política de restabelecer o mercado e a circulação de moeda em determinados setores, para fazer a economia voltar a funcionar.

A Nova Política Econômica (que passou para a história com a sigla NEP) era apresentada popularmente como uma tática de dar "um passo atrás para dar dois passos à frente". Ou seja, reativar minimamente a economia, ainda que admitindo parcialmente o mercado capitalista para, num momento posterior, retomar as medidas de transição socialistas. O Estado permaneceu como proprietário dos principais empreendimentos - como as ferrovias -

[14] O país estava devastado (é importante lembrar que antes da guerra civil a Rússia já estava envolvida na I Guerra, em luta contra a Alemanha e os Impérios Austro-Húngaro e Turco-Otomano), a população estava exausta, a economia estava bastante comprometida pelo esforço de guerra, mas a revolução havia vencido. Em 1922 o país passou a chamar-se União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS, constituindo-se como uma federação de 15 repúblicas (sendo a Rússia sozinha maior que todas as demais, e politicamente dominante), e o partido bolchevique passou a chamar-se Partido Comunista da URSS, conforme as normas que ele mesmo decretou para a IC, e se mantinha como único partido legalizado no estado soviético.

mas a propriedade privada de pequenos negócios foi autorizada, especialmente no campo.

Com o fim do comunismo de guerra e a adoção da NEP (que permaneceria em vigor até 1928), a economia voltou de fato a se mover, o comércio interno foi reativado, as fazendas e as fábricas voltaram a produzir. Mas a volta parcial do mercado desviaria recursos para a acumulação privada, retirando do Estado os fundos necessários para a industrialização de base, incremento da infraestrutura, eletrificação, mecanização rural, etc. A falta de planejamento e os gargalos produziram crises econômicas a partir de 1923, acendendo os debates sobre a alternativa da "acumulação socialista" defendida por Preobrajenski e o gradualismo, posição de Bukharin, (HOBSBAWM, 1998) que refletiam também as disputas políticas sobre a estratégia da revolução, conforme veremos mais abaixo.

9. A vitória da burocracia

Durante a NEP e a reconstrução, o custo social da guerra civil e do atraso do país em termos de cultura, urbanização, etc., se fez sentir pesadamente. A classe operária russa, cuja experiência militante vinha desde a revolução derrotada em 1905, havia sido praticamente dizimada na guerra civil. Os sobreviventes tiveram que se tornar dirigentes do Estado soviético, ocupando parte das funções administrativas. Os novos operários foram recrutados entre o campesinato, inculto e sem qualquer experiência de militância. Boa parte da pequena burguesia havia emigrado ou perecido na guerra civil, ao lado dos brancos. Isso significa que não havia médicos, engenheiros, advogados, pessoal tecnicamente qualificado, em número suficiente para reorganizar a produção e a vida social. (SERGE, 1993)

Os setores pequeno burgueses e burgueses remanescentes tiveram que ser reinstalados na direção das fábricas e serviços, para que a produção fosse retomada. No campo, por sua vez, uma camada de pequenos proprietários, chamados kulaks, enriqueceu com a volta do comércio. O proletariado era nominalmente a classe dirigente na política, através do PC, mas no dia a dia da produção eram os burgueses e pequenos proprietários que mandavam. O próprio PC, por sua vez, sofreu uma mutação. Uma

vez que toda pessoa alfabetizada era necessária para administrar o país, uma grande proporção de indivíduos de origem não operária foram admitidos dentro do partido para ocupar os postos de gestão nas fábricas, fazendas coletivas, prefeituras, etc., nos diversos rincões do imenso país. Esses integrantes do partido, não mais militantes, mas administradores, desenvolveram privilégios e interesses que os separavam da massa dos trabalhadores.

Politicamente, esse processo de formação de uma burocracia de administradores[15], sem compromisso com o projeto socialista, levou à derrota dos setores revolucionários. Lenin se afastou por problemas de saúde desde 1922 e morreu em 1924. Na disputa interna pela liderança do partido, acabou prevalecendo a figura de Stalin, representante da nova burocracia, contra a de Trotsky, representante dos remanescentes revolucionários. Sob a liderança de Stalin, o PC e a IC adotaram a linha do "socialismo em um só país", que significava o abandono da perspectiva da revolução mundial.[16] Além disso, as medidas ditatoriais adotadas no calor da guerra civil, como o regime de partido único, a proibição de tendências e frações do partido, o estado de sítio sob controle da polícia política, etc., foram todas mantidas indefinidamente.[17]

---

[15] Uma descrição *in loco* desse processo pode ser encontrada no texto de Christian Rakovski, "*Los peligros profesionales del poder*", publicado como carta em 1928, para o qual não encontramos versão impressa. O texto em que nos baseamos está disponível emhttps://www.marxists.org/espanol/rakovski/1928/08-1928.htm. Acessado em 21/10/2016. A análise mais "clássica" da burocratização ainda é "A revolução traída", de Trotsky, embora a nosso ver o título ainda mencione a "traição" como chave explicativa para o processo, o que a nosso ver é bastante insuficiente.

[16] Não se tratava apenas de um reconhecimento tático de que a revolução não se estenderia para outros países a curto prazo, o que estaria correto, mas de um abandono estratégico dos esforços para organizar a revolução internacionalmente, refletindo-se na política da IC para os PCs do mundo inteiro e em derrotas e retrocessos trágicos. A revolução se torna um discurso manejado pelos PCs ao sabor das conveniências da política externa da URSS, e não algo que se esforça genuinamente para construir conforme as lutas em cada país.

[17] Isso não reflete apenas uma "traição" dos dirigentes que compactuam com a burocratização e um mero caráter psicologicamente maligno de tais dirigentes,

10. A consolidação da contrarrevolução burocrática

Em sua luta contra o setor burocrático do partido, Trotsky organizou a Oposição de Esquerda, e depois a Oposição Unificada, propondo medidas de avanço da industrialização, da coletivização da economia, de restabelecimento da democracia política, redução dos poderes da burocracia e repressão aos kulaks e "NEPmen", como eram chamados os burgueses enriquecidos com a volta parcial do mercado. Entretanto, sem base social entre a nova geração de operários (que não tinham qualquer experiência militante), a Oposição não conseguiu apoio fora de alguns restritos círculos do partido. Dessa forma, a tentativa de reverter politicamente os rumos da burocratização foi derrotada, seus líderes removidos de seus cargos no PC, no Estado e na IC e, posteriormente, exilados, presos ou mortos. E em fins da década de 1920, se consolida também a Oposição de Direita, liderada por Bukharin, propondo uma abordagem mais "gradualista" de transição da NEP para a estatização.

Depois de haver derrotado a oposição trotskista e exilado seus líderes, Stalin se voltou contra a Oposição de Direita, rejeitando também o gradualismo, e o fez de maneira brusca e violenta. A partir de 1928, a NEP foi revogada, todos os empreendimentos privados foram estatizados, as propriedades rurais foram todas coletivizadas à força, os kulaks foram fisicamente exterminados ou

---

mas profundas razões estruturais derivadas da base material que a revolução não tinha sido suficiente para alterar. O controle político autoritário sobre a força de trabalho se impunha devido a uma lógica em que este poder político continuava existindo como poder separado, já que na base econômica da sociedade os trabalhadores continuavam privados dos poderes reais de decisão. Conforme explica Mészáros, "A estrutura de comando político geral incorrigivelmente hierárquica do capital se ergue do solo das determinações internas necessariamente conflituosas de seus constituintes reprodutivos, devido ao antagonismo estrutural entre capital e trabalho que o sistema político corporifica e consolida." (MÉSZÁROS, 2002, p. 742).

A análise da relação entre a base material organizada ainda nos termos da lógica do capital e a estrutura política burocrática do Estado pós-capitalista é justamente o tema de outros artigos desta coletânea.

condenados a trabalhos forçados (em campos de concentração chamados gulags) e foram lançados os "planos quinquenais", projetos de industrialização acelerada baseada em ramos de produção pesada (siderurgia, máquinas, tratores, infraestrutura, construção civil, eletrificação, etc.).

Esse giro de Stalin rumo à coletivização e industrialização acelerada chegou a seduzir alguns setores da antiga Oposição de Esquerda, pois aparentemente estava sendo realizado o seu programa de anos atrás. No entanto, o que estava em curso era uma verdadeira contrarrevolução burocrática. As conquistas democráticas de 1917 foram definitivamente liquidadas e o PC burocratizado, já apartado da classe que dizia representar, reforçou seu controle sobre a sociedade com a intensificação do terror. A ditadura do proletariado se converteu definitivamente em ditadura sobre o proletariado.[18]

O sistema de delações foi generalizado, difundindo o medo de prisão, fuzilamento e exílio na Sibéria como uma ameaça permanente. Periodicamente, se faziam expurgos no PC, condenando qualquer um que gerasse desconfiança na direção stalinista. A paranóia de Stalin, temeroso de ser vítima de um golpe, o levou a expurgar também a própria cúpula do Exército Vermelho, prendendo milhares de oficiais, inclusive generais e almirantes, e fuzilando parte destes. Esse expurgo teria conseqüências trágicas nos primeiros anos da II Guerra, pois deixou a URSS praticamente indefesa diante da ofensiva nazista. (HOBSBAWM, 1998)

Para completar a stalinização total do Estado, uma farsa judicial foi montada para condenar Trotsky, já exilado, e qualquer um suspeito de ser seu partidário, com a acusação de ser espião imperialista, nos chamados "Processos de Moscou", entre 1936 e 1938. Neste ano, foi também publicada a nova Constituição soviética, consolidando a contrarrevolução. Se na sua origem em 1917 o Estado soviético estava baseado em algum grau de poder

[18] O setor stalinista do partido exterminou todo tipo de Oposição, tanto dentro do PC como na sociedade em geral. Além dos militantes mais conscientes do partido, milhões de cidadãos soviéticos, trabalhadores comuns, operários e não apenas kulaks e NEPmen, que se atreveram a discordar das metas dos Planos Quinquenais ou de qualquer diretriz da burocracia, foram condenados à prisão ou aos campos de trabalho forçado.

dos trabalhadores, precário e incipiente, em 1938 já não havia mais qualquer traço disso, e a Constituição veio consagrar o seu desaparecimento total. A forma *sui generis* de economia estatizada, planificação centralizada, monopólio estatal do comércio exterior, regime político de partido único, ditadura e terror de Estado consolidada na década de 1930 passaria à história com o nome de "socialismo" e de "comunismo". Considerando-se que uma autêntica transição ao socialismo requer uma revolução mundial, essa transição já havia sido barrada com as derrotas na Europa e o isolamento da revolução na URSS, nos anos 1920. Na década de 1930, com a contrarrevolução burocrática, as conquistas da ruptura do capitalismo retrocedem dentro da própria URSS.

11. O contexto internacional

Ainda na década de 1920, a liderança stalinista da IC cometeu erros e causou derrotas monumentais. Além do fracasso da revolução alemã de 1923, outro caso exemplar foi o da China. Nas orientações da IC, o marxismo revolucionário foi substituído pela ideia de revolução por etapas, reciclando a abordagem determinista e mecânica típica do reformismo (a qual seria, posteriormente, consubstanciada nos infames "manuais" de "materialismo histórico e dialético" editados pelo stalinismo). Na concepção etapista, a China era um país feudal, que precisava passar primeiro por uma revolução burguesa, para desenvolver o capitalismo, e somente depois disso empreender a transformação para o socialismo. Sendo assim, o PC chinês foi orientado a fazer unidade com o partido da burguesia nacionalista chinesa, o Kuomitang, em luta contra os restos da milenar aristocracia imperial. O chefe militar da burguesia chinesa, Chiang Kai-shek, aproveitou o presente de Stalin e fuzilou os comunistas chineses que o receberam como aliado, em 1927, em Shangai. O proletariado chinês, ainda mais incipiente que o russo, foi precocemente exterminado enquanto força política. Os comunistas sobreviventes se refugiaram no campo, sob liderança de Mao Tse Tung, na chamada "longa marcha".

Sem fazer uma autocrítica profunda desses erros, e acompanhando o giro interno voluntarista da coletivização forçada e industrialização acelerada, na política externa, os anos de 1928 a

1935 foram chamados de "ultraesquerdismo" do "terceiro período". Os PCs foram orientados pela IC a evitar qualquer unidade de ação com os antigos partidos socialistas reformistas, que passaram a ser chamados de "social-fascistas". O resultado também catastrófico dessa política foi que, na Alemanha, os comunistas do KPD e os reformistas do SPD permaneceram afastados e em conflito entre si, abrindo caminho para a ascensão de Hitler ao poder em 1933. A tragédia da ascensão nazista levou a IC a reorientar, outra vez, sua política no seu último Congresso, em 1935, lançando a linha das "frentes populares". Essa linha consistia na unidade de ação com partidos pequeno burgueses e com a burguesia democrática, para se contrapor ao crescimento do fascismo.[19] O fundo da política de Frentes Populares era a tentativa de Stalin de alcançar algum acordo com os imperialistas "democráticos" da França e Inglaterra, na tentativa de conter o nazi-fascismo. O preço pago por essa política, mais uma vez, foi a

[19] A Frente Popular dos PCs com os partidos da democracia burguesa ganhou as eleições contra a direita na França em 1936 e na Espanha em 1935. Neste país, no entanto, o governo da Frente Popular foi atacado por um golpe fascista em 1936, liderado pelo general Franco, que levou a uma guerra civil de três anos, até a vitória dos golpistas, em 1939. Nesta guerra, considerada um "ensaio" para a II Guerra Mundial, a Alemanha e a Itália, sob regimes fascistas, enviaram forças aéreas e armamento em apoio a Franco. Do lado da Frente Popular, foram formadas as "brigadas internacionais", com voluntários do mundo inteiro, democratas, socialistas, anarquistas e comunistas. No entanto, os agentes enviados pela URSS estavam mais preocupados em caçar os trotskistas do que em combater os fascistas.

Enquanto os anarquistas e os pseudo-trotskistas do Partido Operário de Unificação Marxista – POUM – colocavam em prática a revolução social, expropriando as terras e fábricas, colocando-as sob controle de conselhos de camponeses e operários, os agentes de Stalin pactuaram com os setores burgueses da Frente Popular e restabeleceram o controle estatal sobre as regiões libertadas pelos revolucionários. O conflito entre os stalinistas de um lado e os anarquistas e POUM de outro levou às "jornadas de maio" de 1937 em Barcelona, com enfrentamento armado entre os dois setores. A divisão entre as forças da Frente Popular facilitou a vitória de Franco. A derrota da revolução espanhola marcou o fim do ciclo de revoluções no continente europeu, que vinha desde a primeira tentativa na Rússia, em 1905. Não haveria mais revoluções operárias em solo europeu no século XX.

secundarização da luta pela revolução socialista em escala internacional e em cada país.

As forças dissidentes que buscavam manter uma autêntica perspectiva marxista revolucionária estavam isoladas e em extrema minoria, em face do prestígio do stalinismo no movimento socialista.[20] No entanto, a barbárie nazi-fascista avançava na Alemanha, Itália, Hungria, Espanha, Portugal. Diante desse quadro, Trotsky chegou a tentar reagrupar os revolucionários numa IV Internacional, fundada em 1938. Mas com o seu assassinato em 1940, no México (por um agente de Stalin), essa Internacional teve vida efêmera e se dispersou depois da II Guerra numa miríade de tendências objetivamente inexpressivas. Começava a II Guerra e o mundo entrava no seu período mais difícil, que Victor Serge chamou de "meia noite do século".[21]

12. A II Guerra e acordos da Guerra Fria

A I Guerra Mundial não serviu para resolver a disputa entre as potências imperialistas de forma definitiva. França, Inglaterra, Estados Unidos e Japão apareceram como vencedores, a Alemanha como derrotada, os impérios Russo, Austro-Húngaro e Turco-Otomano se decompuseram, mas a luta pela condição de principal potência do mundo capitalista ainda não tinha terminado. Seria preciso uma nova Guerra Mundial, 20 anos depois, para pôr fim a essa disputa. Mas antes que isso ficasse decidido, as rivalidades interimperialistas foram, de certa forma, suspensas diante da ameaça da revolução socialista. França e Inglaterra fizeram vista grossa ao rearmamento da Alemanha e às anexações promovidas por Hitler (Áustria e Tchecoslováquia foram anexadas impunemente em 1938), pois viam no nazi-fascismo a força capaz de esmagar a URSS. Antes da guerra começar, no entanto, houve o curioso pacto Ribbentrop-Molotov, de não agressão entre

[20]Não custa recordar que a contra face da industrialização soviética acelerada era a Grande Depressão que se abateu sobre o mundo capitalista a partir da crise de 1929 e que duraria praticamente uma década. Nesse contexto, o "modelo" da URSS parecia estar funcionando e se provando superior ao capitalismo, o que tornava a liderança do PC soviético e de Stalin muito mais difícil de ser contestada.

[21] Título de um romance publicado por Serge em 1939 em Paris

Alemanha e URSS, em 1939 (mais um dos desconcertantes giros da política externa stalinista, puramente taticistas e desprovidos de qualquer princípio ou estratégia).

Antes de partir para a invasão da URSS, a Alemanha teve, assim, o tempo de consolidar suas posições na frente ocidental, ocupando a França, Holanda, Bélgica, Dinamarca e Noruega e submetendo a Grã-Bretanha a um intenso bombardeio aéreo. Em 1941, o pacto Ribbentrop-Molotov é rompido por Hitler e começa a invasão da URSS, a operação Barbarossa. Os expurgos na cúpula do Exército Vermelho realizados por Stalin cobraram seu preço, desarticulando a defesa da URSS, e o exército Alemão chegou a ocupar facilmente porções imensas do território soviético, indo até as portas de Moscou. Auxiliada providencialmente pelo rigoroso inverno russo de 1942 (o famoso "general inverno", que já tinha ajudado a derrotar Napoleão em 1812), a resistência soviética consegue conter o avanço alemão, na batalha de Stalingrado. Nesta cidade morreram mais de dois milhões de soldados de ambos os lados, e civis, na batalha mais encarniçada da história.

A população soviética, como antes, na guerra civil, foi duramente castigada, com mortes em combate e resultantes de doenças, fome, frio, privações, etc., estimadas na casa de duas dezenas de milhões de pessoas. (HOBSBAWM, 1998) A partir da vitória em Stalingrado, em julho de 1943, o Exército Vermelho começa a empurrar de volta os alemães, varrendo-os do leste europeu, num avanço inexorável, até chegar a Berlim, em maio de 1945. Tendo sustentado o maior sacrifício em vidas humanas e destruição da II Guerra, a URSS pactuou com o imperialismo a divisão do mundo no pós-guerra, nos encontros entre Stalin, Churchill e Roosevelt, em Teerã (1943), Ialta e Potsdam (1945).

Como resultado desses acordos, a URSS estenderia sua zona de influência para a Alemanha Oriental (cuja capital, Berlim, teria um setor sob controle dos aliados ocidentais, mais tarde cercado pelo famoso muro), Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Romênia e Bulgária, países ocupados pelo Exército Vermelho e nos quais foram constituídas as chamadas "democracias populares". Governos liderados pelos PCs desses países foram montados decalcando as instituições da URSS burocratizada, ou seja, regime de partido único e economia estatizada e centralmente (burocraticamente) planificada. Iugoslávia e Albânia se libertaram

da ocupação nazi-fascista por forças próprias, mas adotaram o mesmo sistema "socialista" (embora depois, cada uma a seu tempo, rompessem com o controle direto de Moscou). Em troca da chancela do imperialismo para essa expansão, Stalin dissolveu a III Internacional, em 1943, formalizando o abandono da luta pela revolução socialista internacional[22].

13. O marxismo do pós-guerra

A vitória sobre a Alemanha nazista tinha agigantado o prestígio da URSS e de Stalin pelo mundo inteiro, tornando a sua liderança ainda mais absoluta sobre o movimento socialista internacional. As linhas dissidentes do marxismo, como o trotskismo e as correntes inspiradas nas obras de outros pensadores e revolucionários (como Rosa Luxemburgo, Gramsci, Lukács, etc.), permaneceram minoritárias no movimento operário, ou se refugiaram em estreitos círculos intelectuais, como uma espécie de curiosidade acadêmica, não alcançando jamais uma expressão militante significativa ou minimamente capaz de desafiar o monopólio stalinista.

Mesmo com a dissolução da IC, os PCs do mundo inteiro continuavam seguindo as instruções de Moscou. No geral, essas instruções reproduziam a linha etapista e de unidade com os "setores democráticos" das burguesias nacionais (tal como praticada na China, na década de 1920, com resultados desastrosos). A análise das situações concretas foi abandonada em

[22] Independentemente da vontade de Stalin, no entanto, os PCs da França, Itália e Grécia haviam também organizado guerrilhas que tiveram papel decisivo na derrota do nazi-fascismo. Foi a lendária Resistência francesa que libertou Paris, em agosto de 1944, antes da chegada dos aliados desembarcados meses antes na Normandia. Na Itália, os "partgiani" comunistas capturaram e executaram Mussolini, em 1943. Na Grécia os comunistas também foram fundamentais na libertação do país. No entanto, as ordens de Moscou foram para que as guerrilhas e milícias entregassem as armas e fossem realizadas eleições, para reconstituir o Estado burguês nesses países. O stalinismo não apenas havia deixado de apoiar as revoluções, mas interviria diretamente para que não avançassem, em obediência aos acordos com o imperialismo. Os comunistas gregos, por sua vez, desobedeceram às ordens de Moscou e mantiveram uma guerra civil contra a monarquia burguesa até serem definitivamente derrotados em 1949, ignominiosamente abandonados pela URSS.

favor de uma interpretação mecânica e artificial do marxismo (a chamada "vulgata stalinista"), como doutrina oficial. Isso significava o abandono por parte dos PCs de qualquer pretensão de independência de classe e organização autodeterminada dos trabalhadores, em nome de alianças com partidos e políticos burgueses.

Com a estratégia oportunista e capituladora do etapismo, a participação dos PCs nas lutas de independência nacional e anti-imperialistas que contagiaram Ásia, África e América Latina nas décadas de 1950 a 1970 não contribuiu para o desenvolvimento da revolução socialista internacional. O intercâmbio de forças produtivas que seria necessário para uma autêntica transição ao socialismo já tinha sido impedido com a derrota da revolução nos principais países europeus na década de 1920, deixando a URSS isolada (o atraso do país e a burocratização fizeram o restante para liquidar a transição). No pós-II Guerra, a ampliação dos territórios sob controle de regimes pós-capitalistas também não atingiu países capitalistas desenvolvidos, estando restrita a antigas colônias e países periféricos.

Além disso, essa expansão já não obedecia a uma estratégia de transição socialista autêntica, mas se dava no marco de uma difusão territorial da mesma forma de transição interrompida consolidada na URSS, após a contrarrevolução burocrática, transposta para outros países. Os chamados "estados satélites" do novo "bloco soviético" foram formatados como uma espécie de "miniaturas" da própria URSS. E como se não bastassem essas distorções, a URSS stalinista passou a explorar os países do leste europeu, exigindo deles reparações de guerra, ao invés de estabelecer uma verdadeira cooperação, que seria de se esperar entre países que se diziam socialistas.

14. As revoluções anticapitalistas sem a classe operária

Mesmo nos países em que os PCs não obedeceram à linha de Moscou e seguiram em armas contra a burguesia - casos da China, Coréia do Norte e Vietnã - os avanços foram paralisados no mesmo nível em que haviam sido alcançados na URSS. Foi feita a

expropriação da burguesia e estabelecido o planejamento econômico centralizado, mas sob controle de burocracias "comunistas", e não dos operários e camponeses. O regime político de partido único, a fusão entre Estado e partido, a ditadura do partido e o terror de Estado foram também exportados. Inclusive em Cuba, em que a revolução de 1959 foi dirigida por um movimento inicialmente desvinculado do PC, o mesmo "modelo" acabaria sendo posteriormente instalado, em 1961, diante da necessidade de se alinhar à URSS para obter proteção contra uma possível invasão estadunidense.

No pós-II Guerra, tivemos, assim, a formação de estados novos pós-capitalistas, mas sem a presença da classe operária como sujeito social e político na direção dos processos. Além disso, o eixo da revolução se deslocou do Velho Mundo, em que havia países capitalistas avançados e forças produtivas desenvolvidas, para a periferia, mundial, tão ou mais atrasada que a própria Rússia. Dessa forma, o imperialismo conseguiu preservar para si os centros desenvolvidos do sistema, Estados Unidos, Europa e Japão, que permaneceram como países capitalistas, e deixar a disputa para os países coloniais e periféricos.

Se no caso da URSS, o isolamento e o atraso precedente já eram limitantes dramáticos e, ao final, insuperáveis para uma transição ao socialismo, no caso dos países chamados de "socialistas" e "comunistas" no pós-II Guerra, essa transição era ainda mais impossível,[23] já que nem sequer havia qualquer papel da classe operária autodeterminada nos processos (SAENZ, 2004), ou nem sequer havia uma classe operária demograficamente relevante em alguns desses países.

Em outros casos, como no leste europeu, a implantação do sistema pós-capitalista decalcado da URSS foi feito por força da ocupação militar do Exército Vermelho. As tentativas da classe operária desses países, que tinham sua própria história de luta, tradição e cultura, de romper com o controle burocrático, foram

[23] Dessa forma, o prestígio que o maoísmo obteve em alguns círculos militantes como suposta alternativa ao stalinismo, especialmente no curso da "Revolução Cultural" da década de 1960, não passa de outra forma de engano, já que na essência a China reproduzia as mesmas distorções do modelo soviético, a subordinação dos trabalhadores a um estado ditatorial comandado pela burocracia.

seguidamente esmagadas pelo mesmo Exército Vermelho, na Alemanha Oriental, em 1953, na Hungria, em 1956, na Tchecoslováquia, em 1968 (a célebre Primavera de Praga) e na Polônia, em 1981 (onde os dirigentes do sindicato "Solidariedade" mais tarde acabariam se tornando vanguarda da restauração capitalista).

15. A "desestalinização" de fachada e os "anos dourados" do capitalismo

Stalin governou a URSS até sua morte, em 1953, sendo sucedido por Kruschev. Em 1956, o novo dirigente proferiu um discurso no encerramento do XX Congresso do PC, condenando Stalin por "crimes contra a legalidade socialista" e "culto da personalidade", dando início à chamada "desestalinização" interna e ao "degelo" nas relações internacionais. (HOBSBAWM, 1998) Depois de décadas de um terror de Estado feroz, com prisões, fuzilamentos e confinamentos arbitrários em campos de concentração, a burocracia estabelece certa normalidade. Os gulags são fechados, os presos políticos libertados e a vigilância da polícia política afrouxada. Uma vez que não havia mais oposição interna organizada, o regime podia se dar ao luxo de proporcionar certa liberalização.

A própria burocracia estava exausta devido ao estado de tensão permanente e paranóia persecutória do auge do stalinismo, e permitiu que o conjunto da população "respirasse" um pouco. Os intercâmbios comerciais com o restante do mundo (e não apenas os Estados-satélites do leste europeu, mas também países capitalistas) são intensificados e a URSS começa a receber turistas, participar de congressos científicos, competições esportivas e até permitir a publicação controlada de obras literárias e a exibição de filmes estrangeiros. Entretanto, no essencial, ou seja, no núcleo das relações de produção, não houve qualquer mudança. A relação capital continuava em vigor (MÉSZÁROS, 2002), personificada pela burocracia, que continuava exercendo o controle total e impedindo qualquer grau de autodeterminação dos trabalhadores. A "desestalinização" de Kruschev era meramente de fachada.

Tanto Kruschev quanto seu sucessor Brejnev, que assumiu em 1964 (e tinha um estilo muito mais "stalinista clássico"),

mantiveram o monopólio do poder burocrático contra os trabalhadores e, igualmente, praticaram a repressão contra tentativas de autodeterminação nos países satélites, como vimos acima. A retórica "socialista" mascarava uma política de "coexistência pacífica" com o imperialismo, por meio de múltiplos acordos com os Estados Unidos (tratados de desarmamento, participação na ONU, etc.). Essa política, na prática, significava que a URSS abriria mão de apoiar novas revoluções anticapitalistas na periferia mundial, mas de forma alguma significou que os Estados Unidos deixariam de lutar pela restauração capitalista e atuar ferozmente na repressão de quaisquer lutas dos trabalhadores pelo mundo.

Nas décadas de 1950 e 1960, se aprofundou o desnível entre a monotonia cinzenta e burocrática dos estados pós-capitalistas e o dinamismo dos países capitalistas desenvolvidos.[24] Enquanto a URSS e seus satélites estagnavam, o mundo capitalista desenvolvido experimentou décadas seguidas do maior crescimento de sua história, os seus chamados "anos dourados". (HOBSBAWM, 1998) Depois da imensa destruição de capital provocada pela II Guerra, o capitalismo se recuperou da Grande Depressão, iniciada em 1929. A reconstrução do pós-guerra e as políticas de bem-estar social do mundo capitalista desenvolvido proporcionaram um grande salto na produção e distribuição de riqueza. Tratava-se, na verdade, da última fronteira do desenvolvimento capitalista, a exploração dos seus limites internos, com a expansão do consumo para alguns segmentos da própria classe trabalhadora, por algum período e em alguns países.

---

[24] Essas décadas trazem também uma intensa transformação social no mundo inteiro, com os países da antiga periferia colonial (3º mundo) sendo também arrastados para a urbanização, industrialização, constituição de Estados nacionais e suas instituições burocráticas, oscilando entre os "modelos" do 1º mundo capitalista e do 2º mundo "socialista". Essa intensa modernização reproduz as contradições da lógica do capital, já que, na ausência de uma alternativa societal baseada no trabalho livre associado, ou seja, de uma autêntica transformação socialista, a sociedade global segue aprisionada aos imperativos da forma de trabalho alienado e subordinado ao capital. Nessas condições, uma multiplicidade de novos conflitos sociais emerge sem perspectiva de solução, trazendo à tona as demandas dos movimentos de mulheres, de igualdade racial, preservação ambiental, minorias originárias e camponesas, juventude, etc.

16. A Guerra Fria e a ideologia burguesa da democracia x "totalitarismo"

Pelo lado capitalista, os Estados Unidos se estabeleceram depois da II Guerra como liderança incontestável, em termos econômicos, políticos, militares e culturais.[25] Na liderança do mundo capitalista, os Estados Unidos desenvolveram um discurso de defesa do "mundo livre" contra a ameaça da "subversão comunista" que, na prática, era a defesa dos interesses das corporações imperialistas contra as lutas dos trabalhadores no mundo inteiro, fossem elas lideradas por setores identificados com os PCs ou não.

A chamada "Guerra Fria" entre Estados Unidos e URSS teve diversos episódios "quentes", como os enfrentamentos entre as forças sustentadas pelas duas potências na Coréia, Vietnã, Cuba e alguns países da América Central e África em que havia guerrilhas "comunistas". Como estratégia de legitimação ideológica, os Estados Unidos, habilidosamente, se apropriaram do discurso da defesa da "democracia" contra o "totalitarismo". A narrativa da história da II Guerra e do século XX inteiro foi reorganizada para fazer parecer que se tratava de uma luta entre as democracias (representadas pelos aliados, os Estados Unidos, Inglaterra e França) contra os regimes autoritários e expansionistas do Eixo, formado por Alemanha, Itália e Japão (como se os aliados "democráticos" não fossem eles próprios também igualmente imperialistas e responsáveis por genocídios, massacres, ditaduras e espoliação nos países coloniais e periféricos em geral, antes e depois de tal guerra). O destaque é dado para o holocausto de seis milhões de judeus, como se esse fosse o maior ou único crime e o principal objetivo do nazismo, e omitindo-se a tentativa de destruir o regime pós-capitalista da URSS.

Nessa narrativa, a URSS aparece, primeiramente, como uma espécie de aliado inconveniente ou meramente "acidental" na luta

---

[25] Alemanha e Japão se reconstruíram como potências econômicas, mas constitucionalmente proibidos de projetar uma força militar correspondente. Inglaterra e França assistiram ao desmoronamento dos seus impérios, com a independência das colônias na Ásia e na África, e ficaram reduzidas a potências de segunda ordem.

contra o Eixo e depois como um adversário igualmente "totalitário" na Guerra Fria. O pseudo-conceito de "totalitarismo" se baseia na analogia formal entre o tipo de ditadura dos países nazi-fascistas e o regime de partido único e terror de Estado da URSS (depois exportado para os seus satélites), ignorando o fato de que esses regimes, apesar das semelhanças formais, tinham uma base social completamente diferente.[26]

A luta da "democracia" contra o "totalitarismo" foi o discurso que organizou a ofensiva ideológica do imperialismo contra o que restava do movimento socialista, fosse ele subordinado à URSS e aos PCs ou não. Qualquer movimento de luta dos trabalhadores em qualquer país do mundo era acusado pela burguesia de tentar implantar uma "ditadura comunista", o que ajudava a desacreditá-los. Ao mesmo tempo, os "democráticos"[27] Estados Unidos não hesitaram em instalar ditaduras sanguinárias por toda parte, como fizeram na América Latina (Paraguai, 1954, Brasil, 1964, Chile e Uruguai, 1973, Argentina, 1976), quando seus interesses econômicos foram minimamente desafiados por algum movimento social de qualquer natureza (operário, camponês, indígena, etc.), mesmo que não houvesse qualquer risco de revolução.

17. A estagnação do mundo pós-capitalista

[26] A Alemanha e Itália eram países plenamente capitalistas com governos ultra-autoritários; a URSS (e satélites) eram países que romperam com o capitalismo, mas estacionaram em formas de transição interrompida, com a manutenção da subordinação estrutural do trabalho ao capital, o qual era personificado pela burocracia, que por sua vez exercia o poder de maneira também ditatorial.

[27] E a própria democracia burguesa, é sempre bom lembrar, não passa de uma ditadura, já que dilui as classes sociais estruturalmente antagônicas na massa homogênea de um eleitorado amorfo. O conjunto da população vota a cada punhado de anos, enquanto que a burguesia vota diariamente ao exercer o monopólio da propriedade privada, que lhe dá o controle sobre as decisões relativas à produção (e também o controle político sobre os governantes que elege). A queda da URSS, em 1991, acabaria servindo para fechar essa narrativa com um "final feliz" hollywoodiano, ao funcionar como "demonstração" da vitória e da superioridade do capitalismo e de suas instituições "democráticas".

O sistema soviético consolidado na década de 1930 (e posteriormente expandido para outros países da forma como vimos acima) consistia numa forma de extração de mais-valia por força da autoridade política do Estado, sem mercado capitalista. (MÉSZÁROS, 2002) O Estado era proprietário de todas as empresas, e fixavas as metas de produção, os preços e os salários. E esse Estado era controlado pela burocracia instalada no PC, sem qualquer possibilidade de participação efetiva dos trabalhadores, a quem cabia apenas trabalhar. Essa burocracia, mesmo que contivesse em alguma proporção alguns indivíduos originalmente operários, deixava de ser parte da classe operária, desenvolvendo interesses próprios e opostos aos dos trabalhadores. Ao mesmo tempo, a burocracia não era uma nova classe social, e não era proprietária do Estado ou das empresas estatais, já que não podia transferir a propriedade por herança. Mészáros diz que os burocratas assumem o papel de "personificações do capital", atuando como agentes da subordinação do trabalho. (MÉSZÁROS, 2002)

Dessa forma, constituiu-se aquilo que Mészáros (2002) chama de sistema de capital pós-capitalista, onde existe subordinação do trabalho ao capital, mas não existe capitalismo, porque não existe propriedade privada, mercado e burguesia.[28] Essa forma de capital pós-capitalista, num primeiro momento, foi capaz de proporcionar um imenso desenvolvimento para os países em que foi implantada. O simples fato de ter sido abolida a propriedade privada e a anarquia do mercado capitalista levou a um grande salto na capacidade produtiva e nas condições de vida da população.[29]

---

[28] Para uma discussão detalhada da diferença entre capital e capitalismo, ver "Para além do capital", Capítulo 17, p. 736 e 737. Ver também artigo neste volume: "Capital e capitalismo: uma distinção necessária", de Rafael Albuquerque.

[29] A Rússia, aquele mesmo país que era esmagadoramente rural e analfabeto em 1917, como mencionamos no inicio, em 40 anos (e tendo passado pela destruição de duas guerras mundiais e uma guerra civil no meio do caminho) conseguiu mesmo assim se colocar na frente dos Estados Unidos, a maior potência capitalista, na corrida espacial, lançando o primeiro satélite artificial, em 1957, e o primeiro astronauta, em 1961. Além disso, construiu um arsenal nuclear e convencional comparável (e em alguns momentos da década de 1970,

Entretanto, esse salto inicial foi perdendo o impulso conforme se manifestaram os limites do planejamento burocrático. Não eram as autênticas necessidades sociais que ditavam as metas da produção, mas os interesses da burocracia. Recursos preciosos que poderiam ser usados para melhorar as condições de vida da população eram desviados para a corrida armamentista. O próprio fato de que a força de trabalho precisava ser mantida sob controle exigia a manutenção de um aparato de gestão e de segurança interna, uma polícia política desproporcionalmente inflada, com milhões de funcionários, burocratas e agentes da KGB. (HOBSBAWM, 1998) Essa imensa estrutura administrativa era extremamente custosa e economicamente ineficiente. Além disso, os privilégios, a corrupção e a ineficiência do planejamento burocrático minavam as possibilidades de desenvolvimento dessa forma de economia.

18. Da estagnação à restauração capitalista

Para as gerações nascidas depois da Revolução e da II Guerra, que não tinham passado pelos sacrifícios heróicos desse período, nem vivenciado as melhorias do momento subsequente, tudo o que restava era a longa estagnação das décadas de 1960 e 1970, e a permanência de um sistema político autoritário e esclerosado. Sem outros canais para demonstrar seu descontentamento, os trabalhadores adotavam a sabotagem, a negligência e o desinteresse. Os trabalhadores fingiam que cumpriam as metas, e os burocratas fingiam que acreditavam.[30]

A longo prazo, a própria burocracia se viu forçada a tomar medidas para reativar o sistema. Entretanto, a burocracia não poderia, de forma alguma (e isso não entrava em suas cogitações), estabelecer um verdadeiro controle operário e um planejamento efetivamente democrático da produção, pois isso equivaleria a

---

superior) ao dos Estados Unidos. A população desfrutava de pleno emprego, educação, saúde, moradia e transportes gratuitos.

[30] Nesse ambiente de cinismo e hipocrisia generalizados, uma lenta e subterrânea oposição se desenvolvia, por vezes vindo à tona no fenômeno dos intelectuais dissidentes, escritores, artistas e pensadores, que se tornavam porta-vozes individuais desse sentimento coletivo de insatisfação (e em geral eram obrigados a se exilar).

dissolver a si mesma. Dessa forma, a solução adotada foi a introdução gradual de mecanismos de mercado. Em 1986, o máximo dirigente da URSS, Mikhail Gorbatchev (que vinha acumulando poderes desde que despontara como sucessor de Brejnev, morto em 1982), lança a Perestroika (reestruturação) e a Glasnost (transparência), que eram, respectivamente, a introdução gradual do mercado na economia e de maior abertura democrática nas instituições políticas. Concretamente, a Perestroika significou o início de uma abertura ao comércio exterior, a retirada de subsídios estatais às empresas públicas e a autorização para a abertura de negócios privados.

Em pouco tempo, a economia se desorganizou, começou a se intensificar o contrabando, inflação, escassez e privações, e a insatisfação popular, tentando fazer valer os novos direitos políticos outorgados pela Glasnost, começou a formular a exigência de mudança dos governantes. As medidas de Gorbatchev foram hostilizadas tanto pela ala de "linha dura" da burocracia, especialmente a cúpula do Exército Vermelho, como pela ala ultra-liberal, liderada por Boris Yeltsin, que defendia a liberalização total da economia e a restauração completa do capitalismo. Em agosto de 1991, a linha dura realizou um golpe militar contra Gorbatchev, mas a resistência foi organizada por Yeltsin, que reuniu apoio de massas e conseguiu assumir o poder efetivo. A URSS e o PC foram extintos, as instituições do poder soviético foram dissolvidas, a Rússia e as demais repúblicas proclamaram sua independência, a Guerra Fria foi oficialmente encerrada e a restauração capitalista passou a caminhar sem contestação.

A partir de 1989, com a queda do Muro de Berlim, a reunificação das Alemanhas como países capitalistas (em 1990) e a restauração em todo o leste europeu, já era praticamente certo que o sistema pós-capitalista não resistiria.[31] Naquele primeiro

[31] A única exceção foi a China, cuja burocracia já estava restaurando o capitalismo desde 1979 (inicialmente apenas em "zonas econômicas especiais", sob estrito controle do governo, depois se expandindo para o restante do país), e fez questão de deixar claro que não admitiria contestações democráticas ao seu controle, massacrando os estudantes que protestavam na Praça Tianamen, em Pequim, em 1989. Ao contrário dos demais países que seguiram o modelo soviético e retornaram bruscamente ao capitalismo, a China realizou uma restauração bastante lenta, e permanece como um curioso exemplo de uma

momento, a grande massa da população desses países era profundamente hostil ao regime dito "socialista" e apoiou a restauração. O "socialismo", para a população da URSS e leste europeu, era sinônimo de ditadura do partido, corrupção e privilégios, estagnação econômica, ineficiência e privações. Os trabalhadores não defenderam a propriedade estatal e outras conquistas da revolução, pois para eles tudo que lembrasse o "socialismo" era sinônimo do pesadelo stalinista. Contra essa experiência de décadas de atraso, privações e autoritarismo, a restauração capitalista aparecia como uma cintilante promessa de progresso e liberdade. É claro que a parcela da população que defendia ou tinha alguma ilusão na restauração do capitalismo não sabia efetivamente o que isso significava, e não poderia prever o imenso retrocesso e empobrecimento resultante da restauração.

19. O mundo pós-URSS e a crise da alternativa socialista

A restauração do capitalismo na antiga URSS e seus satélites foi comemorada pelos apologistas do capitalismo como uma vitória definitiva do "livre mercado" e da "democracia". Para além dos efeitos puramente ideológicos dessa comemoração, a extensão das relações capitalistas para o antigo território dos países pós-capitalistas teve o efeito material de fornecer um fôlego extra para o sistema do capital. Em particular, a incorporação da China e a constituição de um mercado mundial de força de trabalho proporcionaram uma espécie de sobrevida expansionista, trazendo não apenas o influxo de uma imensa fonte de mais valia absoluta, mas também a pressão para o rebaixamento dos salários e condições de trabalho no mundo inteiro.

A base para a tão falada "globalização" do capitalismo é esse mecanismo que permite às diversas frações do capital, e em especial o capital financeiro, explorar oportunidades de lucro no mundo inteiro através do nivelamento por baixo do custo da força de trabalho. Sobre essa base, a propagandeada liberdade de circulação de mercadorias e de pessoas é apenas uma consequência. Além de ter recolonizado o antigo mundo pós-

---

sociedade com economia capitalista, mas com um Estado firmemente burocrático e sob ditadura do partido único.

capitalista, o capitalismo conseguiu também quebrar ou enfraquecer, dramaticamente, as defesas dos trabalhadores em todo o mundo capitalista, como forma de sustentar suas margens de lucro. Sem a perspectiva estratégica de uma superação do capitalismo (já em si insuficiente, pois pode haver formas de capital não capitalistas), as organizações tradicionais dos trabalhadores, sindicatos e partidos, assumiram o horizonte do trabalho assalariado e do Estado como limites definitivos de atuação, o que significou em última análise dobrar-se às exigências do capital. As "reformas" neoliberais, os ajustes, a "austeridade" e a precarização do trabalho se impuseram ao fim e ao cabo.

No nível ideológico, o discurso de vitória do capitalismo e "fim da história" se traduziu numa verdadeira ofensiva irracionalista sobre a filosofia, as artes e o comportamento. O pensamento "pós-moderno" contemporâneo nega a existência da totalidade, nega a articulação dialética das particularidades, nega a objetividade da realidade, nega a capacidade da razão humana de entender o mundo e, portanto, nega a possibilidade de intervir sobre ele, negando a história como transformação qualitativa, e a possibilidade de uma sociedade para além do capital. O mito liberal burguês do indivíduo egoísta reaparece na forma do relativismo, que é tanto cognitivo quanto moral, de modo que cada um tem a "sua verdade" e não há valores ou narrativa que hierarquizem e orientem a ação humana.

O objetivo final dessa confusão ideológica é sempre negar a possibilidade do projeto socialista, a possibilidade da organização dos trabalhadores e de sua ação coletiva e consciente na história para construir uma sociedade emancipada. No entanto, poucas décadas depois do "fim da história", o sistema do capital volta a ser confrontado com a recorrência de suas crises, que não são mais do que a manifestação da sua crise estrutural. Apesar de toda a confusão ideológica difundida pelo pensamento pós-moderno, a própria realidade e suas contradições, a brutalidade dos ataques, exigiu respostas e mobilizações dos trabalhadores. As lutas continuaram acontecendo, e a cada recorrência da crise, ganharam nova intensidade. O nosso problema é que essas lutas ainda estão marcadas por uma crise da alternativa socialista. Os trabalhadores e oprimidos lutam bravamente, mas essas lutas não avançam por estarem desprovidas da consciência da necessidade de uma ruptura do sistema do capital.

A contestação aos ditames do capital, nas décadas de 1990, 2000 e 2010, esteve ainda limitada ao nível defensivo, na tentativa de manter o padrão de vida obtido em períodos anteriores e evitar um aprofundamento da exploração. Mas apesar de massivas em alguns casos, não são lutas que questionam a lógica do capital. Na maior parte, são desviadas para alternativas perfeitamente ajustadas à democracia burguesa e à gestão do capital, como o bolivarianismo e o lulopetismo. A ideia de que "outro mundo é possível" ainda não chegou à conclusão de que só haverá outro mundo se houver uma superação da lógica do capital, da apropriação privada da riqueza e do Estado como estrutura de totalização política da ordem de exploração. Os movimentos de jovens indignados, as ocupações de praças e vias públicas, as lutas da nova geração de trabalhadores, ainda são apenas um primeiro sintoma do despertar de uma consciência anticapitalista em formação, que ainda terá que dar saltos para ser efetivamente socialista e revolucionária.

Referências Bibliográficas

MÉSZÁROS, I. **Para Além do Capital – rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2002. (Capítulos 17, 22 e 23).

MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

LENIN, Vladimir Ilitch, **O Imperialismo, etapa superior do capitalismo**, Campinas: Navegando Publicações, 2011.

LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma ou revolução**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SERGE, Victor. **O ano I da Revolução Russa**. São Paulo: Editora Ensaio, 1993.

_____. Victor. **Memórias de um revolucionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DEUTSCHER, I. **O profeta desarmado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

SAENZ, Roberto. Notas sobre la teoría de la revolución permanente, *in* **Socialismo o Barbarie nº 17/18**, Buenos Aires: 2004.

HOBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos – O breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CAPITAL E CAPITALISMO: UMA DISTINÇÃO NECESSÁRIA

Introdução

Neste artigo, tentaremos trazer à tona a discussão de Mészáros a respeito da distinção entre capital e capitalismo, baseando-nos, sobretudo, em dois capítulos da sua obra principal, *Para Além do Capital*: 17 e 22[32]. Esta distinção é uma questão bastante complexa e por isso envolve um enorme número de elementos, mas aqui nos servirá como guia para observar algumas características fundamentais dos antecedentes históricos do capital e da sua constituição, como *sistema orgânico*, em força dominante da sociedade com a formação capitalista. Esta distinção entre capital e capitalismo também nos servirá de guia na observação de algumas características fundamentais da preservação do capital após a experiência soviética começada em 1917 – e assim nos aproximaremos da crítica desta experiência elaborada por Mészáros.

[32] Os títulos dos capítulos 17 e 22 são, respectivamente, *Formas mutantes de controle do capital* e *Poder político e dissidência nas sociedades pós-revolucionárias*.

1. Os antecedentes históricos do capital industrial

Para entrarmos na questão sobre a distinção entre capital e capitalismo é importante ter em mente que o desenvolvimento do capital pressupõe um longo processo histórico de muitos séculos. O capital possui duas fases diferentes em relação à sua própria natureza, ao seu vínculo com as condições de produção e com a força de trabalho: formas pretéritas como *capital comercial ou mercantil* e *capital usurário* por um lado e, por outro lado, a sua forma desenvolvida, madura, moderna: o *capital industrial*. São duas fases diferentes de acumulação da riqueza enquanto capital.

Inicialmente "'o capital vem da circulação'" de mercadorias, em um movimento de comprar para vender por um preço acrescido, elemento que "'*compõe o aspecto formal do comércio, do capital enquanto capital mercantil*'". Este capital é "'encontrado nas condições mais primitivas do desenvolvimento econômico'" da história da humanidade, como a Antiguidade escravista e a Idade Média feudal[33], mas com a particular característica de sobreviver às margens do modo de produção predominante se apoderando apenas "'do excedente de sua produção diretamente útil'" (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2009, p. 711). Ou seja, fazendo circular, enquanto mercadoria, apenas parte do *excedente* da produção escravista ou feudal. Marx nos traz como exemplos da existência do capital mercantil, em formações sociais anteriores ao capitalismo, a atividade dos "'povos comerciantes'" como os "'fenícios [e] cartagineses'" que "'aparecem no mundo antigo'" e os "'lombardos e judeus'" que teriam assumido "'a mesma posição para com as sociedades agrícolas da Idade Média'" (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2009, p. 702).

Segundo Mészáros, Marx demonstrou em vários contextos que "todos os aspectos da forma plenamente desenvolvida do capital" apareceram "em algum grau na história muito tempo antes da fase capitalista, em alguns casos, até milênios antes" – inclusive "a mercantilização da força de trabalho, que é o passo mais

[33] Exceto no sistema comunista primitivo, que era fundado na propriedade *comunal* dos meios e processo de produção, onde não existia a "dominação da força de trabalho" de qualquer tipo, seja escravista, feudal ou sob a relação-capital (MÉSZÁROS, 2009, p. 708).

importante para alcançar a forma mais desenvolvida, a capitalista". No entanto, estes antecedentes históricos do capital, lembra-nos Mészáros, são "*parciais* e *esporádicos*" e não podem ser elementos que fundamentem qualquer tentativa de, ao analisar o passado, "*eternizar* o modo *capitalista* de controle da reprodução sociometabólica da humanidade" (MÉSZÁROS, 2009, p. 703), pois se desenvolveram em formações sociais nas quais o capital "*ainda não se tornou de modo algum o fundamento da produção*". Em outras palavras, a *troca de mercadorias* é uma das "*condições de emergência*" do capital e "é formada sobre a base oferecida por vários *diferentes estágios da produção* que têm todos em comum a situação em que a produção capitalista ou não existe absolutamente ou existe apenas esporadicamente" (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2009, p. 711, 707).

Isto significa que a "forma historicamente específica de dominação e exploração do trabalho característica do sistema do capital se apoia, ao fim e ao cabo, sobre fundamentos com raízes muito profundas na história" (MÉSZÁROS, 2009, p. 709). No feudalismo, "o capital se defronta com a propriedade fundiária[34], no início, em todo lugar, sob a forma de dinheiro, como fortuna em dinheiro, capital comercial e capital usurário" (MARX, 1983, p. 125). Estes antecedentes históricos parciais e esporádicos do capital se apropriam do excedente da produção realizada sob o modo de produção feudal com o intuito de colocá-lo num movimento de compra e venda – não para, através da compra, usufruir da mercadoria como valor de uso; nem para, através da venda desta mercadoria, gastá-lo novamente comprando uma mercadoria que se necessite para o uso – mas para retirar da circulação, pela revenda da mesma mercadoria, mais dinheiro do que foi investido. Ou seja, um movimento em que o dinheiro

[34] O capital enquanto capital comercial e usurário se defronta com a propriedade fundiária, pois no feudalismo, para produzir a riqueza necessária à reprodução social, os "trabalhadores em geral se relacionavam com a terra através da mediação da sua relação servil com o senhor do solo" que era "proporcionada pela definição legal da servidão – *gleba adscripti* ou ligados à terra" (ANDERSON, 2007, p. 143). Os meios e condições de produção não estão "livres" e "disponíveis" para a compra e venda – como, por exemplo, a terra e *os indivíduos trabalhadores*. A terra não poderia ser vendida nem comprada, mas apenas repassada como renovação do acordo de uma relação *servil*.

“‘entra na circulação’” e “‘ao mesmo tempo dela retorna para si mesmo’” (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2009, p. 711). Segundo Marx, a “forma direta de circulação de mercadorias é M – D – M[35], transformação de mercadoria em dinheiro e retransformação de dinheiro em mercadoria, vender para comprar”. Mas estes antecedentes históricos do capital descrevem uma movimentação que, ao analisarmos, “encontramos, no entanto, uma segunda [forma de circulação], especificamente diferenciada, a forma D – M – D” que é “transformação de dinheiro em mercadoria e retransformação de mercadoria em dinheiro, comprar para vender”. E o dinheiro que “em seu movimento descreve essa última circulação transforma-se em capital, torna-se capital e, de acordo com sua determinação, já é capital” (MARX, 1983, p. 125-126).

O capital usurário, ou capital dinheiro, com sua movimentação sob a forma de juros – a usura – é uma “‘forma mais desenvolvida’” do que o capital mercantil, em que o processo de circulação é simplificado, e de dinheiro se tira mais dinheiro num movimento D-D’, mas esta “‘aparência independente pertence do mesmo modo a um estágio anterior’” do desenvolvimento do capital enquanto tal (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2009, p. 711). Segundo Marx, podemos dizer que o “‘ponto de partida’” do capital (portanto, em suas primeiras formas, pretéritas) “‘é o dinheiro’”, que é um valor já criado e estabelecido, e apenas o faz circular e pousar entre mãos diferentes (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2009, p. 711).

Apenas faz circular e pousar em mãos diferentes um valor já criado e estabelecido, pois estas formas pretéritas de capital representada pelo capital comercial ou usurário, em seu movimento na esfera da circulação, segundo Marx, não é “fonte de mais-valia”; ou seja, não é “um meio de enriquecer o valor”. Quando um vendedor vende a mercadoria acima de seu valor, “a 110 quando ela vale 100”, isto gera apenas um aumento nominal e geral do preço, não do valor. E já que a mesma mercadoria – consequentemente um mesmo valor – circula por todo o processo, caso ela adentre no circuito da circulação, as “denominações monetárias, isto é, os preços das mercadorias, iriam inchar, mas as

[35] Mercadoria – Dinheiro – Mercadoria.

suas relações de valor ficariam inalteradas" (MARX, 1983, p. 133-134-135).

Outra situação em que Marx demonstra a incapacidade do movimento da circulação de mercadorias operada pelo capital mercantil criar mais-valia é a de que "*A* vende vinho para *B* no valor de 40 libras esterlinas e adquire em troca cereal no valor de 50 libras esterlinas". Com isso, "*A* converteu as suas 40 libras esterlinas em 50 libras esterlinas, fez mais dinheiro de menos dinheiro e transformou a sua mercadoria em capital". No entanto, "antes da troca, tínhamos vinho em mãos de *A* por 40 libras esterlinas e cereal em mãos de *B* por 50 libras esterlinas; valor global de 90 libras esterlinas". Depois da troca, "temos o mesmo valor global de 90 libras esterlinas" e assim o "valor circulante não aumentou um único átomo, a sua repetição entre *A* e *B* é que se modificou". De um lado o valor "aparece como mais-valia o que do outro é menos-valia, de um lado como *plus*, do outro como *minus*". Fica claro que a "soma dos valores circulantes não pode evidentemente ser aumentada por meio de nenhuma mudança em sua distribuição". E assim Marx demonstra que "se equivalentes são permutados, daí não surge mais-valia, e se não-equivalentes são permutados, daí também não surge mais-valia". Em outras palavras, a "circulação ou o intercâmbio de mercadorias não produz valor" (MARX, 1983, p. 135-136).

Como o capital comercial e usurário e "todo o seu movimento" ocorre "dentro da esfera da circulação", não se movimentando dentro da esfera da produção, o valor do produto não pode ser criado por sua atividade inerente. O valor de cada produto, nas formações sociais em que estas formas pretéritas de capital existem, é criado predominantemente segundo determinadas leis sociais da produção escravista ou feudal. O valor de cada produto é medido pelo determinado *quantum* de trabalho contido nele, incrustado em seu ser durante o processo de produção deste produto. É o trabalho, ou melhor, "a capacidade de trabalho ou a força de trabalho" – como todo o conjunto "das faculdades físicas e espirituais que existem na corporalidade, na personalidade viva de um homem e que ele põe em movimento toda vez que produz valores de uso de qualquer espécie" – que é a "fonte de valor" (MARX, 1983, p. 139).

Na passagem do feudalismo para o capitalismo, para que o produtor direto, o trabalhador, torne-se "livre vendedor de força de trabalho, que leva sua mercadoria a qualquer lugar onde houver mercado para ela", ele precisou tanto "dispor de sua pessoa" – o que aconteceu somente depois "que deixou de estar vinculado à gleba e de ser servo ou dependente de outra pessoa"[36] – quanto "ter escapado do domínio das corporações, de seus regulamentos para aprendizes e oficiais e das prescrições restritivas do trabalho". Dessa maneira, "o movimento histórico, que transforma os produtores em trabalhadores assalariados, aparece, por um lado, como sua libertação da servidão e da coação corporativa". Porém, por outro lado, esses recém-libertados da servidão e da coação corporativa "só se tornam vendedores de si mesmos depois que todos os seus meios de produção, e todas as garantias de sua existência oferecidas pelas velhas instituições feudais, lhes foram roubados" (MARX, 1983, p. 262).

Segundo Marx, alguns métodos da "acumulação primitiva" foram "o roubo dos bens da Igreja, a fraudulenta alienação dos domínios do Estado, o furto da propriedade comunal", tal como "a transformação usurpadora e executada com terrorismo inescrupuloso da propriedade feudal e clânica em propriedade privada moderna". Estes métodos de acumulação primitiva "conquistaram o campo para a agricultura capitalista, incorporaram a base fundiária ao capital e criaram para a indústria urbana a

[36] No feudalismo, em geral, o "senhor poderia transferir a posse do feudo a outro, mas isso significava apenas que o servo teria um novo senhor; ele próprio porém permanecia em seu pedaço de terra", assim "por pior que fosse seu tratamento, o servo possuía família e lar e a utilização de alguma terra". Se ele quisesse sair, também não poderia. O camponês também era preso à terra e se fugisse, era caçado e trazido de volta à extensão do seu corpo para que realizasse trabalho. "Seu arrendamento era chamado 'título de posse' mas, pela lei, o título de posse mantinha o servo, não o servo ao título" (HUBERMAN, 1986, p. 6, 8). O servo tinha juridicamente uma mobilidade restrita. Era desta relação com a terra que se produzia praticamente todos os bens de que se necessitava, e assim "a terra e apenas a terra era a chave da fortuna de um homem". Em outras palavras, "praticamente toda alimentação e o vestuário de que o povo precisava eram obtidos no feudo". Era uma "economia de consumo, em que cada aldeia feudal era praticamente auto-suficiente. O servo e a sua família cultivavam seu alimento e com as próprias mãos fabricavam qualquer mobiliários de que necessitassem" (HUBERMAN, 1986, p. 10, 17).

oferta necessária de um proletariado livre como os pássaros" (MARX, 1983, p. 274-275).

Já por volta da metade do século XVIII, as invenções da máquina a vapor e das máquinas destinadas a processar o algodão "desencadearam uma revolução industrial que, simultaneamente, transformou a sociedade burguesa em seu conjunto". Segundo Engels, a Inglaterra "constitui o terreno clássico dessa revolução". A "partir de 1738 registram-se na Inglaterra contínuos progressos na mecanização da fiação, de enorme importância para o desenvolvimento do capitalismo". Mas a primeira invenção na maquinaria da fiação que "transformou profundamente a situação dos trabalhadores ingleses foi a *jenny*, construída em 1764 pelo tecelão James Hargreaves, de Stanhill, junto de Blackburn, no Lancashire do Norte". Esta nova máquina transformou profundamente a relação de trabalho na fiação, e consequentemente a situação dos trabalhadores, pois apesar de ainda funcionar manualmente, não possuía apenas um só fuso, "como na roda comum de fiar à mão", mas "tinha dezesseis ou dezoito, acionados por um só operário", o que significava a possibilidade de "produzir muito mais fio", pois "se antes um tecelão ocupava sempre três fiandeiras, não contava nunca com fio suficiente e tinha de esperar para ser abastecido", diante da nova tecnologia, "agora havia mais fio do que o número de trabalhadores ocupados podia processar" (ENGELS, 2010, p. 45, 48).

Não demorou muito para que alguns capitalistas começassem a "instalar *jennys* em grandes prédios e acioná-los por *força hidráulica*"; e para que as aperfeiçoassem sucessivamente "de tal modo que as máquinas logo se tornavam antiquadas, devendo ser transformadas ou mesmo abandonadas" por uma outra que fosse ainda mais eficiente naquela forma de produção. Assim começava a surgir o sistema fabril de produção, que "recebeu um novo impulso com a *spinning throstle*, inventada em 1767 por Richard Arkwright, um barbeiro de Preston, no Lanchashire do Norte"; uma máquina que "é, ao lado da máquina a vapor, a mais importante invenção mecânica do século XVIII", uma vez que foi construída "com base em princípios inteiramente novos e concebida para ser acionada por *força motriz mecânica*" (ENGELS, 2010, p. 49-50).

Em pouco tempo "Arkwright inventou as máquinas de *cordar* e *fiar*", tornando a produção cada vez mais eficiente a tal ponto que "o sistema fabril tornou-se o único vigente na fiação do algodão", fiando para todos, dominando de forma cada vez mais poderosa a produção. Gradativamente, foram iniciadas "com modificações insignificantes, a adaptação dessas máquinas à fiação de lã, e mais tarde, à de linho". A "importância de todas essas máquinas foi duplicada com a *máquina a vapor* de James Watt, inventada em 1764 e utilizada, a partir de 1785, para acionar máquinas de fiar" (ENGELS, 2010, p. 50).

Todas as atividades estavam "envolvidas nesse movimento vertiginoso" e "também a *agricultura* foi sacudida" por este movimento, quando os "grandes fazendeiros investiram capital na melhoria dos solos", e "destruíram os pequenos muros divisórios inúteis, drenaram e adubaram a terra, utilizaram instrumentos melhores e introduziram a rotação sistemática das culturas (*croping by rotation*)" auxiliados "pelo progresso das ciências". Sir Humphrey Davy, um grande fazendeiro citado por Engels, por exemplo, "aplicou com êxito a química à agricultura e o desenvolvimento da mecânica trouxe-lhes um sem-número de vantagens" (ENGELS, 2010, p. 57).

Neste processo, o povo do campo "tendo sua base fundiária expropriada à força e dela sendo expulso e transformado em vagabundos, foi enquadrado por leis grotescas e terroristas". Estas leis estavam de acordo com uma "disciplina necessária ao sistema de trabalho assalariado, por meio do açoite, do ferro em brasa e da tortura". E desta maneira, as condições de trabalho apresentam-se como capital e surge uma massa de pessoas "que nada tem para vender a não ser sua força de trabalho", e, na "evolução da produção capitalista", com o tempo "desenvolve-se uma classe de trabalhadores que, por educação, tradição, costume, reconhece as exigências daquele modo de produção como leis naturais evidentes" que devem ser atendidas (MARX, 1983, p. 277).

Assim, as três alavancas com as quais, desde a metade do século XVIII, a indústria faz avançar o mundo são a "divisão do trabalho, a utilização da força hidráulica, especialmente do vapor e, sobretudo, a maquinaria" (ENGELS, 2010, p. 64). Todas elas operadas sob o comando do capital industrial.

Por estes caminhos foram desatadas "as 'eternas leis naturais' do modo de produção capitalista", ao "completar o processo de separação entre trabalhadores e condições de trabalho" e "converter, em um dos polos, os meios sociais de produção e subsistência em capital e, no polo oposto, a massa do povo em trabalhadores assalariados, em 'pobres laboriosos' livres". Assim "o capital nasce escorrendo por todos os poros sangue e sujeira da cabeça aos pés" (MARX, 1983, p. 292).

2. A variedade capitalista de produção do capital

Os fusos, teares e matéria-prima eram antes, no feudalismo, "meios de existência independente para fiandeiros e tecelões", mas através do processo de transformação das relações de produção feudais em capitalistas, "transformaram-se, de agora em diante, em meios de comandá-los e de extrair deles trabalho não-pago". Estes fusos e teares, "antes disseminados pelo interior, estão agora concentrados em algumas grandes casernas de trabalho, tal como os trabalhadores e como a matéria-prima" (MARX, 1983, p. 292, 283).

O que "caracteriza a época capitalista é que a força de trabalho assume, para o próprio trabalhador, a forma de uma mercadoria que pertence a ele", e conseguintemente "seu trabalho assume a forma de trabalho assalariado". Assim, "só a partir desse instante se universaliza a forma mercadoria dos produtos do trabalho" (MARX, 1983, p. 141).

Com a transformação da força de trabalho em uma mercadoria para o próprio trabalhador, a produção dos bens necessários à sociedade se torna "a produção de mercadorias em sua extensão *completa*, em *toda* a sua largura e comprimento". Ou seja, se no escravismo e no feudalismo os produtos eram destinados, através de processos muito diferentes, a atender às necessidades de uso das pessoas, ou seja, produzidos como *valores de uso*, no capitalismo, a mercadoria se transforma na "forma *necessária* do produto' e 'só então *todos* os produtos serão convertidos em mercadorias'" e o valor de uso se converte em apenas veículo do valor de troca. Em outras palavras, "todos os produtos *necessariamente* assumem a *forma de mercadoria*" e todos "os produtores são necessariamente

produtores de mercadoria" (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2009, p. 707).

Neste estágio do seu desenvolvimento, o capital enquanto capital industrial se apropria em massa, portanto, da fonte do valor: a capacidade de trabalho de alguém. E assim, por exercer o comando permanente sobre a força de trabalho e sobre todo o processo de trabalho, diferentemente das suas formas pretéritas (capital mercantil e capital usurário), que não criavam valor, sua forma madura ou desenvolvida (capital industrial) cria valor segundo sua necessidade. E, assim, o capital "progride dos modestos inícios locais de sua aparição esporádica até o monstruoso poder global que hoje exerce sobre o trabalho" (MÉSZÁROS, 2009, p. 713).

Neste sentido, para caracterizar a produção social sob o capitalismo, Mészáros, no capítulo 17 do seu livro *Para Além do Capital*, aponta seis elementos:

1) a produção está sujeita ao valor de troca: pela primeira vez na história da humanidade, "'a forma necessária"' da "'*apropriação*"' da mercadoria é "'a *alienação* do produto"', situação inédita em que o valor de uso é "mediado *genericamente* pelo valor de troca". Aqui a produção é a produção de mercadorias "em sua extensão *completa*, em *toda* a sua largura e comprimento" (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2009, p. 707);

2) "*a própria força de trabalho*, tanto quanto qualquer outra coisa, é tratada como mercadoria": e além disso, sob a relação-capital, o trabalho social cria um produto que se transforma circularmente no poder que o domina, numa situação em que o "produto é o proprietário do produtor", o qual, por sua vez, o enfrenta de maneira alheia, hostil e antagônica; e que, mesmo assim, tragicamente os trabalhadores não podem "recusar a concordar com as condições do contrato determinados pelos ditames inescapáveis do mercado de trabalho", ou seja, não podem recusar a considerar-se a si mesmos uma mercadoria. Neste mercado de trabalho estes indivíduos "entram como trabalhadores individuais isolados, em uma relação contratual com as personificações do capital", com os capitalistas que são os proprietários dos meios e condições de produção (MÉSZÁROS, 2009, p. 736, 707, 776);

3) "a motivação do lucro é a força reguladora fundamental da produção" (MÉSZÁROS, 2009, p. 737);

4) "o mecanismo vital de formação de mais-valia, a separação radical entre meios de produção e produtores, assume uma *forma inerentemente econômica*" (MÉSZÁROS, 2009, p. 737): uma "dependência perpétua" entre trabalho e capital dissimulada numa relação de "constante compra e venda da capacidade de trabalho"; uma "*forma mediadora* da subjugação do trabalho ao capital". Por sua vez, esta forma mediadora dá a "aparência enganadora de uma transação, de um contrato entre proprietários de mercadorias que possuem direitos iguais e se confrontam de modo igualmente livre"; assim, esta relação "não se apoia em quaisquer relações pessoais de dominação e dependência, surge simplesmente de diferentes funções econômicas"; em que os capitalistas são chamados a exercer individualmente uma limitada autonomia na tomada de decisão sobre o controle do processo de reprodução social (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2009, p. 709, 776);

5) a "mais-valia economicamente extraída é apropriada privadamente pelos membros da classe capitalista", que são personificações do capital necessárias para reproduzir com sucesso o antagonismo estrutural entre capital e trabalho, indivíduos que de seus papéis personificados retiram as condições de sua existência, mas que estão sempre subordinados ao capital e obrigados a atender as necessidades de sua reprodução como condição vital de sua própria sobrevivência. Sua existência duradoura depende desta reprodução bem sucedida, portanto, para cumprir esta tarefa, estas personificações são constituídas por "uma *vontade combativa*" realizada individualmente por cada capitalista (MÉSZÁROS, 2009, p. 737, 717);

6) "de acordo com seus *imperativos econômicos* de crescimento e expansão a produção de capital tende à *integração global* por intermédio do mercado internacional, como um sistema totalmente independente de dominação e subordinação econômica" (MÉSZÁROS, 2009, p. 737).

Para o nosso tema, é importante enfatizar que a "constante venda e compra da capacidade de trabalho", assim como "o constante confronto entre o trabalhador e a mercadoria produzida pelo próprio trabalhador, como comprador da sua capacidade de trabalho e como capital constante"', aparece, segundo Marx, "'apenas como a *forma mediadora* da subjugação do trabalho ao capital"'. A "'constante renovação dessa relação de *compra e venda*

apenas faz a mediação da permanência da relação específica de dependência'", ou seja, é apenas *uma forma* de se configurar esta mediação entre estes dois polos, em que se "'*dissimula* como uma mera *relação de dinheiro* a transação real e a dependência perpétua'" entre os polos antagônicos da relação de produção: capital e trabalho (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2009, p. 709).

Assim, não é a única forma em que o capital é capaz de fazer a mediação da relação de dependência mútua e permanente com o trabalho. Na verdade, segundo Mészáros, o *capitalismo* não passa de uma "fase" (MÉSZÁROS, 2009, p. 1029), uma "variedade" (MÉSZÁROS, 2009, p. 709), um "modo" (MÉSZÁROS, 2009, p. 727), uma "forma" (MÉSZÁROS, 2009, p. 723) de produção de *capital* enquanto capital *industrial*.

A abrangência do poder dominante do capital industrial em si sobre o sociometabolismo é muito maior do que a forma de controle capitalista. Vejamos algumas características mais gerais do capital industrial que exemplificam isso.

3. O capital industrial como força todo-poderosa

Toda a extensão da maquinaria, enquanto capital fixo, aparece "como *monstro animado*" que "objetiva a ideia científica". Esta maquinaria (*enquanto capital*) "não se relaciona de modo algum com o trabalhador individual como seu instrumento; ao contrário, é o próprio trabalhador que existe como sinal individual de pontuação animado", é o próprio trabalhador que existe "como seu acessório isolado vivo". Sob a relação-capital, o trabalhador "se relaciona com a combinação do trabalho como uma combinação estranha", e assim se relaciona "com seu próprio trabalho como uma expressão de sua vida que, apesar de pertencer a ele, lhe é estranha e imposta a ele". Sob esta relação, fica claro que o trabalho "se relaciona com o produto do seu trabalho como uma coisa estranha". Ou seja, sua existência "existe em si mesma independentemente", pois está "em contraposição com seus momentos reais", sua "existência *particular* [está] separada deles", como a combinação do trabalho, ritmo, intensidade, jornada, turno, etc. (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2009, p. 716).

Dizendo de outra maneira, Mészáros, através de Marx no seu *Economic Works* de 1861-1864, afirma que "o 'caráter social' etc., do

trabalho do trabalhador o enfrenta, tanto 'conceitualmente' como 'de fato', não apenas como alheio, mas hostil e antagônico, como também *objetivado* e *personificado* no capital" (MÉSZÁROS, 2009, p. 707-708). O conjunto inteiro das condições objetivas de trabalho, sob a relação-capital, "'devem, do ponto de vista formal, enfrentar o trabalho como poderes estranhos, *independentes*, como valor – trabalho objetivado – para o qual o trabalho vivo não passa de um meio de sua própria preservação e expansão'" (MARX *apud* MÉSZÁROS*,* 2009, p. 708).

O conjunto de relações que exerce o comando necessário sobre o trabalho é parte constitutiva da essência do capital. Capital e trabalho, segundo Mészáros, "estão inseparavelmente associados no processo de reprodução material", os dois são "incapazes de sobreviver por si próprios sem a reprodução contínua de um e de outro" numa relação de "antagonismo estrutural" entre eles. É justamente através desta contraditoriedade que "a relação-capital é constituída e mantida em existência, como um *sistema orgânico*, afirmando a si mesma como o *processo de reprodução ampliada do capital*'. E nos vários momentos deste processo "'é sempre capital'" (MÉSZÁROS, 2009, p. 713).

Dessa maneira, o êxito da reprodução contínua e crescente de capital depende, portanto, do "fortalecimento" da "submissão permanente do trabalho". É uma relação de produção em que a combinação do trabalho "sob a autoridade da maquinaria de produção mais avançada do capital" (MÉSZÁROS, 2009, p. 716), se "'torna tão subserviente a uma vontade alheia e se deixa levar por uma inteligência alheia ... quanto sua unidade material aparece subordinada à *unidade objetiva* da *maquinaria*, de capital fixo'" (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2009, p. 716).

Ou seja, a "condição crucial para a existência e o funcionamento" do capital é que ele "seja capaz de exercer o *comando sobre o trabalho*" de maneira sempre crescente. Não existe meio termo, nem amenização deste comando sobre o trabalho. Não é um defeito em sua natureza, não é um problema de percurso: ele precisa operar um "comando objetivado e alienado sobre o trabalho" como "*condição absoluta*" de sua existência. Isso é parte constitutiva de sua essência. Um comando que é "exercido de modo indivisível pelo capital e por mais ninguém". Portanto, uma "*condição absoluta*" que "deve permanecer sempre", pois "sem

ela, o capital deixaria de ser capital e desapareceria da cena histórica" (MÉSZÁROS, 2009, p. 710).

Mészáros destaca quatro condições necessárias "em todas as formas concebíveis da relação-capital desenvolvida" que nos aproximam da fundamental argumentação do nosso tema: a maior abrangência do ser do capital em relação ao ser do capitalismo. São quatros condições básicas constitutivas do seu sistema orgânico que são mais abrangentes que aquelas que mencionamos sobre o capitalismo. São elas: 1) "a *separação* e a *alienação* das condições *objetivas* do processo de trabalho do próprio trabalho"; 2) "a *imposição* de tais condições *objetivadas* e *alienadas* sobre os trabalhadores como um poder separado que exerce *comando sobre o trabalho*"; 3) a existência da "*personificação do capital* como '*valor egoísta*' – com sua subjetividade usurpada e sua pseudopersonalidade". Esta personificação do capital "persegue sua própria *auto-expansão*, como uma *vontade* própria", definindo "como sua finalidade internalizada a realização dos imperativos expansionistas do capital em si"; e 4) a existência da "equivalente *personificação do trabalho*", ou seja, o constrangimento de toda a abrangência e complexidade do ser do indivíduo a um conjunto de relações e necessidades de uma "personificação" como "'trabalho' destinado a entrar numa relação de dependência" com o capital[37] (MÉSZÁROS, 2009, p. 720).

Estas quatro condições necessárias da existência do capital enquanto tal nos aproximam da compreensão do quão profunda e

[37] Para ajudar a entender melhor esta condição número 4, no que toca ao constrangimento do indivíduo a uma personificação, consideramos pertinente a afirmação de Engels, lembremos que em relação ao capitalismo, de que a "relação entre o industrial e o operário não é uma relação humana: é uma relação puramente econômica – o industrial é 'capital', o operário é o 'trabalho'". Neste sentido, "quando o operário se recusa a enquadrar-se nessa abstração, quando afirma que não é apenas 'trabalho', mas um homem que, entre outras faculdades, dispõe da capacidade de trabalhar", e "quando se convence que não deve ser comprado e vendido enquanto 'trabalho' como qualquer outra mercadoria no mercado, então o burguês se assombra", pois o burguês "não pode conceber uma relação com o operário que não seja a da compra-venda; não vê no operário um homem, vê *mãos (hands)*, qualificação que lhe atribui sistematicamente" (ENGELS, 2010, p. 308). E, como veremos, esta *personificação do trabalho* pode ou não ser o trabalhador *assalariado* pertencente ao modo de produção capitalista de capital.

complexa é sua essência e, no presente artigo, serão muito importantes para fundamentar a análise crítica da experiência soviética que faremos mais a frente.

Neste sentido, o capital deve ser compreendido como a "força todo-poderosa da reprodução sociometabólica" que "no curso de seu desdobramento histórico" progressivamente superou "as resistências" que encontrou e adquiriu "um 'poder soberano' para dominar todas as facetas do processo de reprodução societária" (MÉSZÁROS, 2009, p. 710-711). O capital não pode ser entendido como simplesmente uma *coisa*, uma mera relação jurídica com os seus momentâneos proprietários privados. A ênfase deve estar no fato de que o capital "'não é uma simples relação, mas um *processo*, em cujos vários momentos sempre é capital'" (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2009, p. 711). Portanto, "qualquer tentativa de ganhar controle sobre o capital tratando-o como uma 'coisa material' ligada a uma 'relação simples' com seu proprietário privado", de acordo com Mészáros, "pode apenas resultar em fracasso catastrófico". Ou seja, "nenhum mecanismo jurídico pode, por si só, remover o capital, como *comando* necessário *sobre o trabalho*, do processo sociometabólico" (MÉSZÁROS, 2009, p. 712). Ele se constitui como um *sistema orgânico*, com suas partes se sustentando reciprocamente.

Assim como nos séculos XVII e XVIII "o capital não caiu plenamente composto do céu", mas se constituiu através de um longo processo, que é mais complexo do que a mera relação direta do capital com os proprietários privados, há uma analogia deste processo de surgimento com o processo de sua superação. Uma analogia no sentido de que do mesmo modo "é inconcebível que a relação-capital possa esvanecer-se serenamente na sequência de uma revolução política socialista que removesse os capitalistas privados dos países envolvidos". De acordo com este autor, o "proprietário capitalista dos meios de produção funciona como a *personificação do capital*". Isto quer dizer que "sem o capital o capitalista não é nada". Sem o capital, o capitalista perde a qualidade de ser capitalista, mas esta é "uma relação cuja recíproca obviamente não é verdadeira" (MÉSZÁROS, 2009, p. 718). Mészáros lembra que, em alguns contextos, "Marx deixa claro que *a relação causal vai do capital ao capitalista*, e não o contrário" (MÉSZÁROS, 2009, p. 723), ou seja, "'*o capital dá origem ao capitalista*'" (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2009, p. 723).

Assim, tendo em mente as quatro condições necessárias de existência do capital mencionadas anteriormente, entendemos que "ao remover os capitalistas da estrutura de tomada de decisões de um país – isolada ou em muitos deles – o *comando sobre o trabalho* não é, *ipso facto*, restituído ao trabalho" (MÉSZÁROS, 2009, p. 718). E isto tem enormes implicações, mas em relação direta com o nosso tema servem para compreender melhor a crítica de Mészáros à experiência soviética, que será desenvolvida no próximo ponto.

Portanto, reduzir o conceito de capital ao de capitalismo, ou melhor, reduzir o conceito de capital a apenas uma das suas formas possíveis de reprodução; ou mesmo tentar caracterizá-lo como uma mera relação jurídica, como uma coisa, apenas pode trazer enormes complicações para qualquer tentativa de superar radicalmente as desumanas condições de vida às quais os indivíduos estão constrangidos pelos imperativos do sistema orgânico do capital.

Os caminhos que, consciente ou inconscientemente, reduzem o conceito de capital àquelas formas limitadas de parte de sua existência que não passam de apenas uma *forma* ou *variedade* de sua reprodução, apenas ficam dentro do "círculo vicioso da totalidade orgânica auto-sustentada do capital". Pois, como vimos, "o capital, assim como não teve condições de se erguer nem de afirmar repentinamente seu poder" – mas o fez através de um longo e tortuoso processo que levou séculos de duração – "também não pode ser consignado à história passada por uma negação repentina de seu ser, não importa o grau de radicalismo na intenção política de fazê-lo". Ou seja, permanecendo em operação os quatro elementos básicos constitutivos do capital, ele é capaz de "mudar prontamente a *forma do seu domínio*". E assim as modalidades pelas quais o absolutamente necessário comando sob o trabalho "pode e deve ser exercido estão sujeitas às mudanças históricas capazes de assumir as formas mais desconcertantes" – sem deixar de ser capital (MÉSZÁROS, 2009, p. 726, 707, 721, 710).

Para caracterizar a problemática de se tentar construir uma sociedade sem as desigualdades do capitalismo através de uma revolução política dirigida contra *uma determinada forma* de produção do capital, nos valemos do exemplo da experiência russa de 1917.

4. A variedade pós-capitalista de produção do capital e a crítica meszariana à experiência soviética

De acordo com Mészáros, a Revolução Russa "irrompeu da primeira crise global do capitalismo, na fase final da Primeira Guerra Mundial" e "após 'quebrar o elo mais fraco da cadeia' a sociedade pós-revolucionária teve de encontrar suas próprias soluções para várias dimensões da crise capitalista da qual emergiu" (MÉSZÁROS, 2009, p. 727, 750). Portanto, tinha que encontrar suas próprias soluções para continuar reproduzindo a vida em sociedade. Tomemos como exemplo o mercado de trabalho.

A característica definidora do mercado de trabalho é que as partes envolvidas na relação de troca, como "compradores e vendedores" são "*personificações particulares* da relação-capital". Segundo Mészáros, a relação-capital é "*estruturalmente enraizada* mas necessariamente particularizada" – isto é, necessita de "personificações *particulares* tanto do capital como do trabalho". Estas *personificações particulares* da relação-capital, *no capitalismo*, "entram em uma relação contratual recíproca de transação comercial". No entanto, após a revolução que expropriou os capitalistas, transferindo o processo de produção e distribuição para o Estado (como veremos em breve), e consolidada a experiência, "não havia nada comparável a isto no sistema do capital de tipo soviético". Inclusive, "devido às imensas exigências de trabalho do desenvolvimento industrial tanto anterior como sob Stalin e os seus sucessores, não existia o problema de desemprego na União Soviética". Para se ter uma ideia, o "*direito ao trabalho* se tornou até mesmo constitucionalmente garantido nos anos 1930"[38] (MÉSZÁROS, 2009, p. 779, 780).

---

[38] Os desempregados, ou o "exército industrial de reserva", são um elemento fundamental para o mercado de trabalho e, consequentemente, para o funcionamento do sistema de produção capitalista. Segundo Mészáros, a "adoção de tal abordagem do trabalho" existente na sociedade soviética "seria inconcebível – e, claro, absolutamente intolerável – na ordem capitalista, pois o direito constitucional ao trabalho eliminaria a possibilidade de um 'exército industrial de reserva', com todas as suas vantagens para o capital", ao manter a oferta de capacidade de trabalho sempre maior que a sua procura pelas fábricas. Isto anularia "o modo econômico herdado de alocar a força de trabalho no

Assim, após a revolução, expropriados os capitalistas, tomado o poder do Estado, aquela sociedade foi destituída "de um verdadeiro mercado", portanto "não poderia regular a distribuição da força de trabalho por tarefas produtivas com base nas relações contratuais de mercado" (como é comum no capitalismo). Dessa forma, o funcionamento da sociedade que estava sendo criada com a revolução era "estruturalmente incompatível com as exigências objetivas de montar e manter em operação um mercado de trabalho pós-revolucionário". Por isto, era incompatível com as bases do funcionamento daquele sistema pós-revolucionário o modo econômico de extrair o trabalho excedente; e isto significava que o "processo socioeconômico de reprodução não poderia ser regulado por uma pluralidade de capitais privados claramente identificáveis e efetivamente em funcionamento", como no capitalismo (MÉSZÁROS, 2009, p. 779-780).

A "expropriação da classe capitalista e a interferência e alteração das condições normais de mercado que caracterizam a sociedade capitalista" impuseram novas funções ao poder recém-conquistado, ou seja, impuseram "radicalmente novas funções ao Estado proletário". Este Estado foi chamado "a regular *in toto* e em detalhe, o processo de produção e distribuição", determinava "diretamente a alocação de recursos sociais, as condições e intensidades de trabalho, a taxa de extração do excedente e da acumulação", além de determinar diretamente a "participação de cada indivíduo naquela parcela do produto social disponível para consumo" (MÉSZÁROS, 2009, p. 1027).

Segundo Mészáros, se há nos constituintes reprodutivos da sociabilidade, nos meios e formas de se produzir o que se precisa para viver em sociedade, um antagonismo estrutural entre as diferentes funções dos indivíduos, "a estrutura de comando político geral incorrigivelmente hierárquica do capital se ergue do solo" destas "determinações internas necessariamente conflituosas de seus constituintes reprodutivos", criando um "sistema político

---

interior da estrutura do mercado de trabalho capitalista. Em outras palavras, se pudessem ser concedidas, e implementadas, garantias constitucionais de direito ao trabalho no sistema capitalista, isto arruinaria e, no final das contas, destruiria o mercado de trabalho, tornando assim completamente insustentável o modo especificamente capitalista – primordialmente econômico – de controlar a extração da mais-valia" (MÉSZÁROS, 2009, p. 780).

[que] corporifica e consolida" o seu antagonismo estrutural entre o trabalho e os meios e as condições de produção que o enfrentam como capital. O capital, portanto, mantém o seu domínio através das "alavancas de controle das funções sociometabólicas" que estão *separadas* do conjunto do corpo social, para perpetuar a "subordinação estrutural do trabalho aos imperativos reprodutivos" do seu sistema (MÉSZÁROS, 2009, p. 742). Assim, inviabilizado o modo *econômico* de extração do trabalho excedente pela expropriação dos capitalistas e pela destruição das condições de operação de um mercado de trabalho, o capital prontamente se desenvolveu na sociedade pós-revolucionária soviética, através de um modo *político* de realizar esta extração pela mediação do Estado, para dar continuidade à incontrolavelmente crescente acumulação de capital.

Podemos dizer que o poder estatal que foi conquistado em 1917 pelo Partido Bolchevique, após a revolução: 1) permaneceu como controlador das funções estatais diretas; e se desenvolveu para 2) se encarregar de supervisionar – em sua totalidade e em cada um dos seus detalhes – o processo produtivo material e cultural. O seu desenvolvimento levou ao fortalecimento deste poder estatal separado e à subordinação cada vez maior da força de trabalho ao longo do tempo. Consolidada a experiência soviética, a força de trabalho foi controlada pela "maquinaria administrativa e pelas forças de segurança do Estado, juntamente com o pessoal de comando dos empreendimentos industriais e agrícolas particulares", e juntamente com as "denominadas 'correias de transmissão' da política central" como o "sindicato e outras organizações de massa, do Komsomol[39] às organizações de mulheres e pelas organizações de base do próprio partido nos locais de trabalho" (MÉSZÁROS, 2009, p. 782-783).

Para levar adiante esta forma de reprodução social, depois da revolução, o poder do Estado, que de acordo com as intenções originais de Lenin era fundamentalmente idêntico a "'*todo povo em armas*'", é separado dos "'trabalhadores'" e encarado a partir daí como "'poder estatal proletário'". Segundo Lenin, este poder, como "'*poder do Estado*'" deve "'organizar a produção em *larga escala*, em solos de *propriedade do Estado*, e em escala nacional em

[39] Contração russa de *União da Juventude Comunista*.

empresas de *propriedade do Estado*"'. Portanto, o poder daquele Estado estava "'na distribuição da força de trabalho entre os vários ramos da economia e várias empresas"', e, além disso, estava na "'distribuição entre os trabalhadores de grande quantidade de artigos de consumo *pertencentes ao Estado*"' (LENIN *apud* MÉSZÁROS, 2009, p. 739, 1020). Neste sentido, segundo Mészáros, nesta experiência soviética, o "'povo trabalhador', como força de trabalho [...] precisava ser reduzido e distribuído [...] por imensas distâncias geográficas" e também "'verticalmente' em toda e cada localidade, segundo os ditames materiais das estruturas de produção herdadas", assim como "dos ditames políticos inerentes ao princípio e aos órgãos de regulação recém-instituídos" (MÉSZÁROS, 2009, p. 740).

Mészáros argumenta que, naquela sociedade pós-revolucionária, "isso criou uma relação capital-trabalho sem igual". Pois, por um lado, diferentemente dos seus similares capitalistas, "o novo tipo – soviético – de personificações do capital, sujeitas à autoridade absoluta do plano central consagrado em lei", não poderia exercer "individualmente sequer uma imitada autonomia na tomada de decisão sobre o controle do processo de reprodução". E por outro lado, "na relação-capital pós-revolucionária, o trabalho não poderia ser fragmentado e atomizado segundo o modelo do processo de trabalho capitalista"[40] (MÉSZÁROS, 2009, p. 780).

---

[40] De acordo com Mészáros, "a fragmentação e a atomização do trabalho características do capitalismo não puderam prevalecer sob o sistema do capital pós-revolucionário" por três motivos: "Primeiro, o imenso empreendimento da industrialização – como também da coletivização e da industrialização forçadas – era inconcebível sem o mais elevado grau de socialização da produção, que inevitável e diretamente afetava a consciência da força de trabalho. Segundo, o fundamento da legitimação da 'construção do socialismo' era a classe trabalhadora, e todo o discurso acerca 'da ditadura do proletariado' e do papel de 'liderança do partido' tinha que excluir de maneira bastante explícita a possibilidade de restauração capitalista e a sujeição do trabalho ao fetichismo alienante da mercadoria. Neste sentido, o próprio partido tinha que justificar suas credenciais e se legitimar com base na representação da classe do trabalho. E a terceira razão, que explica por que a severa disciplina autoritária à qual foram sujeitados os trabalhadores individuais não produziu o resultado desejado pela liderança do partido, foi a impossibilidade de se admitir que a recalcitrância do trabalho fosse uma questão de *antagonismo de classe*". Consequentemente, esta

O novo tipo (soviético) de personificação do capital não podia exercer individualmente uma autonomia nas tomadas de decisões como o tipo de personificação do capital capitalista, pois "no sistema de tipo soviético, as funções controladoras do capital eram investidas no partido e não em indivíduos particulares". Esta diferença não contradiz a relação-capital, pelo contrário: pelo caminho trilhado até ali, era que os líderes se transformavam em personificações genuínas do capital. Eles eram equivalentes aos capitalistas privados, mas com a característica peculiar de que se configuravam como personificações do capital "apenas na sua capacidade coletiva", como membro do Partido e do Estado. Uma situação histórica que "no nível mais geral das relações de classe – correspondente à oposição polar entre o proletariado e a burguesia –, a contradição parecia não existir" (MÉSZÁROS, 2009, p. 781, 1020). Mas existia.

Neste sentido, "o poder centralizado do Estado" era quem determinava "por si só a distribuição da força de trabalho" e assim era estabelecida uma subordinação estrutural no "relacionamento dos trabalhadores com o poder do Estado, manifestado como *distribuição central da força de trabalho*" (MÉSZÁROS, 2009, p. 739; 1020). A nova forma de distribuição da força de trabalho e de extração e alocação do trabalho excedente era nada menos que uma nova forma de relação de subordinação estrutural do trabalho ao capital, ou seja, uma nova forma de mediação subjugadora do trabalho ao capital. Uma diferença em relação ao capitalismo consiste, entre outros aspectos, em que ao invés de ser uma extração do trabalho excedente através de uma relação econômica que é contratualmente estabelecida, na experiência soviética a extração do trabalho excedente era *politicamente regulada* através do partido e do Estado. Foi construído um sistema de produção baseado em "uma associação *forçada*", pois ao invés de um plano conscientemente concebido pela totalidade dos produtores individuais, era imposto a eles "com o exercício do poder político como separado e oposto à sociedade de produtores". Os

---

recalcitrância do trabalho foi tratada "pela ideologia do sistema como o trabalho do 'inimigo' mítico, mantendo-se a mitologia complementar de uma classe trabalhadora unificada, e, ao mesmo tempo, completamente dedicada à construção do socialismo – e, depois, do estágio mais alto de comunismo – em um só país" (MÉSZÁROS, 2009, p. 780-781).

produtores eram "obrigados a aceitar e implementar propósitos e objetivos que não partiam de suas deliberações conscientes". A concepção e a implementação do planejamento social era exercido "como uma imposição vinda de cima" pela força política (MÉSZÁROS, 2009, p. 1015).

Considerada em seu contexto, "a ruptura russa do elo mais fraco da cadeia em 1917 foi um desenvolvimento histórico *sui generis*, no sentido de ter tentado um solução pós-capitalista para a crise do capitalismo". E, como mencionamos, o modo que se desenvolveu para enfrentar essa crise do capitalismo foi "assegurar o desenvolvimento industrial" através da instituição de uma forma própria de "extração do trabalho excedente" – *politicamente* regulada. A partir disto, a contradição continuou em jogo sob a forma de "um antagonismo objetivo da base socioeconômica, estruturada de acordo com uma divisão social do trabalho hierarquizada" determinada politicamente pelo Estado e imposta aos trabalhadores (MÉSZÁROS, 2009, p. 730, 734, 1025).

Os problemas oriundos deste antagonismo das relações de trabalho da sociedade soviética que permaneciam enquanto relação-capital precisavam ser enfrentados minimamente. Tentativas de reformas foram colocadas em prática, mas "ao anunciar o programa de 'desestalinização'"[41], por exemplo, as "'boas intenções' tinham que falhar porque o diagnóstico da situação e os remédios propostos foram formulados do mesmo ponto de vista do passado" que supostamente se tentava negar, pois "como personificação do capital", a "última coisa" que os tomadores de decisão poderiam "considerar ou questionar radicalmente era [se existia] a *subordinação estrutural do trabalho ao capital* [na URSS]", bem como "as inevitáveis consequências negativas de operar no interior de tal estrutura socioeconômica" (MÉSZÁROS, 2009, p. 754).

Assim, como as personificações do capital podem prontamente trocar de pele sem deixar de agir em favor do capital, "não muito depois de denunciar Stalin em seu discurso secreto como um

[41] Processo que se propôs a eliminar o culto à personalidade de Stalin, que começou oficialmente após o discurso secreto, chamado de *Sobre o culto à personalidade e suas consequências*, de Nikita Kruschev em 1956, durante o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética.

tirano monstruoso, Kruschev", que então era secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, "não hesitou em ordenar a supressão sangrenta do levante húngaro em outubro de 1956". Kruschev assim o fez "apenas para ser emulado no mesmo espírito pelo novo chefe do partido – Brezhnev – que o depôs e colocou um fim brutal ao 'socialismo com face humana' de Dubcek na Tcheco-Eslováquia", em agosto de 1968. Isto, diga-se de passagem, "após mais de doze anos de 'democratização' e 'desestalinização' abertamente declaradas" (MÉSZÁROS, 2009, p. 754).

Por sua vez, Gorbachev, o último líder da União Soviética entre 1985 e 1991, e sua equipe, formularam políticas cuja linha geral consistiu na instituição de "mecanismos de mercado" copiados do Ocidente e na submissão dos trabalhadores à correspondente "disciplina de mercado". Ele substituiu a análise séria dos terríveis erros do stalinismo nas sociedades pós-revolucionárias pela vacuidade de lemas morais sobre "a abordagem humana universal", chegando à conclusão absurda de que o mercado capitalista seria a "garantia de renovação do socialismo" (MÉSZÁROS, 2009, p. 765, 768).

O caminho seguido por Gorbachev tinha uma "diferença fundamental" em relação às "tentativas anteriores de reforma" que era a "disposição do político soviético favorito do Ocidente de ir 'até o fim', isto é, de *restaurar o completamente o capitalismo*", em nome da "contabilidade de custos" e da "disciplina de mercado" (MÉSZÁROS, 2009, p. 768). Pois, a racionalização da política adotada por Gorbachev tem como pressuposto que "'só o mercado pode assegurar a satisfação das *necessidades do povo*, *a distribuição justa da riqueza*, diretos sociais e o fortalecimento da *liberdade e da democracia*'", então, "'*não há alternativa* ao mercado'[42]" (RETTIE *apud* MÉSZÁROS, 2009, p. 770).

Dentre aquelas seis características da produção social sob o capitalismo que apontamos anteriormente nas páginas 11 e 12, na experiência soviética "se mantém apenas uma destas características

[42] Portanto, para Mészáros, "não foi por acidente que, desde o princípio, Gorbachev usava o mesmo refrão adotado pelos políticos ocidentais mais conservadores, como Margaret Thatcher: 'não há alternativa'" (MÉSZÁROS, 2009, p. 768).

definidoras essenciais – a de número quatro[43] –, e até mesmo esta separação radical entre meios de produção e produtores de forma *radicalmente alterada*, já que *a extração de trabalho excedente é regulada política e não economicamente*" (MÉSZÁROS, 2009, p. 737).

Mas todas as condições necessárias da relação-capital em si permaneceram (mesmo que de forma alterada de acordo com as novas circunstâncias sociais e históricas). E assim, na experiência soviética, tal como em todo sistema do capital (capitalista ou não): 1) as condições *objetivas* do processo de trabalho permaneceram *separadas* e *alienadas* do próprio trabalho; 2) estas condições *objetivadas* e *alienadas* continuaram sendo *impostas* aos trabalhadores como um poder separado que exerce *comando sobre o trabalho*; 3) continuou existindo uma *personificação do capital* como um *valor egoísta*, "que persegue sua própria *auto-expansão*, como uma *vontade* própria", que definia "como sua finalidade internalizada a realização dos imperativos expansionistas do capital em si"; o que fundamenta a "noção grotesca de 'acumulação socialista'"; e 4) o indivíduo trabalhador continuou constrangido às determinações de classe que o definem como a "equivalente *personificação do trabalho*", destinado a entrar numa relação de dependência "politicamente regulada com o tipo historicamente prevalecente de capital"; tal indivíduo era um "'trabalhador socialista' cumpridor e supercumpridor de normas sob o sistema do capital pós-capitalista, com sua forma própria de divisão horizontal e vertical do trabalho" (MÉSZÁROS, 2009, p. 720-721).

Segundo Mészáros, o capital manteve seu domínio nesta sociedade pós-revolucionária principalmente por meio:

1. dos imperativos materiais que circunscrevem as possibilidades da totalidade do processo vital;
2. da divisão social do trabalho herdada, que, apesar das suas significativas modificações, contradiz "o desenvolvimento das livres individualidades";
3. da estrutura objetiva do aparato produtivo disponível (incluindo instalações e maquinaria) e da forma historicamente limitada ou desenvolvida do conhecimento científico, ambas originalmente produzidas na estrutura da produção de capital e sob as condições da divisão social do trabalho; e

[43] A noção da separação radical entre meios de produção e produtores, como mecanismo vital da formação de mais-valia.

4. dos vínculos e interconexões das sociedades pós-revolucionárias com o sistema global do capitalismo, quer estes assumam a forma de "competição pacífica" (intercâmbio comercial e cultural), quer assumam a forma de oposição potencialmente mortal (desde a corrida armamentista até maiores ou menores confrontações reais em áreas sujeitas a disputa) (MÉSZÁROS, 2009, p. 737).

Assim, diante do quadro dos problemas estruturais da sociedade soviética pós-revolucionária, caracterizar a economia soviética como capitalista ou capitalista de Estado, "apenas desviaria a atenção dos problemas e contradições reais do sistema pós-capitalista de tipo soviético" e implicaria no "desprezo ou a confusão das condições objetivas do desenvolvimento, com sérias consequências para a possibilidade de entendimento da natureza real dos problemas em questão" (MÉSZÁROS, 2009, p. 736-737).

O antagonismo que existia na forma de produção da sociedade soviética que provocava distúrbios econômicos e sociais em seu funcionamento e que apesar de precisar ser eliminado, não poderia ser, "era o contínuo antagonismo estrutural entre o capital pós-capitalista – imposto por suas personificações com implacáveis meios políticos e militares – e o trabalho". Ou seja, "a contradição fundamental da economia soviética" era "o *antagonismo* insuperável entre capital pós-capitalista e o trabalho recalcitrante pós-revolucionário" (MÉSZÁROS, 2009, p. 759, 768).

A tragédia da experiência soviética, portanto, foi "o fracasso na realização dessa difícil tarefa histórica" de criar um novo "sistema orgânico" pelo fato de terem seguido a "'linha de menor resistência'", propondo "o socialismo sem radicalmente superar os *pressupostos materiais* do sistema do capital". E assim, como não avançaram "*radicalmente para além do capital*", acabaram por "*não chegar absolutamente a lugar algum*" (MÉSZÁROS, 2009, p. 726, 764). O que nos deixa claro que, de acordo com estas argumentações sustentadas em Mészáros, o socialismo nunca se realizou na experiência soviética.

Conclusão

Em relação direta com o nosso tema, convém mencionar que Stalin (no seu livro *Economic Problems of Socialism in the U. S. S. R.*[44] de 1952), uma vez consolidada a experiência, "no interesse da apologia do capital pós-capitalista", "fez o que foi possível para confinar a validade da concepção marxiana de capital estritamente ao capitalismo", negando que "as categorias marxianas tivessem qualquer relevância para a compreensão crítica dos antagonismos alienantes e deficiências socioeconômicas da ordem estabelecida" na URSS (MÉSZÁROS, 2009, p. 747). Stalin alertava que eles deveriam "'descartar alguns outros conceitos tirados de *O Capital* – onde Marx se preocupou com uma análise do *capitalismo* – e [que foram] artificialmente anexados às nossas relações socialistas'". Como, segundo Stalin, Marx teria analisado "'o capitalismo para elucidar a mais-valia, fonte de exploração da classe trabalhadora – carente dos meios de produção –, para equipá-la com uma arma intelectual para a derrubada do capitalismo'", é natural que "'Marx utilizasse conceitos (categorias) que correspondiam plenamente às *relações capitalistas*'". Assim, o que era estranho para Stalin era "'utilizar esses conceitos'" para a sociedade soviética, "'quando a classe trabalhadora não apenas não carece do poder e dos meios de produção, mas, pelo contrário, está de *posse do poder e do controle dos meios de produção*'"[45] (STALIN *apud* MÉSZÁROS, 2009, p. 747-748).

Stalin afirma que com a "'abolição do capitalismo e do [seu particular] sistema de exploração, o antagonismo de interesses entre o trabalho físico e mental também está destinado a desaparecer'"; e vai mais longe dizendo que "'ele de fato desapareceu em nosso atual sistema socialista'", pois neste sistema "'os trabalhadores físicos e o pessoal administrativos não são inimigos'", como no capitalismo, "'mas camaradas e amigos membros de um único corpo de produtores que está vitalmente interessado no progresso e na melhoria da produção'" (STALIN

---

[44] *Problemas Econômicos do Socialismo na U.R.S.S.*

[45] Só se "o envio de milhões de trabalhadores para os campos de trabalho forçado, necessário para manter o sistema existente no poder", onde "milhões viriam a perecer" com muito poucos "meios de consumo", for uma prova de que a classe trabalhadora estava de *posse do poder e do controle dos meios de produção*! (MÉSZÁROS, 2009, p. 748).

apud MÉSZÁROS, 2009, p. 749). Vemos, portanto, como a referência à derrubada jurídica do capitalismo era a "varinha mágica" que faria "desaparecer o antagonismo resultante da subordinação estrutural alienada do trabalho ao sistema hierárquico estabelecido" (MÉSZÁROS, 2009, 748).

Muito mais abrangente do que a noção proposta por Stalin, o "primeiro passo vital" para superar o poder do capital "exige uma mudança radical do modo de regular a produção e alocação do excedente econômico". Tentando alcançar o "objetivo estratégico fundamental da revolução cultural" de estabelecer "um novo 'microcosmo' reprodutivo material" em que todos os indivíduos livremente associados decidem, a partir das necessidades genuinamente humanas, os rumos da produção social da riqueza da humanidade. Um microcosmo reprodutivo material estruturado em uma relação que tenha como características definidoras um caráter "não-conflituoso e positivamente cooperativo". Os produtores deverão realizar uma transformação elementar "de toda produção e de todo o processo de reprodução societária", numa necessária "unidade dialética entre produção e distribuição", expressa, primeiro, no "objetivo socialista proposto de dar 'a cada um segundo sua contribuição na produção'" e mais adiante, no comunismo, no "princípio regulador mais avançado de 'a cada um segundo suas necessidades'" (MÉSZÁROS, 2009, p. 738, 742, 722-723).

Assim, se *o primeiro passo vital* para superar o poder do capital exige uma mudança radical do modo de regular a produção e alocação do excedente econômico, é necessário que este "aspecto positivo da tarefa" seja "perseguido desde o início", caso contrário, "não haverá qualquer esperança de se concluir com sucesso a revolução socialista", pois "mais cedo ou mais tarde, mesmo as funções negativas assumidas de se 'expropriar os expropriadores' estão destinadas a falhar". Portanto, "se a extração do trabalho excedente politicamente regulada não for de fato controlada pelos próprios produtores associados, mas por uma autoridade política imposta e acima deles", a estrutura desta relação "inevitavelmente reproduziria o antagonismo incurável do velho processo de trabalho" comandado pelo capital (MÉSZÁROS, 2009, p. 738).

Mészáros enfatiza que quando "muitas relações anteriormente consolidadas se [tornarem] fluidas e [emergir] a *possibilidade* de se

[criar] estruturas alternativas por meio de uma *revolução social* sustentada", a "ordem plenamente desenvolvida do capital [...] deverá ser superada como um *sistema orgânico*", pois "suas partes constituintes[46] sustentam-se reciprocamente" (MÉSZÁROS, 2009, p. 705-706). E, assim, para alcançar o objetivo de uma transformação radical de todo o sociometabolismo da humanidade, a "revolução não pode significar tão-somente um ato político desesperado, mas uma 'revolução social' constantemente renovada (ou 'revolução permanente') dos produtores associados" (MÉSZÁROS, 2009, p. 726).

Desta maneira, a "questão de se ir para além do capital depende da capacidade ou incapacidade dos produtores associados criarem um novo 'sistema orgânico' – genuinamente socialista e sustentável": uma totalidade social coerente que "não apenas quebre o círculo vicioso da totalidade orgânica auto-sustentada do capital, mas que coloca em seu lugar um desenvolvimento irreversivelmente aberto"; que "possa harmoniosamente aderir à estrutura global da forma política pós-revolucionária não-hierárquica e progressivamente se apossar das suas funções inevitavelmente separadas" (MÉSZÁROS, 2009, p. 726, 742).

Se não for superado "na totalidade de suas relações", o seu "modo de reprodução sociometabólica, que a tudo domina, não poderá ser deslocado mesmo em relação a assuntos de relativamente menor importância". Desta maneira, é "necessário quebrar os 'pressupostos' circulares do capital em todos os seus domínios". E isso significa "do controle do processo direto de produção nos empreendimentos particulares às práticas correlatas do Estado que a tudo abrangem" (MÉSZÁROS, 2009, p. 711, 725). E, diante do que argumentamos com base em Mészáros, isto tudo corresponde a alterar radicalmente as condições básicas constitutivas do capital mencionadas nas páginas 14 e 15.

Percebe-se, portanto, como "o conceito de capital é muito mais fundamental que o de capitalismo". Capitalismo "está limitado a um período histórico relativamente curto" da história da humanidade, enquanto o conceito de capital "abarca bastante mais que isto: ocupa-se, além do modo de funcionamento da sociedade capitalista, das condições de origem e desenvolvimento da

[46] Trabalho, capital e Estado (como Mészáros argumenta enfaticamente).

produção do capital", e assim inclui também "as fases em que a produção de mercadorias não é abrangente e dominante como no capitalismo", bem como as formas desconcertantes em que é capaz de se metamorfosear nas sociedades pós-capitalistas. Desta maneira, percebendo que os "desentendimentos são maiores e danosos" no que concerne à avaliação da "mais íntima natureza" do projeto emancipatório de Marx, Mészáros resgata a ideia original que "se ocupa das condições de produção e reprodução do *capital em si*", ou seja, "de sua gênese e sua expansão, assim como das contradições inerentes que prenunciam a sua supressão por meio de um 'longo e doloroso processo de desenvolvimento'" – e não somente de "uma dada *fase* da produção do capital, confundindo problematicamente os conceitos de 'produção capitalista' e 'produção do capital'" (MÉSZÁROS, 2009, p. 1029, 1028, 1029).

Segundo Mészáros, o projeto de Marx "ocupa-se igualmente das formas e modalidades nas quais a necessidade de produção de capital está fadada a sobreviver nas sociedades pós-capitalistas por um longo e doloroso período histórico" – ou seja, "até que a própria divisão social hierárquica do trabalho seja satisfatoriamente superada" e, assim, "que a sociedade seja completamente reestruturada de acordo com a livre associação dos indivíduos sociais, que conscientemente regulam suas próprias atividades". Mészáros é enfático: Marx "escreveu *O Capital* a serviço do rompimento do domínio do *capital*, não apenas do capitalismo" (MÉSZÁROS, 2009, p. 1029, 1028).

O tema da distinção entre capital e capitalismo e a crítica, baseada na obra de Mészáros, à experiência soviética que nunca realizou o socialismo nos parece que contêm um importante alerta para o futuro em relação às contradições que precisaremos enfrentar e à profundidade das respostas que precisaremos construir.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. Edição: 5ª. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. 21ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

ENGELS, Friedrich. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**. Edição: 1ª. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O Capital**: **crítica da economia política**. Vol. I, tomo I. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1983. Capítulos 4 e 14.

_____, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. *In*: A revolução antes da revolução II. Edição: 1ª. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 199-336.

MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital – rumo a uma teoria da transição**. 1ª edição, 3ª reimpressão. São Paulo: Editora Boitempo, 2009. Capítulos 17 e 22.

A PRESERVAÇÃO DO TRABALHO ALIENADO NA UNIÃO SOVIÉTICA

Introdução

Em fevereiro de 1917, o proletariado russo iniciou um processo que só se concluiu em outubro do mesmo ano: a derrubada do czarismo no país. Em seguida, o partido bolchevique assumiu o poder com a promessa de avançar rumo à sociedade socialista. Deste momento até a queda da sociedade soviética, muito aconteceu, apesar das raras investigações que se propõem a analisar profundamente as contradições e os acontecimentos daquele período.

Tentaremos demonstrar em nosso artigo como, em relativamente pouco tempo, o discurso do partido bolchevique passou da promessa de uma revolução mundial à defesa da restauração do capitalismo. Por sua vez, a classe trabalhadora, que deu início a todo esse processo, logo foi esquecida e forçada a aceitar o papel de coadjuvante numa revolução que, a princípio, era sua.

O marxismo foi, então, deixado de lado por membros influentes do partido, e nem quando a crise estrutural do capital irrompeu, afetando também a experiência soviética, a análise radical daquela sociedade pôde ser feita. Com a influência que adquiriu, o partido bolchevique se tornou referência para vários outros partidos de esquerda ao redor do mundo, os quais acabaram seguindo o mesmo caminho catastrófico que ele trilhou.

São muitos os debates acerca dos erros e acertos da antiga União Soviética. Desde sua queda, em 1991, várias teorias emergiram no esforço de tentar explicar o fracasso da mais importante tentativa de construção do socialismo no século XX. A questão do trabalho alienado costuma se perder na maioria dos debates acerca dessa experiência, entretanto, essa nos parece ser uma questão fundamental.

Diante das mais variadas avaliações e análises, destaca-se o ponto de vista de István Mészáros, que introduz, nessa discussão, uma abordagem radicalmente nova e fundamentada na teoria marxista. Nessa abordagem, que escolhemos para guiar nossa investigação, a alienação do trabalho não é deixada de lado, pelo contrário. Em sua obra, Mészáros (2012) expõe a centralidade da exploração do trabalho na União Soviética e seus aspectos peculiares.

Através deste artigo, propomos uma investigação guiada pelo ponto de vista original de Mészáros, na qual tentaremos demonstrar como, desde o início até a queda do regime soviético, a alienação do trabalho foi uma questão fundamentalmente negligenciada, e que teve máxima importância para o fracasso da experiência.

Não pretendemos, pelas limitações deste artigo, elucidar todas as questões que sobreviveram ao regime. Alertamos também que não poderíamos, nestas páginas, detalhar toda a história da sociedade soviética. Queremos, entretanto, destacar a importância desta experiência para o momento histórico em que vivemos. Uma alternativa à sociedade capitalista se mostra cada vez mais necessária e a análise das tentativas passadas é fundamental para o sucesso das futuras.

1. Lenin e a ditadura do proletariado

Logo após a vitória da Revolução de Outubro, o partido bolchevique toma o poder na Rússia e Lenin, figura de máxima importância para o sucesso da revolução, assume a liderança do país. Agora que o czarismo tinha finalmente sido deposto, a tarefa era se preparar para a revolução mundial que viria em seguida e que traria consigo a construção do socialismo.

No entanto, uma peculiaridade da realidade russa precisava ser considerada, qual seja, o atraso que dominava o país. Sabemos que, segundo Marx (1996), alguns pontos são essenciais para qualquer tentativa de superação do capitalismo, um deles diz respeito ao desenvolvimento das forças produtivas.

Para Marx, em O Capital (1996), seria impossível pensar na livre associação dos produtores, um dos pilares do socialismo, sem pensar na necessária "[...] base material, ou uma série de condições materiais de existência, as quais, por sua vez, são o produto natural e espontâneo de um longo e tortuoso desenvolvimento histórico" (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2012, p. 1017). Ou seja, sem as condições materiais essenciais, o projeto socialista estaria comprometido.

A condição da Rússia poderia, então, preocupar seus revolucionários, já que o país estava preso em um sério atraso econômico, político e cultural. No entanto, para eles, a situação poderia ser contornada. Segundo Trotsky, "o atraso econômico da Rússia não alivia a classe operária da obrigação de completar sua tarefa imposta, mas apenas cerca esta tarefa com dificuldades extraordinárias." (2007, p. 302). Lenin, por sua vez, defendia sua teoria de uma *revolução no elo mais fraco da corrente*. Sendo assim, também acreditava que as condições de atraso da União Soviética não transformariam a tarefa da superação do capitalismo em uma missão impossível, apenas dificultariam o alcance desse objetivo.

Para Lenin, a dificuldade inegável do atraso seria vencida durante a ditadura do proletariado, com a ajuda da revolução mundial. No entanto, segundo Marx, a ditadura do proletariado se traduz em um momento específico da transição quando, logo após a revolução, o proletariado assume o poder político. As condições

materiais não seriam alcançadas nesse momento, mas antes dele. Existe, portanto, uma contradição no pensamento de Lenin com relação ao que Marx propôs, que é destacada por Mészáros:

> A modificação mais significativa de sua análise, em relação a Marx, consistiu em pensar que a "base material" e a superação da "penúria" estariam realizadas sob a ditadura do proletariado em um país que arranca de um nível de desenvolvimento extremamente baixo. (MÉSZÁROS, 2012, p. 1018)

Esse equívoco no pensamento de Lenin acaba por trazer graves consequências para a questão do trabalho na sociedade soviética. Mészáros identifica nos escritos de Lenin, antes e depois da revolução, algumas mudanças fundamentais para nossa discussão. Se antes ele falava do poder dos trabalhadores (ou o *povo em armas*), depois da revolução de outubro seu discurso parece considerar apenas a importância do poder do Estado. Assim,

> Em contraste com as intenções pré-revolucionárias que afirmavam a identidade fundamental do "*povo todo em armas*" com o poder do Estado, apareceu nos escritos de Lenin uma separação entre o poder do Estado e o "povo trabalhador", na qual o "*poder do Estado*" organiza em nível nacional a produção em larga escala nas terras e nas empresas *do Estado, distribui a força de trabalho* entre os vários ramos da economia e as várias empresas, e *distribui entre o povo trabalhador* grandes quantidades de artigos de consumo *pertencentes ao Estado.* O fato de que a *distribuição da força de trabalho* fosse uma relação de *subordinação estrutural* não parecia preocupar Lenin, que tangenciou o assunto ao descrever simplesmente a nova forma de poder estatal separado como "o poder estatal proletário". (MÉSZÁROS, 2012, p. 739).

A proposta de Lenin para a ditadura do proletariado estava fundamentada, portanto, na regulamentação da extração política do trabalho excedente (MÉSZÁROS, 2012, p. 738). É verdade que essa regulamentação é uma etapa importante do processo de transição, mas é importante também a articulação dessa regulação política com os produtores associados e suas decisões autônomas. Segundo Mészáros, se essa regulamentação necessária é realizada por um corpo exterior aos trabalhadores, numa relação alienada, a consequência é a construção de uma relação fundamentalmente antagônica, pois,

> Se a extração do trabalho excedente politicamente regulada não for de fato controlada pelos próprios produtores associados, mas por uma autoridade política imposta e acima deles, este tipo de relação

> inevitavelmente reproduziria o antagonismo incurável do velho processo de trabalho. (MÉSZÁROS, 2012, p. 738).

Ou seja, o protagonismo do sujeito revolucionário não pode ser roubado pelo Estado. A história deixa claro que Lenin não esqueceu a importância do poder do Estado para a transição, no entanto, ele parece deixar de lado o fato que não se deve fortalecê-lo, mas superá-lo. Além disso, não seria possível avançar em sua busca pelo socialismo ignorando o aspecto positivo[47] da transição, que, assim como seu aspecto negativo, dependia totalmente da participação da classe trabalhadora.

Lenin acabou, portanto, distorcendo o papel e a importância do desenvolvimento que a ditadura do proletariado traria, como destaca Mészáros (2012, p. 739). Dessa forma, *o pré-requisito* material para a transição, o desenvolvimento das forças produtivas, se tornou *garantia* de que a revolução alcançaria o sucesso.

Como consequência disso, para os bolcheviques, o obstáculo mais difícil tinha sido superado em outubro, com a tomada do poder. Muitos outros empecilhos não eram percebidos ou eram simplesmente minimizados. Um dos erros mais importantes cometidos nesse período foi subordinar a classe trabalhadora aos objetivos colocados pelo partido.

Diante dessa situação, a contradição que existia entre a ditadura do proletariado e o próprio proletariado parecia desaparecer magicamente. Ao defender o poder centralizado, o partido retirava a importância dos trabalhadores e exaltava o papel e a importância de um Estado forte que, segundo eles, defenderia os interesses da classe trabalhadora. Para Lenin, segundo análise de Mészáros, a situação permitia:

> a maior centralização possível de produção em larga escala através do país. Ao comando central de toda a Rússia, portanto, deveria ser dado definitivamente o controle direto de todas as empresas de dado ramo da indústria. Os centros regionais definem suas funções na dependência das condições locais de vida etc., de acordo com as diretrizes gerais de produção e com as decisões do centro. (MÉSZÁROS, 2012, p. 1022)

---

[47] Segundo Mészáros (2012), a transição tem um aspecto negativo (de destruição) e um aspecto positivo (de construção do novo). Os detalhes acerca do tema podem ser encontrados no capitulo 13 (Como poderia o Estado fenecer?) em sua obra *Para Além do Capital*.

Qualquer um que discordasse dessa centralização, era considerado uma ameaça. A classe trabalhadora perdia, assim, sua autodeterminação. A partir de 1919, qualquer grupo que se opusesse era acusado por Lenin de *anarcossindicalista* e declarado inimigo da revolução. Como aponta Mészáros, a única opção dada à classe trabalhadora era concordar e confiar no partido e em seus líderes:

> Tanto os sovietes como os conselhos de fábrica foram destituídos de qualquer poder efetivo e, no decorrer do debate sindical, qualquer tentativa de assegurar mesmo um grau bem limitado de autodeterminação para a base da classe trabalhadora era descartada como "tolice sindicalista" ou como "um desvio em direção ao sindicalismo e ao anarquismo", vista como uma ameaça direta à ditadura do proletariado. (MÉSZÁROS, 2012, p. 1022)

No entanto, seria muito fácil condenar totalmente Lenin, como alguns críticos o fazem. Seus equívocos têm que ser reconhecidos, mas devemos destacar novamente como as condições materiais cumpriram um papel importante e influenciaram seu pensamento nesse momento. De acordo com Mészáros:

> Os limites objetivos da situação histórica dada forçaram até mesmo Lenin a buscar garantias muito problemáticas. Ora, nem mesmo ele podia imaginar a possibilidade de uma contradição objetiva entre a ditadura do proletariado e o próprio proletariado. Assim, em algumas questões vitais, concernentes ao exercício do poder de Estado e sua relação com o proletariado, ele alterou radicalmente sua posição após a Revolução de Outubro, com consequências de longo prazo para a classe trabalhadora. (MÉSZÁROS, 2012, p. 739)

O atraso econômico, como já mencionamos, foi o problema principal que levou Lenin a buscar as mais variadas (e problemáticas) soluções, como a criação da NEP[48]. A salvação de todos os problemas, que chegaria com a ditadura do proletariado, parecia cada dia mais duvidosa, assim como a revolução mundial. Mesmo assim, o partido insistia em ignorar a questão da contradição trazida pela produção em larga escala, que excluía totalmente os trabalhadores do papel de decisão, pois através dessa produção fundamentada na alienação do trabalho, a União Soviética alcançaria não só o desenvolvimento, mas estaria, ao

[48] NEP – Nova política econômica, criada pelo partido para incentivar a economia soviética. Permitia a criação de empreendimentos capitalistas na União Soviética e foi extinta por Stalin em 1928.

mesmo tempo, caminhando para o comunismo. De acordo com Lenin,

> o trabalho de aprender praticamente como construir uma produção em larga escala é a garantia de que estamos no rumo certo, a garantia de que os trabalhadores com consciência de classe na Rússia estão levando adiante a luta contra a desintegração e a desorganização dos pequenos proprietários, contra a indisciplina pequeno-burguesa – a garantia da vitória do comunismo. (LENIN *apud* MÉSZÁROS, 2012, p. 739)

Logo, o desafio das forças produtivas se mostrou maior do que esperavam os bolcheviques, que recorriam ao controle firme da economia fundamentado em um comunismo de guerra[49]. Segundo Mészáros, a crise que se estendia levou os líderes do partido até mesmo a considerarem, em 1923, a alternativa do *capitalismo de Estado*. Nesse sistema, segundo Lenin, o Estado soviético faria concessões a empresas capitalistas, contanto que estas estivessem sob controle do Estado soviético. Ele afirmava que: "[...] capitalismo de Estado seria um passo avante se comparado com o presente estado de coisas em nossa República Soviética" (LENIN *apud* MÉSZÁROS, 2012, p. 736).

O fato de o Estado explorar a classe trabalhadora através da extração política do trabalho excedente parecia não incomodar o partido, que buscava soluções para os problemas apenas quando estes se agravavam. Consequentemente, esse fato deixa claro que o processo produtivo alienado era um dos maiores problemas da União Soviética desde seus primeiros anos.

Contudo, com o passar do tempo, quando as contradições fundamentais pareciam ficar mais claras para Lenin, ele passou a defender uma participação maior dos trabalhadores nas decisões do partido, mas as soluções que encontrava ainda eram superficiais. Exaltando o papel da cooperação, sem enxergar ainda a raiz do problema do trabalho alienado na URSS, ele chegou a afirmar que "[a] cooperação sob nossas condições quase sempre coincide plenamente com socialismo" (LENIN *apud* MÉSZÁROS, 2012, p. 736).

---

[49] Estratégia oficial adotada pelo partido de 1917 a 1921 para justificar o controle absoluto da economia pelo Estado, durante os primeiros anos da revolução.

Somente por volta de 1923, segundo Mészáros, Lenin conseguiu visualizar melhor a situação e perceber o rumo que a experiência soviética tomava. Contudo, nesse momento, o movimento dos trabalhadores na União Soviética já se encontrava profundamente deteriorado. Encontrar um retorno aos objetivos fundamentais e reconectar o partido à classe trabalhadora era uma tarefa difícil. Segundo Mészáros, essa foi a grande tragédia de Lenin, não ter conseguido contornar a problemática situação que ele mesmo ajudou a criar.

> A grande tragédia de Lenin foi que a sua incomparável, instrumentalmente concreta e intensamente prática estratégia o derrotou no final. No último ano de vida, então já não havia mais saída para seu isolamento total. Os desenvolvimentos que ele mesmo, mais que qualquer outro, ajudou a dinamizar fizeram-no historicamente supérfluo. (MÉSZÁROS, 2012, p. 1022)

A partir desse período, Lenin inicia seus apelos para a introdução da classe trabalhadora no comitê central do partido, com o intuito de impedir o avanço da burocracia e garantir uma maior representação de classe. Contudo, nesse momento, esses apelos e ideias pareciam impossíveis de ser realizados. A União Soviética já tinha dado largos passos em direção a um caminho perigoso e que se mostrava cada vez mais irreversível.

2. Desenvolvimento econômico e stalinismo

Após a morte de Lenin, em 1924, Stalin assume o poder. Ele rapidamente altera grande parte do pensamento marxista, adequando-o às condições objetivas da União Soviética, comprometendo, assim, seriamente toda experiência. No entanto, Mészáros aponta que esse processo, na verdade, se inicia desde os primeiros anos da revolução e vai sendo aprofundado com o passar do tempo. Ainda em 1923, quando a tão esperada revolução mundial não havia chegado, Lenin parece abandonar a ideia da sua necessidade, fazendo afirmações equivocadas acerca da definição real do socialismo:

> Agora temos o direito de dizer que, para nós, o simples crescimento da cooperação se identifica [...] com o crescimento do socialismo, e ao mesmo tempo vemo-nos obrigados a reconhecer a modificação radical de todo o nosso ponto de vista sobre o socialismo. (LENIN *apud* MÉSZÁROS, 2012, p. 741)

Mészáros alerta para o fato de que as pequenas mudanças no pensamento de Lenin, mais tarde levadas ao extremo por Stalin, fortalecem, por exemplo, a ideia de "socialismo em um só país" e abriram espaço para deturpações gravíssimas na teoria marxiana. Para manter sua legitimação, Stalin distorceu o que há de mais fundamental na teoria de Marx. Para ele, as categorias marxianas não tinham mais validade naquela nova sociedade, portanto, tratou de negar e ignorar conceitos essenciais para a construção do socialismo, como podemos constatar em seu discurso de 1952:

> Eu acho que nós devemos também descartar alguns outros conceitos tirados de O capital – onde Marx se preocupou com uma análise do capitalismo – e artificialmente anexados às nossas relações socialistas. Eu me refiro a conceitos como, entre outros, trabalho "necessário" e "excedente", "produto necessário e excedente", tempo "necessário e excedente". Marx analisou o capitalismo para elucidar a mais-valia, fonte de exploração da classe trabalhadora – carente dos meios de produção –, para equipá-la com uma arma intelectual para a derrubada do capitalismo. É natural que Marx utilizasse conceitos (categorias) que correspondiam plenamente às relações capitalistas. Mas é estranho, para dizer o mínimo, utilizar estes conceitos agora, quando a classe trabalhadora não apenas não carece do poder e dos meios de produção, mas, pelo contrário, está de posse do poder e do controle dos meios de produção. (STALIN *apud* MÉSZÁROS, 2012, p. 747)

Mészáros destaca que, ao ignorar características tão fundamentais, e que precisavam ser consideradas, a questão do trabalho alienado parecia estar resolvida na União Soviética. O problema do controle e da alocação da força de trabalho foi desprezado. Não importava, entre outras coisas, se esse controle do trabalho e a distribuição do produto social estavam nas mãos das novas personificações do capital[50] e não nas mãos dos trabalhadores associados.

Conforme a ideia de "socialismo num só país" ia sendo aceita pelo partido bolchevique, se tornava uma verdade inquestionável para Stalin. Agora, o partido afirmava que a União Soviética caminhava rumo ao estado mais elevado do comunismo, e muitas

[50] Para Mészáros (2002), a burocracia do partido assume na União Soviética o papel de personificação do capital – que no capitalismo é exercido pelo capitalista. A justificativa para esse termo pode ser encontrada ao longo do capítulo 17 (Formas mutantes do controle do capital) de *Para Além do Capital*.

outras contradições provenientes da alienação do trabalho estavam também superadas. Como destaca Mészáros:

> Assim, postularam a abolição da oposição entre cidade e campo, e mesmo entre trabalho físico e mental, removendo-as com a mesma varinha mágica [...] que fez desaparecer o antagonismo resultante da subordinação estrutural alienada do trabalho ao sistema hierárquico estabelecido. (MÉSZÁROS, 2012, p. 748)

Para Stalin, o antagonismo entre capital[51] e trabalho não estava presente naquela sociedade que ele chamava de "socialista", assim como a hierarquia também não era mais um problema para se preocupar. Para ele, havia uma unidade entre os trabalhadores no regime soviético, onde eles não se tratavam com hostilidade, mas como companheiros.

> A base econômica da antítese entre trabalho mental e físico é a exploração dos trabalhadores físicos pelos trabalhadores mentais. Todos estamos familiarizados com o abismo que, sob o capitalismo, dividiu os trabalhadores físicos do pessoal administrativo. Sabemos que esse abismo deu origem a uma atitude hostil dos trabalhadores para com os administradores, capatazes, engenheiros e outros membros do corpo técnico, a quem os trabalhadores consideravam seus inimigos. Naturalmente, com a abolição do capitalismo e do sistema de exploração, o antagonismo de interesses entre o trabalho físico e mental também está destinado a desaparecer. E ele de fato desapareceu em nosso atual sistema socialista. Hoje, os trabalhadores físicos e o pessoal administrativo não são inimigos, mas camaradas e amigos, membros de um único corpo de produtores que está vitalmente interessado no progresso e na melhoria da produção. (STALIN *apud* MÉSZÁROS, 2012, p. 748-749)

Mészáros afirma que, para manter a *fantasia* de Stalin, seu discurso não podia falar a verdade, a tirania da taxa de extração do trabalho excedente tinha que ser ignorada e os trabalhadores eram descritos como um *corpo único de produtores,* que controlavam o Estado e os meios de produção. No entanto:

> Em nenhum lugar foi mencionada a tirania política pela qual uma taxa imposta de extração de trabalho excedente era assegurada sob o sistema pós-capitalista de produção de capital. Não havia espaço para tais considerações na proclamada 'economia política cientifica', pois

[51] Para Mészáros está clara a existência do capital na sociedade soviética, na qual a acumulação deste se dá sob o imperativo da *acumulação socialista,* através da extração de trabalho excedente mediada *politicamente* pelo Estado. (MÉSZÁROS, 2012, p. 742)

> na terra da fantasia stalinista os trabalhadores estavam 'de posse do poder do Estado e do controle dos meios de produção'. Nenhuma tarefa ou realização poderia ser considerada grande demais para o assim chamado 'corpo único de produtores'. (MÉSZÁROS, 2012, p. 749)

Até mesmo esquemas como o stakhanovismo[52], fundamentados em normas e modelos para explorar mais os trabalhadores, eram entendidos como um avanço no processo de emulação socialista. Stalin pretendia, através da emulação, vencer a competição contra o capitalismo, apoiado por um desenvolvimento superior.

A verdade que Stalin não queria admitir era que o trabalho excedente existia na União Soviética, assim como a resistência dos trabalhadores submetidos à exploração e a recalcitrância do trabalho que se destacou nesse período. Mészáros afirma que a maior parte da classe trabalhadora, não só aqueles que foram mandados para os campos de trabalho, se mostrava insatisfeita com o controle do processo de trabalho exercido pelo Estado.

Para justificar seus atos, Stalin utilizava o pretexto do desenvolvimento econômico. De fato, nos anos que vigorou o stalinismo, a economia soviética alcançou resultados invejáveis para qualquer país capitalista, chegando a ser considerada a terceira potência mundial. No entanto, Mészáros nos mostra que esse desenvolvimento não tinha reflexo na vida da classe trabalhadora que resistia à exploração através da recalcitrância que o Estado tentava combater:

> Durante os longos anos nos quais a economia soviética foi administrada por um estado de emergência artificialmente cultivado – fora os anos de guerra quando a emergência era bastante real – a produtividade do trabalho era muito baixa, devido, em grau significativo, ao fato de uma proporção considerável da força de trabalho se encontrar presa nos campos de trabalho. Contudo, o trabalho recalcitrante era muito mais generalizado do que indica o numero de presos nesses campos de trabalho forçado. Envolvia a maioria da classe trabalhadora; em parte, devido ao modo antagônico de controle do processo de trabalho e, em parte, devido á baixíssima remuneração recebida pelos trabalhadores. (MÉSZÁROS, 2012, p. 748)

[52] Movimento que nasceu por volta de 1935, iniciado pelo operário Alexei Stakhanov e difundido pelo partido bolchevique, que defendia o aumento da produtividade através do empenho e dedicação da classe trabalhadora.

Portanto, a economia soviética não podia manter seu ritmo de crescimento que se baseava no que Mészáros chama de *estado de emergência artificialmente cultivado*. Durante a Segunda Guerra, quando essa emergência era real e o país necessitava de uma produtividade elevada, as dificuldades se mostraram mais claras.

O partido tinha, portanto, uma incapacidade de compreender a realidade da União Soviética, muito dessa incapacidade devida ao abandono da teoria marxista. Stalin não percebia, ou escolhia ignorar os problemas, encontrando assim soluções insustentáveis na esfera do trabalho, como a sua *lei do desenvolvimento equilibrado* criada por ele para "superar" a lei da competição e anarquia, trazendo estabilidade para a sociedade soviética.

Mészáros destaca que, aquilo que Stalin chamava de lei era, na verdade, uma exigência inviável e problemática daquela sociedade. Ele destaca também como essa posição de Stalin foi importante para a dissolução da União Soviética:

> A desintegração do 'socialismo realmente existente' teve muito a ver com esse tipo de raciocínio econômico, que tentou administrar a economia com grande arbitrariedade, com base em leis absolutamente fictícias. (MÉSZÁROS, 2012, p. 751)

O que importava para Stalin era a manutenção do primado da produção de meios de produção. Assim, segundo ele, o país conseguiria manter uma expansão contínua da economia nacional. Acontece que essa expansão que, para Stalin, estava assegurada, era irrealizável naquela sociedade onde se mantinha a alienação do trabalho, pois, segundo Mészáros,

> A natureza antagônica do controle existente do processo de trabalho transforma a 'proporcionalidade' em um desiderato vazio e a ideia associada de 'expansão contínua da economia nacional' em um artifício propagandístico promissor, mas inviável. Os resultados projetados de desenvolvimento econômico são realizáveis no longo prazo apenas em uma estrutura socioeconômica genuinamente socialista cujos objetivos produtivos não são definidos por um pequeno corpo estranho, mas por todos aqueles que têm que recorrer aos seus próprios recursos de modo a traduzi-los em realidade, avaliando a realização de seus objetivos escolhidos em uma base inerentemente qualitativa [...] Sem isto, a possibilidade de um desenvolvimento produtivo sustentado está destinada a se anular com o passar do tempo, como de fato ocorreu no sistema pós-capitalista soviético, fossem quais fossem os sucessos antes alcançados sob as

> circunstancias da emergência pós-revolucionária. (MÉSZÁROS, 2012, p. 751)

Conforme os novos objetivos de crescimento econômico não eram alcançados, Stalin partiu para os investimentos nas empresas do Estado Soviético e, ao mesmo tempo, decidiu que a indústria de bens de consumo precisava ser estimulada, pois dessa forma, ele acreditava que criaria incentivos para aos trabalhadores. Fica claro que, de acordo com sua interpretação, a classe trabalhadora soviética era vista por ele e pelo partido como um grupo de consumidores. Diante disso, parecia não haver contradição em deixar todo o poder de decisão nas mãos dos executivos das empresas, como destaca Mészáros:

> Decisões sobre as tarefas produtivas imediatas deveriam ser deixadas para 'nossos executivos' e para o 'pessoal executivo' em geral, além de para os líderes partidários, claro, que permaneciam encarregados do processo de decisão geral num sistema que operava a extração politicamente imposta do trabalho excedente [...](MÉSZÁROS, 2012, p. 753)

Mais uma vez, fica claro o modo antagônico de reprodução nessa sociedade pós-capitalista. No entanto, a negação da realidade continuava a ser difundida. Mészáros (2012, p. 752) esclarece que, aos olhos da burocracia do partido, os executivos e diretores das empresas do Estado não deveriam ser comparados aos seus equivalentes capitalistas, pois eles eram, na verdade, *líderes da produção socialista.*

Enquanto a divisão da sociedade entre burocratas e trabalhadores se mostrava cada vez mais clara (com as devidas diferenças em comparação com a sociedade capitalista), Stalin afirmava que a distinção essencial entre eles já havia sido abolida, e que outras distinções não poderiam ser removidas, já que não eram importantes. Essa posição assumida pelo líder do partido bolchevique era reafirmada em seus discursos:

> Mas algumas distinções, ainda que inessenciais, permanecerão, acima de tudo porque as condições de trabalho do pessoal administrativo e as dos trabalhadores não são idênticas. Os camaradas que afirmam o contrário o fazem presumivelmente com base na formulação dada em algumas de minhas declarações, que falam da abolição da distinção entre indústria e agricultura, e entre trabalho físico e mental, sem qualquer reserva quanto ao fato de que o que se queria dizer é a abolição da distinção essencial, não de todas as distinções. Foi exatamente assim que os camaradas compreenderam minha

> formulação, assumindo que implicava a abolição de toda distinção. Mas isto indica que a formulação era imprecisa, insatisfatória. Deve ser descartada e substituída por outra formulação, uma que fale da abolição das distinções essenciais e da persistência de distinções inessenciais entre indústria e agricultura e entre trabalho mental e físico. (STALIN *apud* MÉSZÁROS, 2012, p. 753)

Mészáros destaca como essa análise de Stalin fortalecia a subordinação estrutural do trabalho e a tornava permanente. Para o dirigente do partido, não era necessário alterar a situação de subordinação dos trabalhadores, pois esta não existia. Os líderes socialistas, portanto, poderiam continuar decidindo e administrando a produção indefinidamente. O impacto das afirmações e decisões de Stalin, na esfera da produção, foi enfrentado por seus sucessores e, principalmente, pela classe trabalhadora soviética nos anos seguintes.

3. Das "empresas socialistas" à abertura ao capitalismo

Aqueles que vieram após Stalin, foram rápidos em criticar o antigo líder e iniciaram, instantaneamente, o processo de desestalinização, mas suas tentativas de salvar a União Soviética do fracasso que se aproximava não surtiram efeito, já que no essencial, o ponto de vista deles não divergia do de Stalin. Como destaca Mészáros, a questão fundamental da *subordinação estrutural do trabalho ao capital* não pôde ser questionada, manteve-se, assim, a mesma estrutura socioeconômica baseada na total exploração da classe trabalhadora.

Como o problema fundamental da subordinação estrutural do trabalho não era encarado por Kruschev[53], suas tentativas reformistas buscavam soluções administrativas e sequer podiam encarar a resistência dos trabalhadores sem o uso da violência. Além disso, a partir desse período, as empresas do Estado soviético, e seu modo de operação arbitrário, acabaram de vez com as esperanças dos trabalhadores de assumir qualquer poder de decisão sobre a produção. Mészáros afirma que nesse período:

> Montaram-se experiências práticas em regiões bem controladas, na perspectiva de explorar a possível adoção de um instrumento mais

[53] Nikita Kruschev (ou Khrushchov) assumiu a liderança da União Soviética em 1955, após a morte de Stalin.

> flexível para regular a relação entre as autoridades centrais de planejamento e os empreendimentos produtivos locais. (MÉSZÁROS, 2012, p. 755)

No entanto:

> Nunca se permitiu à classe trabalhadora, como sujeito social coletivo, aparecer nesse discurso, o que deve ter aumentado muito os seus atrativos aos olhos dos líderes do partido. A ideia potencialmente problemática de antagonismo era afastada com a ajuda de uma varinha mágica, postulando que as reformas propostas "eliminariam o antagonismo entre os interesses dos empreendimentos particulares e da sociedade" (MÉSZÁROS, 2012, p. 755)

Os planejamentos milagrosos que resolveriam os problemas socioeconômicos continuam com Brezhnev[54], e os trabalhadores cumpriam suas funções cada vez mais alienados do processo de produção. Um exemplo claro dessa alienação pode ser encontrado no comentário feito por Oleg Antonov, famoso construtor de aviões soviético, e citado por Mészáros, sobre trabalhadores que descarregavam tijolos seguindo as normas de um desses planos. Oleg descreve a seguinte situação:

> Dois trabalhadores que foram empregados para descarregar rapidamente tijolos de caminhões, o fizeram lançando-os ao chão, normalmente quebrando uns trinta por cento deles. Os dois sabiam que suas ações eram tanto contra os interesses do país como contra o simples bom-senso, mas o trabalho deles era avaliado e pago com base num indicador de tempo. Portanto, eles seriam penalizados – na verdade, não seriam capazes de ganhar o suficiente para viver – se fossem organizar os tijolos cuidadosamente no chão. O modo de realizarem o trabalho era ruim para o país, mas, apesar disso, bom para o plano! (MÉSZÁROS, 2012, p. 756)

Esse caso é apenas o reflexo de um sistema desenvolvido por um corpo separado e superposto aos trabalhadores. Mesmo que a qualidade do trabalho fosse considerada, e planos e metas mais flexíveis fossem desenvolvidos, essa qualidade não seria equivalente ao conceito de qualidade socialista, pois,

> Na estrutura de uma economia socialista, a qualidade diz respeito ao reconhecimento das necessidades humanas genuínas da força de trabalho que se autodetermina, junto com a seleção dos meios e formas de ação mais apropriados para a realização dos fins escolhidos. (MÉSZÁROS, 2012, p. 756)

[54] Leonid Brezhnev foi líder da URSS de 1964 até 1982.

No entanto, os formuladores dos planos e metas estavam, como aponta Mészáros, preocupados em encontrar soluções técnicas para os problemas que surgiam no processo de produção. Os trabalhadores não eram percebidos como produtores que precisavam decidir sobre o processo, mas como consumidores (2012, p. 758). Os acadêmicos usavam computadores e fórmulas matemáticas para encontrar maneiras de estimular a produção, ignorando totalmente o trabalho e sua submissão ao capital pós-capitalista.

Contudo, não só as tentativas de reforma não tiveram efeito, como também os ataques aos trabalhadores continuaram tão fortes quanto antes. Mészáros (2012, p. 759) destaca que, mesmo em momentos de aparente progresso, quando discussões e debates acerca da democratização do país e da desestalinização eram realizados, a vida dos trabalhadores se traduzia na repressão através de perseguições e conflitos – a maioria desses só foi conhecida pelo público a partir da década de 1980.

David Mandel, especialista que estuda o movimento dos trabalhadores soviéticos, destaca que as organizações nesse período eram mais temidas do que nunca pelos burocratas que as reprimiam duramente, mesmo após os anos de terror e perseguição do stalinismo. Para ele, estava claro que o partido não podia tolerar nenhum movimento espontâneo da classe trabalhadora, uma vez que

> Este sistema obviamente não podia tolerar organizações sociais independentes, principalmente dos trabalhadores, a base social oficial do Estado. O totalitarismo característico do Estado era necessário para compensar a fragilidade dos fundamentos sociais e ideológicos da burocracia dominante, uma elite do poder sem propriedade ou legitimidade. A burocracia tinha motivos para temer a classe trabalhadora. Revoltas trabalhistas no leste europeu e na União Soviética (Novocherassk 1981, as greves nas minas em 1989 e 1991, a greve geral da Bielorrússia em abril de 1991) demonstraram a relativa facilidade com que trabalhadores nesse sistema podiam se mobilizar espontaneamente em larga escala e traduzir problemas inicialmente econômicos em demandas por democracia, depois que o medo da repressão foi superado. (MANDEL, 2015, p. 297)

Enquanto isso, o discurso de Gorbachev[55] parecia ignorar totalmente a realidade. Para ele, os trabalhadores não só apoiavam as empresas do Estado, como participavam ativamente das decisões destas. Estava claro para o partido que a economia soviética avançaria mais que qualquer outra graças à suas bases:

> Ninguém irá tão longe quanto nós no desenvolvimento da democracia porque esta é a essência do sistema socialista. Nós estamos estendendo a democracia socialista para todas as esferas, inclusive a economia. Em nenhuma parte do Ocidente os diretores e capatazes são eleitos, em nenhuma parte do Ocidente assembleias de trabalhadores endossam os planos. E isto é o que constitui nossa democracia socialista. (GORBACHEV *apud* MÉSZÁROS, 2012, p. 760)

No entanto, a realidade nessas empresas era outra. Se, no papel, os sindicatos tinham uma função importante na administração das "empresas socialistas", na prática:

> Decisões básicas que afetavam salários, benefícios sociais e direitos trabalhistas eram tomadas por autoridades centrais do partido-Estado, os sindicatos prestavam no máximo um papel consultivo. O aparelho do Sindicato Nacional tinha pouca influência dentro da burocracia. As reuniões eram acompanhadas de perto pelos membros do Comitê Central do partido para que eles pudessem tomar as decisões apropriadas. (MANDEL, 2015, p. 298)

Quando a gravidade da crise complicou ainda mais a situação na União Soviética, a resposta dada foi tão antiga quanto os problemas. Para Mészáros (2012, p. 755), a Perestroika e a Glasnost[56], soluções milagrosas encontradas por Gorbachev em 1986, têm fundamentos que já estavam presentes nas ideias reformistas dos anos 1960. Esse cenário nos permite demonstrar a gravidade da situação que o país encarava. Imersa em contradições estruturais, a União Soviética não podia solucionar seus problemas através de reformas parciais que representavam, na verdade, uma reaproximação ao mundo capitalista.

Novamente, a exclusão de qualquer participação real dos trabalhadores foi a questão central. Dessa vez, no entanto, essa

---

[55] Mikhail Gorbachev foi o último líder soviético, governou o país de 1985 até 1991.

[56] A Perestroika e a Glasnost foram políticas introduzidas na União das Repúblicas Soviéticas por Mikhail Gorbachev, em 1986. Essas políticas tinham por objetivo reestruturar a política e a economia do país.

exclusão parecia mais desvelada, como podemos ver no discurso de Gavril Popov, prefeito de Moscou de 1990 a 1992. Em sua fala podemos observar que para ele estava claro que a União Soviética era – e continuaria sendo – uma sociedade com desigualdades e com (um tipo de) propriedade privada, e em defesa dessa propriedade era necessário encontrar maneiras de limitar a influência dos trabalhadores que podiam, segundo ele, arruinar a experiência defendendo seus interesses:

> Mas agora precisamos criar uma sociedade com uma variedade diferente de propriedade, inclusive a propriedade privada; e esta será uma sociedade de desigualdade. Haverá contradição entre, de um lado, as políticas que conduzem à desnacionalização, à privatização e à desigualdade e, de outro, o caráter populista das forças colocadas em movimento para alcançar esses objetivos. As massas almejam justiça e igualdade econômica. E, quanto mais avança o processo de transformação, mais aguda e mais visível será a distância entre essas aspirações e as realidades econômicas. [...] as massas de trabalhadores que participam da economia não estão preocupadas em organizar o trabalho para maior eficiência; elas estão pensando em ser consumidores e ter mais bens para consumir [...] Se não pudermos rapidamente desnacionalizar e privatizar a propriedade, seremos atacados por ondas de trabalhadores que lutam por seus próprios interesses, o que cindirá as forças da Perestroika e porá em risco o seu futuro. A primeira conclusão desta minha análise é que temos que acelerar as mudanças nas formas de propriedade. A segunda é que precisamos buscar novos mecanismos e instituições de poder político que dependam menos do populismo. A euforia do período anterior, quando nós prevalecemos rápida e facilmente, não tem mais lugar no futuro. (POPOV *apud* MÉSZÁROS, 2012, p. 760)

As decisões tomadas por Gorbachev deixam claro que ele estava pronto para sacrificar, de toda e qualquer maneira, a classe trabalhadora. Quando decidiu que a única saída para a sociedade soviética era a abertura ao mercado, ele rapidamente acabou com os STKs[57] que havia criado em uma tentativa (fracassada) de introduzir a classe trabalhadora no processo de tomada de decisão sobre a produção. As consequências de suas decisões podem ser identificadas no comportamento do proletariado. Segundo Mandel (2015), um movimento trabalhista mais atuante, mas ainda fraco, emergiu junto com sua reforma de mercado.

[57] *Soviet Trudovogo Kollektiva*. Conselhos coletivos de trabalhadores, criados por Gorbachev, que garantiam poderes limitados aos trabalhadores e eram influenciados pelos diretores das empresas do Estado.

Como já afirmamos, o caminho escolhido por Gorbachev não divergia fundamentalmente da abordagem dos líderes que vieram antes dele, porém, para Mészáros (2012, p. 785), as ideias de Gorbachev foram tão bem aceitas no Ocidente porque ele deixava claro, nelas, sua disposição de ir até as últimas consequências, como de fato o fez, restaurando o capitalismo e extinguindo a União Soviética. A Perestroika não só continuava a ignorar a contradição fundamental soviética, como apontava uma aproximação com o mundo capitalista.

A essa altura, a ideia do regresso ao capitalismo não parecia tão assustadora como no início da revolução. De fato, para personalidades soviéticas influentes – que aprenderam o sentido do socialismo segundo as definições deturpadas de Stalin – capitalismo e comunismo se aproximavam cada vez mais. Segundo Oleg Bogomolov, então diretor do Instituto de Economia Socialista, era inevitável a fusão entre comunismo e capitalismo na emergente sociedade pós-industrial:

> A teoria da convergência – na qual capitalismo e socialismo se aproximam enquanto progridem, e algum dia se fundirão num único sistema – já não parece tão primitiva quanto no passado. O Ocidente está se movendo para uma sociedade melhor, à qual se refere como "pós-industrial" e "baseada na informação". Nós geralmente nos referimos àquele tipo de sociedade como a primeira fase do comunismo. (BOGOMOLOV *apud* MÉSZÁROS, 2012, p. 764)

Por sua vez, o objetivo central da política de Gorbachev era a introdução do mercado, mas não um mercado capitalista e sim um mercado *centralmente controlado,* no qual os trabalhadores tinham que se adaptar a uma nova disciplina de produção imposta pelo partido.

Para Gorbachev, não só estava claro que a abertura ao mercado era inevitável, como também seria benéfica à classe trabalhadora que poderia ter suas necessidades satisfeitas. O mercado, segundo ele, asseguraria a satisfação das necessidades do povo e a auxiliaria no processo de distribuição de riqueza.

No entanto, a realidade para a classe trabalhadora era muito mais negativa do que Gorbachev poderia assumir. Mészáros (2012 p. 769) afirma que, sob ameaça das leis de mercado e de uma disciplina de trabalho mais severa, o futuro parecia ainda mais cruel do que o presente para os trabalhadores soviéticos. Eles

tinham certeza apenas que quaisquer pequenas garantias que a experiência soviética pôde prover, como o baixo nível de desemprego, estavam prestes a acabar.

O resultado da Perestroika não podia ser outro, a solução de Gorbachev falhou, assim como falharam todas as soluções anteriores à dele que insistiam em negar o problema da exploração do trabalho naquela sociedade que se dizia socialista. Assim, mesmo com a passagem da extração política para a extração econômica do trabalho excedente, a reforma do "socialismo" não foi possível. Por último, depois de mais de sete décadas, a abertura ao capitalismo se deu, encerrando uma das mais importantes e problemáticas experiências revolucionárias do século XX.

Conclusão

Investigar a alienação do trabalho no regime soviético é um projeto extremamente ambicioso. Centenas de páginas não seriam bastante para cumprir tal tarefa. Lembramos, então, que este texto não pretende solucionar todas as questões deixadas pela sociedade soviética. Tentamos, simplesmente, expor o resultado da investigação que conseguimos realizar até aqui.

Concluímos, através de nosso estudo, que é impossível conceber uma análise da sociedade soviética sem que se reconheça a existência da exploração da classe operária pela aristocracia do partido. Essa exploração, por sua vez, ocorreu, na maioria das vezes, disfarçada de uma necessidade de desenvolvimento econômico, que apelava para a compreensão dos trabalhadores e reprimia-os quando eles não respondiam de acordo com as metas impostas autoritariamente pelo Estado.

A alienação do trabalho nunca foi superada pelo partido bolchevique, pelo contrário, foi incentivada por diversos mecanismos ao longo dos anos. Analisamos, brevemente, como essa exploração se deu em diferentes períodos e como a resistência também encontrou seu espaço nas fileiras da classe trabalhadora. Ademais, destacamos como todas as tentativas de se solucionar as contradições daquela experiência fracassaram por não se considerar a mais fundamental das contradições, a exploração do trabalho.

Entendemos, por fim, que a análise da experiência soviética é uma tarefa árdua, mas que não pode ser ignorada, como muitos escolhem fazer até hoje. A questão da alienação do trabalho não é o único tema problemático que precisamos considerar, mas esse objeto tem uma fundamental importância e somente compreendendo os erros cometidos no passado podemos evitá-los no futuro.

Referências Bibliográficas

MÉSZÁROS, I. **Para Além do Capital – rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

MANDEL, David. *Por Que Não Há Revolta? A classe trabalhadora russa e o movimento operário. In*: AMARAL, Maria Virgínia; ALCÂNTARA, Norma. **Trabalho, Política, Vida Cotidiana, Serviço Social**. Maceió: Edufal, 2015.

TROTSKY, Leon. **História da Revolução Russa**. São Paulo: Sundermann, 2007.

ELEMENTOS PARA UMA CRÍTICA DO ESTADO SOVIÉTICO

Introdução

Este artigo propõe-se a analisar o fato histórico da permanência do Estado como um elemento vital e definidor da natureza da experiência "socialista" na antiga União Soviética. Para essa análise, o caminho escolhido deve partir, necessariamente, da sinalização de alguns aspectos característicos do capital, este enquanto sistema de controle sociometabólico, da sua relação com o Estado moderno, assim como da forma pela qual continuou existindo a **relação - capital** na experiência soviética, tendo o Estado como um dos elementos fundamentais para sua reprodução naquele cenário. Uma vez apontados esses elementos, enfatizaremos o fato de que, ao contrário de fenecer, o Estado permaneceu desenvolvendo tarefas centrais na reprodução do capital na experiência Soviética.

Para apresentar essas questões, tomaremos como eixo central da análise os elementos desenvolvidos por István Mészáros, particularmente em sua obra "Para além do capital", a partir dos

quais o autor aponta para a permanência da **relação - capital** na experiência soviética.

Tentaremos entender o papel do Estado no conjunto do processo no qual permaneceu a reprodução do capital, com uma variedade distinta da forma capitalista, o que fez com que, junto com o não fenecimento do Estado, a União Soviética se constituísse no que o autor vai denominar como uma variedade "pós-capitalista" de capital.

A finalidade é a de apreender os elementos que caracterizaram o Estado na União Soviética, partindo da compreensão deste como a estrutura de comando político do capital. Nesse sentido, será fundamental iniciar a nossa discussão sobre o Estado na experiência soviética apontando alguns elementos do desenvolvimento do capital, os quais colocaram a necessidade dessa estrutura de comando político.

1. O capital e seu imperativo de expansão dirigida para a acumulação

Torna-se importante começar essa discussão enfatizando que o capital é uma relação social e como tal, é

> uma *relação de compulsão*, cuja finalidade é extrair o trabalho excedente (...) uma relação de compulsão que não se apoia em quaisquer relações pessoais de dominação e dependência, mas surge simplesmente da diferença nas funções econômicas[58]. (MARX, *apud* MÉSZÁROS*, p.*708).

O próprio Marx, ao falar da produção capitalista, afirmava que,

> o motivo que impulsiona e o objetivo que determina o processo de produção capitalista é a maior autovalorização possível do capital, isto é, a maior produção possível de mais-valia, portanto, a maior exploração possível da força de trabalho pelo capitalista. (MARX, 1996, p. 447.)

Assim, por sua vez, a **relação-capital** cria uma relação de dominação e subordinação, cuja conformação histórica tem, nas palavras de Mészáros, bases com raízes muito profundas na historia, pois foi através de um longo processo - desde suas formas

[58] Grifos do autor.

embrionárias (pré-capitalistas) até a sua fase de maior desenvolvimento - que o capital se transformou no fundamento da produção. (MÉSZÁROS, 2002, p.711).[59]

Uma das determinações mais profundas do capital como relação social, é o seu imperativo estrutural orientado à expansão dirigida para a acumulação. Para que esse imperativo estrutural possa se realizar e se reproduzir permanentemente, é necessária a contínua extração de trabalho excedente, em qualquer forma e segundo circunstâncias históricas determinadas. (MÉSZÁROS, 2002, p.120).

Segundo Mészáros,

> embora o modo de produção capitalista compartilhe sua compulsão pela imposição cruel do trabalho excedente com os modos anteriores de reprodução societária exploradora, o capital exerce melhor tal compulsão, "em uma forma mais favorável à produção". (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2002, p.939).

Para desenvolver a extração do trabalho excedente, é necessário o estabelecimento de uma divisão hierárquica do trabalho a partir da qual as atividades da produção e controle devem estar separadas. Assim, a

> imposição da divisão social hierárquica do trabalho como a força cimentadora mais problemática – em última análise, realmente explosiva – da sociedade é uma necessidade inevitável. Ela vem da condição insuperável, sob o domínio do capital, de que a sociedade deva se estruturar de maneira antagônica e específica, já que as funções de produção e de controle do processo de trabalho devem estar radicalmente separadas uma da outra e atribuídas a diferentes classes de indivíduos. (MÉSZÁROS, 2002, p.99)

Sem a máxima extração de trabalho excedente dos produtores (a verdadeira razão de ser do sistema do capital) em qualquer forma que seja compatível com os seus limites estruturais (seja na forma econômica, seja na forma politicamente regulada, como no caso da União Soviética), o capital "possivelmente seria incapaz de

[59] É oportuno lembrar neste momento que Mészáros faz uma longa e interessante discussão sobre as categorias de capital e capitalismo, para quem quiser aprofundar nesta discussão, o capítulo 17 da sua obra *Para além do Capital* apresenta elementos centrais para esse debate.

preencher suas funções sociometabólicas de qualquer outra maneira". (MÉSZÁROS, 2002, p.99).

A forma encontrada pelo capital para cumprir as funções estruturais que lhe permitem estes níveis de eficiência com os quais se tornou um sistema de controle sociometabólico foi, então, a separação entre a produção e o controle. Ele "não poderia funcionar de nenhuma outra maneira, a não ser sob a forma da própria imposição como *alienação* radical do controle dos indivíduos".[60] (MÉSZÁROS, 2002, p.88)

O imperativo da expansão dirigida para acumulação tem um caráter estrutural e é uma determinação que corresponde ao nível mais profundo do capital, coloca a necessidade de manter o controle sobre a totalidade das relações sociais. É por isso que num determinado momento do seu desenvolvimento histórico, o capital deve se constituir numa estrutura de controle totalizadora à qual, nas palavras de Mészáros, "tudo o mais, inclusive seres humanos, deve se ajustar, e assim provar sua 'viabilidade produtiva', ou perecer, caso não consiga se adaptar." (MÉSZÁROS, 2002, p.96).

Segundo Mészáros, o imperativo estrutural do capital é,

> a base comum de determinação de todas as práticas essenciais no interior da estrutura do sistema do capital, desde a reprodutiva econômica direta até as funções reguladoras mais mediadas do Estado. (MÉSZÁROS, 2002, p.120)

Então, todos os órgãos sociais que se desenvolvem sob o domínio do capital, devem se adaptar à essa base, atuando, assim, sob suas regras enquanto sistema de controle do metabolismo social. Essa condição é fundamental para o sistema, pois se o capital não conseguir realizar o seu processo de reprodução em escala sempre ampliada, desmoronaria enquanto sistema. (MÉSZÁROS, 2002, p.138).

É por isso que o conjunto das relações sociais deve estar submetido à forma de controle do capital, no intuito de preservar o seu imperativo estrutural.

Como parte desse imperativo estrutural, o capital tem a necessidade de romper com todos os obstáculos que sejam

[60] Grifos do autor.

impostos para o seu desenvolvimento. Para se tornar um modo de controle sociometabólico e continuar com o seu imperativo, o capital tinha, então, que romper com as "amarras da autossuficiência" no relacionamento entre a produção material e seu controle, o que caracterizaram os modos de produção que lhe antecederam. Assim, conforme avançou o modo de controle sociometabólico do capital, essa autossuficiência se rompe para dar lugar a "conexões metabólicas/reprodutivas mais amplas", a relação entre a produção e o controle (mas também a relação entre produção - circulação e produção – consumo) muda qualitativamente em razão das determinações estruturais do capital. (MÉSZÁROS, 2002, p.101,102)

Desde as suas formas pré-capitalistas, o capital já mostrava a sua incapacidade de se restringir a territórios limitados, e sua expansão constante como força econômica é tão somente uma demonstração dessa incapacidade.

Como modo de controle sociometabólico, o capital, então, não conhece fronteiras porque, ao contrário dos modos de produção que o antecederam, as unidades produtivas que o conformam não são, nem necessitam ser, autossuficientes.[61] Isto não poderia ser de outra forma, porque uma vez liberado das amarras da autossuficiência e tendo subordinado o valor de uso aos seus requerimentos, o capital precisou se expandir permanentemente como parte da sua forma de reprodução (MÉSZÁROS, 2002, p.102).

É por essa ruptura com as amarras da autossuficiência que o sistema do capital pode ser descrito "como voltado para a expansão e movido pela acumulação". E ainda tem um elemento a

[61] Segundo Mészáros "O capital como produtor potencial de valor historicamente específico só pode ser consumado e 'realizado' (e, por meio de sua 'realização', simultaneamente também reproduzido numa forma estendida) se penetrar no domínio da circulação. O relacionamento entre produção e consumo é assim radicalmente redefinido em sua estrutura de maneira tal que a necessária unidade de ambos se torna insuperavelmente problemática, trazendo, com o passar do tempo, também a necessidade de alguma espécie de crise. Esta vulnerabilidade às vicissitudes da circulação é uma determinação decisiva, à qual nenhuma 'economia doméstica' da Antiguidade ou da Idade Média feudal (…) deve se submeter, pois estão primordialmente voltadas para a produção e o consumo direto do valor de uso". (MÉSZÁROS, 2002, p.102)

mais: ao se livrar "das restrições subjetivas e objetivas da autossuficiência, o capital se transforma no mais dinâmico e mais competente *extrator do trabalho excedente* em toda a história."[62] (MÉSZÁROS, 2002, p.102).

Mészáros afirma que essa extração de trabalho excedente, é realizada;

> por um poder de controle separado, em um processo de trabalho conduzido com base na subordinação estrutural hierárquica do trabalho aos imperativos materiais da produção orientada para a acumulação (...) e para a contínua reprodução ampliada de riqueza acumulada. (MÉSZÁROS, 2002, p.781).

A forma como esse controle alienado é imposto sobre o trabalho, depende de circunstâncias históricas determinadas. Na variedade capitalista de capital, esse controle sobre a produção é gerido pela personificação privada, ou seja, os "capitalistas privados". Mas em outras circunstâncias, esse controle pode ser assumido por outras formas de personificação do capital. Assim, por exemplo, na União Soviética, esse comando foi assumido por outra forma de personificação. Segundo o autor,

> no sistema de tipo soviético, no qual as funções controladoras do capital eram investidas no partido, e não em indivíduos particulares, nem mesmo nos que se encontravam nos altos escalões do partido (indivíduos que poderiam ser eliminados sem romper seriamente o sistema), os líderes eram personificações genuínas de capital apenas na sua capacidade coletiva. (MÉSZÁROS, 2002, p.781)

Guiado pelo seu imperativo, o capital é capaz de redefinir constantemente as suas personificações e seus limites relativos, segundo as mudanças das circunstâncias históricas, com a finalidade de efetivar sua razão de ser. (MÉSZÁROS, 2002, p.102).

É dessa forma que o capital vai ultrapassando os obstáculos com os quais, historicamente, se depara, "adotando até as formas de controle mais surpreendentes e intrigantes – aparentemente em discordância com seu caráter e funcionalmente 'híbridas'– se as condições o exigirem". (MÉSZÁROS, 2002, p.103).

Mas há outro elemento: o processo através do qual o capital supera as amarras da autossuficiência, teve como resultado um aumento na produtividade nunca antes existente na história, porém, surge outra consequência: a perda de controle sobre o

[62] Grifos do autor.

sistema social em seu conjunto, uma perda que, segundo o nosso autor, permaneceu oculta por muito tempo durante o processo histórico de desenvolvimento do capital, graças à capacidade de deslocamento das contradições particularmente na etapa da sua expansão.[63]

O próprio imperativo da expansão dirigida para a acumulação é uma das expressões dessa perda de controle, visto que ela desloca os problemas próprios das contradições internas do sistema que, ao mesmo tempo, vão aumentando conforme o capital se expande globalmente. A expansão, então, desloca as contradições estruturais do sistema, daí que a forma de o capital se reproduzir é, necessariamente, expansiva. Mas os novos problemas e contradições cada vez maiores que surgem vão definindo o tamanho correspondente da "expansão deslocadora" e com ela apresenta o "espectro da incontrolabilidade total na ausência do gigantesco deslocamento expansionista necessário". (MÉSZÁROS, 2002, p.104).

Assim, mesmo que a perda das amarras da autossuficiência tenha trazido um aumento da produtividade para o sistema do capital e também um novo tipo de "microcosmos", com grande mobilidade e dinamismo, o preço que o sistema tem que pagar por esse aumento na produtividade, implica a perda de controle sobre o conjunto do sistema reprodutivo social. (MÉSZÁROS, 2002, p.104,107).

O imperativo da expansão, observado no processo histórico de desenvolvimento do sistema do capital, é uma manifestação contraditória dessa perda de controle, a qual não pode ser remediada de forma sustentável, "pela total separação entre produção e controle nem pela imposição de um agente separado (...) sobre o agente social da produção: o trabalho", porque o sucesso do controle das unidades particulares de produção (que pode ser exercido tanto pelo empresário privado, quanto pelo burocrata do Partido na União Soviética, por exemplo) não é suficiente para garantir a viabilidade global do sistema do capital.

---

[63] Porém com a chegada da crise estrutural, já não é mais possível ocultar a progressiva perda de controle. (MÉSZÁROS, 2002, p.104). Para uma análise minuciosa sobre a crise estrutural, ver especialmente o capítulo 5 do *Para Além do capital- rumo a uma teoria da transição*.

E, por isso, se faz necessário tentar remediar os defeitos estruturais de controle através de outras formas. (MÉSZÁROS, 2002, p.105).

Esses defeitos estruturais de controle do sistema do capital podem ser observados "no fato de serem os novos microcosmos que o compõem internamente fragmentados de muitas formas". Em primeiro lugar, na oposição entre produção e controle, os quais, segundo Mészáros, estão "radicalmente isolados entre si e radicalmente opostos". (MÉSZÁROS, 2002, p.105).

Em segundo lugar, na separação entre produção e consumo, os quais adquirem uma existência separada altamente problemática, o que faz com que o "'excesso de consumo' mais absurdamente manipulado e desperdiçador (...) encontre seu corolário macabro na mais desumana negação das necessidades elementares de incontáveis milhões de pessoas". (MÉSZÁROS, 2002, p.105).

Em terceiro lugar, eles se observam na contradição entre a produção e a circulação. Segundo Mészáros,

> os novos microcosmos do sistema do capital combinam-se em alguma espécie de conjunto administrável, de maneira que o capital social total seja *capaz* de penetrar – porque *tem* de penetrar – no domínio da *circulação global* (ou, para ser mais preciso, de modo que seja capaz de criar *a circulação como empreendimento global* de suas próprias unidades *internamente fragmentadas*), na tentativa de superar a contradição entre *produção e circulação*. (MÉSZÁROS, 2002, p.105).

Nessas três situações, o "defeito estrutural de controle está localizado na ausência de unidade" e, devido ao fato, de que as três são estruturas vitais do sistema, "os antagonismos que emanam dessas estruturas são necessariamente reproduzidos sob todas as circunstâncias históricas que cobrem a era do capital" seja na forma capitalista, ou na pós-capitalista observada na União Soviética, por exemplo. (MÉSZÁROS, 2002, p.105-106).

Para a sua contínua reprodução, o sistema deve tentar remediar os defeitos estruturais de controle, porém todas as alternativas corretivas só têm caráter exclusivamente temporário, em virtude de os defeitos de controle se constituírem como estruturas vitais para o sistema do capital.

É assim que, segundo o nosso autor, pela formação do Estado se realiza uma ação corretiva desses defeitos, no momento em que ele se erige como a estrutura totalizadora de comando político, fundamental para a viabilidade limitada do modo de controle sociometabólico do capital. (MÉSZÁROS, 2002, p.106).

Segundo Mészáros,

> em sua modalidade histórica específica, o Estado moderno passa a existir, acima de tudo, para poder exercer o controle abrangente sobre as forças centrífugas insubmissas que emanam de unidades produtivas isoladas do capital, um sistema reprodutivo social antagonicamente estruturado. (MÉSZÁROS, 2002, p.107).

É assim, então, que o Estado moderno se configura como uma estrutura de comando político do capital, como sistema de controle do sociometabolismo, que se vincula ao caráter mais estrutural e à própria natureza do sistema.

2. O imperativo da expansão do capital e o Estado moderno

Temos falado, até aqui, do imperativo estrutural do sistema do capital e das suas determinações mais profundas, analisaremos agora a relação histórica entre o capital e o Estado moderno, porque, ao nosso ver, o caráter e a natureza dessa relação permite explicar o fato do Estado, na experiência soviética, não fenecer, o que mostra a permanência da **relação-capital**, na qual o próprio Estado geriu funções fundamentais no controle da produção.

No desenvolvimento histórico do sistema do capital, o Estado se constitui "na estrutura corretiva compatível com os parâmetros estruturais do capital como modo de controle sociometabólico". Essa estrutura desenvolve a função de retificar essa falta de unidade nos três aspectos estruturais do sistema já mencionados (produção/controle, produção/circulação produção/consumo), mas só o faz na medida em que, como ação corretiva, possa se ajustar dentro dos limites do próprio sistema. (MÉSZÁROS, 2002, p.107).

É importante acentuar, em primeiro lugar, que o Estado moderno é, segundo Mészáros, a única estrutura corretiva compatível com o sistema do capital, mas isto não quer dizer que como estrutura de comando político, ela solucione completamente os defeitos estruturais que a falta de unidade provoca, pois o caráter estrutural desses defeitos faz com que seja impossível eliminá-los. Em segundo lugar, a ação corretiva do Estado moderno sempre é realizada dentro dos limites do capital, como sistema de controle sociometabólico. O estado moderno, como "a única estrutura corretiva compatível com os parâmetros estruturais

do capital", tem a função de retificar, até onde os limites do capital o permitem, a falta de unidade nos três aspectos mencionados anteriormente. (MÉSZÁROS, 2002, p.107).

Assim, por exemplo, no que tange o primeiro aspecto (produção - controle) e a ação remedial do Estado, o autor afirma que;

> a unidade ausente é, por assim dizer, "contrabandeada" como cortesia do Estado, que protege legalmente a relação de forças estabelecida. Graças a esta salvaguarda, as diversas "personificações do capital" conseguem dominar (com eficácia implacável) a força de trabalho da sociedade, impondo-lhe ao mesmo tempo a ilusão de um relacionamento entre iguais. (MÉSZÁROS, 2002, p.107).

Em relação ao segundo aspecto (produção - consumo), podemos ver, como exemplo, que o Estado assume uma função crescente de "comprador/consumidor direto", na qual ele deve satisfazer algumas necessidades reais do "conjunto social", como educação e saúde, e também alguns "apetites em sua maioria artificiais" tais como o complexo militar-industrial, "imensamente perdulário" que só beneficia o próprio capital. (MÉSZÁROS, 2002, p.110).

Sobre o terceiro aspecto, Mészáros menciona como exemplo, que as funções do Estado na esfera do consumo, têm a ver com as ações que se desenvolvem no plano da relação contraditória entre os Estados nacionais como estrutura corretiva de comando político e o próprio capital, que como modo de controle sociometabólico, não pode se confinar a tais limites nacionais, dado seu imperativo da "circulação global". Nessa situação, a forma, na qual o Estado tenta

> resolver essa contradição é com a instituição de um sistema de "duplo padrão": em casa (ou seja, nos países "metropolitanos" ou "centrais" do sistema do capital global), um padrão de vida bem mais elevado para a classe trabalhadora – associado à democracia liberal – e, na "periferia subdesenvolvida", um governo maximizador da exploração. (MÉSZÁROS, 2002, p.111).

É com essas ações, dentre outras, que o Estado moderno desenvolve a ação corretiva na forma de uma estrutura de comando político totalizadora do capital. Tal ação revela o caráter do Estado moderno (qualquer que seja a forma histórica na qual o Estado se apresente: por exemplo, parlamentarista, bonapartista, estado soviético, etc.) e da sua relação com o capital como sistema de controle sociometabólico. (MÉSZÁROS, 2002, p.106).

Ainda há um elemento que determina essa relação. Dado o caráter centrífugo (sempre em competição) das unidades socioeconômicas que constituem o sistema do capital, se fossem tomadas por separado, elas seriam incapazes de estabelecer uma coordenação e uma totalização espontânea, e se lhes fosse permitido continuar o seu percurso dissociador, terminariam sendo o contrário de qualquer sistema com unidades coordenadas, devido à natureza centrífuga que as caracteriza. Assim,

> paradoxalmente, é esta completa "ausência" ou "falta"de coesão básica dos microcosmos socioeconômicos constitutivos do capital – devida, acima de tudo, à separação entre o valor de uso e a necessidade humana espontaneamente manifesta – que faz existir a dimensão política do controle sociometabólico do capital na forma do Estado moderno. (MÉSZÁROS, 2002, p.123).[64]

A articulação do Estado com os imperativos metabólicos do capital, significa a transformação das forças centrífugas dissociadoras em um sistema de unidades produtivas que não tem freio, pelo fato de que a própria estrutura de comando está organizada de forma a maximizar a potencialidade dinâmica desses microcosmos reprodutivos materiais independente de suas consequências. (MÉSZÁROS, 2002, p.123).

O Estado moderno se configura, então, como uma estrutura de comando político num âmbito separado das funções reprodutivas materiais. Segundo o autor,

> é característica singular do sistema do capital que, na sua normalidade, as funções materiais reprodutivas sejam executadas num compartimento separado, sob uma estrutura de comando substancialmente diferente da ampla estrutura de comando político do capital corporificada no Estado moderno. (MÉSZÁROS, 2002, p.849).

Apesar dessa separação, para poder exercer o seu controle, é preciso que o capital se complemente com o seu próprio modo de controle político, o que "significa que a estrutura material de

---

[64] Isso é assim, porque no sistema do capital, "o valor de uso do produto aparece como veículo de seu valor de troca". Deve-se lembrar que, em sociedades anteriores, mesmo com a existência da troca, essa separação não era determinante nas relações sociais; com o capitalismo não só é fundamental essa separação, mas o valor de uso se transforma no veículo para o valor de troca e a produção se transforma em produção de mercadorias, o capital se transforma no fundamento da produção. (MARX apud MÉSZÁROS, 2002, p.203).

comando do capital, não pode afirmar-se sem a estrutura de comando político global do sistema". (MÉSZÁROS, 2002, p.848).

O Estado contribui para colocar sob controle as forças centrífugas das unidades produtivas individuais que, por si só, são incapazes de estabelecer uma coordenação espontânea, com isto, o Estado passa a existir por causa da falta de coesão dos microcosmos que constituem o capital como sistema. (MÉSZÁROS, 2002, p.123,848).

Então, o sistema do capital desenvolveu-se "a partir de constituintes irrefreáveis, mas longe de autossuficientes"; os defeitos estruturais de controle que surgiram desta condição estrutural precisaram de estruturas de controle que fossem capazes de complementar os constituintes reprodutivos materiais de acordo com a necessidade totalizadora e a dinâmica de expansão do sistema do capital. (MÉSZÁROS, 2002, p.118).

Segundo Mészáros, foi desta forma que;

> se criou o Estado moderno como estrutura de comando político de grande alcance do capital, tornando-se parte da "base material" do sistema tanto quanto as próprias unidades reprodutivas socioeconômicas. (MÉSZÁROS, 2002, p.118).

É por isso que, segundo o autor, o Estado moderno é uma exigência absoluta para salvaguardar a produtividade do sistema do capital que, enquanto tal, chegou à predominância no âmbito da produção material "paralelamente ao desenvolvimento das práticas políticas totalizadoras que dão forma ao Estado moderno" (MÉSZÁROS, 2002, p.106).

Isto é fundamental para compreendermos a natureza do Estado moderno. Nesse sentido, é possível dizer que a base socioeconômica do capital e as suas formações de Estado não podem ser entendidas de forma separada, mas, ao mesmo tempo, não existe uma relação de determinação unidirecional do Estado moderno por uma base material independente. Na verdade, o que acontece é que;

> o Estado moderno altamente burocratizado, com toda a complexidade do seu maquinário legal e político, surge da absoluta necessidade material da ordem sociometabólica do capital e depois, por sua vez – na forma de uma reciprocidade dialética – torna-se uma precondição essencial para a subsequente articulação de todo o conjunto. (MÉSZÁROS, 2002, p.108).

Porque, sem uma estrutura de comando totalizadora, as unidades individuais do capital não se constituiriam num sistema, mas num "agregado mais ou menos acidental e insustentável de entidades econômicas". Daí que sem o Estado moderno,

> o modo espontâneo de controle metabólico do capital não pode se transformar num sistema dotado de microcosmos socioeconômicos claramente identificáveis – produtores e extratores dinâmicos do trabalho excedente, devidamente integrados e sustentáveis. (MÉSZÁROS, 2002, p.123).

É por isso que Mészáros afirma que há uma reciprocidade dialética entre o capital e o Estado moderno, como sua estrutura de comando político. Para o autor, dado o seu papel constitutivo e permanentemente sustentador, o Estado "deve ser entendido como parte integrante da própria base material do capital". O Estado não só contribui para formar e consolidar todas as grandes estruturas produtivas da sociedade, mas para o seu funcionamento permanente. (MÉSZÁROS, 2002, p.125).

O Estado moderno pertence à materialidade do sistema do capital, e é ele que corporifica a dimensão coesiva que é necessária para o seu imperativo estrutural, sendo essa uma característica de todas as formas de Estado conhecidas da ordem sociometabólica do capital.

Mas, ao mesmo tempo, é uma característica do sistema do capital, que a estrutura de comando político corporificada no Estado seja diferente da estrutura de comando sob a qual se desenvolvem as funções materiais reprodutivas, e as duas são "substancialmente diferentes". (MÉSZÁROS, 2002, p.849).

É preciso esclarecer que não deve se confundir o Estado (a estrutura de comando político) com a estrutura de **comando do sistema do capital**, porque como "modo de controle sociometabólico historicamente específico", o capital tem que ter uma estrutura de comando em todas as suas esferas e níveis, porque não admite nada que esteja acima dele mesmo, por isso "o capital é seu próprio sistema de comando, de que é parte integrante a dimensão política, ainda que de modo algum parte subordinada". (MÉSZÁROS, 2002, p.124).

É essa compressão sobre o Estado moderno que permite a Mészáros afirmar que, sob o sistema do capital, há uma necessária interligação entre as três dimensões: Estado, capital e trabalho. Elas

mantêm uma relação de autossustentação recíproca, o que faz com que a necessidade de superar uma delas, implique a necessidade de superar as três dimensões conjuntamente, porque elas só podem ser suprimidas de forma simultânea (MÉSZÁROS, 2002, p.599).

Segundo o autor, é por essa razão que

> nem o capital, nem o trabalho, nem sequer o Estado podem ser simplesmente abolidos, mesmo pela mais radical intervenção jurídica. Não é, portanto, de modo algum acidental que a experiência histórica tenha produzido abundantes exemplos de fortalecimento do Estado pós-revolucionário, sem dar sequer o menor passo na direção de seu "fenecimento". (MÉSZÁROS, 2002, p.600).

E dado que as três dimensões do sistema do capital (capital, Estado e trabalho) "são materialmente constituídos e ligados um ao outro, e não simplesmente em uma base legal/política", nenhuma delas pode ser abolida, nem mesmo pela intervenção jurídica mais radical, o que de fato expressa o que aconteceu na experiência soviética. E enquanto uma dessas três dimensões existir, o trabalho vai continuar atado à substancia do capital, ou seja, "à sua existência material como a determinação estrutural vigente do processo de trabalho". (MÉSZÁROS, 2002, p.849).

3. O Estado e a extração política de trabalho excedente na experiência soviética

Como já mencionado, o processo histórico que leva até a completa subordinação da produção sob o poder do capital é caracterizado por várias determinações que o levaram a se consolidar como um sistema de controle do sociometabolismo.

É o imperativo estrutural, vinculado à natureza mais profunda do capital, o que o torna um modo de controle "global/universalista que não pode ser historicamente superado exceto por uma alternativa sociometabólica igualmente abrangente". O capital pode desenvolver as formas mais diversas de controle e a experiência soviética nos mostra o quanto elas podem variar. (MÉSZÁROS, 2002, p.599).

É por isso que é necessário entender as leis funcionais que emanam da natureza mais profunda do capital e que permitem que ela se expresse tanto nas formas menos desenvolvidas (capital

usurário, por exemplo), quanto na mais desenvolvida (capitalismo). Isto é importante porque, apesar das suas formas adotadas historicamente, a natureza do capital se mantém inalterável trans-historicamente. (MÉSZÁROS, 2002, p.185).

A diferenciação entre capital e capitalismo[65] é a base sobre a qual o nosso autor estabelece os elementos necessários para afirmar que o capital poderia continuar a sua existência nas chamadas sociedades pós-capitalistas. Para ele, o estudo das determinações históricas do capital, assim como o seu desenvolvimento, permite afirmar que a existência do capital não se restringe ao capitalismo, porque da mesma forma que é possível achar alguns de seus elementos em fases anteriores, há indícios que permitem concluir que é possível encontrá-lo também em formações sociais diferentes da capitalista.

Isto significa que se pensarmos nas sociedades pós-revolucionárias, o domínio do capital, que se funda na divisão hierárquica do trabalho, prevalece durante uma parte da transição, mas para que ela tenha êxito, o domínio do capital deveria "exibir características de uma tendência decrescente". (MÉSZÁROS, 2002, p.1029).

Isto é fundamental para entendermos o significado da experiência soviética, porque o que a história registra é que, longe de existir uma tendência decrescente, no sistema soviético permaneceu essa divisão hierárquica do trabalho, porque a "extração política direta do trabalho excedente" foi desenvolvida pelas "personificações do capital pós-capitalistas que tentaram se legitimar como a corporificação dos 'verdadeiros interesses' da classe operária". (MÉSZÁROS, 2002, p.22).

E o Estado, como estrutura política, foi fundamental para esses desenvolvimentos, porque, na experiência soviética, permaneceu a exploração dos trabalhadores "debaixo de uma grande divisão

[65] Segundo Mészáros, o capital "ocupa-se, além do modo de funcionamento da sociedade capitalista, das condições de origem e desenvolvimento da produção do capital, incluindo as fases em que a produção de mercadorias não é abrangente e dominante como no capitalismo" e capitalismo esta "limitado a um período histórico" no qual o capital se transformou no fundamento da produção. (MÉSZÁROS, 2002, p.1029).

hierárquica do trabalho que operava uma extração politicamente reforçada do trabalho excedente". (MÉSZÁROS, 2002, p.50).

Ao invés de ser superada, de forma permanente, a extração de trabalho excedente, na experiência soviética, subsistiu, desenvolvida, através da estrutura do Estado. Segundo o autor,

> os acontecimentos pós-revolucionários, consolidados sob Stalin, seguiram a linha da menor resistência em relação às estruturas socioeconômicas herdadas, permanecendo assim presas dentro dos limites do sistema do capital. Continuaram a explorar e a oprimir os trabalhadores debaixo de uma grande divisão hierárquica do trabalho que operava uma extração politicamente reforçada do trabalho excedente à maior taxa possível. (MÉSZÁROS, 2002, p.50).

Nesse sentido, é possível obsevar que a variedade das personificações do capital não se limita à "variedade capitalista privada", porque enquanto o capital mantiver seu poder regulador sobre o sociometabolismo, encontrará uma personificação adequada às circunstâncias históricas dadas. (MÉSZÁROS, 2002, p.718-719).

Mas deve ser lembrado que, no caso particular da experiência soviética, não foi a burocracia que produziu o sistema do capital pós-capitalista, mesmo ela estando no comando da divisão hierárquica do trabalho, pelo contrário,

> a forma de capital pós-capitalista herdada e reconstituída faz emergir sua própria personificação na forma do burocrata como o equivalente pós-capitalista do antigo sistema do capital. (MÉSZÁROS, 2002, p.720).

Na experiência soviética, houve, portanto, uma extração do trabalho excedente imposta politicamente e que teve a sua própria personificação do capital: o "partido líder e os funcionários do Estado", (MÉSZÁROS, 2002, p.507).

Dessa forma, o desenvolvimento econômico de tipo soviético obteve altos níveis de acumulação de capital, por várias décadas, sem ter "qualquer semelhança com a necessidade da orientação para o lucro característica do sistema capitalista". (MÉSZÁROS, 2002, p.39, 906).

No sistema soviético,

> o trabalhador permaneceu subsumido às condições objetivas do trabalho, ao controle autoritário do Estado gerido pelas personificações pós-capitalistas do capital. (Mészáros, 2002, p.856).

O Partido, enquanto estrutura de comando desse "novo gênero de controle sociometabólico", permaneceu como regulador da extração política do trabalho excedente. O Estado foi reforçado e "centralizado na forma Partido-Estado, em vez de dar início ao próprio 'encolhimento". (MÉSZÁROS, 2002, p.81).

Na União Soviética, o fortalecimento do Estado pós-revolucionário ocorreu "sobre e contra a força de trabalho", com a finalidade de extrair, de forma politicamente regulada, o trabalho excedente. Assim, esse fortalecimento do Estado só podia ser cada vez maior, se transformando, então, numa "perversa necessidade estrutural, e não numa 'degeneração burocrática' facilmente corrigível a ser retificada no plano político graças a uma nova 'revolução política"'. (MÉSZÁROS, 2002, p.601).

Nesse sentido, é possível constatar que os "privilégios burocráticos", não são somente um problema do pessoal envolvido, mas, e especialmente, "da conservação pelo Estado de funções objetivamente 'privilegiadas' – isto é, estrategicamente vitais – no metabolismo social geral." (MÉSZÁROS, 2004, p.355).

Não é por acaso que o sistema de capital pós-capitalista de tipo soviético não tenha conseguido avançar firmemente em direção ao "encolhimento" do Estado, porque, segundo Mészáros, o Estado moderno (altamente poderoso e totalizador) se ergue sobre a base do metabolismo socioeconômico e o complementa de forma indispensável em aspectos que são essenciais. (MÉSZÁROS, 2002, p.98).

O Estado pós-revolucionário não liberou as forças para a tomada de decisões autônomas aos produtores, a partir das quais, na devida hora, o próprio Estado poderia "fenecer", pelo contrário, ele impôs o "sistema do capital pós-capitalista de extração do trabalho excedente" (MÉSZÁROS, 2002, p.514).

Portanto, ao invés da transferência do controle efetivo das unidades de produção do capital para os produtores, o Estado, na experiência soviética, não liberou esse controle, mas se fortaleceu. Assim, não houve uma socialização genuína do processo de produção (aquela "que se opõe à administração hierárquica através da estatização e da nacionalização") em suas características essenciais. (MÉSZÁROS, 2002, p. 1046).

Neste cenário, contrário à existência de um processo de fenecimento, o Estado pós-revolucionário foi se fortalecendo e,

com isso, fortalecendo também o poder político por cima e contra o corpo social, o Estado, então, "assumiu o controle de todas as facetas da vida social." (MÉSZÁROS, 2002, p.561).

A experiência soviética mostrou, assim, que,

> o "Estado dos trabalhadores" não pode jamais abolir a divisão social tradicional do trabalho, exceto no que diz respeito diretamente à propriedade dos meios de produção. (Mészáros, 2002, p.1059).

Porque a divisão hierárquica do sistema do capital não pode ser simplesmente abolida. A superação da fragmentação do trabalho, própria do sistema do capital, além do ato político, precisa do traslado progressivo do poder de controle da produção para os próprios produtores e, junto com isto, do fenecimento do Estado.

Segundo Mészáros, a experiência na União Soviética mostrou um processo contrário ao fenecimento do Estado e, além disso, evidenciou que, para a superação do capital, não é suficiente a remoção das "personificações capitalistas privadas", porque naquela experiência, o processo de reprodução do capital foi controlado pelas suas personificações pós-capitalistas. (MÉSZÁROS, 2002, p.29).

Assim, na União Soviética, o novo tipo de personificação do capital, "os burocratas do partido do sistema pós-capitalista do capital" (os funcionários do Estado), foram os responsáveis de impor, aos trabalhadores, os imperativos do capital; com isto, o "controle da reprodução sociometabólica era deixado nas mãos do partido e do Estado". (MÉSZÁROS, 2002, p.206,507-508).

Desta forma, o fato do Estado nas sociedades pós-capitalistas ter se fortalecido em vez de fenecer paulatinamente, "não é uma causa autossustentável, mas uma causa inseparável da dependência estrutural do trabalho em relação ao capital". (MÉSZÁROS, 2002, p.602).

Assim, as relações herdadas pelas sociedades pós-revolucionárias e a continuidade da exploração dos trabalhadores deu-se através da divisão hierárquica do trabalho que operava com a extração política do trabalho, agora personificado nos funcionários do Estado de tipo soviético.

Considerações Finais

Para finalizar, é importante reafirmar alguns elementos anteriormente tratados. Um deles é o fato de que, no "sistema estatal soviético, administrado contra o povo pela burocracia stalinista em nome do socialismo da forma mais autoritária", o poder da tomada de decisões sobre a produção, continuou a estar separado dos produtores. (MÉSZÁROS, 2002, p.828).

No sistema soviético, o trabalhador continuou subsumido às condições objetivas do trabalho "ao controle autoritário do Estado gerido pelas personificações pós-capitalistas do capital." (MÉSZÁROS, 2002, p.856).

Ao invés de ativar o poder de decisão dos produtores, o sistema soviético, aprofundou a separação entre "as funções do Estado" e a força de trabalho sob seu controle. (MÉSZÁROS, 2002, p.850).

Enquanto a divisão hierárquica do trabalho permanecer separando as funções de controle, e a produção propriamente dita, o capital continuará exercendo o seu domínio sobre o sociometabolismo. Não é suficiente, então, a eliminação das personificações do capital nas suas formas capitalistas, pois a história mostrou que é possível encontrar outras formas de objetivar a separação das atividades substantivas da reprodução social.

Nesse sentido, também não é possível que as determinações mais profundas do sistema do capital possam ser superadas através de ações políticas orientadas para a "expropriação dos expropriadores" pela via de decretos que deixam intatos, o capital e seu imperativo da expansão.

Nem o capital, nem o Estado, nem o trabalho, podem, portanto ser simplesmente abolidos nem "pela mais radical intervenção jurídica". Segundo Mészáros, a história mostra várias experiências nas quais houve fortalecimento do Estado pós-revolucionário e, portanto, essas experiências não deram passos orientados para o seu fenecimento. Visto que, independente das personificações através das quais ele desenvolva o seu imperativo, a "substância" do capital permanece enquanto o sistema conseguir exercer com sucesso, as suas "funções controladoras do trabalho historicamente alienadas". (MÉSZÁROS, 2002, p.600).

Finalmente, é importante mencionar a questão do fenecimento do Estado, o que nas palavras de Mészáros é "uma causa inseparável da dependência estrutural do trabalho em relação ao capital". (MÉSZÁROS, 2002, p.602).

Segundo o autor, o fenecimento do Estado implica não só o fenecimento do capital, mas a "autotranscendência do trabalho" da condição de subordinação aos imperativos materiais do capital. (MÉSZÁROS, 2002, p.602).

O que, por sua vez, é possível somente se as funções de controle do sociometabolismo forem apropriadas de forma progressiva pelos produtores livremente associados. (Mészáros, 2002, p.602).

O capital, o trabalho e o Estado, enquanto dimensões fundamentais do sistema, estão "*materialmente* constituídos e ligados um ao outro, e não simplesmente em uma base legal/política".[66] É por isto que a superação de um exige, necessariamente, a superação dos três. (MÉSZÁROS, 2002, p.600).

A experiência soviética mostrou que conquistar o poder do Estado não significar controlar o sociometabolismo. O que significa que a dependência estrutural do trabalho em relação ao capital, apenas poderá ser alterada com uma alternativa socialista viável, que desafie o próprio capital e, com isto, modifique radicalmente a totalidade do processo reprodutivo, porque, enquanto as funções de controle vitais do sociometabolismo não forem exercidas pelos produtores associados e, ao invés disso, forem deixadas sob o controle de alguns dos possíveis tipos de personificações do capital, o trabalho continuará a reproduzir o poder de capital contra si mesmo. (MÉSZÁROS, 2002, p.600-601).

[66] Grifos do autor.

Referências Bibliográficas

MÉSZÁROS, I. **Para Além do Capital – rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. **O poder a Ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, K. **O capital. Critica da Economia Política**. Livro 1, tomo I. São Paulo: Editora Nova cultura, 1996.

BUROCRACIA E ESTADO DO CAPITAL PÓS-CAPITALISTA

Introdução

A questão da burocracia e do Estado moderno extrapola a forma capitalista e vai além desta, pois exibe conteúdos ainda mais inquisidores na forma soviética que o Estado pós-revolucionário adotou a partir da revolução socialista de 1917.

A Revolução de Outubro na Rússia, em 1917, colocou, pela primeira vez, em xeque a perenidade do capitalismo mundial e a naturalização das relações humanas subordinadas à reprodução histórico-social fundada na relação-capital, tão propaladas por seus mais renomados ideólogos. O modo como a sociedade capitalista vinha organizando a relação homem-natureza, visando a produção das condições materiais de existência social, na qual a enorme maioria dos seres humanos se via subordinada à relação assalariada (único meio de garantir sua sobrevivência), mostrava então - início do século XX - a incapacidade de se conciliar os interesses capitalistas, à época em guerra pela divisão da acumulação mundial do capital, e a insuficiência do progresso capitalista em contemplar com seus benefícios materiais a ampla massa de trabalhadores do mundo.

Na Rússia, um país ainda em fase incipiente de desenvolvimento capitalista, sob o comando político do czarismo e inserido de forma subordinada nos interesses capitalistas dos países da Europa Ocidental, tais contradições, que cobravam um alto preço da classe produtora (camponeses e operários), favoreceram a constituição de uma revolta generalizada contra o atraso pré-capitalista e o despotismo político da velha monarquia imperial russa.

A revolução que resultou na derrubada do Estado czarista, e na instauração do poder político com base no proletariado, teve de enfrentar o desafio de, na ausência da esperada revolução mundial, sustentar a consolidação da primeira experiência revolucionária com finalidades socialistas, no século XX, de forma isolada; além de contar com condições internas marcadas pela imaturidade das relações capitalistas, as quais determinavam, nas relações externas, a inserção subordinada da Rússia, sob a predominância dos países capitalistas avançados, no cenário mundial.

Ainda hoje, há quase 100 anos desses tempos revolucionários, não se chegou a uma avaliação crítica profunda o suficiente para se explicar as diversas fases pelas quais passou a Revolução Russa: da explosão genuína da revolta dos trabalhadores em 1917 à era da consolidação burocrática stalinista, e da eliminação de toda oposição ao projeto de "socialismo em um só país", bem como ao fracasso da democratização política, com o retorno das relações capitalistas sob "controle" do Estado Soviético, anunciado pela Perestroika e pela Glasnost, nos anos 80.

O que se pode observar ainda hoje é a confusa relação entre o respeito e o reconhecimento do enorme valor histórico que a Revolução de 1917, inegavelmente, contém para a luta pela emancipação dos trabalhadores, na mesma senda anteriormente traçada pela Comuna de Paris, e a necessidade, na melhor tradição marxista, do exercício da crítica e da autocrítica da história da luta de classes. A Revolução Russa ocupa, hoje, um lugar quase mitológico para os "revolucionários" no mundo, pois vemos quão incapazes foram de realizar um aprofundamento crítico do conjunto articulado de elementos objetivos e subjetivos que colaboraram para o fracasso da construção de uma alternativa socialista ao capitalismo, naquele começo do século XX.

O retorno desastroso, para os trabalhadores, ao capitalismo, e o destroçamento da "unidade" das repúblicas soviéticas sob o comando da Rússia, que observamos a partir do final dos anos 80 do século XX, foram recebidos com enorme espanto por aqueles que sempre defenderam a União Soviética como representante do socialismo no mundo, que resistiram (e justificavam), diante das inúmeras e crescentes contradições, em ver que ali não se avançava para a emancipação dos trabalhadores, mas se aprofundava a "acumulação socialista" com a exploração política dos trabalhadores, sob o despotismo político do Estado soviético.

É comum se apontar como as razões que explicam a evolução regressiva das conquistas revolucionárias iniciais e o fracasso da revolução socialista (com o retorno do capitalismo): as traições de seus líderes, a burocratização do Estado soviético e o cerco dos países capitalistas avançados. Deixa-se de se considerar o peso determinante das condições sociais e econômicas existentes na Rússia e dos novos caminhos abertos, à época, para a expansão capitalista mundial, em níveis nem sequer imaginados no início do século XX, inviabilizando as condições objetivas e subjetivas para uma revolução proletária mundial.

Nada mais oportuno que no século XXI, com a aproximação dos 100 anos da Revolução Russa de Outubro de 1917 e a mudança qualitativa que a crise estrutural do capital tem provocado nos confrontos de classes, que nos voltemos ao exame crítico, sem censura autojustificadora, de uma perspectiva revolucionária ainda por se realizar, mas que não pode prescindir das lições possíveis de ser extraídas das revoluções dos trabalhadores no passado.

Com a crise estrutural coloca-se em um novo patamar o confronto entre projetos sociais alternativos, entre a minoria que insiste em manter a ordem do capital e sua reprodução alienada e destrutiva dos homens e da natureza, e a massa de trabalhadores que começa a perceber que o trabalho assalariado, como sustentação da reprodução social sob o domínio do capital, está inviabilizando, progressivamente, a possibilidade de sua existência social. A questão de uma alternativa revolucionária volta a se colocar na agenda histórica, desta feita como uma necessidade histórica à tendencial incapacidade do capital de resolver suas próprias contradições, tornando-se uma trava às possibilidades do

desenvolvimento das forças produtivas e ao atendimento das necessidades sociais, ameaçando, com uma tendência de destruição crescente, a fonte e a realização de sua própria riqueza: a natureza e os homens.

Movido por estas preocupações, o filósofo húngaro István Mészáros, desde sua experiência pessoal na revolta húngara de 1956, contra a opressão soviética, iniciou uma investigação crítico-teórica sobre a transição ao socialismo no século XX, enfrentando as diversas questões filosóficas, políticas, econômicas e sociais necessárias à compreensão dos problemas que a experiência soviética legou aos revolucionários do presente e do futuro. A afirmação vigente de que "todos os aspectos da alienação haviam sido irreversivelmente superados com sucesso", tanto no Oriente como no Ocidente, depois do levante de 1956, na Hungria, com a "sangrenta repressão" do Exército Vermelho "(aplaudida, para sua vergonha indelével, pelos partidos comunistas do Ocidente)", levou-o a reconhecer com clareza que "não apenas o proclamado fim da alienação no Leste era um conto de fadas, mas também que o sistema soviético existente absolutamente nada tinha em comum com o socialismo"(MÉSZÁROS, 2002, p. 44).

Afirmando a validade atual do projeto socialista original e a necessidade de esse ser "complementado pelas evidências das circunstâncias históricas alteradas", ao mesmo tempo, Mészáros alertava, a partir do que havia vivido e visto naqueles eventos húngaros,

> que só se poderia permanecer socialista apesar e não por causa da União Soviética, ao contrário da maneira como muita gente no Ocidente tentou preservar suas convicções esquerdistas por delegação, abstraindo as condições de seus próprios países e ao mesmo tempo ficcionalizando a realidade de seu proclamado modelo. (MÉSZÁROS, 2002, p. 44).

Essa foi a motivação inicial para que, depois de anos de estudos e investigação histórico-teóricos, ele viesse concluir sua maior obra, o*Para Além do Capital – rumo a uma teoria da transição*, publicada originalmente em 1995, na Inglaterra. Nessa obra, Mészáros desenvolve o que já vinha anunciando, desde os anos 1970, como problemático no "socialismo" soviético: a permanência da alienação e a forma "inovadora" de reprodução do capital, com base na exploração material do trabalho por mediações políticas. Preocupações anteriormente explicitadas no *Marx e a Teoria da*

Alienação ("escrito entre 1959-1969 e publicado em 1970") e, em especial, na Parte IV- ensaios, no *Para Além do Capital*, escritos entre 1970 e 1990. Entre os ensaios mencionados podemos destacar "Poder Político e Dissidência nas Sociedades Pós-revolucionárias" e "Divisão de Trabalho e Estado Pós-capitalista", nos quais aparece a crítica contundente às bases materiais, ideológicas e políticas alienadas, mantidas a qualquer preço sobre os trabalhadores para a sustentação do Estado soviético.(MÉSZÁROS, 2002, p. 45).

Esses foram os mais importantes estudos de Mészáros a colocar sob exame crítico radical, sem restrições ideológicas e partidárias, o conjunto das concepções de revolução, de construção do socialismo e do comunismo, que alimentou a experiência soviética, sem colocar em questão a necessidade e a possibilidade históricas do socialismo nos termos antes elaborados por Marx e Engels.[67] Muitos, antes, realizaram críticas parciais, outros não suportaram as "revelações" das desumanidades e alienações reproduzidas pelo "socialismo" soviético, abandonando a causa emancipatória do trabalho; outros foram impedidos pelo caráter repressivo e autoritário do Estado soviético de avançar na compreensão dos problemas identificados, por colocarem em xeque a veracidade da propaganda interna e externa do regime soviético, usada como alimento da esperança revolucionária dos trabalhadores em todo o mundo.

A posição crítica adotada por Mészáros desde o levante popular na Hungria vai conduzir o seu interesse em abordar de forma mais abrangente e profunda as contradições de toda natureza vividas pela experiência soviética, da concepção de construção do "socialismo em um só país", alguns poucos anos depois da

[67] Mészáros não demonstra temor, ao atender à necessidade da crítica histórica e política radicais ao projeto soviético de socialismo, de que possa colocar em risco o projeto socialista em si. Considera que "a importância do projeto socialista é infinitamente maior do que a da antiga União Soviética. Ele foi concebido como um meio de superar o poder do capital muito tempo antes da existência da União Soviética e permanecerá conosco, numa forma adequada às circunstâncias históricas alteradas, muito tempo depois que o pesadelo stalinista estiver completamente esquecido. O desafio de ir 'para além do capital' por meio do estabelecimento de uma legítima ordem socialista diz respeito a toda a humanidade". (MÉSZÁROS, 2002, p. 45).

revolução de 1917, até seu período terminal no final dos anos 1980. Essa posição crítica possibilita-lhe inverter a ordem dos esquemas analíticos predominantes, em que os efeitos e as consequências ocupam a investigação crítica, sem que se revele a relação de causalidade, tanto objetiva (material e histórica, a produção e a distribuição da riqueza social), quanto no que se refere ao seu impacto subjetivo (a consciência de classe, o partido, o Estado, o genuíno controle operário) daqueles desenvolvimentos históricos.

Nosso propósito neste artigo é abordar o tema da burocracia e do Estado a partir da abordagem feita por Mészáros no *Para Além do Capital*, obra que sintetiza de maneira mais acabada sua crítica radical da Revolução de Outubro até o fim da sociedade soviética nos anos 1980, propondo-se a percorrer um caminho mais minucioso aos fundamentos e às raízes daquela experiência, na qual o Estado (e a burocracia do partido) assumiu papel tão proeminente e vital para a sustentação dos mais de 70 anos de "socialismo" soviético.

A simplificação com que o papel do Estado e da burocraciaé tratado nas críticas mais conhecidas, como o fator determinante, no sentido causal, do fracasso do socialismo na União Soviética é rejeitada vigorosamente por Mészáros. Em uma entrevista, de 2013, ao ser perguntado sobre o "engessamento dos partidos políticos" (comunistas) e sua relação com a burocratização, ele argumenta que a "burocratização em si não explica nada, por que precisamos dizer algo sobre a burocracia, por que burocratização? Qual a sua causa?". Na pergunta seguinte, ao mencionarem a importância dada por Trotsky à questão da burocratização, Mészáros reivindica o lugar em que este debate deve estar, pois, para ele, a primeira questão é determinar o que era aquele sistema social, qual relação social gerou entre produção e distribuição, entre trabalho e propriedade dos meios de produção, se havia sido superada toda forma de propriedade exclusivista, se a revolução e seus desenvolvimentos futuros foram capazes de superar o capital, ou criaram-se novas formas de relação-capital, portanto, modificando a forma de exploração e o controle sobre o trabalho, sem a eliminação da divisão social e hierárquica do trabalho.

Assim é que, segundo nosso autor, se pode verificar, depois de décadas de "socialismo" soviético, que superar o capitalismo não

significa superar o capital. Desafio não realizado pela experiência soviética, nem mesmo identificado como necessário por seus dirigentes ou analistas mais apaixonados. Os "partidos comunistas tradicionais", segundo resposta formulada por Mészáros na mesma entrevista, "não falavam em superação do capital, falavam em abolição do capitalismo. Capital era um conceito que não entrava em suas cabeças." Indica como exemplo o sistema soviético, no qual o capital "ficou dominando totalmente", ao permanecer a "dominação estrutural do trabalho, isso é, o capital". Por esta razão, qualifica o sistema soviético apenas como um sistema pós-capitalista, em outras palavras, um sistema em que foram abolidas as relações capitalistas, mas permaneceu o capital como a relação social predominante. (MÉSZÁROS, 2013, p. 21-22).

No mesmo contexto, ao retomar o tema da burocratização do Estado (extensível aos partidos comunistas), segundo Mészáros, devemos compreender que tal discussão não pode passar ao largo do que foi o sistema soviético em si, pois a burocratização tornou-se

> uma parte orgânica do sistema do capital. O capital não pode funcionar sem aparelho burocrático. Isso não quer dizer que ao caracterizarmos nossos fracassos encontraremos a palavra mágica 'burocratização', 'burocracia'. O que significa esse termo? Assim não significa nada, é necessário torná-lo tangível e bem definido. (MÉSZÁROS, 2013, p. 36).

Não há, para nosso autor, como seccionar o tema da burocratização do funcionamento e das relações estabelecidas entre capital, Estado e trabalho, o tripé que constitui as sociedades capitalistas e pós-capitalistas. O caso soviético é um exemplo histórico de enorme valor a se examinar, pois o aprofundamento em busca dos fundamentos e uma melhor identificação das razões de seu fracasso trazem enormes consequências para a futura realização da revolução e da emancipação do trabalho.

Dada a natureza e os limites de um artigo, faremos a seguir uma exposição introdutória da genuína, e sem dúvida desafiante, contribuição de Mészáros sobre essas questões.

1. O sistema do capital e suas personificações necessárias

O modo de produção capitalista só pôde se consolidar efetivamente, como sistema hegemônico de reprodução social, depois de três séculos de desenvolvimento da produção de mercadorias, instaurando as condições políticas e econômicas necessárias para que o valor que se autovaloriza, a transformação da mais-valia em capital, pudesse se expandir desimpedindo-se dos constrangimentos da economia natural e autossuficiente do antigo regime. Teve de suplantar as formas prematuras do capital comercial e usurário e alcançar sua enorme capacidade produtiva com a Revolução Industrial e a acumulação ampliada do capital– agora oriundo da produção, não mais nas formas anteriores obtidas na esfera da circulação de mercadorias. O valor de troca passa a dirigir a alocação dos meios de produção e da força de trabalho, subordinando a produção do valor de uso a seus objetivos de lucratividade.

Ainda que mercadorias, valor de troca e capital tenham existido, segundo Marx, muito antes do capitalismo, é apenas nele que estas relações assumem seu pleno desenvolvimento, mudando inclusive sua função na reprodução social. De atividades apenas marginais à reprodução da vida na Antiguidade e no Feudalismo, é no Capitalismo que o capital produtivo – produtor de valor– passa a interferir nas relações basilares do sociometabolismo entre o homem e a natureza. Ao submeter as próprias necessidades humanas e o valor de uso à lógica acumulativa do capital, ao separar os produtores dos seus meios de trabalho, ao alienar a propriedade de tradição feudal, passa a impor como condição de existência dos trabalhadores a venda de sua força de trabalho àqueles que, agora, possuem a condição de proprietários de capital e vivem da exploração do trabalho alheio.

Com a potência produtiva adquirida pelo trabalho industrial e o desenvolvimento alcançado das forças produtivas, esses novos proprietários dos meios de produção, os capitalistas, só podem se manter capitalistas enquanto forem capazes de preservar a relação-capital e a subordinação do trabalho assalariado, trabalho que põe capital, que produz capital. (MARX, 1983, p. 160-161). Capitalista, portanto, é definido como aquele que possui capital, condição de classe adquirida e mantida pela reprodução contínua e incessante do capital.

Capital, portanto, é uma relação social que transforma o trabalho objetivado, alienado, em capital, provocando uma inversão entre sujeito e objeto, pois é apenas trabalho acumulado e não existe sem o trabalhador. Ao subordinar o trabalho a seus objetivos acumulativos da mais-valia produzida pelo trabalho produtivo, o capital usurpa do sujeito real da produção o poder de decisão e substitui as necessidades humanas por seus "próprios ditames e imperativos materiais cegos" de autovalorização. Para isso tem de manter total controle sobre a reprodução social e exercer um comando absoluto sobre o trabalho, constituindo-se como um modo de completo controle sobre o intercâmbio sociometabólico do homem com natureza. (MÉSZÁROS, 2002, p. 432).

Tanto o capitalista como o trabalhador assalariado encontram-se submetidos aos ditames da autovalorização do capital, cujo único objetivo é extrair da maneira mais eficiente possível o trabalho excedente. Desempenham diferentes funções econômicas no modo de controle do capital. Assim, citando Marx, Mészáros ressalta que "'o dono dos bens se torna um capitalista, *capital personificado*, e o trabalhador, *mera personificação do trabalho* para o capital'" (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2002, p. 205).

O trabalho se transforma em um mero fator de produção, submetendo e alienando sua subjetividade, que só pode ser considerada em total antagonismo às necessidades do capital, pois submete o trabalho a uma dependência férrea à relação-capital e ao papel a ele imposto pela divisão social hierárquica do trabalho, como condição à reprodução de sua existência.

O capitalista é o pseudossujeito que toma as decisões necessárias ao modo de controle do capital, fazendo a "mediação (e a imposição) de seus imperativos objetivos, como ordens conscientemente exequíveis, sobre o potencialmente mais recalcitrante sujeito real do processo de produção" – o trabalho, o verdadeiro produtor de valor. (MÉSZÁROS, 2002, p. 126). Tem de submeter, como também o trabalhador assalariado, seus desejos e vontades aos imperativos acumulativos do capital, o qual está efetivamente no controle do sistema. Para Mészáros, os capitalistas são

> chamados a traduzir esses imperativos em diretrizes práticas.É por isso que as pessoas que ocupam os altos escalões da estrutura de comando do capital – (...) – só podem ser consideradas "personificações do capital", independente do seu maior ou menor

> entusiasmo, como indivíduos particulares, ao pôr em execução os ditames do capital. Neste sentido, graças à estrita determinação de sua margem de ação pelo capital, os próprios atores humanos como "controladores" do sistema estão sendo de modo geral *controlados* e, portanto, em última análise, não se pode afirmar a existência de qualquer representante humano autodeterminante no controle do sistema. (MÉSZÁROS, 2002, p. 216).

A condição de capitalista não é definida, enquanto possuidor de propriedade, por uma relação jurídico-legal, mas sim pela função que desempenha na reprodução da relação-capital, enquanto modo de controle social que impõe a sujeição do trabalho vivo. O capital apenas se expressa na propriedade, mas não tem nela sua origem. O capital não é uma "entidade material" ou um "mecanismo neutro" que possa estar na posse de um ou de outro indivíduo aleatoriamente.

Da mesma forma, o seu modo de controle pode assumir as formas históricas mais variadas, mantidas as condições objetivas de sua reprodução ampliada – o trabalho vivo submetido à extração do trabalho excedente e à posse dos meios de produção por uma personificação do capital. O que não quer dizer necessariamente por um capitalista. Mészáros pôde desenvolver com mais profundidade estes princípios, já presentes em Marx, uma vez que o capital não está condicionado à forma capitalista do modo de controle sociometabólico. O capital não se reduz à forma capitalista e pode sobreviver a ele, reproduzindo-se em outras formações sociais. Novas personificações do capital podem ocupar a função do capitalista. Assim é que, para Mészáros, ao

> remover os capitalistas da estrutura de tomada de decisões de um país – isoladamente ou em muitos deles – o *comando sobre o trabalho* não é, *ipso facto,* restituído ao trabalho. O proprietário capitalista dos meios de produção funciona como a *personificação do capital*; sem o capital o capitalista não é nada: uma relação cuja recíproca obviamente não é verdadeira. Em outras palavras, seria absurdo sugerir que sem os proprietários capitalistas privados dos meios de produção o capital não é nada. Isto porque as personificações possíveis do capital não estão, de modo algum, confinadas à variedade capitalista privada; nem sequer na estrutura de um sistema "capitalista acançado" (MÉSZÁROS, 2002, p. 718).

Os desenvolvimentos históricos do século XX, provocados pelas contradições do sistema do capital e suas crises em nível mundial, trouxeram a atualidade e a necessidade da superação do modo capitalista de reprodução social, expressa na eclosão do

processo revolucionário, em 1917, na Rússia. A construção do "socialismo" soviético, nos escombros do regime czarista e da economia semifeudal que ali predominava, enfrentou condições históricas mundiais bastante adversas a uma revolução mundial, condição vital e necessária, nos termos postos por Marx e Engels, à realização do socialismo verdadeiramente igualitário. Mészáros se dedicou a analisar a experiência soviética e a identificar as medidas superadoras do capitalismo propostas pelos revolucionários de 1917 e seu Partido; se estas colocavam as bases sustentáveis para as transformações estruturais necessárias à efetiva libertação do trabalho e a sua retomada do poder de decisão sobre a vida social, usurpado pelos velhos poderes políticos e econômicos.

Quando Mészáros escreve os primeiros textos que comporão o *Para Além do Capital*, já haviam se passado mais de 50 anos da Revolução de Outubro, e, portanto, da construção do "socialismo" na Rússia e nos demais países sob sua influência. Ele encontra elementos suficientemente consolidados pelo novo poder revolucionário para afirmar que surgiu ali uma "forma mutante de controle do capital", que através dela se havia superado o capitalismo, mas não o capital. Pôde observar que surgiu "na Rússia pós-revolucionária, (...) uma nova forma de 'personificação do capital', que poderia operar um ritmo forçado de extração do trabalho excedente em nome da revolução e para o propósito declarado da necessária 'acumulação socialista'". (MÉSZÁROS, 2002, p. 81).

Como vínhamos argumentando de acordo com Mészáros, a mera apropriação jurídico-legal da propriedade privada individual - a "expropriação dos expropriadores"-, sem que se eliminem as bases do sistema orgânico do capital, e as condições de sua reprodução e acumulação por meio da exploração do trabalho excedente favorecem a reconstituição do capital por meio de novas mediações, personificações do capital e personificações do trabalho. Mesmo com tais mediações diferentes das formas conhecidas no capitalismo, o capital, e tudo que esta relação social implica, mantém-se como a mediação primária dominante na produção e reprodução sociais da sociedade soviética.

Mészáros constata que o que o "socialismo" soviético

> pode realizar por si é mudar o tipo de personificação do capital, mas não a necessidade de tal personificação. Como ficou demonstrado, não apenas pela significativa continuidade do pessoal de comando da

> economia e do Estado nas sociedades pós-revolucionárias, mas também pelos movimentos de restauração pós-soviética em toda a Europa oriental, frequentemente o pessoal pode permanecer o mesmo mudando, por assim dizer, apenas a carteira de filiação ao partido. (MÉSZÁROS, 2002, p. 599-600).

Nestas novas condições históricas, a despeito do desejo e da dedicação mais honesta dos revolucionários envolvidos na construção do "socialismo" soviético, impõe-se inexoravelmente a relação alienada de produção das condições materiais da existência social, que volta a subordinar os desejos subjetivos e as ações objetivas sob a ordem do capital, nas sociedades capitalistas e nas sociedades pós-capitalistas, como a forma mais eficiente de produção de riqueza, resistindo a toda tentativa revolucionária de controlá-lo.

Novamente recorrendo a Marx, nos *Grundrisse*, Mészáros retoma a ideia da completa contradição em que se baseia este sistema orgânico, ainda que eficiente, incontrolável:

> assim como o trabalhador se relaciona com o produto do seu trabalho como *algo estranho*, ele se relaciona com a combinação do trabalho como uma *combinação estranha*, como também com o seu próprio trabalho como uma expressão da sua vida que, embora lhe pertença, *é alheio a ele e dele é roubado. ...Capital*, portanto, é a existência do trabalho social – a combinação do trabalho *como sujeito e também como objeto* –, mas *esta existência existe independentemente e oposta a seus momentos reais* – consequentemente, ela própria é uma existência particular isolada deles. Por sua parte, o capital aparece, então, como o *sujeito predominante* e dono do *trabalho alienado*, e sua relação é ela própria uma *contradição* tão completa como o é a do trabalho assalariado. (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2002, p. 972).

Assim é que todas as medidas utilizadas na experiência soviética para colocar o capital sob domínio dos trabalhadores (ou do "governo dos trabalhadores"), sem eliminar a relação sobre a qual se sustenta e reproduz, mantendo-se a divisão hierárquica do trabalho, constituindo-se novas personificações do capital (não mais proprietários privados individuais, mas, enquanto membros substituíveis pelo partido, proprietários coletivos) e personificações do trabalho (não mais mercadorias "livres", mas alocadas pelo planejamento centralizado), resulta em uma sociedade em que a exploração do trabalho se dá pela via da direta dominação política do Estado, que assegura o comando do capital sobre o trabalho, e não mais por vias econômicas, por meio da compra do trabalho assalariado enquanto mercadoria, como no capitalismo.

Havendo capital, a divisão hierárquica estrutural do trabalho, a separação entre produção e controle, a função de sua personificação, ainda que coletiva (pois exercida pelos membros do Partido), não deixa de reproduzir um "valor egoísta",

> com sua subjetividade usurpada e sua pseudopersonalidade – que persegue sua própria *autoexpansão*, com uma *vontade* própria (sem a qual não poderia ser "capital-para-si" como controlador do sociometabolismo); uma vontade, não no sentido do "capricho individual", mas no de definir como sua finalidade internalizada a realização dos imperativos expansionistas do capital em si (...).(MÉSZÁROS, 2002, p. 720).

De acordo com o que vimos argumentando neste artigo, a nova personificação pós-capitalista do sistema do capital soviético vai exercer sua função social tendo por finalidade promover a expansão do capital e a "acumulação socialista". Para isso a subordinação do "trabalhador socialista" passa a ser exercida através do "comando inquestionável do burocrata de tipo soviético". Da mesma forma que no capitalismo, ao dar origem ao capitalista, é o capital que dá origem à forma de personificação pós-capitalista mais adequada à extração política do trabalho excedente, necessária à "acumulação socialista". A relação causal vai do capital à sua personificação, neste caso, o burocrata do Estado soviético (ou do Partido), que só realiza sua competência ao controlar o processo objetivo da reprodução em nome do próprio capital. Mészáros, com outras palavras, chama a atenção à importância desta relação causal a fim de compreendermos os elementos de continuidade do sistema do capital presentes na "forma mutante de controle do capital" (*Changing Form of the Rule of Capital*) sobre o "trabalho socialista":

> é importante sublinhar aqui que não é o burocrata que produz o perverso sistema do capital de tipo soviético, por mais que ele esteja implicado em sua desastrosa condução, mas, antes, a forma de capital pós-capitalista herdada e reconstituída faz emergir sua própria personificação na forma do burocrata como o equivalente pós-capitalista do antigo sistema do capital orientado-para-a-extração-econômica que deu origem ao capitalista privado. (MÉSZÁROS, 2001, p. 720).

Assim é que todas as formas conhecidas da relação-capital plenamente desenvolvida, inclusive a pós-capitalista de tipo soviético, são constituídas de quatro elementos que caracterizam o "sistema orgânico do capital", sendo "compatíveis com todos os

tipos de transformações parciais sem que isso altere sua substância". São eles:

> 1) a *separação* e a *alienação* das *condições objetivas* do processo de trabalho do próprio trabalho;
>
> 2) a *imposição* de tais condições *objetivadas* e *alienadas* sobre os trabalhadores como um poder separado que exerce *comando sobre o trabalho*;
>
> 3) a *personificação do capital* como "*valor egoísta*" – com sua subjetividade usurpada e sua pseudopersonalidade;
>
> 4) a equivalente *personificação do trabalho* (isto é, a personificação dos trabalhadores como "trabalho" destinado a entrar numa relação de dependência ou contratual/econômica ou politicamente regulada com o tipo historicamente prevalecente de capital). (MÉSZÁROS, 2002 ,p. 721).

Até aqui temos acentuado o que caracteriza todo o sistema orgânico do capital, com base na afirmação seminal de Mészáros de que o capital sobrevive à formação social capitalista, uma vez que ele se reconstitui em condições alteradas e recoloca em ação os elementos vitais à relação-capital, as personificações do capital e as personificações do trabalho como se verificou nas sociedades pós-revolucionárias de tipo soviético. Vimos como na sociedade soviética a personificação do capital exercia sua função no interior da economia centralmente planejada através da burocracia do Estado, personificação do capital que passa a exercer todas as funções de regulação e gestão da produção e reprodução sociais, e, em especial, do controle sobre a extração do trabalho excedente politicamente imposta à força de trabalho – a personificação do trabalhador "socialista".

Com a regulação da reprodução social, em sua totalidade, sendo agora exercida por mediações políticas e a prescindir do mercado capitalista – esfera das trocas com base na relação "livre" entre possuidores de mercadorias –, o Estado (e a burocracia) exige especial atenção na conjunção articulada entre o capital e o trabalho, partes elementares da reprodução sociometabólica.

Devemos nos voltar a seguir, de forma mais detida, à análise feita por Mészáros sobre como o "modo de tomada de decisão do capital – em todas as variedades conhecidas do sistema do capital – há forçosamente de ser alguma forma autoritária de administrar (...) do *topo para a base*", no nível mais geral e nas unidades de produção. Como este poder exercido sobre o trabalho, excluído

dos processos de tomada de decisão sobre sua vida social, conjuga-se com o papel do Estado, enquanto a "estrutura de comando totalizante do capital", e exerce, com a ajuda da burocracia, a função de controle sobre as forças centrífugas atuantes no sistema antagonicamente estruturado do capital, acentuando seu caráter autoritário nas sociedades pós-capitalistas. A necessária "relação de autossustentação recíproca" do sistema orgânico do capital entre Estado, capital e trabalho põe a questão de que só poderiam "ser eliminados simultaneamente, como resultado de uma transformação estrutural radical de todo o sociometabolismo". O que no longo prazo implica a " 'transcendência/superação' do próprio capital (e não apenas do capitalismo), do Estado em todas as suas formas (e não apenas do Estado capitalista) e da *divisão do trabalho* (e não apenas do trabalho assalariado)".(MÉSZÁROS, 2002, p.929/27/576-577)

A investigação sobre a função social do Estado e como oferece seu auxílio às formas de controle do capital sobre o verdadeiro produtor – o trabalho - assume enorme importância, ainda mais quando constatamos que a trajetória da revolução russa se viu cada vez mais confinada à esfera política, necessitando de um fortalecimento vital do Estado para sua sustentação, ao invés de seu fenecimento, conforme indicado por Marx. Esse fato adiciona um problema ainda maior à análise crítica da experiência soviética e das suas "realizações" no sentido do socialismo por meio de um Estado autoritário, que se fez onipresente em todas as esferas da vida social.

2.A função social do Estado e o papel da burocracia

Mészáros, em consonância com a análise das determinações ontológicas que constituem uma dada reprodução da relação capital-trabalho, dá especial atenção à esfera política – o Estado. O Estado do sistema do capital (capitalista ou pós-capitalista) é extremamente necessário para fornecer as garantias políticas ao pleno funcionamento da extração do trabalho excedente, cumprindo um importante papel coesivo diante das contradições sociais resultantes da separação entre produção e controle sobre a reprodução da vida social. Torna-se, por meio da política, "um complemento necessário à iniquidade das relações materiais de

poder estabelecidas", sustentando o "domínio da parcialidade" de uma classe "sobre a sociedade como um todo".(MÉSZÁROS, 2002. p. 568).

O Estado, enquanto comando político do capital, esfera separada das demais funções de comando direto sobre o trabalho exercidas nas unidades produtivas individuais, tem por objetivo proteger permanentemente a produtividade do sistema, retificando de todas as maneiras necessárias a falta de unidade que caracteriza os defeitos estruturais do sistema do capital, provocados, fundamentalmente, pela separação antagônica entre a produção e o controle direto pelos verdadeiros produtores. Por serem os verdadeiros produtores, todavia alienados do controle sobre as condições objetivas que determinam suas vidas, desafiam permanentemente toda forma de subordinação, seja de natureza política, seja de ordem econômico-material; armam-se de uma obstinada resistência como defesa contra a impositiva subordinação estrutural do trabalho ao capital.(MÉSZÁROS, 2002, p. 95-105).

A divisão social hierárquica do trabalho cumpre um papel indispensável na garantia do controle das forças que possuem o poder de decisão sobre a produção e a distribuição, seja pela mediação política (sociedades pós-capitalistas), seja pela econômica (sociedade capitalista). Nas sociedades pós-capitalistas, no decurso do processo de transição após a Revolução de Outubro de 1917, o poder dos sovietes foi substituído (e aqui não cabe resgatar as razões -ou justificativas históricas) pelo acentuado poder centralizado no Partido, e deste pelo poder político exacerbado do Estado soviético.

Os desenvolvimentos históricos possíveis àquela altura da revolução russa não permitiram que se avançasse o suficiente na restituição do poder de decisão sobre a vida social aos reais produtores, assegurando, em novos moldes, a preservação da divisão hierárquica do trabalho, "com sua estrutura de comando autoritária" e a instituição de maiores poderes políticos ao Estado revolucionário. Este passa a desempenhar o papel de proprietário coletivo dos meios materiais de reprodução social, bem como de portador de todas as mediações políticas para que a "acumulação socialista" pudesse seguir sem obstáculos externos – como também internos – provocados por sua própria classe

trabalhadora. Com a destituição do mercado como espaço de realização das trocas, conforme a antiga ordem capitalista, e a ausência de formas autodeterminadas do trabalho associado nas funções sociometabólicas vitais, a estrutura de comando autoritária. que parecia reservada apenas às fases iniciais da transição socialista, tornou-se condição de possibilidade para a sobrevivência do Estado soviético.(MÉSZÁROS, 2002, p. 865-866).

Somente a remoção das classes possuidoras do velho regime, permanecendo as determinações materiais do metabolismo social do sistema pós-capitalista do capital e preservando-se, essencialmente, a estrutura de produção e de divisão hierárquica do trabalho, não é suficiente para alterar o modo de funcionamento do sistema pós-revolucionário. Novas personificações irão ocupar o "vazio" deixado pela classe dominante do passado. Tal "vazio", de acordo com a análise de Mészáros,

> criado pela destituição da classe dominante e de suas instituições deve, mais cedo ou mais tarde, ser preenchido pelo que se costuma chamar (superficialmente) de "burocratização", para reconstituir o funcionamento "normal" (isto é, herdado do metabolismo social não-reestruturado, de acordo com a divisão social do trabalho prevalecente. Esta última, seguindo a "linha de menor resistência" logo após uma crise importante, continua a suprir as exigências elementares (assim respondendo com êxito aos imperativos estruturais objetivos) deste metabolismo. (MÉSZÁROS, 2002, p. 1040).

A compreensão dos desafios da transição volta-se apenas à sua esfera política, não se considerando que as novas formas de reestruturação política desenvolvem-se orientadas pelas necessidades das formas cambiantes de controle da relação capital-trabalho, que caracterizam as sociedades pós-revolucionárias e sua "acumulação socialista". O Estado, o controle político, como o lócus superdimensionado da defesa da revolução, tendo de controlar a reprodução social sob uma base material herdada, na qual a propriedade exclusivista pôde apenas mudar de mãos, teria de atuar com eficiência, ainda que mediante a negação progressiva do caráter originário da revolução socialista – a autoadministração do corpo social pelos trabalhadores livremente associados.

Na impossibilidade de se concretizar o princípio orientador de uma transição socialista - o fenecimento do Estado - , apontado por Marx como condição para a progressiva restituição do poder

de decisão sobre o metabolismo social para os livres produtores associados, dadas as condições particulares da revolução na Rússia czarista, ao contrário, cobrou um papel ainda mais vital a ser ocupado pelo Estado revolucionário, burocratizado e centralizador. Isso não se deve, como alerta Mészáros, apenas ao fato de a maior presença centralizadora do Estado sinalizar a "continuação da divisão do trabalho, mas também o apogeu hierárquico do seu sistema de tomada de decisão".

O domínio a ser exercido

> sobre todo o processo de transformação em andamento", ao invés de "destruir, a divisão social estabelecida do trabalho, da qual o próprio Estado pós-revolucionário – em virtude de seu papel estratégico – vem a constituir a dimensão mais privilegiada. Aqui, uma vez mais, podemos observar que a controvertida questão dos "privilégios burocráticos" não é simplesmente uma questão do pessoal envolvido, mas, acima de tudo, da conservação pelo Estado de funções objetivamente "privilegiadas" – isto é, estrategicamente vitais – no sociometabolismo geral. O exercício destas funções estrategicamente privilegiadas por um órgão separado, por sua vez, tende a encontrar seu equivalente subjetivo no escalão dos "funcionários do Estado burocratizado", na ausência de uma forma alternativa de controle social baseada em um envolvimento de massa sempre crescente e verdadeiramente ativo. (MÉSZÁROS, 2002, p. 1060-1061).

O "controle burocrático centralizado" terá de impor de cima para baixo o cumprimento dos imperativos acumulativos da extração de trabalho excedente, agora realizada por um tipo de controle sobre o trabalho que é dissimulado politicamente na figura do planejamento e da alocação de recursos centralizados operados pelo Estado em nome dos trabalhadores. É inescapável, segundo nosso autor, que

> enquanto, por um lado, a sociedade pós-capitalista reviver a divisão estrutural do trabalho e sua relação de troca orientada para produtos (mesmo que não mercantilizada), ela apenas poderá dar origem a uma economia dirigida e controlada burocraticamente, e este tipo de controle, por outro lado, apenas reforça a divisão estrutural hierárquica do trabalho e a forma correspondente de distribuição.(MÉSZÁROS,2002, p. 885).

Para os trabalhadores, alijados do processo decisório sobre as questões vitais do sociometabolismo, restou obedecer e cumprir as metas produtivas centralmente determinadas. Sob o uso de fortes meios de coerção para contornar a resistência renitente do

trabalho, o desenvolvimento da produção e distribuição de tipo soviético teve de enfrentar um enorme conjunto de problemas reprodutivos, os quais de alguma forma colocaram barreiras inibidoras à produtividade crescente que tal o sistema soviético do capital necessitava para existir.

No interior desse sistema se repôs uma forma de "alienação 'socialista'", em que a sociedade passa a ser "administrada pelo novo tipo de 'personificações do capital', os burocratas do partido do sistema pós-capitalista do capital, cuja função primordial é impor ao novo tipo de 'personificações do trabalho' (os 'trabalhadores socialistas')", mediante a extração política do trabalho excedente, os "imperativos de um sistema reificado e fatalmente alienador de reprodução sociometabólica." (MÉSZÁROS,2002, p. 866/206).

O efeito produzido sobre o trabalhador por esta forma de imposição administrativa autoritária e hierárquica no local de trabalho, somando ao fato de que ele "permanece dominado pela alienação tanto no sentido de ser regido por um poder estranho de tomada de decisões como pelo fato de que os frutos do trabalho excedente são dele alienados" (MÉSZÁROS, 2002, p.747), leva-o a provocar entraves na capacidade produtiva *a priori* planejada, gerando a

> *"anarquia do lugar de trabalho*", que aparece na forma de trabalho adicional além das horas normais, no desperdício de material e de tempo, na baixa motivação para aprender habilidades novas e mais desenvolvidas e no exercício negligente da habilidade produtiva até mesmo em seu mais baixo nível etc. Por outro lado, como corolário e remédio ilusório, aparece a intensificação contraproducente do controle burocrático centralizado do qual o sistema stalinista representa um exemplo histórico particularmente agudo e trágico. (MÉSZÁROS,2002, p. 866).

Mészáros chama a atenção para os impactos negativos que a substituição de algumas instituições vitais ao funcionamento do capitalismo provoca em uma sociedade pós-capitalista. Afirma que "a remoção dos *limites disciplinares internos* do capitalismo – que definem sua própria *racionalidade justificadora* em termos de bom *desempenho no mercado* – não pode ser enfrentada por meio do controle político autoritário, nem na sociedade como um todo, nem em suas unidades produtivas particulares". Dessa forma, "a intensificação (...) do controle burocrático centralizado" acabou por tornar-se "contraproducente", acentuando, no longo prazo,

"as dificuldades e os fracassos" como a "consequência necessária da relação estrutural *conflitante* entre produção e controle, produtores 'indisciplinados' e administração 'socialista'".(MÉSZÁROS, 2002, p. 865-866).

A solução para tais contradições levou ao progressivo fortalecimento do Estado pós-revolucionário, "que não ocorre simplesmente em relação ao mundo exterior (...), mas sobre e contra a força de trabalho", garantindo, dessa forma, a realização da "máxima extração politicamente regulada do trabalho excedente". Assim é que, segundo nosso autor, "esse fortalecimento se transforma numa perversa necessidade estrutural, e não em uma 'degeneração burocrática' facilmente corrigível a ser retificada no plano político graças a uma nova 'revolução' política." (MÉSZÁROS, 2002, p. 601).

Considerações Finais

Com base na clara posição crítica de Mészáros a respeito da burocracia e do Estado soviéticos, os quais colaboraram de forma indelével para os desenvolvimentos históricos que levaram às crises da União Soviética[68], e a seu fim em 1991, deve-se evitar o perigo de se atribuir uma identidade entre trabalhadores "socialistas" e Estado soviético, e a possibilidade de realização da igualdade real exigida pelos livres produtores associados, no contexto do "socialismo num só país".

De outro modo, é comum mesmo para aqueles que admitem os erros históricos cometidos, em algum grau e profundidade, contra os trabalhadores do "socialismo" soviético, que esses não foram

[68] Referindo-se ao papel dos dirigentes soviéticos que se propuseram a "reestruturar" o sistema stalinista (de Krushev a Gorbachev) e sua responsabilidade nestes desenvolvimentos históricos, Mészáros (2002, p. 43) afirma que estes "não poderiam pretender que a estrutura estabelecida fosse reestruturada a menos que preservassem sua característica global de estrutura hierárquica, já que eles mesmos ocupavam, como se por direito de nascença, os mais altos escalões. E, por meio de seu empreendimento, em si contraditório, de "*reestruturar*" *sem mudar a própria estrutura* como encarnação da divisão hierárquica do trabalho social (exatamente como a social-democracia desejava *reformar o capitalismo sem alterar sua essência capitalista*), eles condenaram o sistema soviético a tropeçar de uma crise a outra".

tão danosos assim, pois se impunha o sacrifício necessário para se sustentar a primeira revolução socialista do séc. XX, em benefício dos próprios trabalhadores. Adicione-se a isso a justificativa da necessidade extrema de defender-se do cerco do capitalismo internacional. Todas essas alusões são usadas comumente como atenuantes da tragédia em que resultou o "socialismo" soviético, com o retorno final, depois de décadas, ao capitalismo. Retorno esse, desde Stalin, que contou com a ajuda inestimável dos representantes da burocracia (personificações do capital na sociedade pós-capitalista) do Estado soviético, ao se reintroduzir o critério de eficiência econômica, a rentabilidade capitalista e as relações mercantis por meio das "reformas mercadizantes" do "socialismo de mercado" e da "restauração do capitalismo sob o controle de um estado forte". Mas não sem antes se eliminar toda a oposição[69] e se utilizar das "vantagens" do "socialismo de mercado" como justificativa para as "piores décadas de repressão stalinista". (MÉSZÁROS, 2002, p. 960-963).

Mészáros é muito contundente na avaliação da postura daqueles que defendem acriticamente esta valiosa, mas fracassada, experiência histórica. Afirma que não

> é possível levar a sério, mesmo momentaneamente, a sugestão autojustificadora de que o poder político do Estado pós-revolucionário é mantido – de fato, intensificado – em função de uma determinação puramente *internacional*, em que a repressão política é aplicada como uma consequência necessária do "cerco" e como a única forma possível para a defesa das realizações da revolução contra a agressão e o seu complemento: a subversão interna. Como a história recente testemunha de forma eloquente, "o inimigo interno e externo" como explicação da natureza do poder político nas sociedades pós-revolucionárias é uma doutrina perigosa que substitui a parte pelo todo, transformando uma determinação parcial em grosseira justificativa *a priori* do injustificável – a violação institucionalizada dos direitos e valores socialistas mais elementares.(MÉSZÁROS, 2002, p. 1013).

---

[69] A reconstituição do capital sob uma forma modificada de controle na sociedade soviética pós- revolucionária explica como "apesar de seu radicalismo verbal, o sistema stalinista refletia em detalhes, à sua própria maneira, a estrutura de comando do capital, liquidando, junto com incontáveis militantes que tentavam permanecer fiéis à busca originalmente pretendida de emancipação, até a memória dos legítimos objetivos socialistas".(MÉSZÁROS, 2002, p. 43).

Como também, não segue aqueles que fazem a crítica ao sistema soviético priorizando a questão da "burocratização", da "degeneração", do "substitucionismo"[70] como elementos causais do fracasso do "socialismo" soviético. Contentar-se com esta abordagem dos problemas enfrentados significa acreditar "numa solução ilusória, explícita ou implícita; ou seja, que a simples derrubada dessa forma política e a substituição de burocratas do partido por revolucionários dedicados reverterão o processo, esquecendo que os acusados de burocratas do partido foram também, no seu tempo, dedicados revolucionários". Servem-se, muitas vezes, de argumentos explicativos que esbordam para a "psicologia individual", o que pode apenas, segundo Mészáros, nos dizer por que alguns indivíduos se prestaram a esse papel com mais aptidão do que os demais, mas não revela as "estruturas objetivas" e os "ditames materiais" que se impuseram sobre estas dadas formas políticas de dominação e favoreceram, no tempo, seu desenvolvimento[71]. (MÉSZÁROS, 2002, p. 1024).

Tal preocupação, de nosso autor, reaparece quando nem mesmo

> o abrangente termo mágico 'burocratismo " – que cobre quase tudo, inclusive a avaliação de sistemas sociais qualitativamente diferentes, abordados de pontos de vista opostos, de Max Weber a alguns seguidores de Trotsky – oferece uma explicação significativa sobre a natureza do poder político nas sociedades pós-revolucionárias, já que aponta apenas para algumas aparências óbvias, enquanto deixa de lado as suas causas[72]. (MÉSZÁROS, 2002, p. 1013).

---

[70] Ao evitarem ir às verdadeiras causas do fracasso do sistema soviético, tais críticos transformam essas caracterizações pessoais, ou do Partido, como o alvo principal da crítica necessária, e, portanto, supõem que a substituição dos burocratas do Partido por "revolucionários dedicados" poderia não só corrigir o problema, mas evitar que ele se repetisse. (MÉSZÁROS, 2002, p. 1023-1024).

[71] Em outro lugar, Mészáros(2002, p. 1040) acrescenta que "a hierarquia e a dominação são imperativos materiais e estruturais evidentes de determinadas formas da divisão do trabalho, a partir das quais também se articulam de maneira semelhante no plano político".

[72] Mészáros faz referências críticas também a Lukács, que, mesmo tendo se preocupado em diversos momentos com a questão da burocratização e da ossificação do Partido, jamais investigou "as profundas razões objetivas, que explicam como se tornou possível terminar com a reversão completa das expectativas socialistas originais". Lukács "se limitou a condenar a

O mais importante é compreender como foi possível "a transformação da forma política transitória em uma ditadura exercida também contra o proletariado (apesar da intenção democrática original)". E não se perder em ilusões desnorteadoras restringindo a atuação das personificações do capital nas sociedades pós-capitalistas e o desempenho do Estado autoritário e burocrático soviético a meras condenações individuais (a despeito de suas escolhas pessoais e da responsabilidade sobre os efeitos histórico-sociais, muitas vezes trágicos, de seus atos), as quais confinam as alternativas viáveis à esfera política, como se a "substituição de um 'burocrata' por um 'líder político iluminado'" resolvesse os problemas identificados.

Mészáros alerta para o fato de que,

> se os críticos do sistema soviético reclamam apenas da "burocratização", eles erram o alvo por uma distância astronômica, pois até mesmo a substituição completa do "pessoal burocrático" deixaria de pé o edifício do sistema do capital pós-capitalista, exatamente como a invenção do "capitalista solícito", se fosse viável de alguma forma milagrosa, não iria alterar minimamente o caráter absolutamente desumanizante do sistema do capital "capitalista avançado". (MÉSZÁROS, 2002, p. 565/98).

O mais relevante nestas questões é perceber que a própria política, enquanto dominação de uma particularidade que se coloca como expressão de uma universalidade usurpada, propondo-se a realizar o interesse de todos (como o Estado soviético em nome dos trabalhadores "socialistas"), em acordo com a concepção de política de Marx, "*usurpa* o poder social de decisão que ela *substitui"*. A política socialista (no período da transição), nesse sentido, deve "restituir", mesmo nos menores passos, "os poderes usurpados" ao corpo social, pois do contrário "necessariamente *reproduz*, de uma nova forma, o 'substitucionismo burocrático' herdado".(MÉSZÁROS, 2002, p. 568/571).

A política socialista, em situações futuras, tendo em vista as lições históricas extraídas das tentativas de construção do socialismo, torna ainda mais premente que se siga "o caminho aberto por Marx – *do substitucionismo à restituição* – ou deixa de ser

---

"burocratização" e os métodos stalinistas de "rude manipulação" (nenhum dos quais pode ser considerado uma explicação causal séria), (...) [o que] não altera o fato de que a perversão reconhecida dos ideais socialistas foi um golpe terrível na perspectiva positiva lukácsiana". (MÉSZÁROS, 2002, p. 495).

política socialista e, ao invés de 'abolir a si própria' no processo, transforma-se em autoperpetuação autoritária." (MÉSZÁROS, 2002, p.571)

Reafirmando a necessidade da revolução proletária como alternativa à ordem hegemônica do capital, Mészáros conclama pela urgência de se elaborar uma teoria da transição que possa compreender as determinações histórico-concretas e subjetivas que levaram aos fracassos enfrentados pela construção do socialismo desde o início do século XX. Afirma que sem

> um exame rigoroso das décadas intermediárias do desenvolvimento – orientado para o referencial teórico estratégico da alternativa socialista tanto quanto para suas exigências organizacionais radicalmente alteradas – o projeto socialista não pode renovar-se. Este é o problema que todos os socialistas devem enfrentar no futuro previsível. (MÉSZÁROS, 2002 p. 43-44).

Mészáros procura atender a essa necessidade sem concessão a apologias icônicas da Revolução de Outubro, sem blindar o debate necessário por temor da crítica burguesa e reacionária, e sem fugir à crítica radical que esse passado exige dos revolucionários de todo o mundo.

Referências Bibliográficas

MÉSZÁROS, I. **Para Além do Capital – rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Editora Boitempo, 2002.

_____. **Revista Novos Temas** , nº 8. Entrevista. São Paulo: Instituto Caio Prado, 2013.

MARX, K. **O Capital** – Livro 1 – volume I. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

CAPITAL E MEIO AMBIENTE: UMA CONTRADIÇÃO TAMBÉM VIGENTE NA UNIÃO SOVIÉTICA

Introdução

O significado da experiência soviética para o mundo pode ser profundamente enriquecedor no sentido de contribuir para as escolhas que tomaremos diante da agudização da crise do capital nos tempos de hoje. Sobretudo pelo fato de ter sido a primeira revolução política com caráter socialista, tentada com sucesso em um país capitalista, apesar dos descaminhos subsequentes que a afastaram da elevação à revolução social. Por outro lado, também, nos mostrou, de maneira não intencional, os contratempos desconhecidos que as tentativas humanas de superar as classes sociais podem encontrar, caso não se esteja bem armado da crítica e autocrítica constante a fim de identificar a base objetiva do alvo para o qual as armas são apontadas. As respostas que o mundo oferece como resultado das ações humanas precisam ser

claramente vistas, para que as próximas ações possam se guiar pela identificação correta dos caminhos mais frutíferos.

A destruição do meio ambiente se mostrou, sobretudo nas últimas décadas, um obscuro efeito das ações humanas na reprodução das relações sociais. O desenvolvimento do capitalismo trouxe suas implicações ambientais na forma gritante de uma degradação na escala global. Entretanto, também na União Soviética, que nasceu de uma tentativa de combate ao capitalismo, reproduziu-se a destruição ambiental em grande escala, em alguns casos, em níveis sem precedentes. Seria paradoxal que o socialismo objetivasse a mesma (ou pior) destruição ambiental que o capitalismo, já que teria superado a base causal (o capital). Veremos, com base em Mészáros, que o paradoxo se desfaz na análise aprofundada, quando podem ser identificados os elementos essenciais do capital presentes na experiência soviética. E mais, sob uma forma mutante de controle do capital, o capital pós-capitalista.

Para pensar o sistema soviético não isolamos sua experiência, admitindo-a como causa de si própria, descolada do mundo do qual ela é fruto. Seu contexto pressupõe o mundo do capital em que a Rússia estava inserida e ao qual se integrará, também, após a revolução, a URSS. Como veremos, na URSS não desapareceu o capital, pois junto com o sistema do capital estavam todas as mazelas constitutivas deste complexo social. A destruição do meio ambiente, por exemplo, é parte ineliminável desta mediação sociometabólica intrinsecamente destrutiva, já que também corresponde aos ditames do capital, no sentido de sua autovalorização permanente, sem se dar conta das necessidades humanas.

A emergência da relação-capital foi, entretanto, muito importante na história da humanidade, pois expressou o grau mais elevado de organização da produção em sociedades de classes. Suas origens remontam à Antiguidade, passando pela Idade Média, quando possuía uma existência apenas residual; desenvolve-se superando as barreiras que encontra pelo caminho, até preencher

as condições para sua generalização e a dominação do sociometabolismo global. Esta relação é, desse modo, profundamente enraizada na história, o que explica, em parte, o tamanho e as dificuldades enfrentadas no desafio histórico de se eliminar esta forma de produzir e reproduzir a humanidade. Sobretudo no que diz respeito à difícil e mais importante tarefa, subsequente à revolução política: de a humanidade criar uma forma radicalmente nova de intercâmbio com a natureza e dar início à revolução social de fato.

A necessária persecução do capital de sua autovalorização é intrinsecamente destruidora dos processos naturais. Só com a sua superação e o estabelecimento de outra forma de os homens relacionarem-se para produzir sua existência poderiam abrir-se os caminhos para que a ineliminável relação do ser humano com a natureza possa se dar de uma maneira, de fato, consciente – ou seja, com o processo de produção inteiramente controlado pelos produtores reais. Só assim seremos capazes de estabelecer um critério humano para a reprodução social que reflita a própria necessidade desta espécie de acordo com o caráter global que atingiu.

Sabemos que não foi esse o caminho seguido pelos revolucionários soviéticos, sobretudo devido à impossibilidade oferecida pela própria dinâmica objetiva capitalista. Neste texto nos debruçamos sobre o aspecto destrutivo que está intimamente conectado à natureza do capital como mediador sociometabólico em geral, e também da forma de capital desenvolvida na experiência soviética em particular. Ou seja, procuramos os caracteres mais basilares e primordiais do capital pós-capitalista que implicam intrinsecamente a destruição do meio ambiente.

1. O Significado da Novidade Histórica do Capital como Mediador do Sociometabolismo

1.1 As relações de produção e seus limites

O problema da destruição ambiental é um dos maiores problemas para a continuidade da reprodução social tal como ela está colocada, hoje, sob o domínio do capital. É um problema que aparece como possibilidade, na história humana, antes mesmo de existir a relação-capital, pois diz respeito a uma consequência possível do caráter social do trabalho, das relações sociais de produção necessariamente instituídas em qualquer momento histórico. Entretanto, à medida que a generalização da relação-capital se torna uma possibilidade e uma necessidade histórica, ela se projeta com toda a força sobre a sociedade humana, dominando diversos outros complexos sociais. Modifica, com isso, a qualidade e a essência da destruição ambiental operada pela humanidade. Isto acontece, como veremos, pelo fato de o capital ser uma força objetiva que se dá primordialmente sobre a base econômica da sociedade; é através da reprodução de sua dominação sobre o trabalho que consegue manter-se como a causa suprema das destruições ambientais operadas, hoje, pela humanidade.

Dentro desta dominação progressiva do capital está inserida, por assim dizer, a dominação da "destruição ambiental" operada hoje pela sociedade humana. Nas formas anteriores ao domínio do capital de realização do metabolismo social, os mecanismos de mediação desta relação humana com a natureza eram outros.

Pensemos, por exemplo, na transformação do norte da África, operada pela sociedade romana da Antiguidade. Foster (1999, p. 37-8) menciona que o Norte da África é, hoje, um deserto devido às práticas extensivas agrícolas do Império Romano, quando tentava sustentar seu vasto império, com população urbana crescente e com técnicas agrícolas rudimentares, devido às características específicas do trabalho escravo. Assim, o Império Romano elevou a escala da produção de uma maneira a ultrapassar

a capacidade de regeneração dos ambientes naturais. Neste momento histórico existia uma particular relação de produção, o modo de produção escravista. O que significa dizer que a essência deste modo de produção possui qualidades distintas de qualquer outro, que o particularizam. Segundo Anderson (2007, p. 27-8),

> A via típica para a expansão na Antiguidade, para qualquer Estado, era assim sempre um caminho "lateral" – a conquista geográfica – e não o avanço econômico. [...] A cidade-Estado celular invariavelmente se reproduzia, nas fases de ascensão, pelo povoamento e pela guerra. O saque, o tributo e os escravos, eram os objetos centrais do engrandecimento, tanto meios como finalidades para a expansão colonial.

Havia, na Antiguidade, a necessidade de elevar-se constantemente a extensão dos territórios dominados, o que era feito adquirindo, pelo saque e guerras, as terras e os escravos. Esta era uma determinação essencial deste modo de produção que, portanto, incidia diretamente sobre a forma da relação do homem com a natureza existente, governando esta última de acordo com as necessidades socialmente postas. Os limites estruturais desta ordem social são visíveis. O número de escravos não poderia crescer infinitamente nem as terras agricultáveis resistiriam a tanta pressão – esta é uma marca histórica da natureza da forma social escravista, insuperável em seus próprios limites estruturais.

Pensemos, agora, no modo de produção feudal, na Idade Média, na forma servil de produção, considerada por Foster (1999) menos destrutiva para com os processos naturais do que o Império Romano, mas, ainda assim, devastou a natureza em escala massiva. O feudalismo, apesar de arrefecer o impulso expansionista por um momento da história, já que o caráter particular de sua produção, em seus estágios iniciais, não ia além da autossuficiência dos feudos, logo pôde reativar este impulso. À medida que sua exploração permanecia predominantemente agrícola só podia expandir-se – nesse sentido, de semelhante maneira à Antiguidade – extensivamente. Com isso, o feudalismo se deparava com um sério limite estrutural na sua particular relação de produção predominante.

O limite estrutural de um modo de produção está inscrito na natureza desta relação. Podemos entender estes limites da forma como faz Mészáros, quando diz que

> Todo sistema de reprodução sociometabólica tem seus limites intrínsecos ou absolutos, que não podem ser transcendidos sem que o modo de controle prevalecente mude para um modo qualitativamente diferente. (MÉSZÁROS, 2011, p. 216).

Com isso, muda-se a própria forma de mediação do metabolismo humano, quando se esbarra nos limites da relação de produção, abrindo passagem para uma forma qualitativamente nova de os homens se organizarem a fim de adquirir o necessário à reprodução de sua existência social e com isso estabelecerem uma nova relação com a natureza.

Como o capital também tem seus limites estruturais, é possível identificá-los com clareza. Nesse sentido, o capital também exerce, como mediador do sociometabolismo, seu caráter essencial, particular, nas esferas em que domina como relação social de produção predominante. Com uma qualidade própria, ele governa a vida social ao seu modo de ser. Sua natureza, portanto, revela tanto as potencialidades em relação aos modos de produção precedentes, quanto seus "limites intrínsecos", insuperáveis dentro de sua própria ordem social. A relação humana com a natureza, portanto, acha-se sujeita aos limites objetivos procedentes da própria natureza do capital.

No tocante às qualidades essenciais do modo de produção do capital, às quais a humanidade se encontra subordinada, convém mencionar algo do seu caráter ontológico, da natureza peculiar do capital, pois é exatamente isto que permite elucidar as determinações particulares deste complexo social no decorrer do seu desenvolvimento. Esse seu caráter ontológico não paira no ar, não é uma abstração descolada do objeto (capital), mas se refere à determinação essencial que está presente nele tanto ao nascer quanto em qualquer de suas mutáveis formas históricas.

1.2 A dominação do capital

O capital, enquanto relação realmente existente, quando aparece na humanidade, é algo inteiramente novo; como tal, primeiro é apenas uma possibilidade nas condições sociais primitivas, entre outros modos de produção, subordinado às leis destes outros modos de produção, como vimos, predominantemente agrícolas. As necessidades particulares destes modos de produção precedentes impunham uma impossibilidade de o capital se generalizar antes de um estágio de maior desenvolvimento da humanidade.

Segundo Mészáros,

> a forma pela qual o capital realmente atinge sua forma plenamente desenvolvida é um processo histórico muito longo e complicado. Como força todo-poderosa da reprodução sociometabólica, o capital resulta de constituintes que, em sua condição original, por necessidade, desempenham necessariamente um papel subordinado, mesmo que dinamicamente crescente em relação a outras forças e determinações reprodutivas da sociedade dada. No curso de seu desdobramento histórico, o capital progressivamente supera as resistências que encontra e adquire um "poder soberano" para dominar todas as facetas do processo de reprodução societária. (MÉSZÁROS, 2011, p. 710-1).

As origens desse *processo* histórico "remontam pelo menos à Antiguidade grega e romana" e, por isso mesmo, é um *processo* que está profundamente enraizado na história (MÉSZÁROS, 2011, p. 711-2). Como exemplo o autor menciona, com base nos estudos de Marx, as formas em que o capital aparece anteriormente à sua forma plenamente desenvolvida, antes de tomar o controle "da relação direta da produção": "o capital comercial e o capital usurário (voltado para o juro)" (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2011, p. 712, nota 18). Seja na Antiguidade ou na Idade Média, o capital aparece nestas formas pretéritas como capital comercial e usurário, mas não como "capital produtivo", pois isto é algo particular de sua forma plenamente desenvolvida.

O que interessa, sobretudo, para nosso propósito, é que nas formas anteriores a este capital produtivo – que tomou "o controle

da relação direta de produção" (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2011, p. 712, nota 18) – o capital aparece apenas em uma forma imatura, ainda que existente. Ou seja, só se pode falar de uma determinação direta do capital nas relações de produção predominantes quando existem as condições de emergência do capital produtivo preenchidas pelo desenvolvimento histórico humano, pois são parte integrante dos seus pressupostos como capital produtivo[73]. Isto significa a criação de uma forma ainda mais peculiar de domínio do sociometabolismo, quando adentra a esfera da produção, e assim, "cria seus próprios pressupostos", cria por sua própria conta o que antes ele precisou como pré-requisitos já criados por outros meios.

O que

> originalmente aparece como pré-requisitos de seu devir […] agora aparece como resultado de sua própria realização, como realidade, como originado por ele, não como condição de sua emergência, mas como resultado do seu próprio ser. (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2011, p. 711).

É dessa maneira que o capital pode assumir uma qualidade "soberana", pois se torna sua própria causa ("*causa sui*"). O que acontece para possibilitar esta viragem, ou seja, para que o possuidor do dinheiro possa "extrair valor do consumo de uma mercadoria", é uma modificação profunda na esfera da produção. Isso aconteceu com a descoberta de uma nova mercadoria peculiar, que o possuidor do dinheiro pode encontrar abundantemente no mercado. O capital conhece, dessa forma, uma mercadoria "cujo verdadeiro consumo [é] em si objetivação de trabalho, por conseguinte, criação de valor"; esta mercadoria

---

[73] Por exemplo, a quebra da autossuficiência, característica dos modos de controle sociometabólico anteriores ao capital, pode ser entendida como um caminho de avanço vitorioso do capital no preenchimento de seus requisitos para desenvolver-se plenamente. Mészáros afirma: "As unidades básicas das formas antigas de controle sociometabólico eram caracterizadas por um grau elevado de *autossuficiência* entre produção material e seu controle [...]. Quando essa autossuficiência se quebra e progressivamente dá lugar a conexões metabólicas/reprodutivas mais amplas, já estamos testemunhando o vitorioso avanço do modo de controle do capital." (MÉSZÁROS, 2011, p. 101).

específica é a "*força de trabalho*". Ou seja, quando o "possuidor do dinheiro" consegue comprar e vender no mercado força de trabalho como mercadoria, é o momento em que o capital conquista sua vitória suprema, tornando-se a própria causa de si mesmo (*causa sui*) (MÉSZÁROS, 2011, p. 711).

Os burgueses, como donos do dinheiro acumulado comercialmente, tiveram de preencher as condições para que os trabalhadores fossem obrigados a se vender, em vez de "poder vender mercadorias em que seu trabalho se tenha objetivado"; dessa maneira, ele precisa, "muito mais, oferecer à venda como mercadoria sua própria força de trabalho". Entrando numa transação comercial com os indivíduos (seja trabalhadores possuidores apenas da própria força de trabalho ou não) considerados como pessoas "juridicamente iguais" (MARX, 1996, p. 286/285-6), a despeito do fato de que, na verdade, "que um compre e que outro seja obrigado a vender, é o resultado do processo" (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2011, p. 709). Isso consubstancia uma relação ilusória de igualdade entre o trabalhador e o burguês, que se ergue sobre uma base social necessariamente hierárquica, antagonizada em classes sociais.

E ainda,

> a constante renovação dessa relação de compra e venda apenas faz a mediação da permanência da relação específica de dependência, dando a ela a aparência enganadora de uma transação, de um contrato entre proprietários de mercadorias que possuem direitos iguais e se confrontam de modo igualmente livre. (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2011, p. 709).

Esta capacidade do capital é completamente nova na história da humanidade. O capital, como mediador do sociometabolismo, possui suas próprias especificidades, mas por ser a expressão mais complexa de reprodução humana em classes sociais, assumiu um poder social inovadoramente totalizador e dinâmico na história. Isto tem profundas consequências para a relação do homem com a natureza, que ora nos interessa.

1.3 O controle do capital e o seu caráter necessariamente destrutivo

Segundo Mészáros, quanto à comparação do sistema do capital desenvolvido com outros modos de produção anteriores, "o modo de operação do sistema do capital é a *exceção* e não a *regra*, no que diz respeito ao intercâmbio produtivo dos seres humanos com a natureza e entre si". Pois "o sistema do capital é […] o primeiro na história que se constitui como totalizador irrecusável e irresistível"; é um "sistema mais dinâmico do que todos os modos anteriores de controle sociometabólico juntos" (2011, p. 96/97/97-8).

Entretanto, após destacar este *dinamismo totalizador inovador* do capital, o autor chama a atenção, em seguida, para uma consequência paradoxal: o "preço a ser pago" por isso é precisamente a "*perda de controle* sobre os processos de tomada de decisão". E continua:

> Isto não se aplica apenas aos trabalhadores em cujo caso a perda de controle […] é bastante óbvia […], mas até aos capitalistas mais ricos, […] cujo poder de controle no conjunto do sistema do capital é absolutamente insignificante. Eles têm de obedecer aos imperativos objetivos de todo o sistema. (MÉSZÁROS, 2011, p. 97-8).

Essa inovação do capital desenvolvido como modo de produção possui, como podemos ver, um poder objetivo. Segundo o autor, não há ninguém no controle deste tipo de dominação sociometabólica, nem mesmo a classe dominante ou os capitalistas podem controlá-lo, no sentido de exercer o peso de sua vontade individual no processo do sistema do capital, já que seus mecanismos impõem que sua margem de manobra apenas se limite a "obedecer aos imperativos objetivos de todo o sistema". O capital, portanto, é um "sistema sem sujeito", porquanto só se move em uma direção: a de suas leis fundamentais e "objetivas".

> Esse modo peculiar de controle sem sujeito, em que o controlador é na verdade controlado pelas exigências fetichistas do próprio sistema do capital, é inevitável, devido à separação radical entre produção e controle no âmago deste sistema. (MÉSZÁROS, 2011, p. 126).

No âmago desta forma de produção e "controle" sociometabólico, o controle real está separado da produção. Esta lei objetiva do capital, assim como qualquer outra, não é possível de ser transcendida a partir de dentro deste complexo, já que em qualquer lugar em que exista o capital, ele terá o caráter objetivo oriundo de sua própria natureza: o de escapar ao controle de qualquer indivíduo humano. Ou seja, os próprios "atores humanos como 'controladores' do sistema estão sendo de modo geral controlados", o que significa dizer que "não se pode afirmar a existência de qualquer representante humano *autodeterminante* no controle do sistema" (MÉSZÁROS, 2011, p. 126, grifo nosso).

Segundo Marx, na própria relação de troca de mercadorias – da qual a sociedade capitalista expressa exatamente sua generalização em todos os poros – "é precisamente a abstração de seus valores de uso que caracteriza a relação de troca das mercadorias", ou seja, o caráter útil da produção é deixado de lado, considerando-se apenas o valor de troca do produto do trabalho; as necessidades reais humanas atendidas de acordo com esse caráter útil são, nessa abstração objetiva, esquecidas, apagadas.

A "abstração" dos "valores de uso" impõe a impossibilidade de levar em conta, na relação de troca de mercadorias, as "qualidades" dos produtos, assim como seus "componentes e formas corpóreas". Apenas levando em consideração o "valor de troca" das mercadorias, tão só a "quantidade", abstraída de sua realidade qualitativa. Dessa forma, a relação de troca em si, de onde se abstraem as necessidades reais, não contém "nenhum átomo de valor de uso" (MARX, 1996, p. 167).

Por esse motivo, Mészáros observa que

> O capitalismo como tal é construído sobre a contradição insolúvel entre valor de uso e valor de troca, estipulando a necessária e, em última análise, *destrutiva* subordinação do primeiro ao segundo. (MÉSZÁROS, 2011, p. 688, grifo nosso).

E, assim, ele tem de lidar como pode com esta contradição insolúvel, com força de lei objetiva. No decorrer dos seus desdobramentos, criou várias formas para mediar este limite, sem

nunca deixar de atender a essa subordinação necessária e destrutiva do valor de uso ao valor de troca.

Não é por acaso que o autor caracteriza essa lei como "destrutiva". Como dissemos, ela está presente na essência do capital e é exatamente um poder objetivo que pode cancelar as necessidades reais dos seres humanos. Contudo, nos estágios iniciais do capital,

> Sob determinadas circunstâncias, a autorreprodução ampliada do capital e a produção genuína podem coincidir num sentido positivo. [...] Entretanto, as condições necessárias para a produção genuína, e aquelas da autorreprodução ampliada do capital, não só não precisam sempre coincidir como, pelo contrário, podem mesmo se opor diametralmente. (MÉSZÁROS, 2011, p. 699).

Na fase contemporânea, o capitalismo desenvolvido chegou a um estágio em que

> A *disjunção radical* entre produção genuína e autorreprodução do capital não é mais uma remota possibilidade, mas uma realidade cruel com as mais devastadoras implicações para o futuro. Ou seja, as barreiras para a produção capitalista são, hoje, suplantadas pelo próprio capital de uma forma que assegura inevitavelmente sua própria reprodução [...] como *autorreprodução destrutiva*, em oposição à *produção genuína*. (MÉSZÁROS, 2011, p. 699, grifos do autor).

Esta autorreprodução destrutiva de que fala o autor é a expressão generalizada de uma lei que já carregava em seus estágios iniciais, embora com um caráter diferente, pois a produção era "*genuinamente orientada*" ou "*orientada-para-o-consumo*". Algo que fica restrito à fase do capital "da época de Marx", quando a "articulação social" era "predominantemente produtiva", quando realmente coincidiu a produção genuína com a autorreprodução do capital[74]. Logo, sua autorreprodução requer a "expansão do valor de troca" (MÉSZÁROS, 2011, p. 678/692/699).

---

[74] Aqui cabe uma ressalva, colocada por Mészáros, no capítulo dos limites absolutos do capital, quando chama de "*destruição produtiva*" a produção do capital, inclusive na sua "dinâmica positiva". Era uma destruição que, apesar disto, era produtiva. Ou seja, "a invasão pelo capital de tudo o que poderia ser invadido ou usurpado [...] deu sustentação à ideia da 'destruição produtiva', ainda que sempre mais problemática conforme aumentava a escala. A destruição envolvida poderia ser generosamente lançada como parte inevitável dos 'custos

E assim, no desenvolvimento do sistema do capital, revelam-se seus requerimentos mais profundos:

> A expansão do valor de troca é agora a preocupação fundamental dessa sociedade; toda forma de mistificação é usada para fazer de conta que a produção de uma quantidade sempre crescente de valor de troca, não importa o quão obviamente perdulária, está plenamente de acordo com os melhores princípios da "racionalidade econômica" e corresponde eficazmente a alguma "demanda real". (MÉSZÁROS, 2011, p. 689).

A questão do "uso real" não é mais posta em questão, pois "o mero ato da *transação comercial* se torna o único critério relevante de 'consumo'" (MÉSZÁROS, 2011, p. 689). Desse modo, é ainda mais negado o atendimento das necessidades humanas reais, substituído pela persecução da autorreprodução ampliada do capital, através da "expansão do valor de troca".

1.4 O capital e a questão do meio ambiente

Este caráter objetivo de uma autorreprodução destrutiva do capital é, como podemos ver, algo que está em sua essência. No aspecto da "destruição ambiental", ele também se revela como causa por excelência[75]. Segundo Mészáros, este é seu "aspecto obviamente mais destrutivo" (MÉSZÁROS, 2011, p. 94-5).

---

de produção' e da reprodução ampliada, se a constante ampliação da escala das operações do capital trouxesse o benefício adicional do deslocamento das contradições do sistema" (MÉSZÁROS, 2011, p. 267). Portanto, não se pode concluir pela ausência do aspecto destrutivo na fase mais "produtiva" do capital, mas apenas uma destruição vertida pelo desenvolvimento produtivo da produção. Nesta sua fase de "ascendência histórica", o capital era capaz de "ignorar a causalidade espontânea e o ritmo da natureza"; isto foi algo que "trouxe um grande aumento em seu poder de produção". (MÉSZÁROS, 2011, p. 267/254-5).

[75] É interessante salientar que este aspecto da autorreprodução destrutiva do capital se dá mediante a exploração de um grupo de homens por outro grupo de homens. Nesse sentido, não pode ser reduzido ao mero aspecto da destruição que oferece a outras espécies e aos processos naturais, mas um desenvolvimento que ocorre no interior desta espécie biológica, cindindo ela própria em dois grupos, um pequeno, que tem acesso ao mais alto nível de produção da

Em 1971, em *A necessidade do controle social*, Mészáros já expunha sua caracterização da questão ambiental no calor das discussões emergentes sobre o tema:

> Há dez anos a ecologia podia ser tranquilamente ignorada ou desqualificada como totalmente irrelevante. Atualmente, ela é obrigada a ser grotescamente desfigurada e exagerada unilateralmente para que as pessoas – suficientemente impressionadas com o tom cataclísmico dos sermões ecológicos – possam ser, com sucesso, desviadas dos candentes problemas sociais e políticos. (MÉSZÁROS, 2011, p. 987).

O autor antecipa aqui uma análise que possibilita entender o significado da Conferência de Estocolmo (que ocorreu no ano seguinte à publicação de Mészáros, em 1972), a primeira grande conferência organizada pelas Nações Unidas para discutir o meio ambiente.

Segundo Mészáros:

> O problema da ecologia é real já há algum tempo, ainda que, evidentemente, por razões inerentes à necessidade do crescimento capitalista, poucos tenham dada alguma atenção a ele. (MÉSZÁROS, 2011, p. 988).

Marx compreendeu, já em seu tempo, que apenas

> Uma reestruturação radical do modo prevalecente de intercâmbio e controle humano é o pré-requisito necessário para um controle efetivo das forças da natureza, que são postas em movimento de forma cega e fatalmente autodestrutiva precisamente em virtude do modo prevalecente. (MÉSZÁROS, 2011, p. 988-9).

Com o capital seria impossível alterar esta sua "forma cega" e "autodestrutiva", oriunda de sua própria natureza, o que se daria apenas mediante a "reestruturação radical do modo prevalecente de intercâmbio e controle humano". Mészáros defende esta ideia num momento em que muitos marxistas estão procurando entender e formular um entendimento marxista deste problema. Segundo Foster, esta análise de Mészáros é a primeira "crítica

---

humanidade, e a maioria, que não tem, apesar de produzir toda a riqueza. Ou seja, classes sociais antagônicas, inconciliáveis. Portanto, a destruição que o capital oferece é muito mais ampla do que uma relação da humanidade, pois ocorre sob a mediação de classes sociais antagônicas.

marxiana compreensiva da crise ecológica planetária emergente" (FOSTER, 2013, n.p).

Em outro trecho do mesmo texto, no qual trata do tema da "intensificação da taxa de exploração", Mészáros comenta algo em acordo com o que desenvolve em seu *Para além do capital,* sobre a destruição (especialmente a ambiental) e o capital:

> Outra contradição básica do sistema capitalista de controle é que este não pode separar "avanço" de *destruição*, nem "progresso" de *desperdício* – ainda que as resultantes sejam catastróficas. Quanto mais o sistema destrava os poderes da produtividade, mais ele libera os poderes de destruição; e quanto mais dilata o volume de produção, tanto mais tem de sepultar tudo sob montanhas de lixo asfixiantes. (MÉSZÁROS, 2011, p. 1.009-10, grifos do autor).

Já em *Para além do capital* nota-se semelhante caracterização do problema ambiental, com mais elementos encontrados de maneira espraiada em todo o livro, nas diversas determinações do capital analisadas.

No capítulo sobre os "limites absolutos do capital", por exemplo, ele analisa contradições que impõem ao capital restrições aos seus constituintes, mas que ele não pode atender devido a seus próprios imperativos de reprodução:

> A problemática das contradições gerais do sistema do capital é a existente entre a impossibilidade de impor restrições internas a seus constituintes econômicos e a necessidade atualmente inevitável de introduzir grandes restrições. (MÉSZÁROS, 2011, p. 220).

Isso significa contradições insolúveis para o capital, ativadas por seus limites absolutos. O autor comenta que os "defensores do sistema do capital" podem apresentar "todo tipo de alternativas falsas"; menciona os "limites do crescimento" como um exemplo dos proponentes de restrições ao capital que "[evita] a dimensão social das questões identificadas em nome de uma 'complexidade'" dos problemas envolvidos. E acrescenta que não conseguem "submeter a uma crítica séria o próprio sistema socioeconômico culpado de produzir os sintomas quixotescamente criticados por eles" (MÉSZÁROS, 2011, p. 221, nota 6).

Mészáros trata com grande sarcasmo as conferências globais que tentaram colocar restrições ao sistema do capital irrefreável:

> As medidas corretivas contempladas em grandes encontros festivos – como a reunião de 1992 no Rio de Janeiro – acabam em malogro, pois estão subordinadas à perpetuação de relações de poder e interesses globais estabelecidos. (MÉSZÁROS, 2011, p. 223).

Em nota de rodapé, continua:

> As ineficazes resoluções da Conferência do Rio de Janeiro de 1992 [...] só são usadas como álibi para que tudo continue como antes, sem que nada se faça para enfrentar o desafio, enquanto se finge cumprir obrigações assumidas. (MÉSZÁROS, 2011, p. 223, nota 8).

Para Mészáros, a possibilidade de "eliminação das condições de reprodução sociometabólica" brota da contradição insolúvel entre a impossibilidade de o capital se impor limites ou restrições e a necessidade urgente, proibitiva em alguns campos, de essas restrições ocorrerem.

Não apenas o valor de uso ou a necessidade humana não são considerados para o capital, como justamente por isso, "porque rompeu as restrições do valor de uso e da necessidade humana", este "modo alienado e reificado de controle sociometabólico" pode seguir o "rumo inexorável de sua própria expansão (sem preocupação com as consequências)" (MÉSZÁROS, 2011, p. 251). E assim ele pode expressar esse seu caráter de forma que

> A degradação da natureza ou a dor da devastação social não têm qualquer significado para seu sistema de controle sociometabólico, em relação ao imperativo absoluto de sua autorreprodução numa escala cada vez maior. (MÉSZÁROS, 2011, p. 252).[76]

Desse modo, sem qualquer indivíduo humano *autodeterminado* no controle, ou mesmo sem a capacidade de se impor limites, de qualquer forma que seja, "o sistema do capital global é *obrigado a* frustrar todas as tentativas de interferência, até mesmo as mais reduzidas em seus parâmetros estruturais" (MÉSZÁROS, 2011, p. 95). Suas leis imanentes de reprodução ignoram os valores de uso e as necessidades reais produzidas pela própria humanidade.

[76] Afirma ainda, em outro lugar, que "o capital não pode ter outro objetivo que não sua própria autorreprodução, à qual tudo, da natureza a todas as necessidades e aspirações humanas, deve se subordinar absolutamente". (MÉSZÁROS, 2011, p. 800).

Para o autor, em suma, "o ambientalismo, por sua própria natureza [...] é não integrável". O que significa dizer que este problema não será resolvido pelo capital, porquanto o capital não integrará esta demanda objetiva, não importa quantas tentativas de restringir o capital sejam realizadas. "O sistema do capital mostrou-se impermeável à reforma, até mesmo de seu aspecto obviamente mais destrutivo"; "o incontestável imperativo da proteção ambiental se revelou inadministrável" (MÉSZÁROS, 2011, p. 95/p. 94-5).

O sistema do capital não pode renunciar às suas leis objetivas, à sua natureza; exatamente por isso, "o impulso expansionista *cego* do sistema do capital é incorrigível" (MÉSZÁROS, 2011, p. 259). Esta cegueira assume um aspecto devastador, "colocando em risco a própria sobrevivência da humanidade e não apenas o altamente ampliado sistema do capital" (MÉSZÁROS, 2011, p. 260-1).

O "lado negativo" do capital adquiriu, dessa forma, uma "dominância avassaladora, a ponto de colocar diante da humanidade a perspectiva de ser precipitada na barbárie" caso os "processos destrutivos do capital", não sejam conscientemente controlados (MÉSZÁROS, 2011, p. 263).

Entretanto, na história do capital, houve inúmeras tentativas de se colocar restrições e até mesmo de superá-lo, na forma do capitalismo.

As primeiras políticas protetivas ambientais surgiram ainda no fim do século XIX, mas já de maneira isolada da sua relação socioeconômica causal, procurando impor limites às destruições ambientais mais severas e incorporando limitadas concessões protetivas que não afetavam a acumulação de capital. Por exemplo, o primeiro parque nacional foi o de Yellowstone, estabelecido em 1872 (FOSTER, 1999, p. 73); o segundo foi o de Yosemite, em 1886, ambos nos Estados Unidos, onde um movimento conservacionista começou a tomar corpo no fim do século XIX, com uma crítica à sociedade industrial a partir de seus impactos na natureza (FOLADORI, 2001). O presidente Roosevelt adicionou ainda muitos hectares às florestas nacionais, durante sua

presidência, nos primeiros anos do século XX (FOSTER, 1999, p. 76). Outros países também criaram parques no intuito da conservação nesse período, como, por exemplo, Canadá (1894), Chile (1905), Porto Rico (1909) e Uruguai (1916) (FOLADORI, 2001, p. 113-4).

As restrições aceitáveis para o capital, no período em que a produção era fundamentalmente *orientada-para-o-consumo,* davam-se tão somente quando tais restrições não significavam grandes perdas para o capital. Hoje em dia, com a autorreprodução destrutiva, o capital intensificou sua incapacidade de permitir que se coloque algum tipo de restrição sobre sua autoexpansão desenfreada, incluindo a destruição do meio ambiente.

2. A Tentativa de Conservação do Meio Ambiente na URSS

É no contexto do capitalismo do fim do século XIX e início do século XX que a experiência soviética vem à tona, tentando dar uma solução alternativa ao capitalismo por meio de uma revolução política. Quando o sucesso para os soviéticos estabelecerem o socialismo foi comprometido, eles desenvolveram um tipo peculiar de forma de produção do capital, com peculiaridades na forma de se tratar o meio ambiente. Mas, como a essência da forma de produção ainda era o capital, é possível considerar que parte dos seus ditames também fosse preservada, provocando a reprodução das relações destrutivas sobre o meio ambiente, apesar da tentativa inicial de se estabelecer uma relação socialista de produção, com a proposição de elevados limites na relação destrutiva entre o homem e a natureza.

Mészáros analisa a URSS em relação à permanência do capital como mediador do sociometabolismo. Da mesma forma, considera o capital a base causal da destruição ambiental operada no mundo capitalista. Ele não analisa, especificamente, a relação entre estes dois complexos de problemas que tentamos aproximar, a destruição ambiental e a forma peculiar de capital pós-capitalista. Não obstante, oferece os fundamentos necessários – tanto para o

sistema capitalista quanto para o sistema pós-capitalista – que tornam mais claras as destruições lançadas sobre o meio ambiente nestas duas formas de controle do capital.

2.1 Os limites da experiência soviética pós-capitalista

Já observamos que o capital não aceita restrições à sua necessidade de autoexpansão do valor de troca, colocando um sério limite às tentativas de se conservar ou proteger o meio ambiente dos seus requerimentos expansivos, por meio de medidas restritivas.

Entretanto, para entender a destruição ambiental operada pelo capital pós-capitalista soviético, é preciso enfatizar alguns elementos das peculiaridades desta forma de capital que sugerem reflexões sobre sua incapacidade de viabilizar a resolução deste problema.

Em primeiro lugar, é importante mencionar que das "características definidoras essenciais" do capital que permaneceram na sociedade soviética, segundo Mészáros, foi apenas a forma de extração do trabalho excedente, que no capitalismo seria a "mais-valia", a forma inerentemente econômica de extrair o excedente; já no capital pós-capitalista, a "extração do trabalho excedente é politicamente regulada". O autor diz que o capital manteve seu domínio nas "sociedades pós-revolucionárias"[77]. O sistema pós-capitalista de capital não pode, entretanto, ser considerado capitalismo[78]; por outro lado, também

[77] Por meio dos "imperativos materiais que circunscrevem as possibilidades do processo vital"; "da divisão social do trabalho herdada" que contradiz o desenvolvimento de livres individualidades; "da estrutura objetiva do aparato produtivo disponível" e da "forma historicamente limitada" do conhecimento científico; e "dos vínculos e interconexões das sociedades pós-revolucionárias com o sistema global do capitalismo." (MÉSZÁROS, 2011, p. 736-7).

[78] Não havia, na sociedade soviética, as seguintes características essenciais da forma capitalista de capital: "a produção para a troca"; "a força de trabalho [...] tratada como mercadoria"; a "motivação do lucro" como "força reguladora fundamental da produção"; a mais-valia (extração de trabalho excedente

"não pode ser nada de essencialmente diferente de capital. É uma forma mutante de controle do capital com base em um desenvolvimento *sui generis"* (MÉSZÁROS, 2011, p. 736-7/730).

Mészáros sintetiza "as características essenciais que definem todas as possíveis formas do sistema do capital":

> A mais elevada extração praticável do trabalho excedente por um poder de controle separado, em um processo de trabalho conduzido com base na subordinação estrutural hierárquica do trabalho aos imperativos materiais da produção orientada para a acumulação [...] e para a contínua reprodução ampliada da riqueza acumulada. (MÉSZÁROS, 2011, p. 781).

Em segundo lugar, é importante outro motivo para a inviabilidade de fazer desaparecer o capital através da tentativa soviética. Mészáros afirma que, para Marx, "uma transformação socialista viável tinha de emergir – e somente poderia emergir – da crise estrutural do sistema do capital global". De acordo com Mészáros, para Marx, desde *A ideologia alemã,* a "universalidade" seria o critério "segundo o qual teria de se julgar a viabilidade da alternativa socialista". A via para o socialismo deveria pressupor "o desenvolvimento universal das forças produtivas e o intercurso mundial a elas articulado" (MÉSZÁROS, 2011, p. 705/726-7). Só assim seria possível uma nova forma de mediar o sociometabolismo, livre de toda forma de capital.

Dialogando com uma passagem de Marx[79], do seu livro *Guerra civil na França*, Mészáros comenta:

---

economicamente regulado); a apropriação privada dessa mais-valia extraída economicamente; "os imperativos econômicos de crescimento e expansão" tendendo à "integração global". (MÉSZÁROS, 2011, p. 736-7).

[79] O trecho chave a que Marx se refere é o seguinte: "A classe trabalhadora sabe que tem de passar por diferentes fases da luta de classe. Sabe que a superação das condições econômicas de escravidão do trabalho pelas condições do trabalho livre e associado só pode ser um progressivo trabalho do tempo, […] que ela exige não apenas uma mudança da distribuição, mas uma nova organização da produção, ou melhor, a libertação das formas sociais de produção do trabalho organizado atual […] das peias da escravidão e de seu atual caráter de classe, e a harmoniosa coordenação nacional e internacional. Ela sabe que esse trabalho de regeneração será repetidamente atrasado e

> A questão em jogo é a criação das "novas condições": a transcendência e a superação da "ação espontânea da lei natural do capital" – e não a sua simples "abolição" política, que é inconcebível – e o desenvolvimento, que se arrasta por um longo tempo, de uma nova espontaneidade, "a ação espontânea das leis da economia social", como o modo radicalmente reestruturado do novo sociometabolismo. (MÉSZÁROS, 2011, p. 575).

Desse modo, a criação de "novas condições" e esse caráter "espontâneo" apenas poderiam se efetivar se alterada a essência do sociometabolismo, e não apenas modificando sua forma jurídica, com a eliminação das personificações capitalistas.

A sociedade soviética não pôde reestruturar o sociometabolismo que herdou; não pôde, portanto, iniciar de fato o socialismo. Apenas pôde realizar a revolução política sem conseguir transformá-la na revolução social, com um novo sociometabolismo, quando a política deveria ser deixada de lado, já que possui uma "parcialidade intrínseca" ou "crônica". Ela é a própria afirmação da "iniquidade das relações materiais de poder estabelecidas", pois toda parcialidade implica a supremacia de uma parte em detrimento do todo. Dessa forma, a parcialidade intrínseca ao capital pós-capitalista se refere ao fato de que ele é a afirmação de um poder em separado, superposto àquela sociedade como um todo. Contudo, de acordo com Marx, "Ele [o socialismo] tem necessidade deste ato político na medida em que tem necessidade da destruição e da dissolução". E continua: "No entanto, logo que tenha início sua atividade organizativa, logo que apareça seu próprio objetivo, sua alma, então o socialismo se desembaraça do seu revestimento político" (MÉSZÁROS, 2011, p. 571-2/569/568; MARX *apud* MÉSZÁROS, 2011, p. 572).

Esta impossibilidade perpetuou o uso da política na sociedade soviética, que não pôde realizar os complementos materiais necessários à consolidação da tentativa, e como resultado disto,

---

interrompido pela resistência de interesses específicos e do egoísmo de classe. Sabe que a 'ação espontânea das leis naturais do capital e da propriedade da terra' só será superada pela 'ação espontânea das leis da economia social do trabalho livre e associado' depois de um longo processo de desenvolvimento de novas condições". (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2011, p. 574-5).

não conseguiu se "desembaraçar" de seu "revestimento político" para executar uma transformação genuinamente emancipadora. A política, desse modo, para o socialismo não poderia ser outra coisa que não um instrumento, algo transitório, para alcançar o objetivo último do socialismo, pois "o socialismo exige a maior transformação positiva na história" (MÉSZÁROS, 2011, p. 572): o trabalho livre e associado, onde estão ausentes as iniquidades das relações de poder materiais.

Para a sociedade soviética, de acordo com Mészáros, a política foi muito mais do que apenas um "ato político" que logo mais seria retirado – já que "embaraça" o sistema social devido ao fato de expressar uma "iniquidade" real da sociedade em questão –; não apenas se perpetuou no sistema do capital pós-capitalista soviético, mas foi precisamente através deste complexo social que se tornou possível mediar a "extração do trabalho excedente". Pela via da regulação "política", o excedente econômico pôde continuar a se converter em capital[80] na sociedade soviética, mesmo após a revolução política e a remoção das "personificações do capital" na sua forma de capitalista privado.

Portanto, não basta apenas tomar o poder do Estado e remover as personificações do capital, mas complementar a tomada do poder com

> Uma articulação bem-sucedida das funções autônomas e positivamente reguladoras pelas quais os produtores associados podem colocar nas finalidades por eles mesmos escolhidas os frutos

[80] Segundo Mészáros, a definição de "todas as possíveis formas do sistema do capital" é: "a mais elevada extração praticável do trabalho excedente por um poder de controle separado, em um processo de trabalho conduzido com base na subordinação estrutural hierárquica do trabalho aos imperativos materiais da produção orientada para a acumulação […] e para a contínua reprodução ampliada da riqueza acumulada. As formas particulares de personificação do capital podem variar consideravelmente, contanto que as formas assumidas se moldem às exigências que emanam das características definidoras essenciais do sistema. Assim, no sistema de tipo soviético, no qual as funções controladores do capital eram investidas no partido, e não em indivíduos particulares, os líderes eram personificações genuínas de capital apenas na sua capacidade coletiva". (MÉSZÁROS, 2011, p. 781).

> do trabalho excedente no curso da criação de um sistema orgânico socialista. Se o aspecto positivo da tarefa não fora perseguido desde o início, não haverá qualquer esperança de se concluir com sucesso a revolução socialista. De fato, mais cedo ou mais tarde, mesmo as funções negativas assumidas de se "expropriar os expropriadores" estão destinadas a falhar. (MÉSZÁROS, 2011, p. 738).

No caso da sociedade soviética, esta falha pode ser vista em diversos aspectos, pois, junto com a permanência da dominação do capital sobre o trabalho e sua iniquidade expressa na presença e forma do Estado, advêm as relações provenientes desta natureza, dos fundamentos destes complexos. O aspecto que queremos, em particular, demonstrar com este texto é a impossibilidade de o capital, enquanto objetividade social, mostrar-se sensível às demandas ambientais ou sociais, mesmo na sua versão pós-capitalista soviética, e como isso se configura necessariamente destrutivo. A destruição do meio ambiente operada no sistema do capital, na variedade capitalista ou pós-capitalista, é de ordem objetiva, porquanto advinda da natureza do próprio capital. Se se mantiver o capital, sua essência dará origem aos seus demais requerimentos operativos para se colocar como força "todo-poderosa", inclusive as personificações do capital específicas para cada uma de suas formas de controle[81].

Dessa maneira, a União Soviética constituiu-se como uma forma de produção nova, que não é genuinamente capitalista, mas que também está muito longe de ser socialista. De acordo com Mészáros, a revolução russa de 1917

---

[81] Segundo Mészáros, "a relação causal vai do capital ao capitalista, e não o contrário" (MÉSZÁROS, 2011, p. 723), portanto, não elimina o capital do sistema social, mas origina um novo tipo de sua personificação necessária. O capital, na sua forma capitalista, origina um tipo de personificação correspondente a esta forma de mediar o sociometabolismo, que é o capitalista individual-privado. Já na forma "pós-capitalista soviética", originou, também, um tipo de personificação adequada às exigências do capital nesta forma específica, pelo fato de os ditames do capital terem permanecido objetivamente em vigor. O que significa dizer que o caráter objetivo do capital faz com que este dê origem aos sujeitos necessários para que ele se ponha como capital. Ou seja, aparecem como consequência da objetividade do capital as personificações que representam o trabalho e o capital.

> Foi um desenvolvimento *sui generis*, no sentido de ter tentado, em um vasto território do planeta, uma solução pós-capitalista para a crise do capitalismo ao tempo que permanecia nos confins estruturais do sistema do capital. (MÉSZÁROS, 2011, p. 730).

Entretanto, a crise do capitalismo, da qual irrompeu a sociedade soviética, não era a crise estrutural do sistema do capital, senão a primeira "crise global do capitalismo", ou seja, apesar de ainda não ser sua crise "permanente", "universal", "rastejante" (MÉSZÁROS, 2011, p. 765-6), já revelava um caráter global, na medida em que um grande conflito entre as potências capitalistas foi o resultado da competição extrema gerada na passagem do século XIX para o século XX. A Primeira Guerra Mundial "ofereceu soluções e vantagens temporárias a alguns dos participantes vitoriosos […] enquanto agravou enormemente as condições de outros, incluindo a Rússia czarista e a Alemanha" (MÉSZÁROS, 2011, p. 727-8). A crise, portanto, foi o "ponto de partida necessário e [...] deu ímpeto original" ao "desenvolvimento pós-revolucionário soviético". O sistema soviético criou seu próprio modo de administrar a crise do capital "herdada" e por um bom tempo conseguiu "as condições de expansão socioeconômica em um ambiente global hostil" (MÉSZÁROS, 2011, p. 735).

Para realizar a solução pós-capitalista dentro dos limites do capital, o sistema soviético demandou uma elevada "ajuda estranha" do Estado que criou após a revolução, precisando assim fortalecer cada vez mais este corpo político. Uma vez que as condições de implantação do socialismo não eram preenchidas, foi identificada a possibilidade de manutenção da estrutura em algum tipo de acordo com o restante do mundo capitalista, o que significava uma adequação essencial aos processos capitalistas internacionais, como o fortalecimento do Estado, enquanto corpo político separado, de forma a alocar o excedente para elevar o padrão produtivo. Era a única forma de manter a estrutura sociometabólica em funcionamento.

Portanto, o "socialismo em um só país" significou tanto o abandono de uma solução universal para o desafio histórico do capital quanto, como consequência, o fortalecimento do poder

hierárquico do Estado, a fim de desenvolver uma "extração politicamente regulada do trabalho excedente".

Apesar da impossibilidade do socialismo em um só país, os soviéticos precisaram criar seus mecanismos de legitimação adequados ao fato de se verem isolados na tentativa, pelo motivo de haverem realizado a revolução sem a garantia de ser acompanhados pelos revolucionários de outros países mais desenvolvidos, e assim potencializar seus estreitos limites. Logo após a Revolução de Outubro, Lenin tinha a intenção original de "assegurar a posição até a situação se tornar verdadeiramente favorável, graças à revolução nos países avançados"; dessa forma, procurou formular uma "definição mais positiva de socialismo em um só país". Entretanto, a formulação positiva de Lenin veio acompanhada de extrema cautela. Já Stalin utilizou esta formulação de Lenin, segundo Mészáros, "de maneira absolutamente ilegítima", para afirmar o "desenvolvimento real" do "socialismo em um só país" (MÉSZÁROS, 2011, p. 741).

Segundo Mészáros, Deutscher é quem explica a "vitória doutrinária" de Stalin na proposição de um "socialismo em um só país" em oposição à "revolução permanente" de Trotsky:

> O desejo de pelo menos uma longa pausa, muito longa, nos empreendimentos perigosos terminou por ser o motivo dominante da política russa. Socialismo em um só país […] trazia a promessa de estabilidade. Por outro lado, o próprio nome da teoria de Trotsky, "revolução permanente", soava como um alerta ominoso para uma geração esgotada de que ela não tinha o direito de esperar Paz nem Calma durante sua vida. (MÉSZÁROS, 2011, p. 744).

Entretanto, antes mesmo da "vitória doutrinária" de Stalin[82], já estava em vigor o processo de restauração dos requisitos do capital pós-capitalista, já que a sua força objetiva não foi suplantada por um novo tipo de sociometabolismo.

[82] "A teoria do socialismo em um só país se converte na doutrina oficial da IC [Internacional Comunista] [...] e passa a ser o princípio diretor da concepção da revolução mundial formulada no programa aprovado no VI Congresso (1928)." (CLAUDIN, 2013, p. 94-5).

De acordo com Chattopadhyay, as coisas mudaram com o fim da guerra civil e a nova política econômica (NEP), o que não era a intenção original dos bolcheviques. A NEP iniciou-se em 1921 e significou, em alguma medida, a restauração do mercado e da propriedade (CHATTOPADHYAY, 2014, p. 5-6). De acordo com Mandel, após a vitória na guerra civil, nesse ano, os soviéticos estabeleceram que "a primeira condição para a sobrevivência do regime era um restabelecimento das forças produtivas", o que significou "uma retirada com relação às formas de eliminação de toda produção mercantil que haviam caracterizado o 'comunismo de guerra'" (MANDEL, 1969, p. 163, tradução livre).[83]

É exatamente por ser uma força objetiva que o problema do capital não conta com superação fácil, pois ele pode se reproduzir, sob novas formas, colocando-se como um poder absoluto sobre a sociedade. No caso soviético, ele se restabeleceu com uma nova forma de controle, mutante, mas essencialmente o mesmo capital.

2.2 O tratamento particular dado pelos soviéticos ao meio ambiente

Durante o "comunismo de guerra", antes da NEP, houve alguns progressos consideráveis nas políticas protetivas do meio ambiente na URSS, ainda que isto não significasse nada muito além do que o próprio capitalismo já comportava.

Foi ainda durante o período do governo provisório (de fevereiro a outubro de 1917) que Semyonov criou a proposta ao redor da qual "as discussões conservacionistas" giraram

[83] "Desde 1923, 91,4% das empresas comerciais foram empresas privadas que realizaram 83,4% do volume dos negócios comerciais em conjunto. Reparou-se o sistema financeiro, estabilizou-se o rublo e aboliu-se o pagamento de salários em espécie. Restabeleceram-se as relações comerciais com os países capitalistas. Ofertaram-se ao capital estrangeiro concessões no território soviético a fim de acelerar o desenvolvimento das forças produtivas." (MANDEL, 1969, p. 163, tradução livre).

subsequentemente. Ele sugeriu criar 46 reservas protegidas (CHATTOPADHYAY, 2014, p. 3-4, tradução livre).

Chattopadhyay comenta que durante o período inicial do governo bolchevique, após a Revolução de Outubro, houve várias medidas de proteção à natureza, inclusive contando com o apoio de Lenin, que, em sua opinião, era profundamente sensível às questões ligadas à natureza. Como exemplo: em 1920 foi criada a primeira reserva exclusivamente para fins científicos da natureza nos Urais, além da proposição de Shillinger, uma lei para restringir a caça, também aprovada no mesmo ano; em 1921 foi aprovada uma lei proposta em 1919 para a criação de uma reserva no delta do Volga (CHATTOPADHYAY, 2014).

A partir da NEP, entre 1921-23, o corte de verbas imposto pela nova política levou à eliminação do comitê de proteção da natureza, criado logo após a revolução bolchevique (CHATTOPADHYAY, 2014).

Está claro que muitos autores não puderam identificar a presença do capital na URSS, e por isso não poderiam vê-lo como causa dos aspectos que analisaram. Isso serve não apenas para os críticos da experiência que assumem explicitamente o ponto de vista do capital, ou mesmo os próprios defensores da experiência soviética[84], mas também para os marxistas mais rigorosos.

Como exemplo de um ponto de vista claramente do capital, a crítica liberal de Hill (1992) diz que o socialismo soviético era ineficiente para pagar os "custos sociais" das indústrias; lá, segundo ele, isto acontecia pelo fato de não se ter "direitos de propriedade", pois só isto é que poderia garantir o pagamento dos "custos sociais". Nesse sentido, o que quer dizer Hill é que na URSS faltava precisamente o próprio capital, ou, o que pensa ser a melhor parte dele, os "direitos de propriedade". Na ausência de

[84] O próprio Stalin não apenas não identificou o capital pós-capitalista, como sustentou algumas décadas após 1917, segundo Mészáros, que o "socialismo pleno já tinha sido realizado [na URSS], e agora a fase mais elevada de desenvolvimento, o comunismo […] estava em processo de ser efetivada". (MÉSZÁROS, 2011, p. 742-3).

um mercado regulador, os soviéticos estariam fadados a destruir a natureza de várias formas, pois ele acredita que os "preços representam um negócio eficiente para consolidar informação e viabilizar um rápido retorno aos tomadores de decisão" (HILL, 1992, p. 326, tradução livre). Assim, para consolidar seu pensamento sobre o real combate ideológico que opera, ataca não apenas a ausência de direitos de propriedade, mas a teoria do valor de Marx, fazendo uma falsa identificação entre a experiência soviética e o socialismo propriamente dito, de que falou Marx, confundindo essa variedade de capital pós-capitalista com a maior transformação positiva na história, o socialismo, que inexiste até hoje.

Alguns autores marxistas consideram que com o regime de Stalin teria ocorrido o "retrocesso", após a década de 1930, das legislações de proteção ao meio ambiente. Chattopadhyay observa que foi a "ditadura burocrática" instituída pela "revolução por cima" de Stalin que fez ruir o que foi conquistado nos anos de 1918-1929 em termos ecológico-protetivos. No meio da década de 1930, isso teria ruído por completo. Entre os anos de 1929 e 1937, os ambientalistas que se opunham, de alguma forma, ao governo soviético foram arrasados e caíram junto com os opositores do sistema stalinista (CHATTOPADHYAY, 2014, p. 1-2, tradução livre).

Foster diz que a União Soviética

> Foi pioneira em várias reformas ambientais. Mas com o crescimento da burocracia stalinista, na década de 1930, todo esse caminho foi trilhado antes de terem na expansão da produção seu objetivo único. (FOSTER, 1999, p. 96-7, tradução livre).

Ele também considera que a burocracia stalinista foi crucial para a aceleração da degradação ambiental soviética. Sobretudo após o primeiro "plano quinquenal", em 1929, houve a "exploração intensificada do rico suprimento de energia, minerais e outras matérias-primas do país"; esta "rápida industrialização" "continha em si as sementes de seu próprio falecimento", na medida em que ficou cada vez mais difícil o "incremento anual necessário de trabalho e matérias-primas". Um constrangimento

que apenas se intensificou com a criação dos outros planos quinquenais[85] (FOSTER, 1999, p. 97, tradução livre).

Khruschev lançou um programa, em 1954, que instituía a aragem de 33 milhões de hectares de terras virgens para expandir a agricultura. No fim de 1950, os dirigentes decidiram intervir até mesmo na proteção do lago Baikal, o maior lago de água doce do mundo, para a expansão da produção (FOSTER, 2015).[86]

Na década de 1960, até houve "reformas econômicas", mas "muito modestas para provocar mudanças adequadas aos problemas crescentes na economia soviética. Os dados oficiais indicam que foi de quase 50% a queda na taxa de crescimento entre 1966-70" (FOSTER, 1999, p. 98, tradução livre).

Já na época da Perestroika, Abel Aganbegyan, um conselheiro econômico de Gorbachev, mencionou que o "declínio no crescimento [em 1971-5] [...] estava conectado, principalmente, com a piora das condições geológicas e econômicas da

[85] Para se ter noção de como o pensamento soviético predominante era voltado para a industrialização, há uma interessante discussão que Lúkacs faz sobre o conceito de técnica de Bukharin, em que este último considera a técnica o elemento causal determinante das relações sociais e não o contrário. Dessa forma, segundo Lúkacs, isto "inverte a relação causal", e a técnica se torna "um princípio transcendente, que se opõe ao homem, como 'natureza'" (LUKÁCS, 1974, p. 45-7, tradução livre). É profundamente revelador que esta concepção apareça justamente no momento em que os requisitos industrializantes do capital pós-capitalista surgiam com toda a força, requerendo o papel de pureza natural e neutralidade da técnica. A consequência e as implicações político-ideológicas podem ser vistas na seguinte passagem de Lessa: "A técnica apenas pode se substanciar em meios de trabalho. Enquanto tal, a técnica comparece como mediação entre o homem e o seu objeto de trabalho. Se a técnica fosse a causa determinante da história, então as relações de produção seriam decorrências dos meios de trabalho. Não mais seriam os homens que se organizam em sociedade para converter a natureza em valores de uso. Ao contrário, os meios de trabalho organizariam o intercâmbio homem/natureza". (LESSA, 2011, p. 261-2).

[86] Foi em torno da proteção do lago Baikal que se articulou, novamente, um crescimento do movimento conservacionista. Em 1985, o número de membros da maior organização ambientalista (a VOOP – "*All-Russian Conservation Society*", criada em 1924) chegou a 85 milhões. (FOSTER, 2015).

mineração", e que "a União Soviética está rapidamente exaurindo os seus recursos naturais mais acessíveis" (AGANBEGYAN *apud* FOSTER, 1999, p. 97, tradução livre).

Na década de 1970 e início de 1980 houve um aprofundamento na situação de estagnação econômica e a URSS também passou por uma deterioração ambiental geral. O incremento de pesticidas resultou em que, "nas áreas de crescimento de arroz, nem mesmo um homem jovem sequer pôde ser aceito para o serviço militar" por não ter o mínimo de saúde; em algumas vilas deste distrito, "o câncer é a única causa de morte" (FOSTER, 1999, p. 99, tradução livre). Além de os pesticidas terem contaminado o mar de Aral, na Ásia Central, também drenaram seus rios com a irrigação, perdendo cerca de 2/3 de seu volume (FOSTER, 1999, p. 99-100, tradução livre).

É com a Glasnost, segundo Foster, que ocorrerá uma abertura nos registros dos acontecimentos históricos na União Soviética, o suficiente para se obter informações mais precisas do meio ambiente. Ficou claro que "o ar e a água foram seriamente comprometidos"; mais grave ainda foi a "contaminação radioativa do meio ambiente. Além da catástrofe de Chernobyl, em 1986, a URSS havia despejado 2,5 milhões de curies de resíduos radioativos no oceano" (FOSTER, 1999, p. 100, tradução livre).

Podemos observar, de acordo com este apanhado de Foster, que as degradações na URSS foram crescentes, tal como se pode verificar com o mundo capitalista. É notável uma especial intensificação a partir da década de 1970, quando o poder objetivo do capital intensificou a força destruidora presente em sua natureza das mais diferentes formas.

O capital pôde, dessa forma, criar os requisitos materiais para sua expansão continuada na sociedade soviética, extraindo o trabalho excedente em ritmo necessariamente crescente. Com esta forma de entendermos o sociometabolismo do capital soviético, é possível enxergar as medidas protetivas do meio ambiente realizadas pela URSS na década de 1920 como facilmente reversíveis pelo capital. Até mesmo estas tímidas legislações de

proteção da natureza não são compatíveis com a ineliminável autoexpansão do capital num longo prazo, já que a transformação das áreas outrora protegidas em recursos naturais utilizáveis diretamente pela indústria são requisitos absolutos do capital, caso ele não arranje outros meios para expandir-se.

Nota-se um aprofundamento dos problemas soviéticos com a emergência da crise estrutural do capital. Mészáros afirma que na URSS a situação

> Piorou muito nos anos 1970, quando tem início a crise estrutural global do sistema do capital em si, expondo a inadequação da "ajuda estranha" que o Estado poderia oferecer sob as circunstâncias da crise sistêmica que se aprofunda. (MÉSZÁROS, 2011, p. 734-5).

E mais adiante:

> Significativamente, a viabilidade do sistema de tipo soviético se tornou não apenas muito problemática, mas como parte da crise estrutural geral, absolutamente impossível. (MÉSZÁROS, 2011, p. 734-5).

O horror das destruições ambientais operadas na URSS é mais facilmente entendido sob o peso da determinação causal do capital pós-capitalista soviético, analisada por Mészáros:

> A incontrolabilidade do sistema reprodutivo pós-capitalista se manifestou pela incapacidade crônica de alcançar os objetivos econômicos, escarnecendo das decantadas vantagens da "economia planejada". (MÉSZÁROS, 2011, p. 848)

Este sistema, portanto, era não apenas incontrolável, como também fruto de uma forma mutante de controle do capital. Esta era a própria causa dos problemas ambientais; não podia, portanto, explorar as necessidades e as possibilidades humanas devido aos ditames materiais do capital pós-capitalista. A incontrolabilidade e a consequente destruição da natureza saíam de seus poros, como saem dos poros de qualquer sociedade que perpetue o sistema incontrolável do capital; o que é possível mudar é apenas sua forma histórica específica.

Conclusão

Como pudemos analisar, as raízes históricas do capital são mais profundas do que parecem. Isso faz com que a superação desta forma de sociometabolismo não seja fácil. A história mostra que o capital existiu de diferentes formas, mas sua forma plenamente desenvolvida é a que assume mais claramente o seu caráter destrutivo.

É no intercurso do capital, em seu pleno desenvolvimento, que surge a experiência soviética como a expressão de uma intenção frustrada de superar o capitalismo; o capital mostrou seu poder de vergar as tentativas que se opunham a ele quando suas forças ainda estavam a pleno vapor no sistema mundial. O que poderia ser feito, para os que observavam amargurados as degradações do meio ambiente provocadas pelo capital, era se contentar com pequenas medidas de proteção residual dos processos naturais, não generalizáveis na ordem do sistema do capital como um todo e efêmeras no longo prazo.

Dessa maneira, alguns aspectos destrutivos locais no capitalismo mundial foram remediados emergencialmente com conservações e medidas protetivas limitadas ainda no século XIX, quando o capital se mostrava receptível à concessão de melhorias que não afetavam seu padrão de acumulação.

Quando irrompe a revolução russa, há a presença de um setor ecologista esperançoso de melhorias também neste novo sistema. Entretanto, o capital logo mostra sua face quando limita e posterga as mais significativas melhorias obtidas nos anos iniciais em termos ecológicos.

Portanto, é precipitada a conclusão de que o socialismo também degradou o meio ambiente. Antes, seria necessário, como expusemos, examinar que socialismo autoproclamado seria esse. De acordo com Mészáros, só podemos concluir que a experiência soviética pode ser considerada socialista, nos termos formulados

por Marx, e portanto seu desenvolvimento histórico não poderia ser sustentável no que concerne à sua relação com a natureza.[87]

É comum vermos as menções às tragédias ambientais soviéticas do mar de Aral, do lago Baikal e de Chernobyl como algumas das maiores catástrofes da história da humanidade, nomeando-as inclusive de "ecocídio" (FOSTER, 2015). Entretanto, se desconhecermos as particularidades, por um lado, da forma de reprodução sociometabólica do capital e, por outro lado, das peculiaridades do capital pós-capitalista soviético, qualquer tentativa de identificar a relação causal dessas tragédias correrá o risco de ser profundamente precipitada.

Como vimos, o cancelamento das necessidades humanas operado pelo capital em busca da sua permanente autovalorização faz com que não seja possível, para ele, enquanto poder objetivo, considerar qualquer aspecto que diga respeito à proteção da natureza, já que, de acordo com suas leis objetivas, o que importa é a expansão do valor de troca (apenas) em detrimento do valor de uso, de uma maneira cada vez mais perdulária, ao ponto que "o impulso crescente em direção à multiplicação do valor de troca, no princípio [era] apenas divorciado, mas agora [é] abertamente oposto ao 'valor de uso'"; e que a sua "demanda incontrolável por

[87] Mészáros comenta de uma maneira muito interessante, sobre os critérios reais para se atingir um desenvolvimento sustentável, de fato. Ele afirma que: "O maior desafio do desenvolvimento sustentável, que agora devemos enfrentar, não pode ser devidamente tratado sem a remoção dos constrangimentos paralisantes de caráter adverso do nosso sistema de reprodução. Esta é a razão por que não pode ser evitada a questão da igualdade substantiva no nosso tempo como o foi no passado. Por sustentabilidade significamos o estar realmente no controle dos processos culturais, econômicos e sociais vitais através dos quais os seres humanos não só sobrevivem, mas também podem encontrar satisfação, de acordo com os objetivos que colocam a si mesmos, em vez de estarem à mercê de imprevisíveis forças naturais e quase-naturais determinações socioeconômicas. A ordem social existente é edificada no antagonismo estrutural entre o capital e o trabalho, requerendo, portanto, o exercício de um controlo externo sobre todas as forças insubmissas". (MÉSZÁROS, 2002).

recursos" seja feita, "sem consideração pelas consequências futuras sobre o ambiente" (MÉSZÁROS, 2011, p. 819).

Não é exagero considerar que semelhante cancelamento das necessidades humanas é também visível na história das sete décadas soviéticas, porquanto não é possível concordarmos com o fato de que aquele sistema possuía algo de essencialmente socialista. Apesar de não se dar nas mesmas formas históricas capitalistas, este cancelamento das necessidades humanas não deixou de operar, além de ter se aprofundado em consonância com a crise estrutural do sistema do capital.

Assim, as características que o capital não pode prescindir, hoje, revelam-se como expressivas de uma produção crescentemente perdulária ou, em uma palavra, destrutiva. Sobretudo com o avanço da crise estrutural deste sistema sociometabólico, quando são ativadas suas formas mais deletérias possíveis, colocando em risco até mesmo a própria existência das condições de reprodução sociometabólica.

Entender as relações produtivas empreendidas na URSS como destrutivas em si, pelo fato de serem oriundas do capital também em sua variedade pós-capitalista, é trazer à tona a relação causal principal das destruições ambientais que o Estado soviético, sob o peso objetivo do capital, realizou.

Os caracteres intrínsecos do capital são, pois, visíveis também na sua variedade pós-capitalista. E de forma semelhante como ocorreu nos países capitalistas, as personificações do capital tiveram de ignorar as necessidades reais da humanidade quanto ao estabelecimento de uma relação sociometabólica menos destrutiva com os processos naturais devido às exigências objetivas da reprodução ampliada do capital.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, P. **Passagens da antiguidade para o feudalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CHATTOPADHYAY, K. **The rise and fall of environmentalism in the early Soviet Union**. Climate & Capitalism. Monthly Review online group, 2014. Disponível em: http://climateandcapitalism.com . Acesso em: 18/10/2016.

CLAUDIN, F. **A crise do movimento comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

FOSTER, J. B. **Late soviet ecology and the planetary crisis**. New York: Monthly Review, vol. 67, issue 02 (june), 2015.

_____. **Marx and the rift in the universal metabolism of nature**. New York: Monthly Review, vol. 65, issue 07 (dec), 2013. Disponível em: http://monthlyreview.org/2013/12/01/marx-rift-universal-metabolism-nature/. Acesso em: 18/10/2016.

_____. **The vulnerable planet**: a short economic history of the environment. New York: Monthly Review Press, 1999.

HILL, P. J. **Environmental problems under socialism**. Cato Journal, vol. 12, n. 2, p. 321-335, 1992.

LESSA, S. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo.** São Paulo: Cortez, 2011.

LÚKACS, G. Tecnología e relaciones sociales. *In*: BUJARIN, N. I. **Teoria del materialismo histórico**. Madrid: Sigle Veintiuno, 1974.

MANDEL, E. La economía soviética. *In*: MANDEL, E. **Tratado de economía marxista**. Tomo II. México: Ediciones Era, p. 161-2012, 1969.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Vol. 1., t. 1. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MÉSZÁROS, I. **Para Além do Capital – rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **O desafio do desenvolvimento sustentável e a cultura da igualdade substantiva.** 2002. Disponível em: www.resistir.info . Acesso em: 18/10/2015.

O SISTEMA SOVIÉTICO E O REFORMISMO

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar, de forma introdutória, o processo de adesão do sistema soviético ao reformismo, a partir da investigação realizada por István Mészáros em dois dos seus mais importantes livros: *Para Além do Capital* e *O Poder da Ideologia*. Nestes livros, o autor apresenta sua tese sobre a experiência soviética, fundamentando sua argumentação no estudo da base material que possibilitou o desvio do movimento, iniciado em 1917, da causa da emancipação do trabalho.

A tese apresentada por Mészáros é a de que o capital continuou a se reproduzir no sistema soviético, e isso pôde ser verificado no fortalecimento do Estado pós-capitalista e na permanência da subordinação estrutural do trabalho ao capital. Assim, tendo se distanciado do projeto socialista reivindicado por Marx, o qual afirmava que para emancipar o trabalho seria necessário superar o capital e o Estado, o sistema stalinista e as propostas de reforma

que vigoraram após a morte de Stalin[88] não desafiaram o poder material do capital. O sistema soviético criou uma nova forma de extração do trabalho excedente, a extração política, e um novo tipo de personificação do capital, as personificações pós-capitalistas. Ele fortaleceu o poder do Estado, garantindo, assim, o domínio e controle sobre a força de trabalho, que é potencialmente recalcitrante, ou seja, gerou as condições necessárias para a continuidade da subordinação estrutural do trabalho ao capital.

Veremos, embora de forma bastante introdutória, como se deu o processo de transformação daquela rica experiência política de 1917 em uma estratégia reformista que, apesar de ter aspectos distintos da proposta do movimento socialdemocrata ocidental por se tratar de circunstâncias históricas diferenciadas, encontrava pontos em comum com a proposta reformista da socialdemocracia ocidental, principalmente o fato de o sistema stalinista[89] e as propostas de reforma que vigoraram depois de Stalin não questionarem a estrutura de comando do capital e contribuírem para desviar o movimento do trabalho da luta pela instituição do socialismo. É por isso que Mészáros afirma que esses dois movimentos históricos seguiram "a linha de menor resistência", pois, ao invés de desafiarem o capital, se acomodaram às exigências do seu modo de controle. Antes, pois, de apresentarmos as principais conclusões de Mészáros sobre a introdução do reformismo no sistema soviético, enfatizaremos algumas características dessa ordem sociorreprodutiva que, por um lado, a distingue do sistema capitalista e, por outro, demonstra a sua estreita relação com o capital.

---

[88] Stalin morreu em março de 1953.

[89] Para Mészáros (2002, p. 43), "apesar de seu radicalismo verbal, o sistema stalinista refletia em detalhes, à sua própria maneira, a estrutura de comando do capital, liquidando, junto com incontáveis militantes que tentavam permanecer fiéis à busca originalmente pretendida de emancipação, até a memória dos legítimos objetivos socialistas".

1. A Revolução Russa e a Experiência Soviética

A Revolução Russa "irrompeu da primeira crise global do capitalismo, na fase da Primeira Guerra Mundial". Essa guerra havia agravado a situação da Rússia czarista, que era, segundo Mészáros (2002, p.727), "um império opressor multinacional". Essa característica fez Lenin defini-lo como "'o elo mais fraco da cadeia do imperialismo'", dado o "grave atraso socioeconômico" do país e "o terrível legado do império multinacional opressor".

Conforme lembra Mészáros (2002, p.789), Lenin havia limitado os objetivos dos bolcheviques, no período de fevereiro a outubro de 1917, à luta pela "paz, terra e pão". A proposta de Lenin era mesmo preparar uma base social que tornasse viável a revolução política na Rússia. Nesse sentido, no que se refere à estrutura organizacional, o "partido de vanguarda" foi constituído para se defender dos piores ataques de um Estado policial, tendo, por isso, que enfrentar todos os obstáculos impostos pela clandestinidade, o que o obrigou a impor o segredo absoluto, além de uma estrutura rígida de comando, de centralização, etc.

Segundo o autor, a estrutura autodefensivamente fechada do "partido de vanguarda" não tinha nenhuma semelhança com a proposta marxiana de produzir "consciência comunista em escala de massa" (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2002, p.789), que exige, para sua concretização, uma estrutura organizacional inerentemente aberta. Essa comparação demonstra com bastante clareza a diferença fundamental que existe entre uma postura de caráter defensivo – que tem por objetivo se defender dos ataques do adversário ou da exploração a que estão submetidos os trabalhadores – e uma postura ofensiva, cuja finalidade mais importante é superar o capital e todas as suas contradições. Isso apenas poderá acontecer quando as condições objetivas, que possibilitam a produção da "consciência comunista em escala de massa", se ampliam em nível global. Para o autor, somente sob essas condições é que se pode "imaginar realisticamente a articulação prática dos órgãos necessários da ofensiva socialista".

O autor explica que Lenin tinha clareza da situação em que se encontrava a Rússia quando eclodiu a Revolução de 1917. Ele esperava que a revolução política de Outubro servisse de ímpeto para o desencadeamento de uma série de revoluções em vários países desenvolvidos e que estas assegurassem, portanto, a vitória da revolução socialista. Contudo, os seus planos não se efetivaram, a onda revolucionária se esgotou sem deixar resultados significativos para as forças revolucionárias mundiais. Neste momento, Lenin avaliou que não se deveria devolver o poder aos czares, mas continuar defendendo o que fosse possível naquelas circunstâncias. Na verdade, a sua proposta original, como vimos, era "combinar o potencial político do 'elo mais fraco'" (da Rússia) "com as condições economicamente maduras dos países capitalistas 'avançados'" (MÉSZÁROS, 2002, p.790), foi, pois, a derrota da revolução mundial, que já demonstrava sinais em 1919 na Alemanha[90], que trouxe à tona a insustentabilidade da estratégia de Lenin, uma vez que esta estava condicionada à vitória da revolução socialista nos países desenvolvidos.

Assim, com a derrota da revolução mundial no ocidente, em especial a partir de 1919, Lenin tentou adaptar a sua estratégia às novas circunstâncias históricas. Ele passou a defender que a tarefa da revolução política era conservar o poder conquistado até que o

[90] Segundo Loureiro (2005), já nos primeiros dias de janeiro de 1919 percebeu-se que a proposta dos dirigentes revolucionários de fazer a insurreição e tomar o poder político na Alemanha mostrou-se insustentável, pois a Divisão Popular de Marinha, que representava até então a única tropa revolucionária, declarou-se neutra. Sem o apoio dessa tropa, as forças revolucionárias se reduziam naquele momento a menos de dez mil homens: "um pequeno grupo de amigos pessoais de Eichhorn, alguns milhares de spartakistas entrincheirados nos jornais e uma pequena parte dos delegados revolucionários". De acordo com Sebastian Haffner[90] (*apud* Loureiro, 2005, p.79), "'no dia 6 de janeiro de 1919, embora ninguém soubesse, a revolução alemã tinha morrido'". As decisões e propostas aprovadas na reunião da noite do dia 6 de janeiro, na chefatura de polícia, tinham características radicalmente distintas daquelas tomadas no dia anterior. Conforme explica Loureiro (2005, p.79), "não se tratava mais de derrubar o governo, mas de tomar medidas para recuar da maneira menos desgastante possível".

processo revolucionário nos países do ocidente se mostrasse novamente favorável para a eclosão de uma revolução socialista. O problema dessa estratégia era que

> Lenin e seus camaradas revolucionários tinham que proclamar a viabilidade de sua estratégia de uma forma que, necessariamente, implicava a antecipação de desenvolvimentos revolucionários em áreas sobre as quais suas forças não tinham nenhum controle. Em outras palavras, a sua estratégia continha a contradição entre dois imperativos: primeiro, a necessidade de seguir adiante sozinhos como precondição (histórica) *imediata* de sucesso (de, pelo menos, tentá-lo); segundo, o imperativo do triunfo da revolução socialista mundial como precondição (estrutural) *última* de todo o esforço (MÉSZÁROS, 2002, p.1019).

Mészáros (2002, p.119-120) reconhece que Lenin teve um papel decisivo para o desencadeamento da Revolução de 1917, e explica que sua proposta de tomada do poder político na Rússia só se tornou viável porque ele soube explorar as consequências, para a classe trabalhadora, tanto "do desenvolvimento capitalista dependente da Rússia", quanto das "medidas repressivas extremas" impostas a ela pelo Estado policial czarista. Entretanto, o autor assinala que depois da vitória da revolução, no processo de tentativa de garantir o poder político, Lenin passou a fazer "a defesa da forma *clandestina* de organização do partido como garantia universalmente válida da correção ideológica e estratégica, a ser aplicada também na Alemanha e em toda a parte no Ocidente", bem como o "apelo ideológico direto ao caráter de modelo da revolução russa" (MÉSZÁROS, 2004, p.432, *grifos do autor*). Esses dois problemas se constituíram em dilemas insuperáveis da teoria leninista.

Problemas ainda mais graves foram postos por Stalin após a morte de Lenin[91]. De acordo com Mészáros (2002, p.791), Stalin, ao contrário de Lenin, ignorou a diferença fundamental existente entre uma revolução política e uma revolução socialista[92],

[91] Lenin morreu em 1924.

[92] Marx sobrepõe "conscientemente à revolução política sua dimensão social oculta" (MÉSZÁROS, 2002, p.572), e explica a necessidade de a revolução política, que precisa acontecer num processo de transição socialista e por isso

insistindo que a revolução política, a tomada do poder político e primeiro passo para uma transição socialista, já representava o próprio socialismo, faltando apenas chegar à "etapa superior do comunismo". Além disso, ele transformou a resposta política que a Rússia foi obrigada a dar naquelas circunstâncias "em um *ideal social* geral" subordinando, de forma arbitrária, todos os processos sociais e econômicos a uma prática voluntarista que procurava resolver os problemas que surgiam na sociedade "por meio de *ditames políticos* autoritários".

Diante dessas circunstâncias, poderíamos indagar: foram esses equívocos e erros cometidos por teóricos e ativistas de perspectivas tão diferentes que determinaram o desvio da experiência soviética do socialismo?

Conforme alerta o autor, tal como no caso da socialdemocracia reformista ocidental, o desvio do movimento russo da causa da emancipação do trabalho não pode ser explicado pela traição dos seus líderes, nem pode ser atribuído apenas aos erros estratégicos e táticos do movimento da classe trabalhadora. A afirmação da estratégia reformista da socialdemocracia estava intimamente relacionada às mudanças processadas na base material do capital. Era mesmo um produto delas. Assim, tanto o movimento russo, principalmente após a morte de Lenin, como a socialdemocracia reformista, embora adotando estratégias diferentes, ao assumir a função de restringir a luta da classe trabalhadora aos limites

---

constitui o primeiro passo para a realização da revolução socialista, ter como finalidade mais importante a realização da revolução social. Em seu livro "*Glosas Críticas Marginais*", Marx assinala que "se uma *revolução social* com uma alma política é uma paráfrase ou um absurdo, uma revolução política com uma alma *social*, ao contrário, é racional. A revolução em geral – a *derrocada* do poder existente e a dissolução das velhas relações – é um *ato político*. Por isso, o socialismo não pode se efetivar sem a revolução. Ele tem necessidade deste ato político na medida em que tem necessidade da *destruição e da dissolução*. No entanto, logo que tenha início sua atividade *organizativa*, logo que apareça o seu *próprio objetivo*, a sua alma, então o socialismo se desembaraça do seu *revestimento político*" (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2002, p. 572).

previamente determinados pelo sistema do capital, acabaram abdicando dos objetivos socialistas (MÉSZÁROS, 2004).

Segundo o autor, as sociedades pós-capitalistas deixaram de lado a determinação de que o sistema do capital é formado por elementos "incorrigivelmente centrífugos", complementados pela dimensão coesiva do poder de controle da "mão invisível" e pelas funções legal e política do Estado. Desse modo, ao desconsiderar essa determinação essencial para a reprodução da ordem do capital, o sistema soviético tentou substituir os elementos particulares conflitantes do sistema herdado por uma estrutura de comando centralizada num Estado político autoritário, no entanto, essa centralização não resolveu o problema do caráter centrífugo das unidades particulares do capital. Como explica Mészáros (2002, p.848), esse problema só poderia ter sido resolvido pela reestruturação interna e "instituição do *controle democrático substantivo*". Mas como esse problema não foi resolvido, a natureza contraditória e centrífuga se impôs por meio da política de controle centralizada. Para Mészáros, o sistema soviético removeu as personificações do capital privado (os capitalistas), substituindo-as pelas personificações pós-capitalistas. Além disso, ele impôs uma política de controle centralizada sobre o trabalho, mantendo, dessa forma, a subordinação estrutural do trabalho ao capital.

1.1 A permanência do capital no sistema soviético

Embora nosso estudo sobre a crítica à experiência soviética seja ainda muito introdutório, o que nos impede de, num texto tão pequeno, apresentar, em linhas gerais, sequer as principais teses explicativas desse processo histórico, é interessante apontar, mesmo que de forma concisa, a tese de Mészáros sobre a experiência soviética. Para este teórico, o sistema soviético não iniciou o processo de "fenecimento" do Estado, ao contrário disso, ele fortaleceu o poder estatal, o impondo "sobre e contra o corpo social", ou seja, sobre "todas as facetas da vida social". E,

> em contraste com o sistema parlamentar, nas sociedades pós-capitalistas as 'personificações do capital' funcionaram sob

> mistificação bem diferente, mas igualmente prejudicial. Tentaram tratar o capital ou como uma entidade material – o depositário neutro da 'acumulação socialista' – ou como 'mercado social', mecanismo igualmente neutro: ignorando que o capital, na verdade, é sempre uma relação social. Assim, mesmo que a nova legalidade do capital tivesse que assumir uma forma diferente, o fetichismo do capital dominou as sociedades pós-capitalistas da mesma forma que imperou sob o capitalismo (MÉSZÁROS, 2002, p.837).

Tanto o sistema capitalista quanto o sistema soviético são sistemas que extraem o trabalho excedente dos produtores. No entanto, a forma como cada um deles realiza essa extração é que demarca a distinção entre esses dois sistemas sociorreprodutivos. Enquanto no capitalismo a função da política é facilitar e legitimar legalmente as "mudanças que se *desdobram espontaneamente*", não sendo ela que inicia tais mudanças, nos sistemas pós-capitalistas do capital, o controle da extração do trabalho excedente está concentrado na esfera política. Os novos tipos de "personificações do capital" criados por esses sistemas envolvem-se "diretamente nas formas altamente centralizadas de tomada de decisão política", contribuindo para que a ordem sociorreprodutiva continue funcionando "dentro dos parâmetros estruturais do sistema do capital", e permaneça materialmente impedida de alterar a estrutura hierárquica de comando sobre o trabalho (MÉSZÁROS, 2002, p.292; 178).

Para o autor, quando a ditadura do proletariado não consegue abolir a relação-capital,

> uma nova forma de manifestação deve ser também produzida para o outro polo, nas novas condições da sociedade pós-revolucionária. A expropriação da classe capitalista e a interferência e alteração das condições normais de mercado que caracterizam a sociedade capitalista impõem radicalmente novas funções ao Estado proletário. Este é chamado a regular, *in toto* e em detalhe, o processo de produção e distribuição, determinando diretamente a alocação de recursos sociais, as condições e a intensidade do trabalho, a taxa de extração do excedente e da acumulação, além da participação de cada indivíduo naquela parcela do produto social disponível para o consumo. A partir daí, confrontamo-nos com um sistema de produção no qual a *extração do trabalho excedente é determinada politicamente* da forma mais sumária, utilizando-se critérios extraeconômicos (em última instância, a própria sobrevivência do Estado), o que, sob determinadas condições, pode de fato perturbar

> ou até atrasar cronicamente o desenvolvimento das forças produtivas (MÉSZÁROS, 2002, p.1027, grifos do autor).

Mészáros (2002, p.720) assinala que o capital continuará se reproduzindo por todo tempo em que nessas sociedades se mantiverem: 1) a separação e alienação dos trabalhadores das condições de realização do trabalho; 2) a imposição dessas condições objetivas sobre os trabalhadores como um comando separado deles e que exerce domínio sobre eles; 3) a existência da personificação do capital "como 'valor egoísta' – com sua subjetividade usurpada e sua pseudopersonalidade – que persegue sua própria auto-expansão, com uma vontade própria". Vale ressaltar que essa vontade não está relacionada à sustentação de um "capricho individual", mas à "realização dos imperativos expansionistas do capital em si"; 4) a presença da personificação do trabalho, ou seja, "a personificação dos trabalhadores 'como trabalho' destinado a entrar numa relação de dependência ou contratual/econômica ou politicamente regulada com o tipo historicamente prevalecente de capital". Para o autor, essas quatro condições essenciais para a reprodução da relação-capital são partes integrantes do sistema orgânico do capital e existirão por todo o tempo em que o capital estiver assumindo o controle da ordem sociorreprodutiva.

E, vale ressaltar, são essas características que impedem: 1) que o capital seja superado de forma parcial e isolada; 2) que ele seja removido através de mecanismos jurídicos; 3) que os produtores associados restituam o poder de comando sobre a ordem sociorreprodutiva substituindo apenas as personificações do capital privado por novos tipos de personificações. Segundo Mészáros (2002, p.726), as sociedades pós-capitalistas de tipo soviético propuseram o socialismo sem ter superado radicalmente "os pressupostos materiais do sistema do capital"; elas fortaleceram o poder do Estado e mantiveram a dependência estrutural do trabalho ao capital, nesse sentido, elas se negaram a enfrentar o capital e todas as suas contradições.

Como lembra o autor, ao superar os obstáculos que surgiram no curso do seu desenvolvimento histórico, o capital conseguiu se afirmar como "poder soberano" que domina "todas as facetas do processo de reprodução societária". No entanto, para manter essa dominação e se reproduzir, ele precisou, e precisará por todo o tempo em que for o controlador da ordem sociorreprodutiva, exercer o comando sobre o trabalho. Tal comando é exclusivo ao capital. Ou seja: "*o poder do capital social total, como controlador do processo de reprodução sociometabólica, é indivisível*". Essa dominação exclusiva do capital sobre o trabalho constitui uma condição essencial para a sua contínua reprodução "sob quaisquer que sejam suas formas realmente existentes e possíveis" (MÉSZÁROS, 2002, p.836; 710). Vejamos como o sistema soviético sustentava a dominação do trabalho ao capital.

O planejamento de tipo soviético não permitia nenhum controle real pelos trabalhadores soviéticos. O controle era imposto "de *cima* por um corpo separado de decisão" (MÉSZÁROS, 2002, p.45-6), que não consultava os produtores sobre as decisões que deveriam ser tomadas no processo de produção. Os trabalhadores só eram consultados anualmente por meio de um ritual de "'aprovação entusiástica'". O autoritarismo dessas decisões também se expressava no fato de não ser permitida "a revisão e alteração das projeções depois de o plano estar legalmente codificado, geralmente com consequências extremamente dolorosas para as pessoas envolvidas".

Vale lembrar que o trabalho permaneceu, na experiência soviética, "diretamente atado à substância do capital, isto é, à sua existência material como a determinação estrutural vigente do processo de trabalho". Já no que se refere às personificações do capital, a sua função de impor ao trabalho "os imperativos objetivos reprodutivos do sistema do capital" continuou existindo, o que modificou foram as formas políticas e jurídicas dessas personificações, que precisaram se adaptar às novas circunstâncias históricas (MÉSZÁROS, 2002, p.600).

Nesse processo, o que deve ser considerado como a questão fundamental "é, e permanece sendo, a *dinâmica interna* do processo de reprodução social do capital e o seu *comando sobre o trabalho"*. Pois, como ressalta Mészáros (2002, p.723), remover os capitalistas privados das esferas de tomada de decisões de um país é apenas uma parte da tarefa de realização da revolução política socialista. A outra parte essencial dessa tarefa é restituir aos produtores livremente associados o poder de decisão sobre os processos sociorreprodutivos. Vale salientar que a superação do capital e do seu correspondente comando sobre o trabalho apenas poderá acontecer se os produtores associados conseguirem "superar irreversivelmente a *objetivação alienada* do trabalho sob todos os seus aspectos, incluindo o Estado político". Além disso, eles devem impedir a reprodução das personificações tanto do capital, quanto do trabalho. Isso porque "o capital em si é o *sujeito em comando real* (por mais perversamente reificado), permanecendo 'sempre capital', mesmo em suas instâncias personificadas".

Vale enfatizar ainda que:

> devido à inseparabilidade das três dimensões do sistema do capital plenamente articulado – capital, trabalho e Estado –, é inconcebível emancipar o trabalho sem simultaneamente superar o capital e o Estado. Pois paradoxalmente, o pilar material fundamental de suporte do capital não é o Estado, mas o trabalho em sua contínua dependência estrutural do capital (MÉSZÁROS, 2002, p.600).

Essa ressalta é importante porque, embora seja uma etapa essencial do processo de transição, a conquista do poder do Estado não pode, por si mesmo, garantir o controle sociometabólico da ordem sociorreprodutiva. No processo de transição socialista, não basta somente organizar uma resistência militar e política capaz de enfrentar os ataques capitalistas liderados pela contrarrevolução. Além da defesa política da revolução socialista, os produtores associados precisam: 1) transformar "sua ordem sociorreprodutiva alternativa em um sistema verdadeiramente orgânico, cujas partes se sustentem reciprocamente"; 2) extinguir a dependência estrutural do trabalho ao capital, que é "assegurada materialmente pela divisão estrutural

hierárquica do trabalho" e 3) assumir "as funções controladoras vitais do sociometabolismo", as quais devem ser "efetivamente ocupadas e exercidas autonomamente" por eles. Vale ressaltar que essas importantes tarefas só poderão ser efetivadas através da realização de uma reestruturação radical na totalidade da ordem sociorreprodutiva (MÉSZÁROS, 2002, p.721; 601).

Para o autor, a erradicação do capital e do seu correspondente comando sobre o trabalho é a condição exigida para que qualquer modificação na esfera da produção e da distribuição possa, de fato, contribuir para a instituição de uma ordem sociorreprodutiva alternativa ao capital. Para impedir que o capital reproduza qualquer tipo de personificação, a exemplo da autoridade pós-capitalista do sistema soviético, é necessário, segundo o autor, destruir a relação-capital, bem como superar a sua base de sustentação: a objetivação alienada do trabalho social e o antagonismo estrutural entre capital e trabalho.

Como vimos, o sistema soviético não realizou nenhuma dessas tarefas, pelo contrário reproduziu o capital e a dominação sobre o trabalho. Veremos, a seguir, que embora percorressem caminhos bastante diferentes, o que há em comum entre a socialdemocracia reformista ocidental e o sistema stalinista (e as propostas de reforma vigentes após a morte de Stalin na união Soviética) é que tais movimentos, cada um da sua maneira, se acomodaram ao sistema do capital, contribuindo para manter a dominação do trabalho com todas as implicações decorrente dessa subordinação ao capital. As consequências dessa acomodação se evidenciaram no direcionamento da socialdemocracia ocidental e do sistema soviético para o caminho da reforma do sistema do capital, o que implicou no abandono completo da luta pela instituição do socialismo.

2. A Relação entre o Sistema Soviético e o Reformismo

De acordo com Mészáros (2004, p.431), Lenin assinalou em seus escritos que foi no período da consolidação da expansão

imperialista do capital que as pequenas organizações socialistas se transformaram em partidos de massa em seus países de origem. No entanto, ao se transformarem em partidos nacionais e deixarem de avaliar, de forma global, as potencialidades e as limitações estruturais da ordem social vigente, as organizações socialistas perderam a sua antiga postura radical. E foi tendo como parâmetro o desenvolvimento imperialista e as possibilidades, por ele asseguradas, de melhorias parciais nas condições materiais de existência da classe trabalhadora que "o reformismo nacionalista se tornou a tendência geral do movimento da classe trabalhadora", seguida especialmente pelos partidos da II Internacional.

O movimento socialista radical presente na Rússia foi uma exceção a essa regra. Distante da expansão imperialista presente nos países desenvolvidos e das garantias de melhorias parciais oferecidas por alguns desses países à sua classe trabalhadora, a Rússia era um país capitalista subdesenvolvido. O caráter repressivo e politicamente anacrônico do regime czarista, aliado ao fato de a burguesia russa não assegurar nem paz (a Rússia tinha entrado na Primeira Guerra Mundial), nem melhorias via parlamento (tal como no Ocidente) para a sua classe trabalhadora, havia contribuído para o surgimento de um movimento socialista radical nesse país.

As diferenças que separavam o movimento socialista russo dos partidos socialdemocratas estavam fundamentadas na base material do capital. Elas se expressavam no nível de desenvolvimento dos países, no grau de dependência que eles possuíam dentro do sistema global do imperialismo, no caráter dos seus respectivos Estados e nas "estruturas *organizacionais* da transformação socioeconômica e político-cultural que poderiam ser consideradas no quadro da base material estabelecida (ou herdada) e de sua superestrutura complexa em cada país particular" (MÉSZÁROS, 2004, p.431, *grifo do autor*).

No entanto, apesar dessas diferenças materiais importantes, Mészáros (2002, p.43) assinala que os partidos socialdemocratas e

o sistema stalinista, bem como as propostas de reforma que surgiram após a morte de Stalin, possuíam em comum o fato de não questionarem a estrutura de comando do capital e abalarem "a crença na viabilidade da alternativa socialista". Segundo o autor, esses dois movimentos, cada um da sua maneira, representavam "*a linha de menor resistência*", e acomodaram-se, "como modos de controle social, às exigências interiores do sistema do capital incorrigivelmente hierárquico". Mas, além dessa característica comum mais geral, como o reformismo presente nos países ocidentais se relaciona com a experiência soviética, construída numa realidade muito diferente daquela existente nos países desenvolvidos?

As raízes históricas dessa relação podem ser encontradas ainda na metade do século XIX. Após as revoluções burguesas de 1848/1849, a filosofia de Hegel começou a se tornar um problema para a burguesia liberal, pois essa filosofia, elaborada no período da Revolução Francesa, trazia a esperança de que "os interesses divergentes de classe identificados viessem a ser solucionados sob alguma força ou 'princípio' universalmente benéficos" (MÉSZÁROS, 2002, p.56). Após as revoluções de 1848/1849, a filosofia burguesa precisava banir toda e qualquer esperança em solucionar os antagonismos de classe, haja vista sua necessidade de afirmar o poder político e material da burguesia. Assim, até mesmo o conceito de "classe universal" de Hegel foi declarado "um exagero", pois "involuntariamente admitia a presença de alguns defeitos estruturais na ordem social estabelecida".

A filosofia liberal, por sua vez, passou a negar o potencial radicalizante dessa filosofia e, desprezando completamente a metodologia dialética, adotou uma "orientação neokantiana grotescamente esvaziada, totalmente subjetivista e muitas vezes até explicitamente anti-histórica" (MÉSZÁROS, 2002, p.54). De acordo com o autor, essa orientação neokantiana não foi adotada apenas pelos mais importantes representantes da burguesia liberal, ela também serviu de referência para a ala reformista do movimento socialista. Edward Bernstein e seus seguidores foram

os principais difusores da orientação neokantiana de raiz tanto positivista quanto neopositivista. Essa orientação foi tão difundida no partido socialdemocrata que se tornou "a ortodoxia domesticada da Segunda Internacional socialdemocrata" a partir da segunda década do século XX, permanecendo assim até a sua extinção. Para o autor, a socialdemocracia tinha como premissa inquestionável a integração à ordem do capital e a aceitação acrítica de seu correspondente poder político, o Estado. Por isso, a liderança do partido socialdemocrata não poderia abrir espaço para "uma concepção legitimamente histórica", nem para o 'método dialético',

> que teria de visualizar não apenas a *possibilidade*, mas também a *necessidade* de *mudanças qualitativas* em termos das quais as transformações revolucionárias poderiam ser racionalmente previstas e preparadas, ao contrário do 'determinismo econômico' gradualista e mecânico-quantitativo da Segunda Internacional (MÉSZÁROS, 2002, p.54, *grifos do autor*).

Os burocratas stalinistas da Terceira Internacional adotaram, a partir da metade da década de 1920, a mesma abordagem negativa do legado de Hegel incorporada pela socialdemocracia bensteiniana. Embora a retórica dos dois movimentos fosse diferente, de acordo com Mészáros (2002, p.55), o que os unificava era "o fato de que, assim como na visão da socialdemocracia, também para Stalin e seus seguidores a história já cumprira sua missão no que dizia respeito ao sistema em que funcionavam". Essa perspectiva descartava qualquer possibilidade de realizar uma avaliação qualitativa das mudanças e transformações radicais na ordem social estabelecida. Ao contrário disso, Stalin reforçava a integração "positiva" dos indivíduos na ordem política e socioeconômica estabelecida. No caso particular do sistema soviético, as melhorias parciais eram apresentadas aos indivíduos como uma recompensa da devoção à "hierarquia do partido que já detinha a Verdade". Tal discurso complacente para com as massas era também identificado na forma como Bernstein se referia aos trabalhadores, atribuindo-lhes "o dever, de inspiração neokantiana,

do 'aperfeiçoamento pessoal' sob a 'avançada' liderança socialdemocrata".

O autor caracteriza esse processo de transformação do movimento do trabalho como uma fatal involução da socialdemocracia. E chama a atenção para o fato de que o suporte material que possibilitou tais mudanças deve ser encontrado na expansão global do sistema do capital. De fato, a fase histórica da socialdemocracia reformista coincide com o período de expansão global do capital, sendo o fim desse período acompanhado pela vigência da legislação antitrabalhista e pela transformação dos partidos socialdemocratas ocidentais em partidos liberais burgueses.

Como mencionamos anteriormente com base nas considerações de Mészáros, a acomodação do movimento do trabalho aos limites da estrutura de comando político do capital não foi um fenômeno restrito aos partidos socialdemocratas ocidentais. Ele se expressou também nos partidos ditos "revolucionários" da Terceira Internacional. O autor explica que a socialdemocratização dos partidos comunistas no ocidente "pertence ao mesmo processo pelo qual os líderes de alguns dos partidos trabalhistas e socialdemocratas abandonaram os antigos objetivos socialistas declarando, contraditoriamente, que a tarefa dos socialistas é a 'melhor administração do capitalismo'". Para o autor, a análise desse processo deve estar associada à investigação dos imperativos do sistema do capital e das mudanças nas condições históricas que possibilitaram o desenvolvimento do capital, assim como permitiram o surgimento de outros tipos de personificações mais adequadas ao seu domínio, embora em circunstâncias históricas diferentes do capitalismo.

Para Mészáros (2002, p.897), o reformismo socialdemocrata tinha como objetivo reformar o capitalismo, aceitando seus parâmetros estruturais. O sistema socioeconômico pós-revolucionário também não conseguiu se desvencilhar do capital, pois o modo pós-capitalista de extrair o trabalho excedente por meio de uma taxa imposta pela mediação política, "criando um

novo tipo de imposição do imperativo-de-tempo", apenas contribuiu para que o sistema do capital assumisse uma nova forma de reprodução. Tal como as propostas da socialdemocracia reformista no ocidente, as propostas reformistas pós-revolucionárias na União soviética "tentaram 'reestruturar' a ordem existente sem nada mudar em sua estrutura de comando hierárquica e exploradora".

Segundo Mészáros (2002, p.955), o "socialismo de mercado", no decorrer de sua trajetória histórica, teve duas vertentes: a socialdemocracia reformista e o stalinismo. Como vimos, apesar de suas diferenças fundamentais, essas duas vertentes tiveram em comum o fato de sustentarem "a subordinação estrutural do trabalho ao capital", e contribuírem para desviar o movimento socialista da causa da emancipação do trabalho.

As tentativas de reforma colocadas em prática nas três décadas após a morte de Stalin e que são anteriores às reformas propostas por Gorbachev sempre buscaram

> conciliar os seus sonhos de revitalizar a economia soviética pela contabilidade de custos capitalista e produção e circulação de mercadorias orientadas para o lucro com a administração central do Estado do sistema sociorreprodutivo estabelecido, sob a autoridade inquestionável do partido" (MÉSZÁROS, 2002, p.768).

Os defensores de tal proposta insistiam em denominar esse sistema de "socialismo". Após a morte de Stalin, o objetivo desse suposto "socialismo" e de suas tentativas desastrosas de "desestalinização" era "eliminar alguns efeitos das contradições do sistema preservando ao mesmo tempo seu conteúdo" (MÉSZÁROS, 2002, p.73). Vejamos como a proposta de reforma da Perestroika, colocada em prática por Gorbachev e sua equipe na segunda metade da década de 1980, serve como uma exemplificação prática dessa estratégia reformista de buscar eliminar alguns dos efeitos das principais contradições da sociedade soviética sem questionar a permanência do capital como a causa real da reprodução desses problemas.

A Perestroika de Gorbachev tentou combinar o modo de extração econômica com o modo de extração política do trabalho excedente,

> sob as projeções fantasiosas do 'socialismo de mercado', pressupondo que sua dominação compartilhada do trabalho era por si mesma suficiente para compensar a ausência das condições objetivas da modalidade de compulsão fundamentalmente econômica praticada sob o capitalismo plenamente desenvolvido (MÉSZÁROS, 2002, p.710).

O autor explica que a solução proposta por Gorbachev estava baseada na tentativa de transplantar algumas relações de controle do sistema capitalista, um sistema de extração econômica do trabalho excedente, para o sistema soviético, que, como vimos anteriormente, constitui um modo de extração política do trabalho excedente.

As políticas formuladas por Gorbachev e sua equipe "eram frequentemente contraditórias entre si, mas a linha geral consistiu na instituição de 'mecanismos de mercado' copiados do Ocidente e na submissão dos trabalhadores à correspondente 'disciplina de mercado'" (MÉSZÁROS, 2002, p. 768-9). O objetivo fundamental dessas políticas era "restaurar completamente o capitalismo" na União Soviética. Por isso, não era por acidente que Gorbachev usava a frase repetida pelos políticos mais conservadores, a exemplo de Margareth Thatcher, de que "não há alternativa". Segundo o autor, Gorbachev repetiu mais de uma vez que ele e sua equipe estavam convictos de que "'a *perestroika* é indispensável e realmente *inevitável*, e que não *temos nenhuma outra opção*'". No final de 1990, ele publicou em um de seus documentos reformistas que:

> *"Não há alternativa* ao mercado. Só o mercado pode assegurar a satisfação das *necessidades do povo*, a *distribuição justa de riqueza*, direitos sociais e o fortalecimento da *liberdade e da democracia*. O mercado permite *unir organicamente* a economia soviética com a do mundo, e dará aos nossos cidadãos *acesso a todas as realizações da civilização mundial*. Serão buscados acordos de apoio financeiro e econômico para as reformas de mercado através de negociações com o Fundo Monetário Internacional, a Comunidade Europeia e governos estrangeiros. Todas as contas com os países do Comecon serão acertadas a preços vigentes no mundo em moeda corrente a partir de janeiro de 1991. A ajuda a países estrangeiros será reduzida e posta

> em bases comerciais" (GORBACHEV, *apud* JOHN RETTIE, 1990/ MÉSZÁROS, 2002, p.770, nota de rodapé nº 131).

A implosão do sistema soviético aconteceu em 1991 e junto com ele veio à tona também o fracasso da tentativa de reforma de Gorbachev. Mészáros (2002, p.775) explica que "as condições para o sucesso de uma estratégia reformista socialdemocrata na União Soviética estavam totalmente ausentes e, mesmo cinco anos depois, em 1995, não havia absolutamente nenhum sinal de sua materialização". A inviabilidade objetiva dessa proposta de reforma estava fundamentada na base material de reprodução do capital nesse período histórico marcado pela crise estrutural do capital[93]. Nessas circunstâncias, era totalmente impossível "transplantar os modos e meios da socialdemocracia ocidental – nos anos 90 nem mesmo suavemente reformistas, ao contrário abertamente liberal-burguesa – para a União Soviética" (MÉSZÁROS, 2002, p.774-5).

As propostas defendidas pela socialdemocracia não podem mais ser atendidas pelo capital em crise, porque esta tem exigido não apenas o corte brutal dos gastos sociais, mas, o que é mais preocupante, "a negação completa das necessidades elementares de incontáveis milhões de famintos" (MÉSZÁROS, 2002, p.801). Com o agravamento da crise estrutural do capital, as condições materiais de existência dos trabalhadores têm se agravado, colocando em xeque a tarefa historicamente desempenhada pela socialdemocracia de "administrar o sistema em nome do capital" e "conter os conflitos dentro dos limites do sistema estabelecido" [94].

---

[93] A crise estrutural se iniciou nos anos 1970.

[94] Sob as condições impostas por essa crise, "o capital não teve mais condições de oferecer qualquer ganho significativo" aos trabalhadores. Pelo contrário, "foi obrigado a retomar as concessões passadas", impondo "um conjunto de leis autoritárias contrárias ao movimento sindical, todas aprovadas democraticamente". Nessa nova conjuntura histórica, "a ordem política estabelecida teve de abrir mão de sua legitimidade, expondo, ao mesmo tempo, a inviabilidade da postura defensiva do movimento operário" (MÉSZÁROS, 2002, p.24).

Como lembra o autor, foi exercendo essa função de restringir a luta da classe trabalhadora aos limites previamente determinados pelo sistema do capital que a socialdemocracia reformista levou o movimento do trabalho a abdicar da luta pela instituição do socialismo. Como enfatiza Mészáros (2004, p.416):

> a 'emancipação econômica do trabalho', em seu sentido marxiano, e a política que a ela corresponde, são radicalmente incompatíveis com uma estrutura política reguladora acriticamente aceita, que estipula como critério de 'legitimidade' e 'constitucionalidade' a observância estrita de regras que favorecem a perpetuação das relações de propriedade estabelecidas, isto é, o contínuo domínio do capital sobre a sociedade.

Como vimos, embora haja diferenças entre as tendências reformistas da socialdemocracia ocidental e aquelas que vigoraram antes e após a morte de Stalin, o que demarca o ponto comum entre elas é a estratégia, adotada por todas, de subordinar os objetivos estratégicos do movimento do trabalho aos limites previamente estabelecidos pelo sistema do capital.

Considerações Finais

Para Mészáros (2004), as concepções reformistas aceitam os imperativos produtivos e materiais do capital, e são esses imperativos que anulam qualquer proposta de "*distribuição mais uniforme*" que não esteja em consonância com o objetivo de acumulação do capital. Mészáros (2002, p.836) explica que o problema que está por trás dessa discussão é o da natureza do poder constituído sob o comando do capital, problema este que não poderá ser resolvido enquanto não houver "uma reorientação fundamental do objetivo estratégico da transformação socialista".

Tanto os políticos socialdemocratas, quanto os defensores do stalinismo e das reformas propostas após a morte de Stalin se negaram a enfrentar esses problemas, pois, para solucioná-los, eles teriam que revelar o caráter contraditório de suas próprias estratégias, cuja base era a proposta de reformar um poder que é, na verdade, incontrolável e que de modo algum pode ser

modificado para atender aos objetivos da transformação socialista. Isto porque, embora a ideologia burguesa com o seu discurso de "divisão de forças" na esfera política pretenda provar o contrário, "*o poder do capital social total, como controlador do processo de reprodução sociometabólica, é indivisível*" (MÉSZÁROS, 2002, p.836).

É por isso que as estratégias de "*reformar o incontrolável*" e "*conquistar os mais altos postos de comando*" do sistema do capital por meio de um poder que de fato não existe só poderia conduzir à derrota da esquerda histórica. Derrota esta que se estendeu também às "personificações do capital" das sociedades de tipo soviético. Estas, apesar de não participarem da estrutura parlamentar, deixaram, tal como os políticos socialdemocratas, de enfrentar a incontrolabilidade do capital onde ela realmente se afirmava, isto é, no processo de reprodução sociometabólica. Desse modo, ao desconsiderar essa determinação essencial que afirmava que a intervenção e a reestruturação estratégica deveriam estar centradas no processo objetivo material e que somente ao assumir o comando desse processo era que se alcançaria o poder efetivo do sistema sociometabólico, elas só puderam exercer o poder "de forma extremamente voluntarista" (MÉSZÁROS, 2002, p.836).

Para o autor, as sociedades pós-capitalistas fracassaram em sua tentativa de substituir "a 'mão invisível' da antiga ordem sociorreprodutiva pelo autoritarismo voluntarista das novas personificações 'visíveis' do capital pós-capitalista" (MÉSZÁROS, 2002, p.848). Vale ressaltar que "o fato de a força de trabalho ter sido submetida a um cruel controle político e, às vezes, até à desumana disciplina dos campos de trabalho de massas não significou que as personificações do capital de tipo soviético estivessem no controle do sistema". O que ficou evidente com essa experiência foi que, por mais que tentasse, o sistema soviético permaneceu não só incontrolável, mas também "incapaz de produzir um controle democrático substantivo de suas unidades produtivas e distributivas".

Mészáros (2002, p.857) chama a atenção para o fato de que o sistema soviético, embora tenha abolido as personificações privadas do capital, manteve a subordinação do trabalhador às condições objetivas do trabalho e ao controle autoritário do Estado, a única diferença é que tal controle foi exercido pelas personificações pós-capitalistas do capital.

Segundo o autor, a tarefa de realizar a emancipação do trabalho exige, desde o início, o enfrentamento da histórica disjunção entre economia e política. Desse modo, esse movimento possui como uma de suas tarefas essenciais na luta para superação do capital afirmar seus objetivos estratégicos pelo confronto e negação das determinações estruturais do sistema sociorreprodutivo existente do capital, determinações estas "que se manifestam na relação-capital e na concomitante subordinação do trabalho no processo socioeconômico de reprodução material" (MÉSZÁROS, 2002, p.859-60).

É nesse sentido que o autor enfatiza que a tarefa de implementar um sistema sociorreprodutivo autenticamente socialista exige "quebrar os 'pressupostos' circulares do capital em todos os seus domínios, do controle do processo direto de produção dos empreendimentos particulares às práticas correlatas do Estado que a tudo abrangem" (MÉSZÁROS, 2002, p.725). Quanto ao controle do processo produtivo, a tarefa é realizar a unificação real dos '"elementos do processo de produção historicamente divididos'". No que se refere ao poder político, a tarefa é iniciar o processo de "fenecimento" do Estado.

O autor explica que ir para além do capital é uma tarefa que exige a criação de um sistema orgânico "genuinamente socialista e sustentável", isto é, "uma totalidade social coerente que não apenas quebre o círculo vicioso da totalidade orgânica auto-sustentada do capital mas que também coloque em seu lugar um desenvolvimento irreversivelmente aberto" (MÉSZÁROS, 2002, p.726). Nesse sentido, a revolução socialista deve ser compreendida não apenas como um ato político, mas como uma revolução social que deve ser constantemente renovada, uma revolução

permanente, capaz de subordinar a si "'todos os elementos da sociedade'". E o sucesso dessa revolução está condicionado à capacidade de os produtores associados criarem "um novo sistema orgânico irreversível para o passado retrógrado, mas criativamente aberto para com o futuro".

A Revolução de 1917 não conseguiu criar esse novo sistema orgânico, pois, como vimos, por mais de sete décadas de existência, o sistema soviético permaneceu atado ao capital, e isso pôde ser verificado pelo controle férreo que ele exercia sobre o trabalho e pelo fortalecimento perverso do Estado pós-revolucionário, que era oposto ao "fenecimento" do Estado defendido por Marx.

Referências Bibliográficas

MÉSZÁROS, I. **Para Além do Capital – rumo a uma teoria da transição**. São Paulo, Boitempo, 2002.

_____. **O Poder da Ideologia**. São Paulo, Boitempo, 2004.

MÉSZÁROS E A TRANSIÇÃO *PARA ALÉM DO CAPITAL*[95]

Introdução

O subtítulo do mais importante estudo do filósofo húngaro István Mészáros, *Beyond Capital* (*Para além do capital*), de 1995, tem como complemento a necessidade de uma teorização sobre a transição: "rumo a uma teoria da transição". Isso decorre de alguns motivos interligados: (a) uma teoria da transição apenas tem sentido em conexão com uma análise da economia política do capital em um dado momento de seu evolver, e se subordina a tal análise; (b) como é em *Beyond Capital* que aparece de modo mais desenvolvido a sua elaboração sobre a entrada em uma *época* de crise estrutural do capital, uma teoria da transição se torna vitalmente necessária e urgente para os destinos da humanidade, que cada vez mais é colocada entre as alternativas de *socialismo ou barbárie*; (c) a elaboração de uma teoria da transição torna-se agora cada vez mais possível, dado o fato do próprio desenvolvimento do sistema sociometabólico do capital ter adentrado em uma trajetória histórica declinante, ou de atingimento de seus *limites*

[95] Este artigo foi elaborado com base na tese de doutorado defendida, em 02 de julho de 2015, na Unesp Araraquara/SP sob o título: *Desenvolvimento do sistema do capital e teorias de transição em Trotski e Mészáros.*

absolutos, com a perda de suas capacidades civilizatórias; (d) como complemento e esclarecimento de suas ideias, o automovimento contraditório que o levou a ativar seus limites absolutos exige uma teoria da transição pois, evidentemente, e diferente de conclusões fatalistas passadas acerca da dinâmica histórica do sistema do capital – sobre o fim automático ou internamente dado do sistema, presente em diferentes contextos do século 20, durante a Segunda ou Terceira Internacionais –, é apenas a intervenção ativa de homens e mulheres, especificamente das forças sociais ligadas ao trabalho, que pode colocar a humanidade em um trânsito civilizatório para além do domínio totalizante do capital, e; (e) o "*rumo* a uma teoria da transição" que dá continuação ao título, coloca a ideia de trabalho a ser feito, que precisa ser coletivamente produzido, ainda que a partir dos lineamentos expressos em *Beyond Capital*.

Procuraremos apresentar as características gerais de uma teoria da transição a partir desses lineamentos, com dois movimentos conectados. Primeiramente, buscando mostrar como a questão da transição apareceu em teorias de grandes dirigentes da principal tentativa falhada de transição no século 20, ou seja, a russa, e as observações críticas de Mészáros sobre ela. Em segundo lugar, tendo o âmbito do poder de Estado (e de seu fenecimento) como elemento principal, parte orgânica e material do sistema, e não uma mera "superestrutura jurídico-política", sem o qual não se pode produzir uma efetiva teoria socialista da transição.

1. Lenin, a Revolução Russa e os dilemas da transição

Quando a Revolução Russa eclodiu vitoriosa em outubro de 1917, Antonio Gramsci, desde a Itália, a saudou como "Uma revolução contra *O capital*"[96]. O feito e a audácia das classes trabalhadoras russas e dos bolcheviques teve que se materializar *contra* a imensa maioria do marxismo oficial e tradicional da época. Especialmente porque a possibilidade de uma transição socialista se desenvolver (e/ou ser iniciada) em países não adiantados do sistema do capital não estava prevista e não era tida como uma das

[96] À época, Antonio Gramsci considerava como "objetivista" o mais profundo estudo marxiano sobre economia política.

hipóteses prioritárias de trabalho para a teoria marxiana da revolução. Em suma, os bolcheviques tiveram que levar a teoria social de Marx, como costuma acontecer com acontecimentos de importância histórico-universais, por caminhos não previstos e debaixo de condições sócio-históricas por demais desfavoráveis. A Lenin cabe um papel fundamental aqui – especialmente após a sua virada (e, por consequência, do conjunto da orientação política dos bolcheviques) com as famosas *Teses de abril –,* com suas reflexões teóricas mais abrangentes em *O Estado e a revolução* e com uma série de textos de intervenção após a tomada do poder de Estado na Rússia.

Uma importante primeira observação se deve ao fato de que a própria orientação para a tomada de poder de Estado no antigo império czarista se ligava à tese de quebra do "elo mais fraco" da cadeia internacional do sistema e a uma avaliação terminal, madura ou apodrecida para o momento de vida do capitalismo em escala mundial. São esclarecedoras as palavras de Deutscher:

> O que estava errado em suas expectativas não era simplesmente o calendário dos acontecimentos revolucionários, mas a suposição fundamental de que o capitalismo europeu estava no fim de sua carreira. Subestimaram, grosseiramente, o poder de adaptação do capitalismo e a atração que tinha sobre as classes trabalhadoras. (...) A tragédia histórica do bolchevismo, no período heroico, foi a recusa não só de aceitar esse fato, como também em levá-lo em conta. (...) Esse quadro do mundo resultou de algo mais do que um erro de julgamento político. Refletiu a incapacidade psicológica do bolchevismo inicial em aceitar seu próprio isolamento no mundo, incapacidade comum a todos os líderes da Revolução (...) (DEUTSCHER, 1968, p.479).

Ou ainda, as de Claudín, citando Lenin: "A união dos comunistas cresce em todo o mundo. Dentro de pouco tempo assistiremos à vitória do comunismo em todo o mundo, veremos a fundação da República Federativa Mundial dos Sovietes" (LENIN *apud* CLAUDÍN, 1985, p.96). É verdade que essas perspectivas começaram a se modificar já no início da década de 1920, e que sob a influência de Lenin e Trotski, a Internacional Comunista defendeu a adoção da política de *frente única* dos trabalhadores, uma vez que o sistema em nível internacional passou a demonstrar uma "estabilização relativa". Esse problema de fundo, ou seja, o insulamento da revolução mundial nos limites geográficos do

antigo império dos Romanov, teve impactos sérios e altamente limitantes e autocontraditórios para as medidas políticas e sociais adotadas (muitas delas necessárias, mas indesejadas).

Todavia, no que diz respeito a uma teoria de transição propriamente dita, serviram para aprimorar ou tornar concretos alguns elementos contidos na elaboração mais geral exarada em *O Estado e a revolução*, de meados de 1917, ainda que com as autocontradições mencionadas. Ou seja, os dirigentes soviéticos buscaram conciliar duas dimensões cruciais de uma orientação efetivamente socialista que o desenvolvimento histórico estava tornando potencialmente incompatíveis: por um lado, a teoria de transição no contexto de órbita da Revolução Russa foi enriquecida com elementos concretos da realidade nacional soviética pós-revolucionária; mas, por outro, expôs limites contidos em sua própria elaboração leniniana mais geral de 1917. Lenin, Trotski e os demais revolucionários russos[97] tiveram que realizar o aprimoramento ou o desenvolvimento de elaborações marxistas sobre a transição combinando a continuidade aos "princípios gerais" recolhidos das indicações marxianas anteriores[98] – especialmente a partir da "análise concreta da situação concreta", fórmula que necessariamente opõe fidelidade metodológica a dogmatismo[99] – e, ao mesmo tempo, sendo compelidos a não

---

97 Nikolai Bukharin, para mencionar apenas mais um deles, é outro líder da Revolução de Outubro que desenvolveu elaborações importantes sobre a problemática da transição. Não poderemos, todavia, analisá-las aqui.

98 Alguns dos "princípios gerais" marxianos sobre a transição: (a) "despedaçar" a máquina estatal burguesa, pois sua utilização é incompatível com a finalidade da emancipação *econômica* do trabalho; (b) unificação decisória dos rumos da vida social entre as dimensões econômica e política, buscando eliminar progressivamente o posicionamento de um aparato estatal-burocrático separado e colocado "por cima" da sociedade; (c) uma *época* de transformações revolucionárias que atingiria em um lapso de tempo mais ou menos próximo uma série de rupturas políticas interdependentes em diversas latitudes e, portanto, necessariamente internacional, abrangendo alguns dos países mais desenvolvidos do sistema; (d) impossibilidade de "destruir" o Estado como tal, sendo possível apenas a sua *transcendência*, com o desenvolvimento da autoadministração da produção e reprodução da vida social pelos produtores associados, etc.

99 Foi Lukács em *História e consciência de classe*, de 1923, quem buscou mostrar a diferença entre *ortodoxia* e *dogmatismo*, tendo o critério do método marxiano

desconsiderar os dilemas políticos concretos recebidos da realidade russa. Assim, é como se eles entendessem possuir uma espécie de "bússola" ou instrumento de localização (princípios mais gerais da teoria de Marx sobre a transição), que os ajudava a se manter no caminho certo, ainda que esse mesmo instrumento de localização não os indicasse as sendas efetivas que deveriam percorrer. Ainda, em muitas ocasiões eles eram compelidos a tomar desvios que não estavam contidos em seus planos originais, e que os distanciavam das indicações da "bússola", mas que não podiam evitar de tomar. Por vezes, nomeavam os desvios como desvios e sabiam que se afastavam do caminho desejado. Outras vezes, interpretavam os desvios como parte do caminho correto, tão imersos que estavam com a tarefa titânica de sobreviver, manter e desenvolver uma experiência revolucionária em uma época que se tornava cada vez mais contrarrevolucionária. Pensamento e realidade, como o próprio Marx tinha afirmado em 1843 em sua *Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução*, tenderam a se separar no plano da efetividade histórica.

Lenin, em *O Estado e a Revolução*, tinha concebido o novo Estado – transicional – dos trabalhadores como um "semi-Estado", um "Estado burguês sem burguesia", e buscou compilar os ensinamentos de Marx e Engels sobre o Estado e sua superação a partir principalmente do exemplo da Comuna de Paris. As observações de Lenin podem ser assim resumidas: (a) é necessário "quebrar" a máquina burocrático-militar-administrativa do Estado burguês; (b) o proletariado tem necessidade de criar uma nova máquina estatal em *definhamento*, um "semi-Estado", já que haveria a supressão do exército como um corpo permanente separado e a instituição do armamento geral do povo; os funcionários e magistrados seriam eleitos, removíveis a qualquer tempo e receberiam um "salário operário"; o parlamento e os corpos

---

como o parâmetro fundamental. A fórmula leniniana da "análise concreta de uma situação concreta" como a alma do marxismo é antidogmática por natureza. É bom ter em mente que o método marxiano não é um conjunto de formas lógicas separadas e exteriores à história efetiva. Aqui, método e história estão necessariamente vinculados, e o primeiro não é um conjunto de regras aplicadas "de fora" a cada conjuntura específica. O método marxiano busca ser uma expressão dos modos de ser da realidade histórica cambiante do capital, e tem a contradição capital-trabalho como elemento dinamizante.

legislativos seriam substituídos por "assembleias de trabalho", ao mesmo tempo legislativas e executivas; a democracia, assim modificada pela sua radicalização e aprofundamento, de sua modalidade formal para a real, sofreria até certo ponto um regresso à sua modalidade mais "antiga", o que ele chamou de "democratismo primitivo", enfatizando o aspecto direto que ela adquiriria no interior da ditadura do proletariado ou da democracia socialista.

Além de outros aspectos tratados por Lenin – o debate sobre república federalista ou república una e indivisível; a relação entre o fim da democracia e o comunismo; a impossibilidade de supressão da subordinação e autoridade no começo do processo de transição, a polêmica com os anarquistas, etc. – há algumas dimensões que merecem atenção: (1) a ideia de que o capitalismo, com os trustes e o desenvolvimento monopólico, de certa forma facilitou e simplificou as funções de administração e fiscalização, que estariam agora mais acessíveis a todos, e cujos métodos deveriam ser utilizados pelo Estado pós-revolucionário: "Organizemos a grande indústria segundo os modelos que o capitalismo oferece"[100]; (2) no começo da transição, a necessária

[100] Diz Lenin em *As tarefas imediatas do poder soviético,* de abril/1918 – portanto, no contexto da iminência do início da guerra civil e imediatamente após o tratado de paz de Brest-Litovski com a Alemanha: "É preciso colocar na ordem do dia, aplicar na prática e experimentar o salário à peça, aplicar muito do que há de científico e progressivo no sistema de Taylor (…). A última palavra do capitalismo neste aspecto, o sistema de Taylor – tal como todos os progressos do capitalismo –, reúne em si toda a refinada crueldade da exploração burguesa e uma série de riquíssimas conquistas científicas no campo da análise dos movimentos mecânicos no trabalho, a supressão dos movimentos supérfluos e inábeis, a elaboração dos métodos de trabalho mais corretos, a introdução dos melhores sistemas de registo e controle, etc. (...) Tem de se criar na Rússia o estudo e o ensino do sistema de Taylor, a sua experimentação e adaptação sistemáticas" (LENIN, 1988, p.574). A defesa da introdução do taylorismo na Rússia por Lenin tinha como objetivo o aumento/desenvolvimento das forças produtivas e a liberação dos trabalhadores do local de trabalho com o fito de deslocá-los para o controle da esfera estatal após a jornada diária nas indústrias. Todavia, tudo isso mantinha a separação entre execução e concepção no processo de produção e entre esfera estatal (política) e produtiva/econômica na vida social mais ampla. Não parece haver em Lenin uma preocupação mais

utilização de funcionários especializados na administração estatal – mesmo pela coação – a serviço de todo o povo: "reduzamos os funcionários ao papel de simples executores de nossa vontade, (...) conservando, evidentemente, os técnicos e especialistas de toda espécie e categoria"; (3) o caráter *automático* do definhamento do Estado a partir da implementação de todos os preceitos acima: "Esse programa, aplicado na base da grande produção, acarreta por si mesmo o definhamento progressivo de todo o funcionalismo (...)" (LENIN, 1983, p.61-2). Um resumo notável da visão transicional leniniana:

> Ora, o desenvolvimento do capitalismo cria as *premissas* necessárias para que "*todos* possam, de fato, tomar parte na gestão do Estado". Essas premissas são, entre outras, a instrução universal, já realizada na maior parte dos países capitalistas avançados, e, depois, "a educação e a disciplina" de milhões de operários pelo imenso aparelho, complicado e já socializado, do correio, das estradas de ferro, das grandes fábricas, do grande comércio, dos Bancos, etc., etc.
>
> Com tais premissas *econômicas*, é totalmente impossível derrubar, de um dia para o outro, os capitalistas e os funcionários, e substituí-los, no *controle* da produção e repartição, no recenseamento do trabalho e dos produtos, pelos operários armados, pelo povo inteiro em armas (é preciso não confundir a questão do controle e do recenseamento com a questão do pessoal técnico, engenheiros, agrônomos, etc.: esses senhores trabalham hoje sob ordens dos capitalistas; trabalharão melhor ainda sob as ordens dos operários armados).
>
> Recenseamento e controle, eis as *principais* condições necessárias ao funcionamento regular da sociedade comunista *na sua primeira fase*. Todos os cidadãos se transformam em empregados assalariados do Estado, personificado, por sua vez, pelos operários armados. Todos os cidadãos se tornam empregados e operários de *um* só truste universal de Estado. Trata-se apenas de obter que eles trabalhem uniformemente, que observem a mesma medida de trabalho e recebam um salário uniforme. Essas operações de recenseamento e de controle foram antecipadamente *simplificadas* em extremo pelo capitalismo, que as reduziu a formalidades de fiscalização e de inscrição, a operações de aritmética e à entrega de recibos, que são, todas, coisas acessíveis a quem quer que saiba ler e escrever.
>
> Quando a *maioria* do povo efetuar, por si mesma e em toda a parte, esse recenseamento e esse controle dos capitalistas (transformados em empregados) e dos senhores intelectuais que conservarem ainda ares de capitalistas, esse controle tornar-se-á verdadeiramente

---

profunda com os mecanismos político-sociais possíveis para uma unificação dessas dimensões.

> universal, geral, nacional, e ninguém saberá mais "onde meter-se", para escapar a ele.
>
> A sociedade inteira não será mais do que um grande escritório e uma grande fábrica, com igualdade de trabalho e igualdade de salário. Mas essa disciplina de "oficina" (...) não é absolutamente o nosso ideal nem o nosso objetivo final; ela é apenas a *transição* necessária (...). Quanto mais democrático for o Estado, constituído por operários armados e deixando, por isso mesmo, de ser "o Estado no sentido próprio da palavra", tanto mais rápida será também a extinção de *qualquer* Estado (LENIN, 1983, p.124-6).

A visão leniniana sobre a transição socialista variou conforme as circunstâncias, mas manteve uma concepção de fundo mais geral – criar as condições materiais e econômicas para o trânsito socialista (inexistentes na Rússia) e impedindo, da forma mais determinada possível, a perda da dominação política do proletariado – e se desenvolveu mais ou menos assim: (1) antes da tomada do poder e da guerra civil, a transição para o socialismo seria lenta e haveria a coexistência entre um segmento econômico estatal-monopolista e outro burguês privado: "Lenin propunha, de imediato, a criação de um Estado democrático-revolucionário, uma ditadura da democracia dirigida pelo proletariado, que instaurasse o capitalismo monopolista de Estado[101], tanto como meio de combater a catástrofe iminente, como para se aproximar do socialismo, para se criar as condições da transição" (DEL ROIO, 2007, p.73); (2) durante a guerra civil e o "comunismo de guerra", chega-se a cogitar a "transição direta" ao socialismo; (3) com a adoção da NEP (Nova Política Econômica), retorna-se à tentativa de consolidação de um capitalismo de Estado como via para o socialismo, aliado a medidas relacionadas a uma "revolução cultural"[102].

---

[101] *Capitalismo de Estado* para Lenin era "(...) um laço intermediário entre a pequena produção e o socialismo, como um meio, um caminho e um método de incrementar as forças produtivas" (LENIN *apud* RODRIGUES & DE FIORI, 1978, p.28).

[102] Afirma Lenin em janeiro/1923: "Agora temos o direito de afirmar que, para nós, o simples desenvolvimento da cooperação identifica-se (…) com o desenvolvimento do socialismo e, ao mesmo tempo, vemo-nos obrigados a reconhecer a mudança radical ocorrida em todo nosso ponto de vista sobre o socialismo. Essa mudança radical consiste em que antes púnhamos e devíamos pôr o centro de gravidade na luta política, na revolução, na conquista do poder,

Não se pode avaliar adequadamente a questão transicional na ex-URSS sem levar em conta o papel dos *sovietes* – conselhos de operários, soldados e camponeses – criados pelas massas trabalhadoras ainda na primeira Revolução Russa, de 1905. A busca por uma democracia de novo tipo, ou um "semi-Estado" em definhamento, tem no destino e na função social dos *sovietes* durante e depois da tomada de poder de 1917 um papel crucial. É deles que deriva a nomenclatura do regime político do país: república *soviética,* como modalidade e contraposição a uma república meramente formal, ou burguesa.

Os *sovietes* na Rússia, exercendo uma função mais propriamente *política*, passaram por um período inicial de desenvolvimento, especialmente nos primeiros anos após a tomada do poder, muitas vezes associados à tentativa de controle e administração da produção por parte de comitês de trabalhadores nas fábricas, mesmo antes dos decretos de nacionalização da indústria nacional (junho/1918) não planejados pelos dirigentes bolcheviques. Ou seja, a dualidade de poderes que estava em processo de fevereiro a outubro de 1917 atingia também a esfera da produção material. Todavia, uma articulação orgânica entre os *sovietes* e a administração material da produção pelos trabalhadores não frutificou de modo retroalimentador, e a necessidade imperiosa de aumentar a massa de bens produzidos, por conta do legado de destruição e carência econômica nacional decorrente da guerra mundial e, posteriormente, da guerra civil (junho/1918 a novembro/1920), praticamente impossibilitou uma tal vinculação orgânica. Aqui temos um dos problemas mais graves para os destinos da Revolução Russa, especialmente para a produção de um Estado de novo tipo, ou de um "semi-estado" em fenecimento.

Até que ponto os bolcheviques colaboraram para a desestruturação dos *sovietes*? Esse é um ponto fundamental para o problema estatal e da transição. As posições são muito variadas. Segundo Coggiola, "(...) o funcionamento dos *sovietes* se esvaziara durante a guerra civil (...)" (COGGIOLA, 2012, p.13). Um crítico anarquista diz que "Os sovietes teriam podido desempenhar na Rússia o mesmo papel das seções durante a Revolução Francesa; mas, uma vez que foram despojados de sua autonomia pelo poder

---

etc.; enquanto que agora o centro de gravidade desloca-se até chegar ao trabalho pacífico de organização 'cultural'" (LENIN, 1979, p.266).

central, que só deixou subsistir deles o nome, eles perderam infalivelmente toda influência fecunda no curso da Revolução. Só lhes restou arrastar a existência inútil e vegetativa dos órgãos subordinados ao Estado" (ROCKER, 2007, p.44). Um célebre trotskista: "Contrariamente às lendas espalhadas pela União Soviética, os anos de 1918 e 1919 foram pontos altos da atividade independente da classe trabalhadora soviética, mais até do que o ano de 1917" (MANDEL, 1995, p.115). O mais importante biógrafo de Trotski: "Somente em 1921 o governo de Lenin tomou medidas para proibir toda oposição organizada dentro dos sovietes. Durante toda a guerra civil, os bolcheviques já haviam criado dificuldades aos mencheviques e aos socialistas revolucionários, ora colocando-os fora da lei, ora permitindo-lhes agir livremente, para voltar novamente a proibir essa atividade. As atitudes de tolerância e intransigência eram ditadas pelas circunstâncias e pelas vacilações dos partidos nos quais certos grupos se inclinavam para os bolcheviques e outros para os guardas brancos. A ideia, porém, de que esses partidos deveriam ser eliminados em princípio não deitara raízes antes do fim da guerra civil. Mesmo durante as fases de repressão, os grupos de oposição que não concitavam abertamente à resistência armada contra os bolcheviques, ainda continuavam realizando todas as suas atividades, às claras ou clandestinamente. (...) Foi através do mecanismo dos sovietes que o governo de Lenin organizou a guerra civil; e com esse mecanismo não estava preparado para tolerar elementos hostis ou neutros. Mas o governo ainda esperava o fim das hostilidades, quando poderia respeitar as regras do constitucionalismo soviético e readmitir a oposição regular. Os bolcheviques julgavam impossível fazer isso, agora. Todos os partidos da oposição saudaram o levante de Kronstadt e os bolcheviques sabiam o que esperar deles" (DEUTSCHER, 1968, p.551). E ainda:

> As pessoas ouviam com uma simpatia cada vez maior os agitados anarquistas que denunciavam o regime bolchevique. Se este permitisse, naquele momento, eleições livres para os sovietes, seria quase certamente afastado do poder. (...) Mas se existisse outro partido igualmente dedicado e igualmente vigoroso em sua ação, esse partido poderia, em consequência de uma eleição, ter afastado o governo de Lenin sem convulsionar o jovem Estado. Mas não existia. A volta dos mencheviques e social-revolucionários teria representado a anulação da Revolução de Outubro. Teria, no mínimo, estimulado

> os Guardas Brancos a tentar novamente a sorte e levantar-se em armas. (...) Os anarquistas e anarco-sindicalistas (...) não pretendiam, de forma alguma, o poder. Fortes na crítica, não tinham um programa político positivo, uma organização séria, nacional ou mesmo local, nem desejavam realmente governar um país enorme. (...) O partido de Lenin recusou-se a permitir que o país faminto e emocionalmente transtornado o afastasse do poder, através de eleições, mergulhando assim num caos sangrento (DEUTSCHER, 1968, p.537-9).

De qualquer forma, o que Lenin parece não ter considerado é que o aumento das forças produtivas por meios e métodos capitalistas não levaria necessariamente a sociedade russa para mais perto da transição socialista. Coisa que ele parecia supor com sua concepção de capitalismo de Estado como estação intermediária entre o capitalismo e o socialismo. Que um Estado pós-revolucionário que seguisse essa via, mesmo tendo expropriado os capitalistas privados – mas que ao mesmo tempo os chamava de volta[103] e mantinha a alienação dos trabalhadores tanto na esfera econômica quanto na política, e que se via impossibilitado de superar a divisão mesma entre elas –, colaborava para a criação de uma nova submissão, já que ele não podia controlar, mas tinha de ser controlado pela dinâmica incontrolável do capital (e de uma formação social que exigia que o Estado assumisse um papel diverso na extração do trabalho excedente, papel este que não podia ter nas formações sociais capitalistas tradicionais). Que o Estado pós-revolucionário tinha, ainda mais quando não conseguisse atuar como um Estado em desaparição ou definhamento, uma localização não apenas "superestrutural", mas de integração na própria estrutura de reprodução das condições alienadas da vida social. E isso por uma necessidade "orgânica". Ou seja, não se pode ter ao mesmo tempo uma estrutura material

---

[103] "Herdamos o velho aparato de Estado e isso foi nossa infelicidade. Muito frequentemente, essa máquina estatal trabalha contra nós. Em 1917, depois de termos tomado o poder, os funcionários começaram a nos sabotar. Ficamos muito assustados e pedimos: "Por favor, voltem a seus postos". Eles voltaram, mas isso foi nossa desgraça. Temos agora um enorme exército de funcionários, mas nos faltam pessoas instruídas para exercer um efetivo controle sobre eles. Na prática, acontece frequentemente que, na cúpula, onde temos o poder político, a máquina funciona de algum modo; porém, embaixo, os funcionários têm o completo controle e o exercem de tal maneira que anulam nossas decisões" (LENIN *apud* RODRIGUES & DE FIORI, 1978, p.42-3).

que mantém ou intensifica a perda dos trabalhadores do controle de suas condições de trabalho e existência, e um Estado que supostamente é "deles", uma vez que o Estado não pode ser entendido como uma via para a emancipação.

Um Estado desse tipo é um Estado que não pode deixar de ter um caráter funcional à reprodução ampliada do capital. Ou seja, política e economia não estavam e nem podiam estar, como as propostas de Lenin pareciam indicar, em uma relação de subordinação ou de controle da segunda pela primeira, mas faziam parte de uma nova totalidade orgânica estrutural em gestação, que as colocava em uma integração/vinculação qualitativamente distinta.

Lenin acabava agindo involuntariamente contra os seus próprios objetivos socialistas. E isso dizia respeito para qualquer um que estivesse envolvido em uma tal contradição. A sua grandeza e o seu papel duradouro para a história de emancipação dos trabalhadores – além de suas reflexões e desenvolvimentos teórico-políticas para campos até então não muito explorados pela teoria social de inspiração marxiana – está em ter lutado por todos os meios à sua disposição para sair de um dilema que a história tornou insolúvel naquelas circunstâncias adversas. Aqui, Engels nos apresenta uma reflexão que acaba por tragicamente servir para ele e os bolcheviques:

> A pior coisa que pode ocorrer a um líder de um partido radical é ser obrigado a tomar o governo numa época em que o movimento ainda não está maduro para o domínio da classe que representa e para a realização das medidas que esse domínio implica (…). Ele necessariamente se encontra em um dilema. O que ele pode fazer contrasta com todas as suas ações anteriores, com todos os seus princípios e com os interesses presentes do seu partido; o que ele deve fazer não pode ser realizado (…). Quem se coloca nessa posição difícil está irrevogavelmente perdido (ENGELS *apud* DEUTSCHER, 1968, p.420).

A "alienação burocrática" não tinha base fundamental na "esfera estatal" – ainda que sem esta, aquela não teria sido possível –, mas nas relações socioeconômicas e materiais da Rússia pós-revolucionária, com sua inédita combinação entre política e economia. Parece que foi isso que permaneceu ausente do horizonte teórico e político dos bolcheviques.

Provavelmente foi Mészáros aquele que mostrou de modo mais profundo os elementos que compõem essa ausência – e que estão

ligados em "última análise" à necessidade de superação da "autoalienação do trabalho" ou à ultrapassagem histórica positiva da divisão social-hierárquica do trabalho:

(a) o aspecto social e histórico inerentemente *problemático* das formações de classe, mesmo da classe do trabalho, foi mais ou menos negligenciado pelos bolcheviques: minimização dos efeitos devastadores da contradição (dominação) da classe em relação aos indivíduos que a compõem, e não apenas da contradição (dominação) de uma classe em relação à outra[104]. Pois "uma vez vencida e expropriada a classe capitalista, a contradição estrutural objetiva entre classe e indivíduo é ativada na sua máxima intensidade, sempre que o fator dos antagonismos interclasses é efetivamente removido ou, pelo menos, transferido para o plano internacional" (MÉSZÁROS, 2002, p.1026). "(...) a classe é, *paradoxalmente*, tanto o veículo necessário quanto o *agente ativo* da tarefa histórica da emancipação socialista e, ao mesmo tempo, *também um obstáculo fundamental* à sua realização" (MÉSZÁROS, 2002, p.1036). Assim, "(...) a hierarquia – assim como a dominação e a repressão que acompanham a hierarquia imposta – constitui uma determinação *estrutural* fundamental da existência da classe como tal (...)" (MÉSZÁROS, 2002, p.1038);

(b) o Estado pós-revolucionário passa a ter funções econômicas reguladoras distintas do Estado burguês tradicional:

> o Estado pós-revolucionário combina, como *norma*, a função do controle do processo político geral com a do controle do processo de vida material da sociedade. É a interação íntima entre os dois processos que produz dificuldades aparentemente insuplantáveis para a dissidência e a oposição (MÉSZÁROS, 2002, p.1028);

(c) por não levar em conta esses fatores, Lenin (e os bolcheviques), "simplesmente não pôde visualizar a possibilidade de uma contradição objetiva entre a ditadura do proletariado e o próprio proletariado" (MÉSZÁROS, 2002, p.1019).

Quando esses elementos se ligam a uma situação histórica em que o início da revolução no "elo mais fraco" não é seguida de revoluções nos demais elos, especialmente nos mais fortes do

---

[104] Ou seja, "(...) as classes são dominadas não apenas pelas pessoas da outra classe, mas também pelos imperativos estruturais objetivos do sistema de produção e da divisão do trabalho historicamente dados" (MÉSZÁROS, 2002. p.1038).

sistema, a transição iniciada se vê paralisada, bloqueada e enredada em dificuldades estruturais virtualmente proibitivas.

Assim, vimos que Lenin foi o primeiro a chamar a atenção para as "deformações burocráticas" do novo Estado pós-revolucionário. Para ele, a burocracia podia ser entendida tanto como sinônimo de ineficiência ou excesso de *procedimentos*, quanto como um *grupo social*, um corpo de funcionários. Ele buscou lutar contra a burocracia em suas duas acepções de várias maneiras: reduzir fortemente o número de membros do partido que havia aumentado indiscriminadamente desde a guerra civil, dissolver órgãos governamentais, punir funcionários negligentes e ineficientes, incorporar novos quadros operários na estrutura do partido, etc. E não é improvável que tenha mesmo notado que a *burocracia* como um corpo de funcionários com interesses próprios – a maior parte recrutada e convocada da antiga estrutura estatal czarista – estava não apenas se enraizando no novo Estado, e que ele considerou que não tinha se modificado essencialmente em relação ao antigo, mas que os próprios militantes comunistas estavam se burocratizando (nos dois sentidos). Portanto, Lenin entendeu a burocracia como um grupo social, mas também como um *processo*, um movimento de burocratização.

E aqui podemos perceber alguns elementos contraditórios existentes no interior da própria teoria leniniana de transição socialista: a convivência tensa e no limite incompatível entre, por um lado, a tese de centralização, eficiência, cópia dos métodos mais avançados capitalistas na esfera da produção e seu correspondente "desenvolvimento das forças produtivas", tarefa que a tudo antecedia como forma de construir uma base econômico-material para o socialismo, com empresas estatais grandes, eficientes e mais ou menos aproximadas aos grandes monopólios do Ocidente, sem um processo mesmo que marginal de aumento de espaços socioeconômicos ou políticos proletários[105]; e, por outro lado, a

[105] Segundo Mészáros, "Lenin, (...) preferindo 'ações' a 'palavras', estava demasiado ocupado em tentar espremer a última gota de possibilidade socialista prática do aparato instrumental objetivo de sua situação (...). Quando Lenin começou a concentrar-se nos terríveis perigos de uma crescente dominação dos ideais do socialismo pelas "instituições da necessidade", já era muito tarde – não só para ele, pessoalmente, mas historicamente muito tarde – para reverter o curso dos acontecimentos. O ideal da ação autônoma da classe trabalhadora foi

menção ao processo de *fenecimento* do Estado socialista, ou do "semi-Estado", que ele mesmo já tinha teorizado em *O Estado e a revolução* como sendo o objetivo dos marxistas.

Assim, as medidas leninianas de combate à burocracia nas suas duas acepções (conjunto de procedimentos e agrupamento social) não continham as vias, mesmo que limitadas a princípio por conta das circunstâncias brutalmente desfavoráveis, para o processo de "desestatização socialista", que precisavam ser consideradas desde aquele momento, por mais insuficientes que fossem. Se o novo aparelho de Estado não estava se mostrando diferente do aparelho de Estado czarista; se os comunistas estavam eles mesmos se burocratizando; se o crescimento do Estado estava se dando de modo espontâneo; então, como pensar e agir para o *definhamento* do "Estado dos trabalhadores"? As medidas de Lenin ficaram restritas ao âmbito da própria nova máquina estatal – que já era uma espécie de fusão do partido com o Estado – em processo de "burocratização". Por isso, é possível afirmar que Lenin buscou, da maneira como pôde, "lutar burocraticamente contra a burocracia" (RODRIGUES e DE FIORI, 1978, p.61), ou que "Não há, portanto, em Lenin a indicação sobre as *formas práticas do processo de desestatização socialista*, como concretização e desenvolvimento do

---

substituído pela defesa da "maior centralização possível". Segundo as palavras de Lenin: 'requer e pressupõe a *maior centralização possível* de produção em larga escala através do país. Ao comando central de toda a Rússia, portanto, deveria ser dado definitivamente o *controle direto de todas* as empresas de dado ramo da indústria. Os centros regionais definem suas funções na dependência das condições locais de vida etc., de acordo com as diretrizes gerais de produção e com as *decisões do centro*'. Qualquer outra ideia aquém dessa centralização era condenada como "anarcossindicalismo" regional. Tanto os sovietes como os conselhos de fábrica foram destituídos de qualquer poder efetivo e, no decorrer do debate sindical, qualquer tentativa de assegurar mesmo um grau bem limitado de autodeterminação para a base da classe trabalhadora era descartada como "tolice sindicalista" ou como um "desvio em direção ao sindicalismo e ao anarquismo", vista como uma ameaça direta à ditadura do proletariado. A ironia cruel de tudo isso é que o próprio Lenin, totalmente dedicado à causa da revolução socialista, contribuiu para paralisar as mesmíssimas forças da base da classe trabalhadora às quais, mais tarde, voltaria pedindo ajuda, uma vez percebidos por ele os perigos dos desenvolvimentos que, na Rússia, iriam culminar no stalinismo" (MÉSZÁROS, 2002, p.1022).

caráter semi-estatal da ditadura do proletariado (...)" (MARTORANO, 2002, p.138).

2. As *antinomias* da transição socialista na URSS: de Stalin a Gorbachev

Não é possível continuar *pari passu* a trajetória histórica da URSS, nem é este o objetivo aqui. As vicissitudes da União Soviética levaram-na a realizar uma (re)avaliação séria, com suas consequentes lutas políticas internas correlatas, sobre a NEP (que intentara reanimar a economia após o desastre das guerras mundial e civil, mas, ao mesmo tempo, fazia brotar grupos sociais proprietários que se alimentavam dos mecanismos de mercado incentivados à época – *kulaks*, ou camponeses abastados, e *nep-men*, ou "homens-nep"). Essa (re)avaliação, os dilemas e as crises da economia e da sociedade pós-revolucionária de fins da década de 1920 a levaram para o caminho da industrialização acelerada nos centros urbanos, da coletivização forçada nos campos e para o aprofundamento do "absolutismo burocrático" (SERGE, 1987), dos quais os "processos de Moscou" são um momento orgânico necessário, através da consolidação do stalinismo. Estruturava-se então a "sociedade pós-capitalista do capital" (MÉSZÁROS, 2002), com a manutenção e intensificação da alienação política, social e econômica dos trabalhadores, mas que não eliminava as contradições socioeconômicas potencialmente restauradoras em direção ao capitalismo. Foi no interior dessas contradições, e sem jamais atacá-las de um modo substantivo ou mesmo minimamente democrático, que Stalin tentou manobrar. Tais manobras buscaram conciliar um modo político autocrático e policial de extração do trabalho excedente com a introdução de uma contabilidade e lucratividade à moda do mercado capitalista.

Ainda hoje, as avaliações sobre a natureza social da URSS são motivos para controvérsias. As teses são variadas: uma sociedade socialista em trânsito ao comunismo, um "Estado operário burocratizado"[106], um "capitalismo de Estado"[107], etc. Mas o que

[106] Tese defendida fundamentalmente por Leon Trotski. Durante a primeira metade do século 20, ele foi aquele que produziu provavelmente a interpretação mais profunda e original sobre a natureza social contraditória da URSS,

parece ser comum a todas elas, entre outras, é a inexistência de uma distinção entre as noções de capital e capitalismo, com consequências teóricas e políticas significativas. Em uma entrevista mais ou menos recente a dirigentes do PCB, no Brasil, e a partir da pergunta: "Os partidos comunistas tradicionais sempre identificaram o período de transição com a ditadura do

---

especialmente em seu livro *O que é e para onde vai a URSS*, de 1936, mal traduzido como *A revolução traída.* Em sua época, expressou o que provavelmente pode ser entendido como o "máximo de consciência historicamente possível". Desenvolveu e levou adiante as reflexões leninianas, permanecendo todavia no interior do mesmo horizonte teórico. Algumas das limitações da interpretação trotskiana podem ser assim colocadas: no aspecto econômico, concentração (mas não exclusividade) nas relações de *distribuição*; certo *automatismo* para o "fenecimento do Estado", como em Lenin; compreensão redutora (*técnica*) da natureza das "forças produtivas", etc. Essas limitações não anulam sua visão dinâmica do fenômeno do stalinismo e da sociedade pós-revolucionária soviética (TROTSKY, 2005). Trotski foi o único a – ao mesmo tempo em que não chancelava teses como as que diziam que a União Soviética tratava-se de um imperialismo similar e em concorrência com os imperialismos dos países capitalistas avançados, ou as que afirmavam que era uma sociedade "capitalista de Estado" – colocar a possibilidade de uma restauração capitalista para a URSS, mais de cinco décadas antes da queda do muro de Berlim e da *débâcle* do "socialismo burocrático", ficando por isso isolado e com um posicionamento singular em seu tempo. Sua práxis revolucionária é ainda hoje fonte de ensinamentos valiosos, especialmente em suas elaborações sobre uma revolução ampliada, interna e externamente *permanente* e a metodologia de seu *programa de transição,* elementos particulares e orgânicos de sua concepção dinâmica e unitária do materialismo histórico.

[107] Tese avançada por vários autores e intelectuais, de ex-trotskistas a maoístas. Mészáros a combate assim: "O domínio do capital, fundado no atual sistema da divisão do trabalho (que não pode ser abolido apenas por um ato político, mesmo que radical e livre de "degeneração"), prevalece assim durante uma parte significativa do período de transição, embora deva exibir características de uma tendência decrescente, para que a transição possa ter qualquer êxito. Mas isso não significa que as sociedades pós-revolucionárias continuem "capitalistas", da mesma forma que a sociedade feudal e as anteriores não podem ser corretamente caracterizadas como capitalistas em função do maior ou menor uso de capital monetário e da mais ou menos desenvolvida parcela nelas ocupada, como elemento subordinado, pela produção de mercadorias" (MÉSZÁROS, 2002, p.1029).

proletariado, e uma forma de superar o capital. O senhor concorda com essa tese?", Mészáros responde:

> Eles não falavam em superação do capital, falavam em abolição do capitalismo. Capital era um conceito que não entrava em suas cabeças. (…) Existe uma diferença fundamental, ou seja, de que maneira se reproduz o capital, e não o capitalismo. O capital antecede o capitalismo e pode continuar depois. Por exemplo, o sistema soviético era pós-capitalista no sentido de que eliminou a propriedade privada, eliminou os capitalistas privados, mas não eliminou o capital, que ficou dominando totalmente porque permaneceu a dominação estrutural do trabalho, isto é, o capital. Assim, o sistema soviético era um sistema pós-capitalista (MÉSZÁROS, 2013, p.21).

Para Mészáros, os motivos do fracasso da URSS podem ser assim colocados:

> O fracasso das sociedades pós-capitalistas está no fato de terem se oposto à determinação centrífuga do sistema herdado *sobrepondo* aos seus elementos particulares conflitantes a *estrutura de comando extremamente centralizada* de um Estado político autoritário. Elas, ao contrário, deveriam ter atacado o problema crucial de como *solucionar* – por meio da reestruturação interna e da instituição do *controle democrático substantivo* – o caráter contraditório e o correspondente modo centrífugo de funcionamento das unidades reprodutivas e distributivas particulares. Portanto, a simples remoção das personificações privadas capitalistas do capital não poderia cumprir esse papel, nem mesmo como um *primeiro passo* a caminho da prometida transformação socialista, pois a natureza contraditória e centrífuga do sistema herdado foi de fato mantida pela imposição da política de controle centralizada em prejuízo do trabalho. O sistema sociometabólico tornou-se, assim, mais incontrolável do que antes, devido à incapacidade de substituir produtivamente a "mão invisível" da antiga ordem reprodutiva pelo autoritarismo voluntarista das novas personificações "visíveis" do capital pós-capitalista. Inevitavelmente, isso provocou a crescente hostilidade dos castigados sujeitos do trabalho excedente politicamente extraído contra a ordem pós-revolucionária. O fato de a força de trabalho ter sido submetida a um cruel controle político e, às vezes, até à desumana disciplina dos campos de trabalho de massas não significou que as personificações do capital de tipo soviético estivessem no controle do sistema. A incontrolabilidade do sistema reprodutivo pós-capitalista se manifestou pela incapacidade crônica de alcançar os objetivos econômicos, escarnecendo das decantadas vantagens da "economia planejada". Isso selou seu destino, ao lhe privar de sua alegada legitimidade e fazer de seu colapso uma simples questão de tempo. Nos estágios finais de existência do sistema de tipo soviético, as personificações pós-revolucionárias do capital tentaram

> desesperadamente contrabandear a "mão invisível" para dentro de suas sociedades, rebatizando-a – para torná-la aceitável – de "socialismo de mercado"; isso apenas acentuou o fato de que, mesmo depois de sete décadas de "controle socialista", o sistema pós-capitalista permanecia irremediavelmente incontrolável, e absolutamente incapaz de produzir um controle democrático substantivo de suas unidades produtivas e distributivas (MÉSZÁROS, 2002, p.848).

Para ele, Stalin foi o pioneiro na *restauração* do capitalismo na URSS: "(...) a tendência para a instauração do capitalismo não iniciava com Kruschev, mas com Stalin. Em seu último trabalho sobre a economia, ele falava da necessidade de introduzir alguns elementos do sistema de mercado e também declarava que a lei do valor sempre permanece. Afirmar que a lei do valor do capitalismo é eterna significa admitir a possibilidade de restauração do capitalismo, e naturalmente com Kruschev, e muito mais claramente com Gorbachev, o capitalismo voltou de forma desastrosa" (MÉSZÁROS, 2013, p.23). Sobre as autocontradições implosivas no interior do sistema soviético Mészáros atravessa e acompanha a passagem do poder partidário de um dirigente a outro, que possuíam em comum o fato de buscarem resolver as antagônicas contradições intrínsecas do sistema soviético sem modificar o quadro estrutural que as mantinha. De Stalin, com o seu *Problemas econômicos do socialismo na URSS*[108], de 1952, passando principalmente por Kruschev, Brejnev e Gorbachev, a tentativa de reformar ou conciliar o inconciliável (rígido controle político sobre a força de trabalho e a introdução de mecanismos econômicos de mercado capitalista) seguia seu rumo até a adoção da saída restauradora.

O texto de Stalin referido acima tenta dar conta de sérias dificuldades econômicas expressadas entre outros por um desequilíbrio cada vez mais grave na macroestrutura socioeconômica soviética. Tal desequilíbrio aparecia, num ambiente de baixa produtividade e lento crescimento econômico, como uma desproporção acentuada entre a produção de bens de capital e bens de consumo além do problema da transformação dos trabalhadores em consumidores de mercadorias. É em tal texto, de acordo com Mészáros (2002, p.747-764), que vemos uma

[108] Este é por vezes considerado como o "testamento econômico e político" de Stalin.

série de elementos confusos, problemáticos e mistificadores: a) a noção de que os trabalhadores estavam de "posse do poder de Estado e controle dos meios de produção"; b) de que havia sido superada a divisão entre trabalho físico e mental; c) a ideia de que as noções marxianas de "trabalho necessário e excedente", "tempo necessário e excedente", etc. deviam ser descartadas para a análise da "economia socialista da URSS"; d) o incentivo à busca de lucros nos empreendimentos econômicos soviéticos e a necessária utilização da contabilidade de custos e lucratividade como critérios de aferição de eficiência quantitativa e qualitativa da produção e para que a economia soviética funcionasse com base na *lei do valor*.

Todas as tentativas estavam vinculadas ao caminho de buscar resolver administrativa e autoritariamente sérios problemas de ordem socioeconômicos. Mészáros assim resume:

> As quase quatro décadas de tentativas de reforma que vão da ascensão de Kruschev ao poder até a implosão final do sistema sob Gorbachev foram cheias de inconsistências e contradições, não apenas em relação à economia, mas também em termos políticos. Assim, no plano da política, não muito depois de denunciar Stalin em seu discurso secreto como um tirano monstruoso, Kruschev não hesitou em ordenar a supressão sangrenta do levante húngaro em outubro de 1956. E o fez apenas para ser emulado no mesmo espírito pelo novo chefe do partido – Brejnev – que o depôs e colocou um fim brutal ao "socialismo com face humana" de Dubcek na Tcheco-Eslováquia, em agosto de 1968, após mais de doze anos de "democratização" e "desestalinização" abertamente declaradas. Quanto à economia, os líderes políticos da União Soviética na era pós-Stalin de um modo ou de outro sempre tentaram alcançar o impossível. Enquanto injetavam métodos *capitalistas* de contabilidade de custos e "lucratividade" em um sistema *pós-capitalista* incompatível com tais práticas, mantinham inalterado o modo *político* de imposição da extração autoritária centralizada do trabalho excedente instituído por Stalin. No final, quando perceberam que a solução por eles preferida era impraticável, optaram, caracteristicamente, pela restauração do capitalismo (MÉSZÁROS, 2002, p.754).

A repressão e a resistência dos trabalhadores soviéticos – mesmo após Stalin e durante a "desestalinização", "liberalização" e "democratização" (principalmente a partir da década de 1960) –, que já trabalhavam sob a lógica da "melhoria técnica no planejamento e dos incentivos materiais individuais", continuavam

como antes[109]. Os termos antecedentes são bastante semelhantes aos usados durante a Glasnost e a Perestroika de Gorbachev. Mas, com este último, a necessidade era a de acabar com as ambiguidades de um sistema que buscava conciliar mecanismos de uma sociedade pós-capitalista do capital com os de uma de mercado capitalista. Gorbachev e seus líderes ideológicos já tinham declarado que "as relações (…) dinheiro-mercadoria e o mercado eram as corporificações instrumentais dos valores humanos universais e uma importante realização da civilização humana (…)" e, assim, "a abordagem de classe, nas políticas seguidas pelos que tomavam as decisões na *Perestroika* deveria ser substituída pela *abordagem humana universal*" (MÉSZÁROS, 2002, p.765). Ainda que seja "difícil julgar até que ponto os "arquitetos da *perestroika*" (…) perceberam ou previram que a lógica objetiva de seu curso de ação seria a restauração do capitalismo" (MÉSZÁROS, 2002, p.796), eles tinham[110]

> a disposição de "ir até o fim" (…) em nome da "contabilidade de custos" e da "disciplina do mercado". Isto explica por que a chamada "gorbymania" foi tão promovida no Ocidente. Em agudo contraste, as tentativas de reforma anteriores quiseram sempre conciliar os seus sonhos de revitalizar a economia soviética pela contabilidade de custos capitalista e produção e circulação de mercadorias orientadas para o lucro com a administração central do Estado do sistema sociorreprodutivo estabelecido, sob a autoridade inquestionável do partido: um sistema que denominavam socialista (MÉSZÁROS, 2002, p.768).

Em resumo, as *antinomias* da transição socialista na URSS foram assim descritas pelo filósofo húngaro:

> o projeto do sistema soviético estava destinado a fracassar. Eu

[109] Valendo-se do pesquisador e ativista David Mandel, professor da Universidade de Quebec, Montreal, Canadá, e seu livro *Rabotyagi: Perestroika and after viewed from below – Interviews with workers in the former Soviet Union*, de 1994, Mészáros busca apresentar um retrato das condições a que estavam submetidos os trabalhadores na URSS pós-Stalin.

[110] Uma das consequências da lógica mercadológica seguida pelos líderes da Perestroika foi exatamente a necessidade da produção de uma "classe de empresários" para a "reestruturação" da economia. Como já mencionado na nota 9, é realmente notável o fato de que tal caminho restaurador, com a hipótese de transformação das personificações pós-capitalistas do capital em "nova classe empresarial", estivesse vislumbrado como possibilidade histórica no texto trotskiano *O que é e para onde vai a URSS*.

> sempre escrevi que tudo o que pode ser abolido pode também ser restaurado. Existem três pilares fundamentais do sistema do capital e, mesmo que isso não aconteça em todo o lugar, e na União Soviética não aconteceu, a diferença fundamental, a categoria importante, fundamental, não é a de *surplus value*, mas a de *surplus labour*, ou seja, trabalho excedente e não valor excedente, porque o valor excedente se realiza através do trabalho excedente e nisso há uma diferença entre sistema do capital e capitalismo. No capitalismo, a extração do *surplus labour* se realiza através de uma multiplicidade de fatores econômicos que agem através da conversão de *surplus labour* em *surplus value*. Acontecia isso na União Soviética? Absolutamente, não. Não existia a forma de extração [econômica] do excedente de trabalho, tudo estava regulamentado politicamente, o Birô Político decidia sobre as quantidades a serem produzidas, sobre a alocação. No sistema capitalista há o mercado, a intervenção do Estado, mas isso já é um elemento que aponta a necessidade da transição, não podemos dizer que uma transição ao socialismo esteja acontecendo, mas a necessidade de uma transição se torna evidente através da hibridização[111], por exemplo. (…) Quando Che Guevara foi à União Soviética, Kruschev, que na época era o líder do partido, levou-o para visitar o país, e Guevara pediu para encontrar os membros do Birô de Planificação, e Kruschev respondeu: "Por que perder seu tempo com um grupo de contadores?", deixando assim emergir até certo desprezo. Mas isso também realça o fato de que as decisões, o princípio de como formas de apropriação do excedente do trabalho – pois eles não tinham a possibilidade de convertê-lo através do mercado em excedente de valor –, aconteciam diretamente por meio de instrumentos políticos e isso evidentemente não podia continuar. Trabalho excedente é uma necessidade em todas as sociedades. Não podemos nem pensar em socialismo sem trabalho excedente que deve ser alocado, mas a questão é: quem o faz? (MÉSZÁROS, 2013, p.23).

[111] "Hibridização", neste contexto, diz respeito ao fato do sistema capitalista no decorrer do século 20 necessariamente precisar da intervenção "extraeconômica" do Estado para continuar a se reproduzir e estender adequadamente. Essa "ajuda estranha" é tanto inescapável nos dias de hoje como é correspondente com o crescente envolvimento direto e a "irresponsabilidade fiscal" do Estado capitalista, apesar das ideologias neoliberais ainda em voga propagandearem o contrário (MÉSZÁROS, 2002, p.726-735).

3. Mészáros, o Estado e a transição *para além do capital*

A maioria das interpretações marxistas sobre a metáfora entre "a base e a superestrutura" – tiradas do *Prefácio* de 1859 da *Contribuição à crítica da economia política,* de Marx –, localizam o Estado na superestrutura política e, portanto, como um elemento determinado e dependente ("em última instância") da base socioeconômica da sociedade, mesmo que agindo sobre ela e com autonomia relativa. Sobre esse ponto Mészáros elabora uma teorização original para a compreensão do Estado moderno – intrinsecamente ligada à sua crucial noção de sistema sociometabólico do capital –: ele é a estrutura de comando político do capital e parte da base material do sistema, possuindo, ele mesmo, sua própria "superestrutura legal e política".

É o que podemos ver nessa passagem:

> Assim, seria completamente equivocado descrever o próprio Estado como uma superestrutura. Na qualidade de estrutura totalizadora de comando político do capital (o que é absolutamente indispensável para a sustentabilidade material de todo o sistema), o Estado não pode ser reduzido ao *status* de superestrutura. Ou melhor, o Estado em si, como estrutura de comando abrangente, tem sua própria *superestrutura* – a que Marx se referiu apropriadamente como "superestrutura legal e política" – exatamente como as estruturas reprodutivas materiais diretas têm suas próprias dimensões superestruturais (por exemplo, as teorias e práticas de "relações públicas", de "relações industriais" ou as da chamada "administração científica", se originaram na empresa capitalista de Frederick Winslow Taylor) (MÉSZÁROS, 2002, p.119).

Por isso mesmo, as mudanças nas configurações e variedades da "superestrutura legal e política" do Estado devem estar de acordo com suas determinações e funções necessárias:

> Sua superestrutura legal e política pode assumir as formas parlamentarista, bonapartista ou até de tipo soviético pós-capitalista, além de muitas outras, conforme exijam as circunstâncias históricas específicas. Além disso, mesmo dentro da estrutura da mesma formação socioeconômica (por exemplo, capitalista), pode deixar de cumprir suas funções, digamos, em uma rede legal e política liberal-democrática e passar a adotar uma forma abertamente ditatorial de legislação e dominação política; e também neste aspecto pode avançar e recuar (MÉSZÁROS, 2002, p.121).

O Estado não é produzido ou estruturado *depois* da formação das unidades socioeconômicas do sistema do capital, mas sim em

simultaneidade e conjunção com elas, numa verdadeira interação dialética, ainda que o "momento predominante" esteja com a última (unidades socioeconômicas). Portanto, sem o Estado moderno como estrutura de comando político do capital, o próprio sistema não poderia ter se tornado historicamente dominante e não teria como ter afastado e ultrapassado os sistemas sociometabólicos concorrentes[112].

Assim, não há sentido em falar da autonomia do Estado em relação ao capital, já que "Como estrutura de comando político abrangente do sistema do capital, o Estado não pode ser autônomo, em nenhum sentido, em relação ao sistema do capital (...)", uma vez que ele se encontra inextricavelmente vinculado ao último, ainda que desenvolva funções estruturais próprias e seja irredutível a determinações materiais/econômicas diretas (MÉSZÁROS, 2002, p.119). Vemos por outro lado porque, para Mészáros, o sistema do capital – formado pelo tripé *trabalho*, *Estado* e *capital* – tem que ser superado integralmente nos seus três componentes vitais, e porque o Estado moderno não pode ser veículo de emancipação.

A reciprocidade dialética entre o Estado como estrutura de comando político do capital e a estrutura socioeconômica de reprodução do sistema é para os socialistas uma "reciprocidade desafiadora e desconfortável". Pois ela "põe em relevo o fato acautelador de que qualquer intervenção no campo político –

---

[112] O fato de o Estado moderno ser a estrutura de comando político do capital, segundo Mészáros, não significa que ele seja idêntico à estrutura de comando do sistema do capital enquanto tal: "O que está em questão aqui é o fato de que o capital é *seu próprio* sistema de comando, de que é *parte integrante* a dimensão política, ainda que de modo algum parte *subordinada*. Mais uma vez, vemos aqui a manifestação prática de uma reciprocidade dialética. O Estado moderno – na qualidade de sistema de comando político abrangente do capital – é, ao mesmo tempo, o *pré-requisito* necessário da transformação das unidades inicialmente fragmentadas do capital em um *sistema viável*, e o *quadro geral* para a completa articulação e manutenção deste último como *sistema global*. Neste sentido fundamental, o Estado – em razão de seu papel constitutivo permanentemente sustentador – deve ser entendido com parte integrante da própria base material do capital. Ele contribui de modo significativo não apenas para a formação e a consolidação de todas as grandes estruturas reprodutivas da sociedade, mas também para seu funcionamento ininterrupto" (MÉSZÁROS, 2002, p.124-5).

mesmo quando visa a derrubada radical do Estado capitalista – terá influência muito limitada na realização do projeto socialista". É essa reciprocidade dialética entre o Estado e a estrutura reprodutiva do sistema que deve ser o alvo da ação dos socialistas. Por isso, eles "jamais deverão esquecer ou ignorar – embora o esquecimento proposital deste fato tenha sido a razão da tragédia de setenta anos da experiência soviética – que não existe a possibilidade de superar a força do capital sem permanecer fiel à preocupação marxista com o 'encolhimento' do Estado" (MÉSZÁROS 2002, p.125).

O filósofo húngaro busca, então, a recuperação e a atualização histórica original da crítica social de Marx ao capital e, a partir dela, a apresentação dos princípios orientadores[113] sobre os quais deve ser desenvolvida a luta transicional em geral, "para a elaboração de estratégias viáveis para nosso futuro próximo e mais distante" (MÉSZÁROS, 2007b, p.225). Mesmo sem um "programa historicamente específico de ação", e sempre quando confrontado com os problemas políticos de nosso tempo, tanto no que tange à avaliação dos fenômenos como das respostas socialistas necessárias, Mészáros busca relacionar dialeticamente as dimensões de curto e longo prazo e das lutas parciais e totais, uma vez que "as forças socialistas na sua confrontação com o capital" devem ter a capacidade de "(...) *combinar*, num todo coerente com implicações socialistas *em última análise* inevitáveis, uma grande variedade de demandas e estratégias parciais que, em si e por si, não precisam ter absolutamente nada de *especificamente socialista*" (MÉSZÁROS, 2002, p.818). Ou, em outra passagem: "(...) sob as condições

[113] Os "princípios orientadores" para a luta socialista atual – "*pontos arquimedianos* que sustentam a si mesmos e uns aos outros por meio de suas determinações recíprocas e implicações globais" (MÉSZÁROS, 2007b, p.225) – são assim elencados: (a) irreversibilidade – o imperativo de uma ordem alternativa historicamente sustentável; (b) participação – a progressiva transferência do poder de decisão aos "produtores associados"; (c) igualdade substantiva – a condição absoluta da sustentabilidade; (d) planejamento – a necessidade de superar o abuso do tempo cometido pelo capital; (e) crescimento qualitativo em utilização – a única economia viável; (f) o nacional e o internacional – sua complementaridade dialética; (g) a alternativa ao parlamentarismo – a unificação das esferas da reprodução material e política; (h) educação – o desenvolvimento contínuo da consciência socialista.

presentes da crise estrutural do capital nada que não seja a *alternativa hegemônica abrangente* ao domínio do capital – decifrada como a complementaridade dialética das *demandas imediatas* particulares, *mas não-marginalizáveis*, e dos *objetivos abrangentes da transformação sistêmica* – pode constituir o programa válido do movimento organizado revolucionário consciente, por todo o mundo" (MÉSZÁROS, 2007b, p.293).

A intervenção *político-jurídica* é indispensável, pois sem ela não se pode transitar ao socialismo, mas, ao mesmo tempo, cria necessidades estruturais de mediação e regulação sociometabólicas novas, nas ausências das antigas personificações capitalistas do capital e da "mão invisível" do mercado capitalista como totalizador – com suas respectivas estruturas autoritárias impessoais de comando e controle social tanto no âmbito mais global (com a tirania de mercado) como nos microcosmos do sistema (com o seu despotismo no local de trabalho), ambas em retroalimentação dialética. Essas estruturas são necessariamente herdadas pela sociedade pós-revolucionária a partir da expropriação dos expropriadores e, sem o já mencionado processo de restituição dos poderes de controle social para o corpo social, torna o Estado pós-revolucionário também inescapável e necessariamente autoritário, uma vez que é obrigado a manter o funcionamento do metabolismo social. Mészáros aponta então um dilema prático para o processo de transição, porque "(...) é bastante óbvio que a propriedade privada capitalista não pode ser abolida sem o poder de uma autoridade política centralizada":

> de um lado, requer uma intervenção política centralizada mais poderosa (tanto para eliminar as relações socioeconômicas exploradoras do antigo sistema de propriedade como para proteger a nova forma jurídica contra a subversão interna e externa), embora, de outro lado, preveja também o necessário fracasso do centralismo político em relação à tarefa muito mais difícil de *descentralizar* e reestruturar profundamente, de modo efetivo, os complexos instrumentais e institucionais de reprodução social em sua totalidade (MÉSZÁROS, 2007, p.511).

Esse dilema é tanto mais aprofundado, criando fatores complicadores gigantescos, quanto mais desfavoráveis forem as condições sociais encontradas – mais ou menos o que se viu nos primeiros anos da Revolução de Outubro. A maneira possível de saída para esse dilema está no "relacionamento reciprocamente sustentador entre as microestruturas e a macroestrutura

totalizadora" (MÉSZÁROS, 2007, p.536) através de uma "autoridade diretora autoconstituída dos próprios produtores associados" (MÉSZÁROS, 2007, p.529). O processo de produção capitalista – com sua reprodução cada vez mais socializada e cooperativa, ainda que necessariamente alienada e impessoal – exige uma autoridade diretora. No processo de "reestruturação da economia" (e, por conseguinte, de toda a sociedade), a transição para além do capital não pode funcionar sem essa autoridade diretora – que, bem entendido, não é apenas, nem fundamentalmente, política. Esta autoridade diretora, todavia, *pode*, e no caso de uma autêntica transição, *deve* adquirir uma forma específica diversa (produzida pela própria massa de produtores associados).

O "fenecimento do Estado" pós-revolucionário diz respeito a esses processos. Sobre ele, Mészáros cita uma metáfora que lhe é muito cara, e que se liga à tarefa de reconstrução do edifício social – a "(...) mudança de cima a baixo das condições de sua existência industrial e política, e consequentemente todo o seu modo de ser" (Marx) –, a partir de uma citação de Goethe:

> Em Frankfurt, como na maior parte das cidades velhas, existia a prática de ganhar espaço em prédios de madeira fazendo não apenas o primeiro, mas também os pisos mais altos, se projetarem sobre a rua, o que incidentalmente tornava as ruas, principalmente as estreitas, sombrias e depressivas. Finalmente foi feita uma lei permitindo que apenas o primeiro andar de uma casa nova se projetasse para fora do terreno, enquanto os andares superiores deveriam se manter nos limites do térreo. Para evitar perder o espaço que se projetava sobre a rua no segundo andar, meu pai *contornou esta lei*, como outros o tinham feito antes dele, escorando as partes mais elevadas da casa, tirando um andar depois do outro, da base para cima, enquanto ele *introduzia a nova estrutura*, de tal modo que, apesar de *ao fim nada da velha casa ter restado*, o prédio totalmente novo poderia ser considerado mera renovação (GOETHE *apud* MÉSZÁROS, 2002, p.515).

Como já visto, o Estado é estrutural e materialmente ligado ao capital – e ao trabalho subordinado, abstrato e estranhado – e não pode ser abolido. Por isso, o início do processo de transição, que herda as determinações antagônicas do modo de reprodução sociometabólica do capital, não pode prescindir do Estado. Logo, o Estado dos trabalhadores durante a transição é uma mediação inescapável. Mas para não se voltar contra o próprio objetivo da superação do capital, ele deve se converter em um "Estado em

desaparição" ou "um Estado que já não é um Estado no sentido próprio do termo" (Lenin) e isso, segundo Mészáros, apenas pode ser conseguido por meio de uma "política radical" que busca estender sua vigência "negando-se a si mesma", no quadro global de uma "revolução permanente" abrangente, já que busca criar órgãos mediadores materiais "exteriores" (orientados pela igualdade substantiva) ao Estado dos trabalhadores.

Como uma mediação estrutural do modo de controle social do capital e com suas funções indispensáveis de comando político, o Estado tende a ser perspectivado para a temporalidade de curto prazo, resistindo ao seu próprio "fenecimento" em uma escala temporal mais estendida, mesmo após a ruptura político-jurídica, que traz algumas dificuldades para o processo de reprodução pós-capitalista e coloca novas funções metabólicas totalizadoras para o "Estado proletário" – como já mencionado. Por isso, os trabalhadores, com suas formas institucionais e organizacionais renovadas e em conformidade com a ofensiva socialista, devem atuar "dentro" e "fora" do Estado pós-revolucionário, buscando criar estruturas de decisão "não-estatais" cada vez mais abrangentes para que elas possam absorver os poderes de controle sociometabólico herdados e engastados na estrutura estatal pós-revolucionária do capital. Para Mészáros, é apenas assim que se pode transcendê-lo e fazê-lo fenecer. Pois o Estado, o trabalho (abstrato) e o capital persistem ou caem juntos. Como ele diz,

> Nesse sentido, a radical transcendência do Estado é um lado da moeda, representando os horizontes *finais* de toda estratégia socialista. Como tal, deve ser complementada pelo outro lado, a saber, pelo projeto de *mediações* concretas pelas quais a estratégia final pode ser progressivamente traduzida em realidade. A questão é, portanto, como reconhecer, por um lado, as demandas da *temporalidade imediata* sem ser por elas aprisionado; e, por outro lado, como permanecer firmemente orientado para as perspectivas *históricas* últimas do projeto marxiano sem se afastar das determinações candentes do presente imediato.
>
> Já que para o futuro previsível os horizontes da política como tal não podem ser transcendidos, isso significa simultaneamente "negar" o Estado e atuar no seu interior. Como órgão geral da ordem social estabelecida, o Estado é inevitavelmente predisposto a favorecer o presente imediato e resiste à realização das generosas perspectivas históricas da transformação socialista que postulam o "fenecimento" do Estado. Assim, a tarefa se define como um duplo desafio, visando:

> (1) instituir órgãos não estatais de controle social e crescente autoadministração que podem cada vez mais abarcar as áreas de maior importância da atividade social no curso da nossa "transição na transição"; e, conforme permitam as condições,
> (2) produzir um deslocamento consciente nos próprios órgãos estatais – em conjunção com (1) e através das mediações globais e internamente necessárias – de modo a tornar viável a realização das perspectivas históricas últimas do projeto socialista (MÉSZÁROS, 2002, p.597).

A passagem de Goethe adquire assim ainda maior inteligibilidade, mesmo que, segundo ele, a tarefa seja mais difícil do que a expressa na metáfora, "Pois a estrutura de madeira em deterioração do prédio também deve ser substituída no curso de retirada da humanidade da perigosa moldura estrutural do sistema do capital" (MÉSZÁROS, 2002, p.599).

As dificuldades e os dilemas do processo (e de uma teoria) da transição já tinham sido percebidos por ele bem antes do lançamento de *Beyond Capital*. Um dos momentos importantes dessa percepção se conecta à "ditadura do proletariado que se volta contra o próprio proletariado", a partir de sua análise do ensaio de 1919 de Lukács – como parte de sua avaliação mais global da obra do autor de *História e consciência de classe* – intitulado "O papel da moral na produção comunista" em que ela aparece originalmente[114]. O autor de *O poder da ideologia* (1989) reconhecerá portanto que

---

[114] A passagem original está transcrita no seu *O conceito de dialética em Lukács* (1972) e diz o seguinte: "Está claro que os fenômenos mais opressivos do poder proletário – a saber, a escassez de bens e os preços elevados, de cujas consequências imediatas todo o proletário tem experiência pessoal – são consequências diretas do relaxamento da disciplina do trabalho e do declínio da produção. A criação de soluções para esses problemas e a consequente melhoria do padrão de vida do indivíduo só podem ser produzidas quando as causas desses fenômenos forem eliminadas. A solução surge de duas maneiras. Ou os indivíduos que constituem o proletariado *percebem* que só podem se ajudar gerando um fortalecimento voluntário da disciplina do trabalho e, consequentemente, um aumento da produção; ou, se forem incapazes disso, *criam instituições capazes de provocar esse necessário estado de coisas*. Nesse último caso, criam um sistema legal pelo qual o proletariado obriga os seus próprios membros, os proletários, a agir de uma maneira que corresponda a seus interesses de classe: *o proletariado volta a sua ditadura contra si mesmo*. Essa medida é necessária para a autopreservação do proletariado quando o reconhecimento

> É porque a ditadura do proletariado não pode remover as "contradições da sociedade civil" abolindo ambos os lados do antagonismo social, incluindo o trabalho – ao contrário, tem que visar o apropriamento deste último em função da absolutamente necessária "base material" –, que "o proletariado volta sua ditadura contra si mesmo". Ou, para ser mais preciso: para manter seu predomínio sobre a sociedade como uma classe, o proletariado volta a sua ditadura contra *todos* os indivíduos que constituem a sociedade, inclusive os proletários (MÉSZÁROS, 2002, p.1026).

Assim, "Quanto menos êxito a sociedade civil pós-revolucionária tiver em articular e salvaguardar institucionalmente os interesses objetivos de seus vários grupos de modo verdadeiramente cooperativo, tanto mais o poder executivo do Estado terá força e espaço para impor uma 'autonomia política' do tipo stalinista" (MÉSZÁROS, 2002, p.1061).

Por fim, a concepção de transição em Mészáros é consequência e desenvolvimento imanente de sua nuclear teorização sobre o *sistema sociometabólico do capital*. Com ela, o autor de *O desafio e o fardo do tempo histórico* (2007) mudou o terreno em que vinha se dando o fundamental dos debates marxistas sobre o tema. Ao que nos parece, esta mudança de território teórico e categorial – com

---

correto dos interesses de classe e a ação voluntária nesses interesses não existem. Mas não devemos esquecer o fato de que *esse método contém em si mesmo grandes perigos para o futuro*. Quando o próprio proletariado é o criador da disciplina do trabalho, quando o sistema de trabalho do Estado proletário é constituído sobre uma base *moral*, então a compulsão externa da lei cessa *automaticamente* com a abolição da divisão de classes – ou seja, o Estado fenece – e essa liquidação da divisão de classes produz a partir de si mesma o início da verdadeira história da humanidade, que Marx profetizava e pela qual esperava. Se, pelo contrário, o proletariado segue outro caminho, ele deve criar um sistema legal que não pode ser abolido automaticamente pelo desenvolvimento histórico. O desenvolvimento, portanto, ocorreria em uma direção *que colocaria em risco o surgimento e a realização do objetivo maior*. Pois o sistema legal que o proletariado é forçado a criar dessa maneira *deve ser destruído* – e quem sabe que abalos e danos serão causados por uma transição que leva do reino da necessidade para o reino da liberdade por um tal *détour*? [...] Depende do proletariado que a história real da humanidade comece – ou seja, *o poder da moral sobre as instituições e a economia*" (LUKÁCS *apud* MÉSZÁROS, 2013b, p.41-2). Mészáros inverterá a prevalência *moral* e *ideológica* contida na perspectiva de Lukács e a colocará sobre as mediações *materiais* das "instituições e (d)a economia".

evidentes implicações políticas e estratégicas – constitui-se talvez como a maior conquista do fim século passado sobre o assunto a partir da teoria inspirada em Marx.

Referências Bibliográficas

CLAUDÍN, F. **A crise do movimento comunista: a crise da Internacional Comunista**. São Paulo: Global, 1985.

COGGIOLA, O. *Trotsky, Stalin e a burocracia da URSS*. In: TROTSKY, L. **Stalin – Biografia**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2012, p.7-196.

DEL ROIO, M. *Lenin e a transição socialista*. **Lutas & Resistências**, Londrina, n.3, v.2, p.67-82, 2007.

DEUTSCHER, I. **Trotski – O profeta armado (1879-1921)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

LENIN, V. I. **O Estado e a revolução**. São Paulo: Editora Hucitec, 1983.

_____. *Sobre a cooperação*. *In*: **Lênin no poder (1917-1923)**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1979, p.261-267.

_____. *As tarefas imediatas do poder soviético*. *In*: **Obras Escolhidas**. Volume 2. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1988, p.557-587.

MANDEL, E. **Trotsky como alternativa**. São Paulo: Xamã, 1995.

MARTORANO, L. **A burocracia e os desafios da transição socialista**. São Paulo: Xamã – Anita Garibaldi, 2002.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2007b.

_____. Entrevista – István Mészáros: filosofia e práxis política para superar o capital. **Novos Temas**, São Paulo, n.8, p.15-40, 2013.

_____. **O conceito de dialética em Lukács**. São Paulo: Boitempo, 2013b.

ROCKER, R. **Os sovietes traídos pelos bolcheviques**. São Paulo: Hedra, 2007.

RODRIGUES, L. M.; DE FIORI, O. **Lenin: capitalismo de Estado e burocracia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

SERGE, Victor. **Memórias de um revolucionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TROTSKY, Leon. **A revolução traída: o que é e para onde vai a URSS**. São Paulo: Sundermann, 2005.

ANEXOS
(traduções)

POR QUE NÃO HÁ REVOLTA? A CLASSE TRABALHADORA RUSSA E O MOVIMENTO OPERÁRIO

David Mandel[115]

Por que não há revolta? A comunidade simpática aos trabalhadores russos naturalmente faz essa pergunta quando se confronta com o empobrecimento, o desemprego em massa, os salários não pagos, o desmantelamento de programas sociais, a pilhagem da riqueza nacional, a destruição do potencial humano e econômico do país e com um governo ilegítimo que tem desprezado a lei, peça central de sua política. Os trabalhadores russos têm sofrido tremendamente durante os últimos anos de restauração capitalista, mesmo que antes disso sua situação já estivesse longe do ideal. Enquanto eles têm resistido, tal ato tem sido obviamente ineficiente. Isto não era esperado pela maioria dos observadores, uma vez que a classe trabalhadora que representa a grande maioria da população soviética era relativamente bem educada, socialmente homogênea, concentrada em empresas gigantes, maciçamente organizada em sindicatos, fortemente

[115] O autor é professor da Universidade de Quebec em Montreal (Canadá), e especialista no movimento dos trabalhadores pós-soviéticos (Ucrânia, Rússia e Belarus). Publicou diversos livros sobre a ex-URSS, entre eles, *Labour after Communism* (South End Press, 2004). É um ativista do movimento sindical socialista no Canadá. (N. do T.)

exposta a ideias (senão à própria realidade) socialistas e gozava de um padrão de vida bem acima dos padrões do terceiro mundo.

Este artigo oferece elementos para responder a questão, "Por que não há revolta?". Ele segue três perspectivas: o legado do passado soviético; a situação econômica e política atual; e, finalmente, a estratégia e a prática dos sindicatos, a maior forma de organização do movimento operário hoje. O argumento, brevemente, é o de que o sistema soviético, graças tanto a sua natureza repressiva quanto à natureza contraditória de suas relações sociais – nem capitalista, nem socialista, mas um amálgama incoerente de ambos – restringiu a emergência da ação de uma classe trabalhadora independente e consciente. Isso começou a se desenvolver durante a Perestroika, enquanto o sistema entrava em colapso. Mas a forma que o colapso assumiu – uma "revolução de cima" na qual o movimento popular atuou como coadjuvante – e a profunda crise econômica sem precedentes que seguiu imediatamente, limitou e, até certo ponto, reverteu esse processo, dando um novo sopro de vida à velha ação corporativista. Por fim, este artigo discute a corrente independente minoritária no movimento operário e suas perspectivas. A título de ilustração, este artigo será focado nos sindicatos dos setores automotivo e de construção de máquinas agrícolas (ASM na sigla russa), que são, em sua maior parte, típicos, mas que também têm estado na vanguarda do movimento operário na Rússia e em todo o mundo.

1. O LEGADO

A economia soviética formalmente "pertencia" ao povo, a quem o título legal era consagrado pela Constituição. Na prática, os direitos de domínio do povo – direito de decidir coletivamente o que e como produzir e o que fazer com o excedente – foram usurpados pelos administradores[116], através da *nomenklatura*[117]. Os

[116] *Manager,* no original em inglês. Esse termo é utilizado diversas vezes ao longo do texto, quando o autor refere-se ao pessoal administrativo, administradores econômicos ou diretores das empresas soviéticas. (N. do T)

[117] Um sistema que funcionava na União Soviética, onde postos influentes no governo e na indústria eram preenchidos por membros do Partido. (N. do T.)

trabalhadores soviéticos não enfrentaram uma classe de proprietários, que podia comprar e vender os meios de produção e distribuição. Até o fim, a burocracia exerceu seu poder usurpando e tirando proveito de seus privilégios materiais – exclusivamente privilégios de consumo – através da corrupção. A elite dominante foi forçada a se esconder sob a fachada socialista de democracia e igualitarismo, que estava em forte contradição com as reais relações sociais.

Este sistema obviamente não podia tolerar organizações sociais independentes, principalmente dos trabalhadores, a base social oficial do Estado. O totalitarismo característico do Estado era necessário para compensar a fragilidade dos fundamentos sociais e ideológicos da burocracia dominante, uma elite do poder sem propriedade ou legitimidade. A burocracia tinha motivos para temer a classe trabalhadora. Revoltas trabalhistas no leste europeu e na União Soviética (Novocherassk em 1981, as greves nas minas, em 1989 e 1991, a greve geral da Bielorrússia em, abril de 1991) demonstraram a relativa facilidade com que trabalhadores nesse sistema podiam se mobilizar espontaneamente em larga escala e traduzir problemas inicialmente econômicos em demandas por democracia, depois que o medo da repressão foi superado. Vários fatos fortaleceram isso: o Estado como único empregador, a administração econômica centralizada, o relativo caráter homogêneo da classe trabalhadora, sua concentração em empresas gigantes e, acima de tudo, a frágil legitimidade do regime.

No papel, os sindicatos tinham um poder considerável nas empresas. Apesar de não negociarem salários, eles monitoravam a aplicação da política de salário e do Código de Trabalho, participavam da revisão periódica das normas de exportação (as quais os trabalhadores vigorosamente resistiam), negociavam e monitoravam acordos locais ligados à saúde, segurança, normas de construção de casas e etc. Eles também operavam a Inspetoria de Saúde e Segurança, com poder para investigar, dar ordens, multar e até suspender instalações. Eles participavam da administração de benefícios sociais tais como: licenças por doença ou gravidez, licença maternidade, pensões, assistência médica, férias, assistência infantil e atividades de lazer. Eles tinham formalmente um poder considerável para resolver queixas e podiam até remover administradores por violação de acordos coletivos ou do Código de Trabalho.

Ainda assim, os sindicatos soviéticos eram antidemocráticos e notoriamente subservientes aos administradores e às autoridades políticas. Após a morte de Stalin, eles sofreram modificações, mas o viés em favor do cumprimento de metas de produção e, consequentemente, em favor dos gestores continuou muito forte. Decisões básicas que afetavam salários, benefícios sociais e direitos trabalhistas eram tomadas por autoridades centrais do partido-Estado, os sindicatos prestavam no máximo um papel consultivo. O aparato do Sindicato Nacional tinha pouca influência dentro da burocracia. As reuniões eram acompanhadas de perto pelos membros do Comitê Central do partido para que eles pudessem tomar as decisões apropriadas. A burocracia dos sindicatos era amplamente conhecida como o "cemitério" para os funcionários "sem-perspectiva" do partido e do Estado.

Houve alguns líderes sindicais corajosos, dedicados – e sem ambições – que tentaram reivindicar direitos dos trabalhadores contra as autoridades administrativas ou políticas. Mas a norma era a subserviência. O presidente do sindicato formava um dos ângulos do "triangulo" das empresas junto com o diretor e o presidente do partido. Quando os mineiros de carvão negociaram durante a greve de julho de 1989, os líderes sindicais naturalmente compareceram, encarando-os ao lado dos oficiais do governo e dos demais administradores.

Seria errado dizer que os sindicatos não defendiam interesses dos trabalhadores, mas eles defendiam apenas enquanto isso não criava conflito com os administradores e com as autoridades políticas. Não poderia ser de outra forma. Com exceção de algumas poucas vezes, os líderes sindicais eram nomeados e substituídos de cima. Mobilizar trabalhadores contra os administradores violaria um princípio básico do sistema. A repressão impiedosa da greve geral em Novocherkassk, em 1962 não foi um simples exagero causado pelo nervosismo. Greves ocorriam de vez em quando em fábricas isoladas, mas o líder sindical que ousasse liderá-las perderia o emprego e o cartão do partido, teria ainda que lidar com a KGB (Serviço Secreto Soviético). Durante uma das campanhas periódicas do Estado para injetar vida nos sindicatos, *Trud*, o jornal sindical nacional, caracterizou-os precisamente como "'semi-defensores' dos

trabalhadores"[118]. Não é surpresa o fato de que essas campanhas sempre falharam.

Mas o quadro político repressivo não é a única explicação para a subserviência sindical. Enquanto os trabalhadores soviéticos, os impotentes e desprivilegiados, tinham um senso de "nós" (trabalhadores) contra "eles" (os chefes), outros aspectos do sistema silenciaram esse antagonismo e confundiram as linhas de oposição. Por um lado, o grupo dominante não era a classe de possuidores, mas um grupo de administradores organizados em uma hierarquia de poder e privilégio, cada um sob o polegar de seus superiores. Os trabalhadores meramente podiam se enxergar alguns degraus abaixo em uma contínua escada de poder e privilégio. Além do mais, mesmo próximo do fim, a burocracia ainda era relativamente aberta em relação à origem social dos membros de seu grupo.

Mais importantes foram as relações social-paternalistas que uniam os trabalhadores à burocracia. Enquanto os trabalhadores eram, de fato, impotentes, eles gozavam de importantes direitos sociais, notável seguridade no emprego, garantia de trabalho, e um salário social que incluía assistência médica e educação gratuita em todos os níveis, pensões, moradia subvencionada, serviços comunitários, lazer e atividades culturais, transporte público, alimentação básica e etc. Em 1984, isto representava dois terços do salário e dava aos trabalhadores um sólido nível de segurança econômica[119]. Deixando a propaganda oficial de lado, havia uma base material para que os trabalhadores vissem o Estado como um pai protetor, embora autoritário e corrupto. O Estado-pai também os defendia contra o hostil mundo capitalista.

Paternalismo, ou 'corporativismo', era especialmente pronunciado na área das empresas, onde o diretor desempenhava um duplo papel como representante e lobista do Estado e como defensor de sua 'coletividade de trabalho' [120] (um termo soviético no qual o administrador estava incluído). A maximização do lucro e a redução dos custos de trabalho não eram metas para os administradores soviéticos. O importante era cumprir as metas de

---

[118] *V. Mozhaev, Nezavisimaya gazeta*, 11 *November* 1994.

[119] *V. M. Rutgaizen and Yu. E. Shevnyakov, 'Raspredelenie po trudu'*, EKO, 3, 1987.

[120] No original o termo utilizado é *work collective*.(N. do T.)

produção. Fazer isso nas condições inerentemente incertas da economia "planejada" requeria uma força de trabalho relativamente grande e flexível. Para assegurar isto quando o trabalho era cronicamente escasso, os administradores tentaram manter os salários relativamente altos e eram flexíveis com os horários de trabalho e com a disciplina nos períodos de folga. Além disso, na medida em que bônus e benefícios sociais dependiam do desempenho da empresa, os trabalhadores compartilhavam o interesse em alcançar as metas de produção. Quando os administradores, apoiados pelos sindicatos, pediam para os trabalhadores "considerarem a situação da empresa", isto é, para concordarem com longas e constantes horas extras e condições precárias, eles geralmente respondiam positivamente. O medo fazia parte, mas existia também a sensação de que seus interesses estavam ligados aos das "suas" empresas.

A liberalização de Gorbachev, a tangente política de sua reforma de mercado, abriu espaço para um movimento operário independente. Greves por salário e tempo de trabalho se tornaram mais frequentes, às vezes tomando empresas inteiras e durando vários dias. Mas até a greve dos mineiros de carvão em julho de 1989, não houve mobilizações envolvendo várias empresas. Durante o movimento grevista da primavera de 1991 (primeiramente mineiros, mas com apoio disperso de outros ramos; e então a greve geral na Bielorrússia) o protesto novamente foi para além da empresa isolada. O movimento foi, assim, se expandindo gradualmente, mas durante o colapso do antigo regime a maioria dos trabalhadores ainda não havia emergido em ações coletivas.

Gorbachev repreendeu os sindicatos por dançar em sintonia com os administradores, mas eles não se tornaram independentes, apesar da radical descentralização do poder dentro de suas organizações depois de 1990. Houve algumas exceções, principalmente onde aconteceram mobilizações espontâneas da base, mas estas eram raras. Após a greve de 1989 muitos dos líderes grevistas mineiros foram eleitos para cargos no sindicato, mas a maioria desistiu frustrada. O Sindicato Independente dos Mineiros (NPG) foi formado em 1990, numa plataforma de independência sindical e foi seguido por outros sindicatos "alternativos" ou "livres", os mais bem sucedidos estavam no setor dos transportes (estivadores engenheiros de locomotiva, pilotos,

etc.). Em outras áreas, notavelmente na automobilística, onde sindicatos alternativos existiram, eles representavam (e continuam a representar) pequenas minorias em conflito com os grandes e "tradicionais" sindicatos.

Como parte de sua reforma, Gorbachev criou corpos de autogestão (STKs[121]), garantindo a eles poderes limitados e ambíguos. A maioria dos STKs foi facilmente dominada pelos administradores. Um movimento genuíno surgiu, contudo, em 1990 quando Gorbachev tentou se livrar dos STKs como parte de sua conversão ao capitalismo. Este movimento defendia a autonomia da empresa e a troca do poder para as mãos do "trabalho coletivo". Mas esse movimento nunca ganhou muito apoio da base, nem seus líderes tentaram mobilizá-lo seriamente. Além do mais, apesar do movimento STK se opor ao sistema burocrático ele não tinha sua própria visão econômica, além da autonomia da empresa. Por isso, e por procurar por apoio mais de cima do que de baixo, se tornou uma presa fácil para as forças liberais. Seus líderes na Rússia deram seu apoio a Yeltsin, que fez grandes promessas, mas privatizou de tal forma que na prática excluiu os trabalhadores do poder e do comando. Quanto aos sindicatos, eles viram os STKs como rivais e aceitaram a privatização como inevitável.

Apesar de algumas aberturas para o progresso real, conquistadas pelo movimento operário, que aconteceram sob o governo de Gorbachev, os trabalhadores russos no geral falharam em desenvolver organizações independentes e seu próprio programa de transformação social. Existiram diversas razões para isso. O mais óbvio é que eles precisavam de tempo para superar o legado do regime totalitário: medo, cinismo, automatização, subserviência e cumplicidade com autoridade arbitrária, e, não menos importante, um fraco senso de direitos e dignidade. A capacidade de auto-organização e solidariedade desenvolve-se através de uma grande luta, mas a maior parte dos trabalhadores não tem sido atraída pelo movimento. A mudança teria acontecido mais rápida se a abertura política tivesse sido resultado de uma luta de baixo ao invés de um presente de cima. Enquanto o movimento operário ajudou a avançar além do que Gorbachev pretendia, ele

[121] *Soviet Trudovogo Kollektiva* ou STKs, Conselhos coletivos de trabalhadores. (N. do T.)

também se deixou usar por forças liberais hostis aos interesses dos trabalhadores. Até certo ponto, a inabilidade de desenvolver um programa trabalhista independente foi um legado do passado "comunista", o que desacreditou não somente valores socialistas – os trabalhadores continuaram ligados a esses ideais de democracia, igualdade, e justiça social[122] - mas também os arranjos institucionais necessários para realizá-los. Após sessenta anos de "socialismo" burocrático, os trabalhadores duvidavam que qualquer tipo de planejamento central pudesse ser democrático e eficiente. Esta alergia ao centralismo foi usada pelas forças liberais que apresentaram o mercado como a liberdade.

Entretanto, a incapacidade do trabalho de desenvolver sua própria visão foi também um reflexo da situação internacional. O regime burocrático rompeu-se em um período em que os movimentos operário e socialista ao redor do mundo recuavam. Os trabalhadores soviéticos não enxergavam nenhum modelo socialista atraente: os outros sistemas "comunistas" estavam restaurando o capitalismo ou estagnando. Com as notáveis mas distantes exceções do Brasil e da África do Sul, não havia movimentos operários lutando pelo socialismo como uma meta real e imediata[123]. Até mesmo lutas defensivas vitoriosas contra a ofensiva neoliberal eram raras. Para os trabalhadores russos, que tinham pouco conhecimento sobre o capitalismo, parecia – como os liberais constantemente os lembravam – que só o capitalismo era "normal". Além disso, forças liberais dentro da Rússia aproveitavam o apoio político e financeiro do capital internacional na forma do G-7 e suas instituições financeiras. Sem esse apoio em grandes momentos de crise, as "terapias de choque" não poderiam ser buscadas com tanta determinação e por tanto tempo. Em contraste, a pequena ajuda oferecida por sindicatos estrangeiros aos seus camaradas russos era destinada a ajudá-los a se adaptar ao capitalismo não a combatê-lo por uma alternativa dos trabalhadores. A AFL-CIO[124], que tinha a maior presença de

---

122 David Mandel, '*A Market Without Thorns', Perestroika and the Soviet People, Montreal: Black Rose Press*, 1991, pp. 91–116.

123 O presente artigo foi escrito antes da eleição presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva e da elaboração da Carta ao Povo Brasileiro, em 2002. (N. do T.)

124 Federação Americana de Trabalho e Congresso de Organizações Industriais (N. do T.)

trabalhadores estrangeiros, fomentou ativamente o sindicalismo de negócios[125] e ajudou a forjar os elementos mais militantes da força de Yeltsin.

2. A SITUAÇÃO PRESENTE

Dois aspectos em particular da situação presente enfraquecem a capacidade de resistir dos trabalhadores: a aguda insegurança econômica e, na falta de um termo melhor, a crescente decomposição social da classe trabalhadora. Ambas são consequências da prolongada depressão econômica, em grande parte resultado da política do Estado. O produto interno bruto russo está hoje entre 50% e 60% do que era em 1990; a produção industrial está em 45% [126]. No setor ASM, a produção de máquinas agrícolas, ônibus, *trolleys* e caminhões caiu cerca de 90%. A produção de carros, a notável exceção no vasto setor de produção de maquinaria, está 80% acima dos níveis de antes da depressão. Os fatores principais por trás do declínio são a contração da demanda interna – no momento cerca de um terço do nível de 1990[127] – e a situação financeira crítica das empresas que perderam seu capital operante na liberalização dos preços de 1992, não têm acesso a crédito rentável e estão sobrecarregadas com altos impostos e custos de matéria-prima e energia. Os investimentos têm caído a cada ano desde 1990; em 1998 estavam abaixo de 1/6 do nível de 1990[128]. O investimento líquido é negativo: a contabilidade do capital russo está diminuindo.

A estratégia de transição do governo envolveu uma privatização acelerada e a exposição das empresas à disciplina do mercado, forçando-as a nadar ou afundar. Após seis décadas de uma economia administrada centralmente, os preços foram liberados do

---

[125] No original *business-unionism*. (N. do T.)

[126] *S. Shenfield, 'On the Threshold of Disaster: The Socio-Economic Situation in Russia,'* 1999 *(unpublished), FNPR web site (http://www.trud.org/index74.htm); Sovetskya Rossiya,* 4 *November* 1999 (*State Statistics Committee reports*).

[127] *Ekonomicheskii fakul'tet MGU, Ekonomicheskii almanakh, vyp. I, TEIS, Moscow*, 1997, p. 97, p. 31; *Informatsiya o sotisal'no-ekonomicheskom polozhenii Rossii, yanvar'-aprel'* 1999g, *Moscow*, 1999, p. 54.

[128] *Ekonomicheskii almanakh*, 1997, pp. 11, *Bank Austria E-W report* 1/99, p. 22; *Goskomstat Rossii, web site (http://www.gks.ru/osnpok.htm)*.

dia para a noite, subsídios do governo e gastos sociais foram reduzidos, a economia se abriu para o mundo, o suprimento de dinheiro foi severamente restrito. Os reformistas aparentemente visavam à reestruturação através da destruição de uma grande parte da indústria existente, já que as empresas não tiveram a chance de se ajustar. Em meio ao caos de tais mudanças relâmpago de cima, o capitalismo russo, em seu estágio atual, apresenta uma série de características específicas. Os direitos de propriedade são bem frágeis, e os proprietários não podem contar com o Estado para protegê-los. (Os grandes proprietários têm forças privadas de segurança armada). A maioria da população não aceita a legitimidade dos proprietários privados das empresas. O próprio título legal está constantemente em disputa e não garante o controle aos proprietários. Onde os trabalhadores estão unidos e determinados, eles tomaram as empresas ou impuseram controle sobre os empresários; nem os proprietários, nem o Estado têm conseguido expulsá-los à força, apesar de, no fim das contas, o controle dos trabalhadores sobre empresas isoladas ter pouca esperança de sucesso. Na maioria dos casos, é o diretor que detém o poder absoluto, sem restrições da lei, dos proprietários ou dos trabalhadores. A distinção entre negócios legítimos e ilegítimos pode apenas ser feita na teoria[129]. Quando elementos criminosos não controlam diretamente as empresas (de acordo com o governo, a máfia controla 50% dos setores não estatais e 60% dos estatais)[130], a direção paga tributos a eles ou para oficiais corruptos do Estado, ou roubam por conta própria. Geralmente é uma combinação de todas essas coisas.

Outra característica é a desmonetização da economia: no final de 1998, uma média de 52% das transações das empresas industriais era em espécie[131]. O mais preocupante para os trabalhadores são os salários atrasados: em março de 1999, no setor de carros e caminhões eles chegaram, em média, a 4,2 meses; no setor de máquinas para agricultura 7,4[132]. Esses são, na verdade, empréstimos forçados para empresários com juros negativos, já

---

129 *Financial Times*, 29 *August* 1999.

130 *Izvestiya*, 11 *November* 1999.

131 *S. Menshikov, 'Russian Capitalism Today,' Monthly Review, July–August* 1999, p. 95.

132 '*Report of the Vice-President to the Eleventh Plenary Session of the Central Committee of the ACM-Workers' Union,'* 15 *April* 1999, p. 12, (*unpublished*).

que salários em atraso não são indexados. Mas, provavelmente, a característica mais marcante é o canibalismo do sistema: ele está consumindo a riqueza acumulada do país, destruindo a própria capacidade de produzir riqueza. Amortizações excederam 30%[133] do produto interno bruto. Cerca de 136 bilhões de dólares escoaram da Rússia entre 1993 e 1998, aumentando em muito a entrada de capitais de investidores estrangeiros e empréstimos internacionais[134]. Gastos com pesquisa e desenvolvimento caíram 15 vezes; gastos científicos 50 vezes. Muitos cientistas têm emigrado ou abandonado suas profissões. Os trabalhadores e engenheiros mais hábeis estão entre os primeiros a abandonar as empresas em agonia pelo novo setor privado, onde suas habilidades são raramente utilizadas[135].

Mas não apenas habilidades, a própria força de trabalho tem sido destruída como resultado do declínio dos padrões de vida, cortes na área de saúde, *stress* causado pela depressão e deslocamento social. Os nascimentos caíram drasticamente e as taxas de mortalidade masculina chegam a níveis do final do século XIX[136]. De acordo com um demógrafo de destaque, o cenário mais provável para o próximo meio século é uma queda populacional de 45%. (A população dos EUA deve crescer cerca de 45% no mesmo período)[137].

Não há consenso no movimento operário acerca da natureza do interesse dos administradores, mas uma coisa é certa: quase todos eles estão muito melhor agora do que estavam sob o velho regime, enquanto a maioria dos trabalhadores está numa situação muito pior. Enquanto a perspectiva de mudança na política econômica e de recuperação recua, os administradores passaram a ver suas empresas como fontes de renda ou simplesmente objetos a serem pilhados. Embora eles não queiram necessariamente destruí-las por completo, já que elas são fonte de enriquecimento pessoal, existe pouco incentivo – provavelmente inútil de qualquer jeito – para restaurá-las fortemente. Como observado, os administradores

---

133 *Menshikov, 'Russian Capitalism Today'*, p. 82.

134 *Financial Times*, 21 *August* 1999.

135 *Shenfield, 'On the Threshold of Disaster'*.

136 Ibid.

137 *M. Feshbach, 'A Comment on Recent Demographic Issues and a Forbidding Forecast', David Johnson's Russia List (davidjohnson@erols.com)*, 4 *August* 1999.

dispõem de uma ampla liberdade de controle – dos proprietários e do Estado, assim como dos sindicatos. Eles também são relativamente livres das forças do mercado, já que a lei de falência é "branda". A gerência[138] também pode contar com empréstimos livres na forma de salários não pagos. Sindicatos e partidos a favor das empresas, como o Partido Comunista, citam o excesso de pessoal como evidência de que muitos diretores continuam "vermelhos" e querem "preservar o trabalho coletivo". Mas são os próprios trabalhadores que pagam o custo deste "excesso" de pessoal na forma de salários abissalmente baixos.

A restauração do capitalismo tem tido um grande impacto na estrutura e composição da classe trabalhadora, cuja maioria trabalha agora no setor privado ou em empresas nas quais o Estado é apenas um proprietário formal. A comercialização e a privatização têm levado a uma grande diferença na situação das empresas e dos trabalhadores, entre e dentro de setores e regiões. Por exemplo, no setor ASM, a fábrica de automóveis VAZ, que manteve a maior parte de sua força de trabalho, paga um salário médio seis vezes maior do que Rostsel'mash (maquinaria de agricultura), que perdeu três quartos de seus trabalhadores[139]. Os salários também variam muito no interior das empresas, às vezes até mesmo para o mesmo trabalho ou nível de habilidade. O trabalho em si é "livre", mas o movimento em grandes cidades, onde os trabalhos são mais abundantes, é restrito por regulações locais (inconstitucionais) e pela falta de casas a preços de aluguel acessível.

Em 1998, 38,6% da força de trabalho empregada estava na indústria, na construção e no transporte; 45,6% em comércio e serviços; e 13% na agricultura. A proporção de mulheres manteve-se em 48,5% desde 1992. Não existem dados confiáveis sobre sindicalização, mas em 1998 a "tradicional" Federação dos Sindicatos Independentes (FNPR) reivindicou 40 milhões de membros (A força de trabalho empregada era de 63,6 milhões de pessoas). Embora este número esteja provavelmente inflado, a

---

[138] *Management* no original em inglês. Esse termo refere-se às atividades ou às funções de gerência, administração, direção das empresas soviéticas. (N. do T.).

[139] *ASM-Holding, Analiticheskii obzor, yanvar'-oktyabr'* 1998g, *Moscow*, 1998, pp. 44–45

densidade sindical é alta. Provavelmente 90% dos empregados de grandes e médias empresas, assim como quase todos os empregados do serviço público, são afiliados à Federação dos Sindicatos Independentes[140]. O sindicato do setor ASM reivindicou cerca de 800.000 trabalhadores ou 88,6% da força de trabalho do setor em 1998. O restante pertence a sindicatos alternativos ou não é membro de nenhum[141]. Praticamente não existem sindicatos no recém-criado setor privado (principalmente nas pequenas empresas de serviços e comércio), onde o poder arbitrário da direção tem pleno domínio.

A indústria deixou de empregar 29,6% da força de trabalho, em 1992 para empregar 22,2 em 1998, mas em números absolutos a queda foi de 42%[142]. O próprio setor ASM perdeu 70% dos empregos desde 1992[143]. Esse acontecimento foi encarado como uma partida, "por vontade própria", de trabalhadores em busca de um salário mínimo. Os primeiros a partir foram os jovens trabalhadores, assim como os mais habilidosos, corajosos e mais adaptáveis. Estas categorias de trabalhadores tinham estado na vanguarda das insurreições dos trabalhadores durante o governo Gorbachev. A idade média desses que continuam na indústria é de aproximadamente 50 anos. Eles tendem a ser mais subservientes, temendo pelos seus trabalhos e pensões. Além disso, periódicas "saídas administrativas", a cadência de trabalho irregular, a incerteza do salário e sua precariedade não apenas minam a disciplina, mas também os desmoralizam. Hortas comunitárias e empregos extras acabam com a energia e comprometimento com as lutas dentro da empresa. É difícil articular os trabalhadores demitidos. O estresse e a desmoralização causados pela crise econômica têm afetado estes fortes homens; o alcoolismo é uma pandemia.

---

[140] *Le Devoir (Montreal)* 7 *October* 1998; *Goskomstat, Informatsiya o sotsial'noekonomicheskom polozhenii Rossii*, 4, 1999, pp. 60–61.

[141] *Golos profsoyuza*, 3, 1999, p. 2, *and* no. 2–3, 1998, p. 4.

[142] *Goskomstat Rossii,Rossiiskii statisticheskii ezhegodnik* 1996, *Moscow, Logos*, 1996, p. 84; *Goskomstat, Rossiya* 1999, 1999, p. 28; *Goskomstat, Russia in Figures*, 1999, table 7.3 *(http://www/gks.ru)*.

[143] *Golos profsoyuza*, 3, 1999, p. 2; *'Report of the President to the Third Congress of the Union of ASM Workers'*, *October* 1997, p. 20 (*unpublished*)

O desemprego passou de zero sob o sistema soviético para uma taxa real de aproximadamente 30% (incluindo aqueles, involuntariamente, contratados parcialmente e aqueles que ganham menos que o mínimo para subsistência). O Estado estabelece a taxa em cerca de 12%[144]. A rede de segurança social muito fraca não faz nada para acalmar o medo do desemprego. Mas o emprego não significa sequer segurança temporária, desde o início do ano 2000 os salários de dois quintos dos trabalhadores da Rússia estavam abaixo do, já muito baixo, mínimo oficial para a subsistência de uma pessoa (US$ 41 por mês), enquanto o salário médio foi igual a apenas 1,7 do mínimo para a subsistência[145]. As pensões médias também estão abaixo do mínimo de subsistência, e as poupanças foram dizimadas pela hiperinflação em 1992.

Alguns trabalhadores suplementam seus salários com empregos extras no "setor informal"[146], mas oportunidades assim são bem limitadas nas cidades pequenas, e requerem uma boa saúde e normalmente habilidades especiais ou um carro. Hortas comunitárias (normalmente com 600 metros quadrados) têm um papel importante, principalmente nas cidades pequenas. Existe também uma considerável ajuda mútua entre famílias. O que mais suaviza o dano das pensões e salários baixos é o ainda pequeno, mas crescente, custo de moradia (os trabalhadores herdaram seus apartamentos do período soviético) além de utilitários e o transporte municipal. O atendimento médico básico é geralmente de graça, mas internações hospitalares agendadas, operações e remédios podem custar caro. A educação de nível básico é de graça, mesmo assim os pais são constantemente convidados a contribuir. Finalmente, furtar empresas, quando há algo de valor nelas, é uma atividade bem difundida.

Para a maioria dos trabalhadores, o aspecto positivo principal da transição tem sido a manutenção das liberdades de associação e de expressão, coisas importantes quando vistos a partir de uma perspectiva russa. Sindicatos são relativamente irrestritos pelo Estado. Pelo menos, até o momento, o Estado tem usado raramente de coerção, até mesmo quando enfrenta atos de desobediência civil como o bloqueio de linhas ferroviárias.

---

144 *FNPR's estimate. Solidarnost'*, 15 *April* 1999.

145 *Izvestiya*, 26 *February* 2000.

146 No original *grey economy* (N. do T.)

Embora o governo esteja empenhado em enfraquecer o Código do Trabalho, a legislação ainda se compara favoravelmente em vários aspectos com códigos ocidentais, graças a heranças do período soviético. Mas o valor prático desses direitos é muito limitado. A nova constituição, introduzida em 1993 através de um referendo fraudulento, deu poder praticamente absoluto ao presidente. A sangrenta repressão do Soviete Supremo, alguns meses antes, foi um aviso a todas as forças de oposição para respeitarem os limites da nova pseudodemocracia, algo que os partidos e os sindicatos têm feito. O governo russo, na prática, declarou uma moratória sobre a legalidade. Qualquer um com dinheiro ou poder suficiente pode ignorar a lei, a menos, é claro, que ele ou ela atraia a ira de alguém com ainda mais poder ou dinheiro. O governo tem dado o tom. A corrupção oficial é endêmica em todos os níveis. A própria política fiscal é baseada em roubo: salários do setor público e pensões são retidos por meses e sem indexação; dinheiro para despesas orçamentadas é 'sequestrado'; ordens empresariais feitas pelo Estado não são pagas. A privatização é provavelmente o roubo mais massivo da história. Finalmente, os tribunais subfinanciados e muitas vezes politizados oferecem muito poucos recursos para os sindicatos, exceto no caso de queixas individuais, tais como demissões sem justa causa. Mas as decisões podem levar anos.

3. ESTRATÉGIA SINDICAL: DE "CORREIAS DE TRANSMISSÃO" A "PARCEIROS SOCIAIS"[147]

Tanto o legado do passado soviético quanto a atual situação econômica e política condicionam fortemente e limitam a opinião dos sindicatos. Não obstante, os sindicatos têm escolha e a escolha predominante é a "parceria social", uma estratégia baseada na subordinação da estratégia sindical aos objetivos da gerência aos níveis empresarial e político. Outros aspectos essenciais da atuação sindical, principalmente a ausência de democracia e solidariedade, estão intimamente ligados a essa escolha estratégica. A estratégia

[147] A maior parte do conteúdo a seguir é baseada em observações diretas, entrevistas ou discussões em seminários sindicais.

dos sindicatos e sua atuação são a terceira parte da resposta para a questão "Por que não há revoltas?"

3.1 Parceria

A premissa básica da "parceria social" é que trabalhadores e administração compartilham um interesse fundamental na saúde da empresa "deles", o que cria uma base sólida para a cooperação. Consequentemente, interesses compartilhados com outros trabalhadores – assim como a solidariedade – são secundários. Dessa mesma forma acontece também com a necessidade de uma associação ativa e comprometida, baseada em uma democracia ampla, já que a estratégia é de cooperação e não de confrontação. Também é dada certa atenção à conversa de que é necessário ser forte para ser aceito como parceiro, mas na prática a "parceria" é tratada como uma fórmula mágica que elimina contradições sociais e liberta os sindicatos de qualquer preocupação com a correlação de forças.

Com a transição para o capitalismo, o governo russo, apoiado pela Organização Internacional do Trabalho, e também por alguns sindicatos estrangeiros, começou a promover fortemente a ideologia e as armadilhas da "parceria social". Os líderes sindicais não precisaram ser muito persuadidos, já que a nova fórmula serviu para legitimar a prática tradicional deles, vestida em uma fraseologia apropriada à economia de mercado. Faz pouca diferença que a base material do velho corporativismo – o Estado repressivo, a garantia de emprego, a segurança de trabalho e de pagamento, e o salário social – esteja extinto ou seriamente debilitado. Nem a evidência da corrupção gerencial generalizada afetou significativamente a estratégia sindical.

Até certo ponto a depressão, a ameaça aos empregos e a própria sobrevivência das empresas têm substituído a ideologia socialista, a segurança dos empregos e o salário social como o principal argumento para a subserviência dos sindicatos. Como um líder sindical afirmou, "Se não há fábrica, não há sindicato". Qualquer sindicato deve considerar a ameaça do corte de empregos e até mesmo o fechamento durante a formulação de suas demandas ou ao responder à concessão de demandas das empresas. Entretanto, quando líderes sindicais tipicamente

afirmam que a alternativa à "parceria" é a permanente guerra de classes, destrutiva para todos os lados, isto representa uma escolha falsa, já que mesmo os trabalhadores mais militantes reconhecem que uma fábrica não pode funcionar sem a mínima cooperação entre sindicato e empresa. A verdadeira escolha não é entre paz social e guerra absoluta, mas entre a independência sindical e a subserviência às metas da administração, entre o sindicato agir como um vendedor das metas da direção e a adoção de uma estratégia independente baseada na análise dos interesses dos membros.

Hoje, assim como em tempos soviéticos, quando a administração pede para os trabalhadores "considerarem a situação da empresa", o sindicato normalmente fica do lado da gerência, seja o problema salários não pagos, falta de segurança, demissões temporárias ou redução de horas de trabalho (que por lei requer a aprovação do trabalhador), cortes de empregos ou quedas de indexação. A subordinação dos sindicatos às metas da administração tem atingido o ponto em que, com a benção da liderança nacional, vários sindicatos locais do setor ASM estão restaurando a "concorrência no trabalho" (formalmente "competição socialista"), incluindo a premiação de bônus e certificados para as unidades mais produtivas. "Alguns, talvez, gostariam de ver o sindicato de um lado e a gerência do outro", disse um presidente de departamento sindical na fábrica automobilística de Gorky. "Mas, graças a Deus, este não é o caso aqui. Nós todos vivemos como uma família; todos dependemos uns dos outros. Simplificando, a fábrica está funcionando, e isso significa que o sindicato também vai bem: ele pode colocar mais pessoas em férias remuneradas, dar-lhes ajuda material, etc. ... Estamos todos juntos, um coletivo, e isso inclui a administração, os líderes sindicais e os trabalhadores"[148].

Os sindicatos tradicionais não romperam com a prática soviética de incluir o pessoal administrativo (muitas vezes até mesmo diretores gerais) em suas fileiras, apesar da mensagem que isso transmite para os trabalhadores. A presença tipicamente forte de administradores em conferências dos sindicatos dá a eles a influência determinante nas discussões e votações, principalmente

[148] *Golos profsoyuza*, *March–April* 1996.

nesse período de insegurança intensificada. Questionado sobre como os sindicatos podem defender os trabalhadores quando contam com diretores entre seus membros, um secretário da Federação de Sindicatos Independentes da Rússia admitiu que possivelmente a situação é indesejável, mas ele justificou a ação pela natureza transicional do período: "Primeiramente, algumas tradições existem. Em segundo lugar, não há uma camada claramente definida de empresários (empregadores) consciente de seus interesses. Vários diretores trabalharam por décadas nas empresas e sentem-se eles próprios como parte do coletivo de trabalho."[149]

"Existe uma classe de empregadores a quem eu posso fazer exigências?" perguntou o presidente sindical em uma fábrica de peças para caminhões em Yaroslavl. "Nosso diretor-geral é um membro do sindicato. Nós não temos um movimento de trabalhadores porque não temos uma classe de empregadores, patrões de verdade com interesses claros e poderes opostos aos nossos." Esta típica crítica é baseada na ideia de que os sindicatos nos países do capitalismo "normal" podem fazer exigências e conquistá-las através da pressão econômica, porque eles lidam com "empregadores de verdade". No entanto, o problema dos sindicatos russos não é a ausência de "empregadores de verdade". É a crise econômica que prejudica a eficácia da manutenção do trabalho. Mas não se segue logicamente que a "parceria" é a resposta.

Uma ação eficaz na crise econômica exige a coordenação de lutas sindicais locais elevando-as, assim, ao nível nacional, no qual a política econômica é feita. Mas mesmo assim a estratégia é de "parceria social". Em junho de 1997, o sindicato da ASM e outros de outras duas fábricas de maquinaria organizaram uma grande conferência com diretores para desenvolver ações conjuntas para resolver a crise. A reunião submeteu a política do governo a uma crítica fulminante e adotou uma lista de medidas de segurança, mas não houve discussão de estratégia para forçar o governo a adotar as medidas que significariam o abandono da terapia de choque[150].

---

149 *FNPR web site (http://www.trud.org/archive)*.

150 Na economia, *Terapia de choque* diz respeito à liberalização do mercado de modo a estimular a economia, através da liberação repentina de preços, retirada de subsídios estatais, privatização em larga escala, etc. (N. do T.)

De fato, a pedido das empresas, a própria palavra luta foi descartada da resolução. Esta afirma ainda que "na resolução de conflitos sociais-operários, os participantes desta conferência apelam contra métodos extremos de luta – greves e atos de desobediência civil.[151]"

A maioria das ações políticas dos sindicatos, de fato, tem tácita aprovação, às vezes até mesmo o apoio da administração. No protesto da Federação de Sindicatos Independentes da Rússia, em outubro de 1998, os trabalhadores da fábrica Kirov foram brindados com o espetáculo de ver seu diretor geral e o governador da cidade marchando ao lado dos presidentes do seu sindicato e da Federação dos Sindicatos de Leningrado. Dizem que o próprio Yeltsin expressou simpatia pelos manifestantes, apesar da exigência deles pela sua expulsão. Como de costume, as demandas dos manifestantes foram ignoradas, e o sindicato logo as esqueceu também. Além de participações chamativas nos protestos da FNRP e dos protestos e piquetes em prédios do governo, as ações políticas do Sindicato da ASM têm consistido em influenciar e apoiar partidos políticos 'de centro', cujas listas eleitorais estão recheadas de diretores e empresários, com alguns poucos líderes sindicais por precaução.

As primeiras tentativas de criar um partido democrático socialista baseado nos sindicatos falharam em ganhar apoio ativo dos líderes sindicais. Nas eleições parlamentares de dezembro de 1999, a maioria dos sindicatos da FNPR, incluído os da ASM, apoiou o partido do patrão moscovita Luzhkov. Como sempre, os "centristas" fizeram pouco. Um membro do sindicato perguntou ao líder da ala política da FNPR: "Sindicatos são organizações dos trabalhadores. Luzhkov é um representante da recém-formada burguesia. O que estes opostos podem ter em comum?" Ele recebeu essa resposta:

> Se você insiste em discutir em termos marxistas clássicos, deixe-me lembrá-lo que existem períodos em que os próprios clássicos dizem aos trabalhadores e representantes da burguesia para agir juntos, por exemplo, durante revoluções burguesa-democráticas. A essência da nossa situação presente é que o movimento operário e o capital orientado a nível nacional têm poderosos inimigos em comum: a

---

151 *Resolution of the All-Russian Conference of Machine Builders 'On Joint Actions of Employers and Trade Unions,'* 4 *June* 1997 (*unpublished*).

> oligarquia financeira burocrática, que vive exclusivamente da venda de recursos, e as forças no ocidente que estão interessadas em transformar a Rússia em uma semi-colônia para a extração de matérias-primas. Nós também temos metas em comum: restaurar a verdadeira economia do país, aumentar o padrão de vida do povo, defender a independência política e econômica da Rússia. Essas metas criam a possibilidade de uma forte e, acredito eu, longa união entre o movimento operário e os empresários engajados na verdadeira economia russa. E o líder natural dessa união, a meu ver, é Yurii Luzhkov[152].

Putin herdou agora o manto de "líder natural" e a FNPR apoiou-o em sua bem sucedida campanha presidencial.

Por que este apego obstinado a uma estratégia falida? Em um nível, "parceria" é uma resposta à fraqueza. Os líderes sindicais rejeitam estratégias baseadas na independência porque eles não acreditam que podem mudar o equilíbrio de forças através da mobilização de seus membros, que são passivos, temerosos e sem confiança em sua capacidade de mudar as coisas. A desmoralização é um fato, mas este argumento contorna o papel que a "parceria" reforça. É muito raro que líderes sindicais se esforcem seriamente para construir uma ação independente e fundamentada nas bases (que podemos ver que é possível, mesmo que seja difícil, nas condições presente).

A "parceria" é atrativa para líderes sindicais porque é uma estratégia menos arriscada, e certamente menos onerosa, do ponto de vista de seus próprios interesses pessoais. Do ponto de vista dos interesses deles a "parceria" funciona. Em condições de pobreza generalizada, desemprego e com a falta de leis, confrontar a direção significa pouca recompensa pessoal e apresenta muitos riscos. A administração tem muitas maneiras de forçar a saída de líderes sindicais de seus cargos e das fábricas. A maioria deles é formada por engenheiros que se tornaram desqualificados após anos no sindicato e teriam problemas para encontrar trabalhos equivalentes em outros lugares. Por outro lado, um relacionamento cooperativo com a direção oferece recompensas consideráveis. Exceto no caso de uma mobilização espontânea da base, o apoio dos administradores assegura a reeleição dos líderes sindicais. Também não é incomum que líderes sindicais, eventualmente, passem a assumir altos cargos da administração. O antigo

[152] *FNPR web site (http://www.trud.org/archive).*

presidente do sindicato da ASM é agora um diretor assistente de fábrica. Perspectivas de carreira de lado, a gerência pode também oferecer vantagens materiais e a corrupção total de líderes sindicais não é incomum.

Nas condições presentes, para um líder sindical romper com a "parceria", ele ou ela tem que ser excepcionalmente ousado, comprometido, ter princípios e preferencialmente ter também habilidades vendáveis. Ou então ele ou ela tem que ter sido eleito na onda de uma, mais ou menos espontânea, revolta da base. É claro, ajuda também se a empresa em questão está funcionando e fazendo dinheiro. Estas condições são raras hoje em dia.

3.2 Solidariedade fraca

Trabalhadores formam sindicatos porque coletivamente eles estão em uma posição mais forte para negociação. A solidariedade não é simplesmente um ideal, mas o recurso chave do trabalho. A "parceria", que ensina que os interesses básicos dos trabalhadores estão ligados ao bem-estar das "empresas deles" (como foi definido pela administração), tende a minar a solidariedade. Pela mesma razão, sindicatos nacionais têm dificuldade em desenvolver uma estratégia efetiva, já que a busca por metas em comum normalmente requer alguns sacrifícios a curto prazo, ou seja, os interesses locais. Em uma sociedade que promove o individualismo de incontáveis maneiras, a maioria dos trabalhadores aprende a importância da solidariedade apenas através da participação na luta, quando a solidariedade se torna seu recurso fundamental. No entanto, os sindicatos russos evitam a confrontação, mesmo a custo de promover importantes concessões. Eles se esforçam para resolver problemas sem envolver os filiados através de acordos com a administração a portas fechadas. Além de não precisarem do envolvimento ativo dos seus membros, do ponto de vista deles, esse envolvimento é uma opressão e uma ameaça. A maioria dos líderes sindicais descreve sua função como "amortecedores", transformando protestos e direcionando-os para canais menos ameaçadores. Esta é uma das razões para densidade sindical continuar alta – nem a administração, nem o Estado estão interessados em desmantelar os sindicatos. Algo mais ameaçador pode assumir o lugar deles.

A falta de solidariedade é uma deficiência particularmente séria nas condições econômicas presentes, quando ações isoladas não podem ser eficazes. Na última década, apesar de muito menos nos últimos dois ou três anos, vários sindicatos locais da ASM se envolveram em greves amargas e prolongadas, geralmente provocadas por salários em atraso acumulados ao longo de muitos meses. Essas greves às vezes trouxeram um alívio parcial e até resultaram em saídas de diretores, mas elas não podiam fundamentalmente mudar a situação. Até mesmo as vitórias limitadas são normalmente mais conquistadas por desobediência civil direcionada a autoridades políticas do que por pressão econômica nas empresas.

A radical descentralização do poder em um sindicato como o da ASM era provavelmente inevitável, e teria sido saudável se os sindicatos locais estivessem preparados para delegar uma quantidade mínima de poder e recursos ao sindicato nacional. Mas a disciplina no sindicato da ASM é muito fraca e o sindicato nacional é carente de recursos. Sua participação real na contribuição financeira é inferior a dois por cento, uma indicação do baixo nível de solidariedade [153]. Em vez disso, os sindicatos locais justificam uma boa parte de suas dívidas como "apoio material" para os membros individuais, ajudando no pagamento de medicamentos, operações, funerais, casamentos, etc., e atividades esportivas e socioculturais. Mesmo quando dinheiro não está envolvido, sindicatos locais normalmente ignoram os nacionais, não enviando relatórios e cópias dos acordos coletivos ou não comentando sobre as propostas[154]. O resultado é um círculo mágico: o sindicato nacional não pode providenciar serviços enquanto o sindicato local diz que ele deve se legitimar antes de ceder mais recursos.

É claro que a liderança nacional é fraca, mesmo considerando seus limitados recursos. O presidente da região da Yaroslavl, que se afastou consideravelmente da "parceria", queixa-se de que o Comitê Central "não tem um programa econômico; não há discussão do futuro de nosso setor...[O Presidente] poderia fazer

---

153 *Golos profosyuza*, 2–3, 1998.

154 *V. Gorenkov, 'Information on the Sectoral Tariff Agreement in* 1998 *and* 1999 *and the State of Work on Collective Agreements'* 16 *March* 1998 (*unpublished*); *Golos profsoyuza*, 4, 1999, p. 1

muito mais para unificar o sindicato. Cada fábrica encontra-se limitada a si própria. Não há uma análise crítica da estratégia da Federação. O problema é que eles são conciliadores". Mas um sindicato nacional fraco obviamente serve melhor os líderes locais. Como resultado, ao contrário dos seus camaradas da Bielorrússia e da Ucrânia, a ASM russa não faz nenhuma tentativa séria de fazer cumprir o acordo setorial que estabelece normas mínimas, ou para mobilizar os sindicatos locais para participação em protestos políticos. Por isso, é um pouco de exagero falar de um sindicato nacional. Trata-se de pouco mais que um local para encontro de líderes locais e um escritório para transmissão e coleta de informações. Ele representa os membros dos sindicatos em fóruns internacionais e na FNPR e influencia o governo a seu favor, mas sem uma estratégia nacional ou ação coordenada para apoiá-los.

A solidariedade, no entanto, não é muito mais forte no nível da fábrica, onde um setor pode entrar em greve por salários atrasados ou ameaças de corte de empregos sem receber sequer o apoio simbólico de outros ou do comitê da fábrica. Por outro lado, um setor pode sair de uma greve por salários em atraso após receber o pagamento, enquanto os outros são deixados à espera. Em grandes fábricas, os trabalhadores têm apenas uma vaga ideia sobre o comitê e nenhum contato direto com ele. Comitês setoriais muitas vezes ignoram os pedidos do comitê da fábrica para o engajamento e a elaboração de um acordo coletivo. Os salários para o mesmo trabalho podem variar bastante de setor para setor.

É obvio que não se pode colocar a culpa da falta de solidariedade somente nos líderes. Como temos exposto, a propensão dos líderes para a "parceria" tem causas objetivas. A pobreza e a insegurança dos trabalhadores induzem-nos a procurar estratégias de sobrevivência individuais. O problema, porém, é que a liderança sindical tem adotado uma política que reforça essa tendência ao invés de enfrentá-la.

3.3 Membros alienados

Os mais beneficiados com o fim do controle estatal dos sindicatos e com a descentralização não são os associados, mas os presidentes locais das fábricas. Sindicatos centrais e regionais são agora subordinados a eles. Mas, na verdade, eles mesmos sequer

são subordinados aos associados, cujo nível de participação e tomada de decisão é mínimo. Líderes sindicais reclamam da indiferença e passividade da base, a atitude "consumista" deles para com o sindicato. Em um seminário, uma presidente local conhecida por sua militância compôs um poema, comparando os membros a porcos mal tratados que abandonam a ideia de revolta no momento em que o fazendeiro lhes joga algumas sobras.

Tanto menosprezo pode ser chocante e não merecido, mas a passividade da base é um obstáculo real à democracia sindical, que requer ao menos uma minoria significante de membros ativos. É um fato que trabalhadores continuam trabalhando por meses sem pagamento antes de agir; eles concordam em trabalhar em ambientes sem aquecimento durante o inverno; eles toleram a tirania mesquinha dos administradores que poderiam ter sua saída forçada sem muito risco aparente. Líderes sindicais ineficientes e subservientes, normalmente, têm pouco trabalho para se reeleger, porque "não há alternativa", nenhum líder alternativo credível preparou-se para se apresentar.

Uma força de trabalho pobre, insegura e envelhecendo significa que os trabalhadores têm menos tempo, energia e inclinação a lutar por metas coletivas. As pessoas relutam em concorrer para cargos sindicais sem remuneração, e os sindicatos não podem remunerar a maioria dos cargos. Mais importantes são as consequências psicológicas da depressão e das derrotas acumuladas. Cinismo e um profundo sentimento de impotência são generalizados. O senso de dignidade, sempre crítico na mobilização dos trabalhadores, é fraco.

Mas esse é apenas um lado da história. A seguir estão observações típicas de membros comuns: "Eu não sei nada sobre o que o comitê da fábrica está fazendo. Existem reuniões anuais. O presidente não fala com trabalhadores comuns. Talvez ele ache que isto é inferior à sua dignidade. Ou talvez ele tenha medo." "Os líderes se limitam a eles mesmos. Na prática eles têm suas próprias organizações, separadas da nossa. As duas se cruzam apenas quando se trata de dívidas".

Os líderes justificam a "parceria" citando a passividade dos trabalhadores: qualquer líder que confronte a administração vai acabar sozinho e sendo esmagado. É melhor, portanto, manter uma boa relação para que ele ou ela possa "mostrar compreensão".

Mas a "parceria" na verdade impulsiona os líderes a desencorajar fortemente o ativismo da base, já que a principal moeda de troca do sindicato é o seu valor como um "amortecedor" para manter a força de trabalho sob controle. "Graças a Deus", disse o presidente do sindicato da fábrica de caminhões de Moscou ZIL, "que evitamos uma explosão social!" Ele só tinha elogios para a paciência dos trabalhadores em face aos cortes de empregos maciços e meses de salários em atraso. E a presidente que comparou os membros a porcos tinha passado a manhã anterior persuadindo-os a abandonar a greve repentina (mas legal) por salários atrasados. Mesmo quando esses líderes mobilizam seus membros, o objetivo deles não é forçar a mão da administração, mas "atrair sua atenção" e permitir que os trabalhadores desabafem.

Esta é também a forma como a FNPR vê seus protestos. No período que antecedeu os protestos em novembro de 1997, seu jornal saiu com um artigo intitulado "Uma Carta para nossos mal-intencionados". O artigo reconhecia o caráter ritual dos protestos, quando os trabalhadores se manifestam, o governo faz promessas e nada muda. Chame-nos de ingênuos, o artigo continuava, mas você preferia ter trabalhadores desesperados bloqueando estradas e parando trens? Nós, pelo menos, estamos cumprindo nosso dever, tentando "salvar a frágil paz social em nosso quase arruinado país"[155]. O que surpreende não é que a maioria dos trabalhadores não participe desses protestos, mas que centenas de milhares, no entanto, participem! Isto indica um verdadeiro potencial a favor da mobilização.

Mesmo quando não há corrupção direta, a "parceria" coloca os líderes sindicais em uma posição ambígua *vis-à-vis* seus membros. Em uma fábrica um grupo dissidente estava planejando organizar uma chapa alternativa para as futuras eleições. A presidente atual não se perturbou: "Com o diretor geral sentando-se à frente [na conferência] eles nem vão chiar." É claro, na visão dela, estes são desordeiros, irresponsáveis e egoístas que arruinariam a relação de cooperação ativa que ela estabeleceu com a diretoria. Ela não estava nem um pouco constrangida ao fazer esta declaração a um estranho. Esta é uma líder que baseia seu poder no poder da

[155] *Solidarnost', October* 1997.

direção, não no dos seus membros. Ela não tem interesse no ativismo da base; este é ameaçador.

Informação é a força vital da democracia, mas pouco é feito para facilitá-la. Quase não existem ativistas na base ou sequer representantes no nível do chão de fábrica com cargos no congresso nacional ou no Comitê Central. Dos 80 delegados do Terceiro Congresso do sindicato da ASM em 1997, 52 foram presidentes de fábrica ou vice-presidentes; 21 foram presidentes regionais. Havia apenas 16 mulheres, apesar delas representarem metade dos membros. 71 delegados tinham ensino superior, o que indica um pequeno número de trabalhadores[156].

A democracia não se sai melhor nos níveis inferiores. A maioria dos sindicatos nem sequer produz um jornal ou boletim ocasional. E existe pouco contato pessoal. Um trabalhador na fábrica de tratores de Kirov disse sobre seu presidente "De seu escritório para seu carro; de seu carro para seu escritório. Ele nunca aparece no setor." Os sindicatos locais cortaram drasticamente o número de presidentes setoriais em horário integral – uma ligação crucial com a base, e muitos acabaram de vez com as lideranças de grupo. Como resultado, presidentes de setor tendem a ser recrutados dos escritórios e suas tarefas deixam pouco tempo para deveres sindicais. Mas essas pessoas estão distantes das preocupações dos trabalhadores, são dependentes da administração e têm pouco compromisso com o sindicato. É uma questão de prioridades do sindicato mais do que de pobreza, já que somas significativas são desperdiçadas em "ajuda material" individual e atividades socioculturais. Funcionários dos sindicatos gastam a maior parte do tempo em rotinas administrativas, e dedicam pouco tempo à educação e à mobilização para discutir estratégias com os membros do sindicato. Um presidente de instalação explicou: "Há uma série de tarefas. Temos de lidar com os problemas dos trabalhadores desde o nascimento até a morte. Nós cuidamos até mesmo do funeral da pessoa. Uma das principais tarefas é encontrar dinheiro para tudo isso. Em geral, é a resolução de problemas "pequenos" que não se pode confiar ao empregador,

[156] *Golos profsoyuza, October* 1997, p. 1.

que está ocupado organizando a produção. Este trabalho diário ocupa a maior parte do meu tempo[157]".

Os líderes raramente consultam os membros sobre os maiores problemas de salários baixos ou não pagos, demissões e deterioração das condições de saúde e segurança. A sua abordagem é rotineiramente administrativa, e eles aceitam religiosamente a referência da gerência sobre as "condições objetivas". Quando cortes de empregos são ordenados, os líderes se limitam a garantir que ninguém de um grupo protegido (ex. mulheres grávidas) esteja na lista e que os pagamentos obrigatórios sejam feitos. O problema não é colocado diante dos membros. A possibilidade de resistência não é sequer concebida, embora seja sabido que a resistência limita o prejuízo. A participação dos membros na negociação dos acordos coletivos também é mínima. Como um presidente de fábrica explicou: "Nós nos encontramos com o diretor. Ele emitiu uma ordem para criar uma comissão conjunta com o sindicato. Nós tomamos o acordo do ano passado como base. Nós o enviamos aos setores como sugestão. Eles deveriam se reunir, mas não houve muitas sugestões. As pessoas são passivas. Então realizamos uma conferência. Todos os administradores e especialistas estavam presentes. O acordo foi adotado por unanimidade."[158]. Não ocorreu a ele que a presença dos administradores e a passividade dos membros presentes estão ligadas.

4. CONSTRUINDO UM MOVIMENTO INDEPENDENTE

Alguns sindicatos foram além da "parceria" em um esforço para superar a fraqueza que caracteriza os sindicatos "tradicionais". Mesmo sendo poucos e dispersos para conseguir mudar fundamentalmente as coisas, eles dão uma ideia das possibilidades e dos limites da ação sindical nas condições presentes.

4.1 A fábrica de peças de trator de Kirov

[157] *B. Maksimov, 'Legko li byt' liderom?'*, 1999 (*unpublished*).
[158] *Maksimov, 'Legko li byt' liderom?'*

Esta fábrica tem sido o núcleo da gigantesca produção fabril metalúrgica e metalomecânica desde a Perestroika. Linhas de montagem que reúnem um enorme número de pessoas, realizando tarefas similares e situadas estrategicamente para paralisar todo o processo de produção, foram os principais criadouros da militância no setor de construção de máquinas antes da depressão. Aleksandr, um montador, era o líder informal e co-fundador do comitê dos trabalhadores da fábrica em 1990. Esse comitê, que agia fora do âmbito do sindicato burocratizado, dirigiu um número de campanhas bem sucedidas, incluindo uma reforma do sistema de salários que, na típica moda soviética, fazia os trabalhadores pagarem pelos custos das falhas da gerência. O comitê marcou pontos ao trazer Yeltsin à fábrica no tempo em que ele era um político inexpressivo e visto pelos trabalhadores como um lutador pela democracia e justiça social. Em 1992, quando a opinião pública ainda apoiava Yeltsin e o movimento operário foi atordoado pela profunda e repentina mudança trazida pela terapia de choque, a fábrica entrou em greve pela indexação dos salários e enviou uma carta coletiva ao Soviete Supremo, exigindo que ele acabasse com a política governamental de "genocídio econômico". Apelaram também para que outras fábricas se juntassem em um comitê de greve regional[159]. Essa foi apenas uma das várias tentativas da fábrica de organizar um movimento de oposição mais amplo, mas todas elas falharam.

Quando o ativismo declinou Aleksandr decidiu dar uma chance ao sindicalismo e foi facilmente eleito presidente de setor. Mas o mercado de tratores entrou em colapso, e a força de trabalho encolheu rapidamente. Tendo encontrado pouco apoio fora da fábrica, exausto e desapontado, Aleksandr anunciou que não concorreria à reeleição, mas esperou para ver se o presidente da fábrica o persuadiria a ficar. Afinal de contas ele era o líder do núcleo ativo do sindicato inteiro. Mas o presidente ficou feliz em se livrar do "corvo branco". O único candidato disposto a concorrer a presidente de setor era um trabalhador de escritório. As coisas estavam voltando ao "normal", mas na reunião de eleição os trabalhadores recusaram-no e propuseram Svetlana, uma montadora de 47 anos. Ela resistiu muito ("Eu tenho filhos, tenho

[159] David. Mandel. *Rabotyagi: Perestroika and After Viewed from Below, New York: Monthly Review Press*, 1994, pp. 262–3.

que trabalhar. Quando vou encontrar tempo para o sindicato?" [o cargo não é remunerado]). Mas anos de luta criaram uma tradição militante, ela cedeu. Svetlana começou a trabalhar o desenvolvimento de um núcleo de ativistas, "todos os que não estão completamente mortos" – acabou se mostrando que a maioria era de mulheres. Ela adotou uma política de total transparência, com reuniões do comitê aberta a todos, ocorrendo dentro da própria fábrica. Todas as decisões-chave são tomadas em assembleia geral. Cada manhã, antes de seu trabalho, ela e seus ativistas visitam os locais de trabalho um do outro.

De várias maneiras, a ação do comitê setorial se opõe ao comitê da fábrica. E ele entra em confronto com o comitê da fábrica quase tanto quanto com a administração. Svetlana considera a independência sindical tão importante que ela recusa até mesmo uma bebida oferecida pela direção, considerando como aquilo pode ser interpretado. A administração ameaçou mais de uma vez se livrar dela. O comitê do setor está constantemente entrando em novos confrontos com a direção. Isto não é ativismo para vantagem própria. O sindicato tem garantido vitórias reais sobre as condições de trabalho, salários e empregos, enquanto outros sindicatos são passivos, citando "condições objetivas difíceis". As vitórias são necessariamente pequenas e precárias, mas elas têm consolidado os trabalhadores ao redor do sindicato do setor, o que induz medo e respeito na administração muito além de seu peso numérico e econômico na fábrica.

Um certo conflito surgiu a respeito da temperatura, o que na maioria dos setores de produção russas alcança níveis de congelamento no inverno. Isto é justificado como uma medida de corte de gastos, e os trabalhadores aceitam como um fato da vida. Neste setor, os trabalhadores queimaram madeira em tambores de aço para aquecer as mãos de vez em quando. Mas a administração ordenou a retirada dos tambores pelo perigo e porque os trabalhadores destruíram propriedades da fábrica para fazer lenha. Os trabalhadores pareciam prontos para se submeter, mas Svetlana rebateu, exigindo que o aquecimento e a iluminação estivessem de acordo com as normas de segurança e saúde, que o telhado gotejante fosse reparado e que a administração distribuísse roupas de trabalho limpas, tudo previsto em lei ou acordo coletivo. O superintendente do setor se recusou a ler as demandas e ameaçou multar os trabalhadores. O presidente da fábrica ameaçou-a por

mais uma vez agir independentemente dele, apesar dele não ter agido de nenhuma forma. No fim, os administradores finalmente recuaram diante da recusa dos trabalhadores em obedecer. Eles também concertaram o telhado e melhoraram a iluminação.

A fábrica de montagem foi a força maior na "guerra do trator" em 1999, opondo o sindicato ao governo, que se preparava para assinar um acordo multibilionário com empresas americanas de maquinaria agrária que teria colocado um fim por completo na indústria russa[160]. Com a unidade montadora respirando em seu pescoço, o comitê da fábrica desenvolveu um plano de ação que incluía persuasão, exposição na mídia, manifestações e desobediência civil. Tentaram, sem sucesso, arrastar outras fábricas à luta. No entanto, foi o bastante para finalmente despertar o diretor, que exerceu uma influência definitivamente moderadora sobre a campanha. À medida que a luta foi ganhando força, grandes piquetes foram planejados, junto com tratores gigantes em torno do gabinete do governador, para coincidir com a visita do primeiro-ministro de São Petersburgo. Alarmado, o governo regional concordou em enviar o ministro da Agricultura para a fábrica. O diretor pediu ao sindicato para desistir do ato que tinha sido planejado para o dia seguinte, e o presidente da fábrica aceitou. Quando Svetlana se recusou a cancelar com os membros do sindicato, o comitê da fábrica ligou para a casa deles. "Nós precisávamos da ação", ela explicou, "independentemente das promessas do ministro. Os trabalhadores nunca estiveram tão unidos – as pessoas voltaram até de suas férias; eles estavam prontos para brigar. Eles queriam falar por eles mesmos, para sentir que são gente, que contam para alguma coisa. E o sindicato os sufocou usando-os como fantoches." O ministro que alegou não saber que a fábrica produzia tratores mais baratos, mas totalmente equivalentes àqueles importados, prometeu excluir os tratores de Kirov do acordo e financiar um programa de arrendamento para que as fazendas os adquirissem. A produção, desde então, andou, mas o sentimento no setor é de que eles foram arrastados para um acordo apenas para calá-los, enquanto o negócio progredia, e nada foi resolvido.

---

160 *Kommersant*, 23 *December* 1998, p. 8. *This is based upon interviews with S. Vasilieva and on B. Maksimov's, 'Na polyakh bitvy "traktornoi voiny"'*, 1999 (*unpublished*).

Plenamente consciente dos limites das lutas isoladas, o comitê do setor vem atuando para além dele. Ele regularmente tem trazido significativos 80% de seus trabalhadores para protestos políticos e foi um dos poucos sindicatos da cidade que apoiou ativamente os protestos dos mineiros de Moscou em 1998. Svetlana rondou vários partidos de esquerda para ver o que eles tinham a oferecer aos trabalhadores. Mas o sindicato do setor dela continua muito isolado, mesmo dentro da própria fábrica.

4.2 Edinstvo

Este sindicato na fábrica de automóveis VAZ, em Togliatti (120.000 empregados), é o mais bem sucedido dos sindicatos alternativos (não associado à FNPR) fora dos setores de transporte e mineração de carvão. Seu sucesso tem sido facilitado pelo relativamente forte mercado de carros compactos. Os níveis de emprego não têm caído, e os salários são relativamente altos. A VAZ desempenhou um papel importante no movimento de autoadministração (STK) da Perestroika, mas nenhum traço visível disso se mantém. (O líder saiu em 1992 para se juntar a uma seita mística)

Edinstvo foi fundado no final do período de ativismo dos trabalhadores desencadeado pela Perestroika. Rapidamente atraiu 2000 membros, com a ajuda de uma série de greves parciais, na maioria espontânea, das quais assumiu a liderança. A última ocorreu na principal linha de montagem, em 1994, por atrasos nos pagamentos e foi recebida com uma severidade incomum, incluindo um bloqueio geral disfarçado, demissões e a colocação de tropas de choque na fábrica. A amostra de força da administração e o aprofundamento da depressão interromperam o crescimento da Edinstvo, mas no último ano e meio, ela cresceu para 3.500 membros.

Edinstvo vive sujeito a sérias perseguições e discriminação pela direção, que se recusa a negociar com ele, ignorando uma decisão do tribunal. Trabalhadores que se juntam ao Edinstvo tendem, portanto, a ser mais ativos e comprometidos que os membros do sindicato tradicional. Este último tem também alguns bons ativistas e até alguns comitês de setor militantes, mas seu trabalho é constantemente minado pelo comitê da fábrica, cujos líderes

geralmente terminam em cargos de administração. A corrupção é desenfreada na administração, que tem sido objeto de várias investigações criminais (que tipicamente não são resolvidas). A fábrica tem sofrido enormes prejuízos através de negociações com firmas intermediárias, muitas das quais foram mediadas por pessoas ligadas aos administradores ou por seus familiares. O presidente do Edinstvo foi ferido duas vezes em ataques armados, que permanecem sem solução.

A prática do Edinstvo sublinha a independência da administração, que não pode ser membro do sindicato. Em 1998-99, o sindicato se opôs ativamente à demanda pela concessão da administração para eliminar a indexação, que o Edinstvo tinha ganho para todos os trabalhadores em uma greve em 1992. Já em 1996 o sindicato tradicional concordou em limitar a indexação em 72% da inflação, citando os sérios problemas financeiros da fábrica. Como era de se esperar, em 1998, a administração voltou a pedir o fim completo da indexação e a substituição por um bônus ligado ao alcance de lucros. Apesar de rejeitado na primeira conferência do sindicato, a proposta foi finalmente aceita na segunda tentativa, depois de muita queda de braço em que a própria direção do sindicato tradicional participou, brandindo a ameaça de perda de emprego. A fala do presidente do Edinstvo não foi sequer liberada na conferência. A posição do Edinstvo foi de que os trabalhadores não têm voz na fábrica e não deveriam pagar por seu baixo desempenho. Diminuir a indexação, de fato, reduziria apenas o incentivo da administração para manter a produção eficiente. O mercado automobilístico é forte, os salários dos administradores são enormes e a corrupção é a maior fonte de perdas.

Edinstvo funciona aberto e democraticamente. Como questão de princípio tem apenas um empregado em tempo integral, seu vice-presidente, um trabalhador anteriormente demitido por sua participação na greve de 1994. Qualquer funcionário pode ser readmitido através de uma votação de 10 por cento do eleitorado relevante. Os processos das reuniões do executivo são publicados e distribuídos em panfletos. Decisões para enviar membros a seminários e reuniões em outras cidades ou fora do país são tomadas por votação e explicadas a fim de evitar uma aparência de favoritismo, que é regra no sindicato tradicional. Relatórios detalhados dessas viagens são feitos em reuniões e são publicados.

Em contraste com os sindicatos tradicionais, Edinstvo tem um fundo de greve (20% da quota) e gasta relativamente pouco em ajuda material e atividades culturais-recreativas.

Líderes do Edinstvo dedicam muito tempo a atividades pessoais de educação, agitação, recrutamento, resolução de queixas e na defesa dos membros contra a perseguição. Muito esforço é dedicado a informar os trabalhadores sobre os seus direitos - um conceito fracamente desenvolvido na Rússia – e a mostrar que a autoridade arbitrária pode ser desafiada com êxito. Por exemplo, depois de um membro do Edinstvo, uma mulher, se recusar a passar por uma revista íntima nos portões, o sindicato começou uma campanha para acabar com essa prática ilegal e degradante. "Por que ter o trabalho de instalar controles eletrônicos na saída?" perguntava um folheto, "por que pensar nos direitos e dignidade da maioria, quando é muito mais fácil degradar mil trabalhadores honestos para apanhar um ladrão?" Essa preocupação com a dignidade é rara na Rússia, mas de grande importância na construção de um movimento operário eficiente.

Como a maioria dos sindicatos, Edinstvo também gasta muito tempo em ações legais (o último presidente adquiriu um diploma em direito), contudo, isso tende a excluir os membros comuns e não é muito eficiente. Esta ação pode, entretanto, ter uma função educativa, a qual o Edinstvo explora plenamente. A ênfase no tribunal é uma consequência ao declínio geral do ativismo da base, que afeta o Edinstvo também. Apesar da VAZ estar indo muito bem, a administração se esforça para lembrar aos trabalhadores da situação desastrosa que os rodeia.

Os membros do Endinstvo não são politicamente homogêneos, mas a maioria dos seus líderes apoiou Yeltsin, pelo menos até os últimos anos dele. Depois eles passaram a apoiar o ex-general Lebed, que, de acordo com o presidente do sindicato, poderia alcançar o Estado forte tão necessário. Claramente, o apoio à independência sindical não significa sempre o apoio à independência da classe trabalhadora. No entanto, nas eleições parlamentares de 1999, o presidente do Edinstvo disputou como um candidato do trabalho independente, rejeitando convites para participar de partidos. Quase sem dinheiro algum ele ganhou, uma marca da presença do sindicato na direção desta fábrica. Ao mesmo tempo, contudo, ele juntou-se ao comitê local da

campanha de Putin[161]. Ao contrário do sindicato tradicional, cujo horizonte para na porta da fábrica (ele também financiou parcialmente a primeira igreja de Togliatti, em 1990), Edinstvo deu apoio ativo a inúmeras lutas operárias externas.

4.3 Construtores de Motores de Yaroslavl

Yaroslavl tem quatro fábricas de *diesel,* empregando cerca de 40.000 trabalhadores – anteriormente 55 mil empregados, embora a produção tenha caído em 70 por cento. A maior fábrica, a Fábrica de Motores de Yaroslavl, foi o cenário do primeiro grande protesto de trabalhadores da Perestroika – uma greve de uma semana contra o trabalho aos sábados[162]. No entanto o ativismo caiu rapidamente depois disso. Os sindicatos aguentaram passivamente, enquanto a terapia de choque cortava os ganhos reais. Nem mesmo o início dos atrasos nos salários, em 1994, provocou uma resposta imediata, apesar do esforço de ativistas individuais.

A mudança veio em 1995, com o movimento grevista na Fábrica de Motores de Tutaev, há cerca de uma hora de Yaroslavl. Dos 49.000 habitantes de Tutaev, 8.400 trabalham na fábrica e não podem largá-la, porque não há outro emprego na cidade e nem compradores para seus apartamentos para que possam se mudar. Em 1995, alguns ativistas conseguiram finalmente mobilizar os trabalhadores contra os atrasos nos salários (equivalentes a seis meses) e contra a corrupção administrativa. Um comitê de greve foi eleito, e nos dois anos seguintes liderou três greves, uma durando cinco semanas, incluindo o bloqueio de rodovias. O antigo comitê do sindicato foi substituído por pessoas do comitê de greve, e um novo diretor aceitável para os trabalhadores foi indicado. Foi obtido um alívio temporário nos salários, contudo o problema logo voltou.

O clima mudou gradualmente nas outras fábricas também. Em 1995, ativistas da base formaram sindicatos alternativos nas fábricas de motores e equipamentos de combustível. Finalmente, em 1996, as outras fábricas também entraram em greve

---

161 *Rabochaya politika*, 24 *December* 1999; *Samarskoe obozrenie*, 31 *January* 2000.
162 David Mandel. *Perestroika and the Soviet People*, pp. 26–29.

rapidamente e, pelos salários atrasados, bloquearam estradas. Os comitês de greve, que decidiram continuar por tempo indefinido, agem mobilizando comitês para os sindicatos, mas também como uma oposição organizada para incomodar as lideranças sindicais. As fábricas de Yarosavl têm a menor densidade sindical no setor ASM (50% a 70%), então, os comitês de greve são os únicos corpos eleitos que representam todos os trabalhadores.

O fracasso dos protestos isolados que não conseguiam trazer mais que um alívio imediato levou à criação, no outono de 1996, de um conselho conjunto de comitês; uma iniciativa apoiada pelo presidente regional. O conselho desenvolveu uma estratégia, ações ascendentes que iam além da demanda comum de "paguem nossos salários": os trabalhadores propuseram um plano de desenvolvimento conjunto para as quatro fábricas e de investimento estatal para elevar os motores a padrões de exportação. Uma campanha de desobediência civil estimulou o governador da região a pressionar Moscou, que consentiu, pelo menos no papel, em atender as demandas dos trabalhadores. Embora o governo federal tenha descumprido o compromisso assinado, ele deu algum alívio ao autorizar um crédito para a Fábrica de Caminhão de Minsk, o principal comprador de motores de Yaroslavl.

Em 1998, as quatro fábricas iniciaram a criação de um comitê de coordenação de toda a região para ações coletivas. Inspirados pelo exemplo dos mineiros de carvão em Moscou, foi montado um acampamento de trabalhadores ao lado dos trilhos da ferrovia, representando uma ameaça permanente para as comunicações ferroviárias entre Moscou e o Nordeste[163]. Em setembro de 1998, centenas de trabalhadores da indústria automobilística paralisaram o tráfego de trens por três horas. O comitê de coordenação regional, com o apoio da federação regional de sindicatos, organizou uma conferência de representantes das empresas e de organizações populares de toda região central da Rússia para preparar uma greve geral política. (A FNPR e o Partido Comunista tinham convocado uma greve para o dia 7 de outubro separadamente, mas ambos já tinham dado seu apoio ao novo governo "esquerdista" de Primakov, formado na sequência do

[163] Algumas informações publicadas podem ser encontradas *in Sovetskaya Rossiy*a, 30 July, 3, 9, 19, 22, 24 *September* 1999, *and Rabochaya politika*, 4, 1999.

colapso financeiro de agosto). As exigências do comitê foram: a renúncia de Yeltsin, uma nova política econômica e a reforma constitucional para submeter o governo ao controle democrático.

A meta principal dos trabalhadores de Yaroslavl era criar um "círculo de ira" nas regiões centrais ao redor de Moscou, no dia seguinte da greve geral, para bloquear o tráfego de trens para a capital e pressionar pelas demandas da greve. Mas, apesar da participação em toda Rússia no protesto de 7 de outubro ter sido a maior até então, apenas os trabalhadores de Yaroslavl bloquearam os trens em 8 de outubro. Mesmo assim, eles forçaram seu governador e o legislativo regional a aceitar suas demandas, a admitir permanentemente três representantes de seu comitê de coordenação no governo regional com voz consultiva, e dar aos sindicatos tempo de televisão. O governador também estabeleceu uma comissão com participação dos sindicatos para desenvolver um programa anticrise e eliminar os atrasos de salários. O movimento operário tornou-se a força predominante na região.

5. PERSPECTIVAS

No entanto, a Rússia tem muitas regiões. Esses exemplos são excepcionais e em cada caso pode-se apontar condições especiais que os favoreceram: uma "cultura de luta", uma situação econômica relativamente boa, uma concentração anormal de fábricas no mesmo subsetor em uma cidade relativamente pequena onde "não há outro lugar para se ir". O maior problema que todos enfrentam é o isolamento. Todas essas organizações perceberam que sozinhas elas não podem modificar as causas básicas da condição de seus membros, e elas têm feito sérios esforços para se unir.

A necessidade sentida intensamente pelos "elementos vivos" do movimento operário de sair de seu isolamento, explica a ressonância notável que o "piquete" dos mineiros, um acampamento de tendas armado em frente à "Casa Branca", em Moscou, no verão de 1998, teve sobre a classe trabalhadora. Diante disso uma iniciativa modesta e de certa forma bizarra – cerca de 200 mineiros de carvão sob o sol escaldante de verão, durante semanas a fio sem resposta do governo –, se tornou um poderoso imã para os trabalhadores ativistas em toda Rússia, um

ponto de encontro e reunião para troca de experiências e apoio mútuo, e potencialmente para prática de organização. Eles não conseguiam encontrar um local assim nas estruturas oficiais do sindicato, que são, na prática, obstáculos à solidariedade e à coordenação. A FNPR e a maioria dos sindicatos afiliados a ela essencialmente ignoraram o "piquete".

Mas as condições, em 1998, ainda não estavam maduras. E as coisas pioraram com a crise financeira e a desvalorização de julho, que aplicou mais um golpe aos salários reais e aos empregos. Enquanto o protesto de 7 de outubro foi o maior da história, ele implicava pouco risco aos participantes. No entanto, mesmo em Yaroslavl, o bloqueio ferroviário muito mais perigoso de 8 de outubro agrupou apenas algumas centenas de trabalhadores, principalmente mulheres de Tutaev (que enfrentaram até mais de mil soldados armados), isso depois de 25 mil trabalhadores no dia anterior votarem por unanimidade pelo bloqueio. Outro fator complicador foi a formação, em agosto, de um governo "esquerdista", incluindo comunistas, dirigidos por Primakov. Isto, de fato, marcou um recuo temporário das forças de Yeltsin, que foi totalmente desacreditado pelo colapso financeiro. Mas Primakov não tinha nenhuma intenção de romper com o capital internacional, o que teria exigido uma democratização radical do poder e da política. Sob Primakov, os trabalhadores continuaram a suportar o impacto total da crise e dos pagamentos da dívida da Rússia. E assim, uma vez que o governo havia estabilizado a situação, Primakov e os comunistas foram facilmente removidos para dar lugar novamente às forças de Yeltsin, e eventualmente à de Putin.

O próprio "piquete" terminou em traição pelos líderes do sindicato alternativo dos mineiros (NPG), que prometeu solenemente que desta vez estavam lutando pelos interesses de toda a classe trabalhadora e não abandonariam suas reivindicações políticas por concessões econômicas. Mas foi exatamente isso que fizeram, sem se importar em consultar o "piquete", apenas alguns dias antes do protesto nacional de 7 de outubro. Mas a questão não é apenas a traição dos líderes, mas que esta traição não provocou reações sérias entre os mineiros ou trabalhadores.

Ao mesmo tempo, a experiência foi amplamente vista como positiva entre os ativistas. Houve um crescimento, ainda que lento

e trabalhoso, de solidariedade e de uma vontade de confrontar as empresas e a autoridade do Estado. Uma recente ação de tipo militar em uma fábrica de papel e celulose ocupada e administrada por trabalhadores, perto da cidade de Vyborg, evocou uma manifestação sem precedentes de apoio de sindicatos e trabalhadores individuais de toda a Rússia. Mas no fim os trabalhadores da fábrica foram derrotados, mesmo sem o uso de violência. Este foi um dos muitos conflitos na Rússia envolvendo controle dos trabalhadores e direito de propriedade. Mas os trabalhadores têm menos chances ainda de ganhar estes conflitos do que os conflitos tradicionais com sindicatos, já que suas ações são descoordenadas e o poder estatal está em mãos hostis.

Existe ainda, portanto, um longo caminho a percorrer. Enquanto isso, muitos trabalhadores serão tentados por "salvadores" fortes como Putin, que apelam para o orgulho nacional perdido e a fome de segurança de um povo despojado de toda a dignidade pelas forças que o homem forte realmente representa. Mudanças decisivas que poderiam levar a um movimento operário independente, militante e eficaz provavelmente terão que esperar, pelo menos, os primeiros estágios de uma recuperação econômica que ajudaria a acalmar a insegurança generalizada e reforçar a disponibilidade dos trabalhadores para assumir riscos. Há sinais de que a depressão atingiu seu fim e que a recuperação está começando, embora seja tênue, já que o investimento não aumentou.

Outro fator que representaria um incentivo poderoso ao movimento operário russo é um afastamento claro da América do Norte e da Europa Ocidental do neoliberalismo e a virada à ofensiva do movimento operário nesses centros vitais do capitalismo. Tal ofensiva teria um efeito contagiante, elevando a moral entre os trabalhadores russos. Isso minaria as posições da nova classe dominante russa e de seus aliados internacionais, bem como os da "esquerda patriótica" que apoia uma mítica "burguesia patriótica", e, assim, abriria o espaço político para alternativas democráticas.

RABOTYAGI - uma visão dos de baixo, após a Perestroika

David Mandel[164]

Introdução

Este livro oferece uma "visão de baixo" da Perestroika e de seu resultado. Trata-se de uma perspectiva das fileiras dos trabalhadores: aqueles que foram anunciados pelo Estado soviético como os heróicos *rabochii*, normalmente mais referidos nas ruas pelo informal *rabotyagi*, aqueles que exercem um trabalho fatigante[165]. Idealizados ou depreciados, estas são as pessoas cujo trabalho tem sido usado por séculos para criar a vida privilegiada de várias classes dominantes e elites, incluindo os atuais "democratas".

O ponto de vista deles raramente é refletido no corpo acadêmico ou na literatura popular, que têm emergido acerca das mudanças na União Soviética e em seus estados sucessores. Ainda assim, os trabalhadores formam a grande maioria da população dessa região, e sua visão das coisas com frequência conflita com a imagem simplista de "democratas *versus* comunistas linha dura" fornecida pela nossa mídia. Além disso, estes trabalhadores não manifestam interesse em embelezar ou, ao contrário, distorcer sua própria realidade.

O escopo das entrevistas tem limitações que devem ser notadas. A maioria dos trabalhadores entrevistados aqui é da Rússia, dois

---

[164] O autor é professor da Universidade de Quebec em Montreal (Canadá), e especialista no movimento dos trabalhadores pós-soviéticos (Ucrânia, Rússia e Belarus). Publicou diversos livros sobre a ex-URSS, entre eles, *Labour after Communism* (South End Press, 2004). É um ativista do movimento sindical socialista no Canadá. (N. do T.)

[165] No original *working stiffs*. (N. do T.)

são da Ucrânia e um da Bielorrússia. A maioria é ativista, o que representa um estrato pequeno da classe trabalhadora hoje em dia, contudo, eles estão muito ligados à base. Muitos setores chave da economia não estão representados.

Não houve nada muito "científico" e muito foi acidental na escolha das pessoas que entrevistei. Estas eram principalmente trabalhadores que conheci no curso de minha pesquisa no movimento operário, pessoas que, em minha opinião, tinham algo para falar e estavam dispostas a fazê-lo em frente a um gravador. Nessa questão eu não declaro neutralidade (que, em todo caso, seria falsa). No entanto, na tradução e edição das entrevistas, me mantive, o mais que pude, fiel às palavras e intenções dos entrevistados. Estou convencido de que, tomado como um todo, este livro fornece uma única e, de diversas formas, uma mais válida visão do período em questão do que aquela que pode ser obtida na maioria das publicações "acadêmica" e certamente na nossa imprensa.

Durante os cinco anos em que estas entrevistas foram realizadas, de 1988 a 1993, as situações política e social mudaram, no mínimo, rapidamente. Isto está bem refletido nas entrevistas, que estão representadas aqui em ordem cronológica. Eu também acrescentei notas para explicar os termos e referências mais obscuros.

A breve explicação a seguir da evolução da situação dos trabalhadores e do movimento operário deve fornecer ao leitor alguma ajuda em situar as entrevistas.

Até a liberalização política iniciada por Mikhail Gorbachev em 1985, gradualmente expandida sobre pressão popular, não havia um movimento operário na União Soviética. No início dos anos 1920, as burocracias do Estado e do partido substituíram os trabalhadores, enquanto base social do Partido Comunista dominante. Logo depois, os sindicatos foram subordinados completamente ao aparato administrativo político e econômico. A função principal deles, por mais de meio século, era a de manter os trabalhadores na linha e produzindo, e de "distribuir" vários bens e benefícios sociais a eles. (Os trabalhadores estão percebendo agora o quão significante eram estes benefícios). Manifestações coletivas, quando ocorreram (após a morte de Stalin), eram quase sempre espontâneas, de extensão muito limitada e sujeitas às mais variadas

formas de repressão. Apenas em casos muito excepcionais, os comitês sindicais das fábricas, dos níveis mais baixos, lideravam ou chegavam a apoiar estas ações.

Em última análise aquele sistema se apoiava na repressão e na ameaça de repressão – isto é visto claramente na descrição do primeiro entrevistado do massacre de Novocherkassk, em 1962. Ao mesmo tempo, o sistema se baseava na administração estatal da economia, nos direitos sociais e benefícios que esta garantia, e na ideologia que a acompanhava. Apesar de privados de direitos políticos, os trabalhadores gozavam de importantes direitos sociais, alguns que estarão sempre fora do alcance dos trabalhadores sob o capitalismo. (Isto não nega que a qualidade desses direitos deixava sempre a desejar). Estavam incluídos um emprego garantido, segurança no emprego, um salário mais ou menos garantido que cresceu significativamente no curso do período pós-stalinista até pelo menos o fim dos anos 1970 e um "salário social" significativamente crescente que incluía educação gratuita, saúde, moradia realmente gratuita, e serviços públicos fortemente subsidiados, transportes, creches, lazer, atividades culturais e produtos alimentícios básicos.

A combinação de antagonismos e corporativismo, ou paternalismo, que caracterizava a relação Estado-trabalhador tinha seu paralelo nas relações entre a administração e os trabalhadores nas empresas (pertencentes e gerenciadas pelo Estado). Os administradores agiam como representantes do Estado central nas empresas – seu trabalho era atingir os objetivos dos planos estabelecidos pelo Estado – e como lobistas para as empresas diante do Estado central.

Os administradores soviéticos não tinham os mesmos incentivos que seus semelhantes capitalistas para reduzirem constantemente os custos do trabalho. Seu interesse principal era atingir, ao menos formalmente, os objetivos de produtividade estabelecidos centralmente. Eles tinham que fazer isto sob circunstâncias instáveis inerentes, especialmente sob o não confiável sistema de fornecimento de materiais. Isto requeria a manutenção de uma relativamente grande e flexível força de trabalho. Diante da crônica escassez de trabalhadores que tais condições criavam, os empresários tentavam dar aos trabalhadores salários e benefícios sociais relativamente melhores (muitos dos

quais estavam ligados à empresa) do que aqueles permitidos pelas regulações centrais.

A natureza complexa dessas relações ajuda a explicar por que, apesar da eventual liberalização política (paradoxalmente, o ponto mais alto dessa "democratização" foi provavelmente alcançado antes da morte da URSS e da vitória final dos "democratas"), tem sido comprovadamente tão difícil construir um movimento forte e independente.

Um problema central, como ficará claro nas últimas entrevistas, é a propagada falta de confiança entre os trabalhadores acerca da capacidade de defender seus interesses através de suas próprias organizações independentes e ações coletivas. A maioria dos trabalhadores, principalmente aqueles que não tiveram experiências pessoais com manifestações coletivas independentes, tem dificuldade em se enxergar enquanto atores políticos e sociais autônomos. A tentação ainda é forte para confiar nos administradores ou nas autoridades do Estado (a síndrome do "bom czar").

No entanto, isso não se explica apenas pelo legado do passado. Provavelmente o fator mais importante é a insegurança criada pela profunda crise econômica, assim como a dificuldade dos trabalhadores em conceberem uma alternativa à "transição ao mercado" diante da descrença da antes dominante ideologia comunista.

O nascente movimento operário tem passado por diversos estágios desde que Gorbachev assumiu o poder. (Para uma análise detalhada, veja meu *Perestroika and the Soviet People* [Montreal: Black Rose Press, 1991].) A reação inicial a Gorbachev entre os trabalhadores foi positiva, mas restrita, refletindo a triste experiência com reformas passadas, geralmente mantidas às suas custas. Mas os melhores resultados econômicos de 1986 refletiram, em parte, o entusiasmo popular trazido pela perspectiva de dinamismo renovado e mudança, oficialmente apresentados por Gorbachev como a renovação socialista, o retorno às normas leninistas.

Em 1987, Gorbachev anunciou sua reforma de mercado que incluía uma revisão do sistema de salários, para aumentar seu papel incentivador e a introdução de um regime de "contabilidade de custos" nas empresas, que daria uma ampla autonomia a estas. A

ideia era aumentar a ligação da renda dos trabalhadores com o desempenho das empresas e medir esse desempenho primariamente através dos lucros. Na concepção dos reformistas, isto criaria uma motivação em comum entre trabalhadores e empresários para descobrir e liberar reservas produtivas, para aumentar a eficiência individual e da empresa, e para produzir bens de consumo de qualidade para atender às necessidades dos consumidores.

Foram essas reformas, junto com o relaxamento da repressão, que deu origem à primeira onda de protestos coletivos. A reforma dos salários que deveria ser realizada com consultas aos trabalhadores foi, na verdade, marcada por uma imensa arbitrariedade administrativa, resultando no rebaixamento de trabalhadores para níveis de menor qualificação e até redução dos salários. Ao mesmo tempo, o novo regime de "contabilidade de custos", conforme era introduzido minou as antigas relações paternalistas, o que em troca tornou os trabalhadores menos tolerantes aos abusos que aceitavam no passado: "sábados (de trabalho) negros", o ritmo irregular da produção com suas interrupções frequentes, más condições de trabalho, a corrupção administrativa.

Estes protestos eram invariavelmente ignorados pelos sindicatos, que frequentemente ficavam do lado da administração. Eles eram conduzidos por líderes informais e às vezes levavam à eleição de comitês de greve e de trabalhadores. Com o fim dos conflitos, esses novos órgãos geralmente desapareciam.

Em certo grau, Gorbachev tinha previsto os problemas que essas reformas provocariam, e para amenizá-los ele colocou em prática uma Lei das Empresas Estatais que entrou em funcionamento no início de 1988, providenciando a eleição dos diretores das empresas por toda força de trabalho. Foi convocada a eleição de conselhos coletivos de trabalho, ou os STKs, que davam amplos direitos de autoadministração, contudo, as leis eram vagas e contraditórias quanto a esses poderes e seus limites. Além disso, mesmo os diretores eleitos tinham que passar por aprovações de cima.

Gorbachev explicou esses passos rumo à democracia dos produtores nos seguintes termos: "O bem-estar dos trabalhadores vai depender das habilidades dos administradores. Os

trabalhadores devem, portanto, ter meios reais para influenciar na escolha dos diretores e no controle de suas atividades." (*Pravda*, 28 de janeiro de 1987).

Na grande maioria dos casos, no entanto, os STKs eram subservientes à administração, e até mesmo uma seção especial do partido, era frequentemente gerenciada por diretores de empresas. Isto se deu em parte graças à resistência da administração, e, em parte, graças à incapacidade ou à falta de vontade dos trabalhadores de fazer uso da reforma que tinha sido iniciada de cima. Contudo, isso, por sua vez, estava relacionado à percepção geral de que os STKs não tinham controle algum ou que eles eram uma manobra para transferir a responsabilidade para os trabalhadores dos problemas sob os quais eles não tinham nenhum poder real. Além disso, até 1989, o aparato ministerial estava ainda largamente intocado, então mesmo nos raros casos em que os diretores estavam preparados para aceitar a independência dos STKs, os trabalhadores percebiam que o poder real se encontrava fora da fábrica.

A greve geral dos mineiros de carvão, em julho de 1989, marcou o apogeu do movimento grevista desencadeado pela Perestroika. Esta foi a primeira greve que envolveu mais de uma empresa e a primeira a propiciar o crescimento de novas e contínuas organizações: os comitês de greve, que se transformaram em comitês de trabalhadores e que foram a origem da fundação do Sindicato Independente dos Mineiros (IMU), no outono de 1990.

A decisão de criar um novo sindicato dos mineiros deu-se após falharem as tentativas de reformar o antigo. Mas essas falhas deram-se não apenas graças à resistência da burocracia do antigo sindicato. Mais que isso, elas refletiam o baixo nível de mobilização e solidariedade entre a maioria dos trabalhadores no "antigo" Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Carvão. Os fundadores do IMU esperavam que seu sindicato logo substituísse o antigo e que seu exemplo se espalharia para outros setores da economia. Mas isso não ocorreu; mesmo entre os próprios trabalhadores clandestinos do carvão, os membros do IMU são ainda minoria, contudo, a influência do sindicato é muito mais ampla que o número de seus membros. Até agora, novos sindicatos significativos têm surgido apenas em pequenos e

estrategicamente localizados grupos de trabalhadores: pilotos, engenheiros de locomotivas, estivadores, controladores de trafego aéreo.

Hoje, a grande maioria dos trabalhadores continua dentro dos antigos sindicatos. A greve dos mineiros e o colapso do poder do aparato do partido iniciou um processo de reforma nesses sindicatos, mas este tem sido dolorosamente lento, e continua com algumas significantes exceções, muito longe de se completar. Paradoxalmente, enquanto os novos sindicatos, pelo menos na Rússia, têm afirmado sua independência da administração das empresas, eles tendem a ser muito leais ao governo, ao ponto de alguns os denominarem como os novos sindicatos do Estado.

Por outro lado, os antigos sindicatos têm adotado posições mais opostas e independentes contra o governo e suas políticas neoliberais, mas tendem a se manter subservientes à administração. Não se trata simplesmente do problema da corrupção. A relação confortável com a administração tem certa base objetiva no fato de que as relações capitalistas foram reparadas apenas muito parcialmente nas empresas. Por exemplo, demissões em massa ainda não ocorreram, apesar da maioria das plantas, graças à política econômica do Estado, estar trabalhando com apenas uma fração de sua capacidade. Além do mais, os administradores estão frequentemente limitados em sua capacidade de responder às demandas dos trabalhadores já que o governo, através de sua política de impostos, controla estritamente os salários e ainda é a única fonte disponível para fundos de investimentos. Em uma economia em colapso, muitos sindicatos – e trabalhadores – procuram uma aliança com a administração para influenciar o governo e assim salvar suas fábricas e empregos.

Por volta da mesma época em que o IMU foi fundado, o movimento de autoadministração parecia finalmente estar decolando, depois de anos de tentativas sem sucesso. Ironicamente, ele emergiu no momento em que Gorbachev estava dando as costas à concepção original oficial de reforma de mercado como a renovação do socialismo (na prática, sempre tinha sido muito aquém disto), para promover a reforma do mercado como a restauração do capitalismo. Isto significava a privatização de empresas do Estado e o abandono da ideia de autoadministração. Essa mudança foi refletida nas ordens diretas

do governo para acabar com a eleição da administração pelos trabalhadores e na nova Lei das Empresas de 1990 que, essencialmente, aboliu os STKs.

Também relacionado a esse ataque aos STKs, foi o aumento acentuado do número de conflitos entre trabalhadores e administração nas empresas provocados pela questão do poder. Estes conflitos estavam centrados em acusações de má gestão da parte da administração e de desvios dos fundos e recursos das empresas, através da criação de pequenas empresas privadas ou "cooperativas" ligadas à empresa (do Estado).

Foi nesse contexto que ocorreu a primeira reunião da Conferência Geral dos Conselhos Coletivos de Trabalhadores e Comitês de Trabalhadores[166], no fim de agosto de 1990. Esta condenou a nova Lei das Empresas e exigiu o direito dos coletivos de trabalhadores decidirem por eles mesmos a forma de propriedade para as empresas: propriedade dos trabalhadores coletivos ou propriedade do Estado. Em ambos os casos, os coletivos de trabalhadores exercitariam, através dos STKs, amplos direitos de autoadministração. Em dezembro de 1990, um Congresso de Conselhos Coletivos de Trabalhadores formou o Sindicato dos Trabalhadores Coletivos.

Mas, apesar das grandes esperanças iniciais, o movimento falhou em até mesmo se aproximar de seus objetivos. Na Rússia, isto se deu em grande parte graças à hostilidade do governo liberal com relação à autoadministração e à propriedade coletiva, e à cooptação dos maiores líderes do movimento. No entanto, existe uma causa mais básica, uma que ajuda também a explicar a lentidão da reforma dos sindicatos: o aprofundamento da crise econômica e seu efeito desmoralizante nos trabalhadores. O auge da mobilização dos trabalhadores aconteceu em 1990, logo antes da economia entrar em queda radical. Já havia escassez nítida, mas os padrões de vida e os direitos sociais adquiridos ainda não haviam entrado em colapso e apenas alguns poucos sentiam a ameaça do desemprego.

Até mesmo um observador casual pode ver que hoje o movimento operário na antiga União Soviética é muito fraco. A "revolução democrática," muito esperada por muitos na esquerda

[166] *All-Union Conference of Work-Colletive Councils and Workers Committes* (N. do T.)

no mundo capitalista, não assumiu a forma esperada de uma transição para um socialismo democrático, mas, na verdade, uma transição para o capitalismo.

O que é menos óbvio, no entanto, é que o tipo de gente cujas palavras preenchem este livro pode ser encontrado, mesmo que em pequeno número, em praticamente toda grande ou média empresa. E enquanto outros acabaram desanimados com a guinada para a direita resultante desses eventos – e eu também experimentei a frustração da esperança de um rápido retorno ao desenvolvimento socialista na União Soviética – este conhecimento tem sustentado meu otimismo.

Eu espero que este livro tenha efeito similar nos leitores que se mantêm comprometidos com a causa de um mundo mais justo e democrático. Se qualquer conclusão emerge deste livro é que a classe trabalhadora da antiga União Soviética ainda não pronunciou sua última palavra, longe disso.

David Mandel

Montreal, 28 de setembro de 1993

Capítulo I

Sobrevivência e Resistência: a História de uma Família Soviética - Petr Siuda [Verão de 1988]

Em Moscou[167], no verão de 1988, eu me deparei com um artigo não publicado sobre a greve e o subsequente massacre de 1962, na cidade de Novocherkassk, no sul da Rússia. O artigo estava assinado com o telefone e endereço do autor, algo que me pareceu muito corajoso numa época em que os eventos de Novocherkassk ainda eram oficialmente um *tabu*. Eu fui encontrar o autor mesmo sabendo que teria que viajar sem um visto (até o outono de 1991, estrangeiros precisavam de um visto para cada cidade que visitassem).

Eu encontrei Petr Siuda, um homem pequeno e rijo com olhos escuros intensos e um cavanhaque. Nós passamos a maior parte dos dois dias conversando sobre os eventos de 1962 e visitando os locais onde eles ocorreram. Ainda dava para ver os buracos de bala nas costas da estátua de Lenin na praça central.

Na estação de trem, na volta para Moscou, fui preso. Duas horas e meia depois fui libertado para retornar por conta própria a Moscou, onde eventualmente fui obrigado a pagar uma pequena multa por viajar sem visto. Só depois fiquei sabendo que meu nome tinha sido colocado em uma lista negra de pessoas, cuja entrada estava banida na União Soviética.

---

[167] O texto em negrito refere-se aos comentários e perguntas feitas pelo autor, o restante do texto às respostas do entrevistado. (N. do T.)

Na primavera de 1991, Petr foi assassinado em Novocherkassk, espancado [e deixado para morrer na rua] até a morte. Em sua pasta havia documentos sobre os eventos de 1962. O assassinato permanece não solucionado, mas a entrevista a seguir deixa claro que se tratou provavelmente de um crime politicamente motivado. Petr tinha cinquenta e dois anos.

De seus primeiros a seus últimos momentos, a vida de Petr foi tragicamente moldada pela repressão política. Ela foi uma expressão concentrada do destino da classe trabalhadora soviética – cuja causa Petr, assim como seu pai antes dele, dedicou-se até o fim.

De certa forma, a história da minha família está entrelaçada com a história deste país.

Meu pai nasceu numa família camponesa na Bielorrússia, não tão distante da fronteira com a Polônia. A fome no campo era aguda e os camponeses foram em busca de um salário para complementar a renda da família. Então, em 1898, com vinte e dois anos, meu pai partiu para o sul da Rússia, chegando em Novocherkassk, onde encontrou emprego em uma fábrica de cimento. Meu pai assumiu a defesa de trabalhadores que estavam sendo demitidos e acabaram por demiti-lo. Ele finalmente veio para Batumi, na Georgia. Lá ele juntou-se a um círculo social-democrata e foi escolhido tesoureiro. Era um movimento severamente perseguido. O tesoureiro sabia tudo sobre os membros, então, precisava ter a confiança incondicional deles. Em 1903, ele se tornou membro do Partido Social-Democrata dos Trabalhadores Russos [RSDWP][168] e foi preso no mesmo ano.

Logo depois, meu pai foi exilado sob supervisão policial, para a cidade de Rostov do Don. Com a ajuda de uma organização clandestina ele forjou documentos e fugiu. Em 1904, ele foi preso novamente em Sevastopol, mas escapou. Ao viajar pelo país inteiro por várias cidades, ele finalmente retornou à Grozny, onde reorganizou o movimento clandestino do RSDWP e o dirigiu na revolução de 1905.

---

[168] *Russian Social-Democratic Worker's Party* (N. do T.)

Ele descreveu um episódio em que as autoridades prenderam o comitê dos trabalhadores ferroviários. A revolução já estava em declínio, mas ainda não tinha sido derrotada. Durante o julgamento, cerca de 17.000 trabalhadores se reuniram na praça e fizeram uma vigília silenciosa. A corte foi forçada a exonerar todos os membros do comitê, já que as autoridades temiam uma agitação. Quando os trabalhadores encontraram os advogados de defesa de Petersburgo na delegacia, os advogados disseram para eles: "Não fomos nós que ganhamos a liberação do comitê. Vocês ganharam através da sua solidariedade e unidade".

Após uma série de prisões ele eventualmente retornou a seu local de nascença, onde todos sabiam que ele era um revolucionário que se opunha ao czar. Ele logo foi embora novamente para Baku, onde liderou o movimento revolucionário no distrito de Bibo-Eibatsk. A luta de classes em Baku sempre foi intensa, mesmo nos anos negros da reação que seguiram a derrota da Revolução de 1905. O lugar era uma escola para os quadros revolucionários. [Os líderes bolcheviques] Krasin, Kalini, Shaumyan, Dzhaparidze, Stalin, todos eles passaram pela escola de Baku. Meu pai ficou lá na ativa de 1907 a 1918. Quando a Revolução de Fevereiro [1917] estourou, ele era presidente do comitê do partido na indústria de óleo no distrito de Bibo-Eibatsk. Ele foi eleito da lista bolchevique para o soviete de Baku junto com nomes como Shaumyan e Dzhaparidze.

Depois da Revolução de Outubro, quando os especialistas começaram a sabotar a produção de petróleo, ele tentou organizar o trabalho lá e a produção aumentou, ultrapassando até mesmo os níveis de antes da guerra. É claro que aquilo não se deu graças a ele ou aos bolcheviques. Aquilo foi resultado do alto nível de consciência e habilidade dos trabalhadores de várias nacionalidades, que trabalhavam conscientemente por sua revolução e não mais debaixo do chicote dos capitalistas ou burocratas.

Então a fome se instaurou. Antes de a guerra começar, a mãe do meu pai veio para Baku. Além dela, ele tinha que alimentar a esposa – sua primeira esposa – e quatro crianças. Os bolcheviques insistiram para que ele mandasse sua família para uma região onde a comida era mais abundante. Eles deram a ele a tarefa de analisar

a situação no norte do Cáucaso[169] e de restabelecer as comunicações entre Baku e o centro da revolução. Mas quando ele chegou à região de Kuban com sua família, viu que lá a contrarrevolução estava se consolidando. Ele voltou a Baku para avisar a Dzhaparidze. Em maio de 1918, a Comuna de Baku mandou um destacamento de bolcheviques para o norte do Cáucaso e para Astrakhan, para restaurar nessa região o poder soviético. Essa partida de tantas pessoas com vasta experiência revolucionária de Baku enfraqueceu a Comuna e ajudou a selar seu destino trágico.

O próprio Siuda voltou para Kuban. Ele chegou no auge da contrarrevolução e da guerra civil e foi cooptado para a liderança das forças vermelhas. Quando eles retornaram do norte do Cáucaso foi decidido que Siuda e outros dois camaradas ficariam em Stavropol para continuar o trabalho clandestino. Meu pai foi preso várias vezes, mas conseguiu se livrar passando-se por polaco.

Em 1920, com o exército branco se desintegrando, a cavalaria de Budënnyi entrou em Maikop, que estava nas mãos das forças vermelho-verdes [camponeses pró-Soviete, mas independentes]. Meu pai foi para a entrada da cidade para se encontrar com a cavalaria vermelha. Um cavaleiro pequeno, mas aparentemente esperto, cavalgou até ele e pediu-lhes informações. Ele conversou com meu pai e finalmente perguntou: "Petro, você não se lembra de mim? Sou Volodya". Era Voroshilov, que meu pai conhecia do trabalho revolucionário clandestino em Baku. [Voroshilov, um militar indistinguível que foi comandante durante a guerra civil e na Segunda Guerra Mundial, se tornou membro do politburo[170] de Stalin]. No dia seguinte, Voroshilov pediu ao meu pai para organizar o funeral de 3000 pessoas que tinham sido mortas a tiro ou enforcadas pelo general do Exercito Branco Prizhevalskii. Ele descreveu o evento em seu livro de memórias como algo horrível.

Depois disso, ele foi escolhido comissário responsável pela nacionalização e restauração do campo petrolífero de Maikop. Não havia organizações do partido ou sindicais. Vários branco-verdes [camponeses anti-Soviete], de 300 a 350, percorriam a área. Ainda

[169] Região entre o mar Negro e o mar Cáspio que marca uma das fronteiras ente a Europa e a Ásia (N. do T.).

[170] Também chamado de comitê central do partido. (N. do T.)

assim, com equipamentos antigos e sem suporte material ou subsídios, eles conseguiram ultrapassar os níveis de produção de antes da guerra. Em 1º de maio de 1923, o campo petrolífero de Maikop ganhou o prêmio da Ordem da Bandeira Vermelha do Trabalho[171] e meu pai recebeu um prêmio pessoal e um rifle de honra.

Ele descreve aquele período com otimismo. Mas, mesmo lá, durante a reconstrução após a guerra civil, pode-se perceber em suas memórias que já se podia observar o início do processo de decadência da revolução, quando todo tipo de entulho carreirista encontrou seu caminho para dentro do partido. Ele descreveu uma confrontação com um destes elementos que disse a ele: "Siuda, você está velho. Seu tempo passou.". Ele escreveu que a luta contra o inimigo externo era mais fácil que contra o inimigo interno, o inimigo oculto. Ele ainda acreditava na causa revolucionária, mas acredito que, por volta de 1930, já estava quebrado politicamente e continuava a trabalhar cada vez mais por inércia.

Mas ele se manteve um homem de princípios. Em dezembro de 1937, foi expulso do partido por "apoio direto e defesa do inimigo do povo, Korolev." Naquele tempo traições eram comuns. Voroshilov traiu muitos camaradas. Kalinin [um membro do politburo de Stalin] não fez nada quando sua esposa foi presa. Mas o bolchevique Siuda manteve-se fiel a seu camarada de partido Korolev, que tinha sido falsamente acusado e preso, e ele teimosamente o defendeu.

Este foi o início da tragédia. Meu pai foi preso em 29 de dezembro de 1937. Eu tinha vinte e dois dias de idade.

Algum tempo depois de 1950, um homem que tinha sido seu companheiro de cela nos contou que quando meu pai foi levado para o interrogatório ele caminhava por conta própria, mas teve que ser carregado de volta para a cela pelos guardas – ele estava coberto de sangue. Ainda assim, ele continuava a acreditar e dizia: "O partido encontrará novamente a posição correta." E ele incutia

[171] Ou *Red Banner of Labor*, uma condecoração criada para honrar grandes obras e serviços prestados ao Estado e à sociedade, nos campos da produção, ciências, cultura, literatura, artes, educação, saúde e outras esferas de atividade profissional. (N. do T.)

sua crença em seus companheiros de cela. Ele morreu em 7 de janeiro de 1938. Sob tortura.

O que aconteceu com sua mãe após a prisão dele?

Ela não conseguiu encontrar trabalho por vários meses, e quando encontrava, era sempre temporário. Quase todos os dias ela andava pelos escritórios e ficava nos portões da prisão. Os parentes dos prisioneiros tinham uma rede informal e sabiam quando havia o trânsito de grupos para os campos[172]. Ela ia para a estação toda vez que um grupo era enviado. Acima dos vagões havia plataformas de madeira com soldados armados e cachorros. Minha mãe corria ao lado dos vagões gritando "Si-u-da, Petr Ilich!" de dentro dos vagões respondiam: "Quem? Quem você está procurando, irmã?" e ela repetia o nome. Meu irmão mais velho, de onze anos, corria ao lado dela. Meu irmão do meio, de seis anos, se agarrava a saia dela e eu estava em seus braços. Os *okhranniki* [*okhrana* era o nome da polícia política czarista] gritavam para ela: "Saia daqui com seus fedelhos degradados, puta, ou soltaremos os cachorros!"

Após saber da morte de meu pai, o filho dela do primeiro casamento foi para Moscou para tentar informar a Stalin como seu camarada tinha perecido. Sob ordens diretas de Stalin, uma investigação foi aberta para descobrir as causas da morte, em 1937. Em 2 de agosto de 1939, meu pai teve o nome limpo. Dois investigadores foram culpados por sua morte e executados. Existe um antigo ditado que diz: "Liberdade para os mortos, prisão para os vivos!". Esse ditado não perdeu sua relevância hoje. A posição de meu pai no partido, no entanto, não foi restaurada. A burocracia do partido estava assustada com o destino dos dois investigadores. Mas, minha mãe ganhou uma pensão.

Ela começou a trabalhar como diretora da creche da montadora de navios a vapor Don River. Ela vivia em Rostov, que tinha sido ocupada duas vezes durante a guerra. Durante a segunda ocupação, as famílias das crianças pediram que ela organizasse uma escola infantil. As autoridades da ocupação deram permissão a ela. Provavelmente não tinha problema ela ser esposa de uma pessoa

[172] Campos de trabalho forçado (N. do T.)

reprimida e também filha de um chefe de um vilarejo cossaco de Don. [muitos senhores cossacos de Don [173]estavam do lado dos brancos durante a guerra civil.] Sem dúvida aquilo foi fundamental para salvar aquelas crianças. Quando nossas forças liberaram Rostov, a NKVD [a polícia política] agradeceu a ela. Isso foi na primavera de 1943.

Em agosto, ela foi presa. A tesoureira da creche era uma ladra. Após vários avisos, minha mãe a demitiu. Por vingança a mulher acusou falsamente minha mãe de agitação antissoviética, acusando-a de ter conduzido um serviço religioso para marcar a abertura do centro. Minha mãe pegou sete anos, uma sentença relativamente branda naquela época.

Nós continuamos recebendo a pensão e a ração do meu pai, então, a família parecia estar segura. Outras famílias conseguiam se manter unidas em situações muito piores. Mas meu irmão mais velho, cedendo à influencia de nosso guardião, nos entregou depois de alguns meses ao abrigo infantil. E pelos próximos três anos ele continuou recebendo a pensão e a ração por nós três. Ele, no lar de nossa família, traiu a memória do meu pai e minha mãe.

Quando a policial me levou para o abrigo infantil, eu fiquei histérico, agarrei o cabelo dela soluçando e gritando "Levem-me para casa! Levem-me para casa!". Foi um choque terrível para mim. Se eu me lembro dos meus primeiros seis anos de vida como um período ensolarado de felicidade em família, o período nos orfanatos é todo cinzento.

O que eles te falavam no orfanato sobre sua mãe?

Eles não falavam nada. Ensinavam-nos uma coisa: a pátria é nossa mãe, Stalin é nosso pai. As crianças até competiam entre si: "Por uma hora da vida de Stalin eu daria cinco da minha." Outros eram mais generosos: "Eu daria dez." No fim das contas, minha mãe contou que escreveu para nós. Mas logo ela recebeu uma carta do diretor do orfanato pedindo para ela parar de escrever porque cada carta tinha um efeito muito doloroso nos dois irmãos,

[173] O rio Don é um dos maiores rios da Rússia, os cossacos dessa região eram conhecidos como Cossacos do Don e eram um dos grupos mais resistentes aos bolcheviques (N. do T.)

especialmente em mim. Você pode imaginar o que significava para uma mãe nos campos perder contato com seus filhos. Mas, para nosso bem, ela foi forçada a aceitar, e nós estávamos perdidos para ela.

Os tempos eram muito difíceis. A fome era terrível. Eles não conseguiam nos alimentar o bastante, apesar de terem feito seu melhor. Em cada primavera eles nos levavam para "pastar", ou seja, nos ensinavam quais plantas eram comestíveis: por exemplo, cebolas selvagens e alho. Nós comíamos tudo, inclusive brotos de abeto. Nós pegávamos pardais, porcos-espinhos, qualquer coisa para sobreviver.

Ao todo eu estive em três orfanatos e constantemente fugia. Meu irmão Volodya, após fugir de seu orfanato começou a trabalhar numa fábrica de defesa. Mas o chefe, um tirano mesquinho, costumava pegar o salário das crianças, então meu irmão foi embora. Ele mudou de nome porque tinha medo que as autoridades estivessem procurando-o e entrou em uma escola técnica perto de onde vivíamos. [Sob o regime de Stalin era uma ofensa criminal abandonar um emprego.] Ele estudou e esperou pelo retorno da minha mãe. Ele se empenhava pela família ainda que esta não existisse mais. Quando foi solta em 1950, minha mãe foi a nossa antiga casa e os vizinhos disseram a ela, onde encontrar Volodya. Mas ela já tinha descoberto em que orfanato eu estava e foi me buscar primeiro, já que eu era o mais novo.

Ela encontrou trabalho como operária em uma construção em Gornyatsk. Nós tínhamos pouco dinheiro. Em 1950, um ex-condenado político era um leproso, uma pessoa carregando uma praga, como os intocáveis na Índia. Mesmo na escola, eu sentia que era o "filho de um político". Um dia eles coletaram cinco copeques[174] de cada um na sala, então nós pudemos comprar sabão. Eu não aguentava aquele insulto e simplesmente acabei parando de ir. Nossa família estava rodeada de uma atmosfera de indiferença.

Não havia guindastes nos locais de construção naqueles dias. Minha mãe carregava tijolos, oito ou dez de cada vez. Ela estava desmaiando de fome, seu nariz e suas orelhas sangravam. Ela trabalhou até a exaustão e deixou sua família quase faminta para

[174] Moeda local (N. do T.).

conseguir juntar algum dinheiro para viajar para Moscou. Veja, meu irmão mais velho foi sentenciado em 1947 a vinte e dois anos por roubo à mão armada em Novocherkassk. Ela estava tentando chegar até Voroshilov para pedir sua ajuda.

Um dia ela sentou comigo e disse, "Nós temos a chance de comprar uma máquina de costura por 500 rublos. Se comprarmos teremos que passar fome por um tempo. Mas eu conseguirei costurar e ganhar um bom dinheiro." É claro que concordei. Ela era uma costureira de primeira classe, era uma habilidade que tinha adquirido como parte de sua educação.

Sempre que ela conseguia juntar um pouco de dinheiro partia para Moscou. Em 1953, ela finalmente encontrou Voroshilov. Lembrava-se do meu pai, então, ele enviou um telegrama e meu irmão foi solto, após servir menos de seis anos. Ele contou histórias terríveis sobre a vida no campo em Kolyma, onde a vida de um prisioneiro dependia da vontade de guardas sádicos. Minha mãe conhecia os campos em primeira mão, por isso ela fez tudo que podia para libertar seu filho mais velho.

Qual era o passado da sua mãe?

Ela era uma cossaca. O pai dela era chefe do vilarejo, mais ou menos o equivalente a um diretor de um soviete rural hoje em dia. Obviamente eles não eram pobres. Ela se formou no ensino médio para mulheres. Ela era muito bem educada e foi estudar na universidade para professores – muito mais educada que meu pai, que tinha pouca educação formal. Durante a guerra civil, ela serviu como enfermeira para os oficiais brancos e seu primeiro amor foi um deles, que depois foi assassinado. Mas, tenho a impressão de que ela serviu aos brancos mais em solidariedade aos pais dela. Na verdade ela sempre foi próxima do povo.

O seu pai a perdoou por ser uma branca?

A união deles era baseada no amor. Minha mãe teve muitos pretendentes, mas ela sempre amou meu pai. Quando o irmão dela, Andrei, descobriu que ela tinha casado com um bolchevique, ele a chicoteou. Ele não gostava do regime soviético e depois passou quatorze anos nos campos sob o artigo cinquenta e oito

[propaganda antissoviética]. Mas quando ele foi solto, minha mãe correu a seu encontro. Ele não tinha família, ninguém exceto ela.

O incidente seguinte da vida nos campos pode te dar uma ideia do caráter da minha mãe. O campo era na Sibéria. Ela trabalhava como agente de envios do campo e viajava com cavalos para trazer comida. Bem, ela descobriu que a motorista com quem ela viajava era uma *seksot*, uma informante. Um dia, quando retornavam ao campo no inverno, com um trenó cheio, minha mãe parou os cavalos e mandou a motorista descer. Ela pegou o chicote e bateu na motorista, depois foi embora deixando-a sozinha na estrada a cinco quilômetros do campo. Quando os guardas perguntaram da motorista, ela simplesmente disse "Lá atrás. Vá atrás dela se quiser." Minha mãe sabia do risco que corria, mas ela era decidida e inflexível quando confrontada com algo que considerava sujo.

Quando sua mãe te contou sobre seu pai?

Depois que ela me tirou do orfanato. Eu não me comovia muito pela tragédia dela, tanto quanto pela do meu pai. Veja, eu tinha orgulho dos bolcheviques e minha mãe agora me contara que meu pai tinha sido um deles, um amigo próximo de Dzhaparidze e Fioletov, dois dos comissários de Baku. Mas o orfanato também tinha me ensinado a acreditar em Stalin, na nossa justiça social, e estas notícias do meu pai acabaram com minha fé. Meus ídolos foram esmagados.

Foi um tempo difícil para mim também porque nós não podíamos recriar um verdadeiro sentido de família. Eu sentia uma falta de preocupação da parte da minha mãe. É claro, agora eu posso entender sua situação. Ela tinha resgatado seu mais novo para debaixo da asa. Ela também estava tranquila quanto ao segundo filho. Mas ela vivia um horror quando pensava no destino do filho mais velho. Era uma tragédia terrível. E sua alma por completo, todos os seus pensamentos, estavam tomados por aquela preocupação. Depois do orfanato, eu não pude aceitar sua distância. Ela não entendia que uma mãe é mais que a presença física; é a alma da mãe e seu cuidado, sua proximidade.

É por isso que eu repetidamente fugia de casa. Eu nunca passava mais que dois ou três meses de uma vez por lá. Eu vagava.

Uma vez trabalhei para um antigo *kulak* [camponês rico] que tinha fugido de Kuban e fazia revestimentos em locais privados nas áreas rurais. Havia muita construção e ele conseguiu um bom dinheiro. Ele não me pagava um salário – apenas comida e abrigo. Meu trabalho era misturar e carregar gesso.

Eu viajei de cima a baixo toda a União Soviética. Meu lugar favorito nos trens era no teto dos vagões. Você podia dormir bem e os inspetores incomodavam menos. Eu era um vagabundo, mas não roubava. Minha aversão ao roubo foi provavelmente a única coisa boa que o orfanato me ensinou.

Ainda menor de idade, eu entrei na escola técnica de mineração na região de Tula. Após me formar, eles nos mandaram para as novas minas. Era úmido, com um poço inclinado. As condições de vida eram um pesadelo. Vivíamos em abrigos de ferro, cobrindo-nos com cobertores no inverno. Os canos congelavam. Mas não podíamos ir embora, já que os formados eram obrigados a trabalhar por certo período. Eles até nos educavam. Um instrutor trazia jornais e nos ensinava. Bem, era congelante – quem ia ler aqueles jornais? O instrutor os recolhia no dia seguinte e registrava em seu relatório.

Um dia estávamos sentados ao redor da mesa em nossas jaquetas acolchoadas de algodão. O instrutor estava tagarelando alguma propaganda enquanto eu rabiscava sem atenção no jornal em nossa frente. No outro dia, o instrutor voltou pelo jornal que estava congelado no peitoril da janela. Ele o apanhou e perguntou "Quem fez isso?" "O que?" eu perguntei. Acontece que eu tinha escrito "merda" no artigo sobre a viagem de Khrushchev e Bulganin para Burma.

Logo depois, policiais vestidos de civis vieram me ver e revistar o quarto. Tratava-se do mesmo artigo do código criminal que tinha levado à prisão da minha mãe. Eles se ocuparam comigo: "Vocês roubam; vocês conduzem agitação antissoviética." Em resumo, eles queriam me recrutar como informante. Senti uma raiva terrível, "Meu pai morreu na cadeia, minha mãe também cumpriu pena e agora você me vem com isto?!" Essa foi a última vez que tentaram. Mas eu tomei conhecimento da vasta rede de informantes que existe na URSS, em cada coletivo estudantil e operário, pequeno ou grande.

Eu tive sucesso em conseguir uma transferência para Novoshakhtink na região de Rostov. Apesar de tudo, eu estava ligado à minha família. Mas meu irmão mais velho tinha retornado do campo, e eu não podia viver na mesma casa que ele. Então, quando a campanha para abrir as terras virgens começou, eu me voluntariei para o Cazaquistão.

Eu trabalhei na construção de um elevador de cimento, o coração de toda a construção. Nós trabalhávamos como loucos, mas fazíamos um bom dinheiro, mais do que os outros trabalhadores. O diretor era simpático, mas o engenheiro chefe não aguentava que ganhássemos bem. Quando o diretor saiu e o engenheiro chefe assumiu seu posto, sua primeira ação foi cortar nossos salários. O setor do cimento imediatamente largou as ferramentas. É claro que eu participei também, apesar de ter sido em grande parte um ato inconsciente de minha parte, eu só segui o resto das pessoas. Eu era o mais jovem, mas tinha uma boca grande. Em uma das discussões entre os trabalhadores e a administração, eu gritei: "Um idiota tem urina na cabeça ao invés de cérebro, e todo mundo tem que engolir isto". Todo mundo morreu de rir ao ouvir isso de um menino tão jovem. Mas, acabei fazendo o engenheiro chefe se tornar meu inimigo.

Lá, também acabei entre informantes. Apesar de que isso era uma ferramenta básica do stalinismo, as pessoas tinham o maior desprezo por informantes. Eu realmente não sabia muito sobre a KGB, mas eu percebia algumas pessoas curiosas andando por aí como civis. E as autoridades pareciam saber de tudo que era dito. Logo eu descobri como.

A área de construção não era bem uma zona temperada, mas álcool era oficialmente entregue apenas em 7 de novembro, o aniversário da Revolução de Outubro. Naquele dia, o lugar inteiro ficou embriagado. Todo mundo tinha acumulado bastante dinheiro e gastaram-no com vodca e vinho. A polícia pegou os bêbados na rua, confiscou suas facas e documentos e então os jogou de volta na rua. Nós vivíamos numa cidade de tendas, sessenta pessoas em cada, adultos e crianças como nós, homens e mulheres. Era uma balbúrdia, uma verdadeira arca de Noé. Não há nada que não víamos lá.

Eu estava caminhando na cidade de tendas com um dos trabalhadores quando um camarada, que estava bêbado, mas já

ficando sóbrio, veio em nossa direção. A polícia tinha confiscado seu dinheiro e documentos. Nós decidimos tentar pegá-los de volta. Mas tudo que conseguimos na delegacia foi uma lição. De repente, a porta de outra sala se abriu e saiu um soldado descaracterizado, um trabalhador da nossa brigada. Ele não viu nossos rostos e começou a falar com o oficial em um tom familiar: "Escute, Serezha, eu acabei de trazer um vagabundo aqui..." Quando ele nos viu seus olhos saltaram do rosto. Ele começou a gaguejar e nós nos aproveitamos da confusão para fugir. Ele se encontrou conosco e se ofereceu para pagar umas bebidas. Nós recusamos.

Nós dois retornamos à tenda e contamos nossa aventura. A tenda começou a zumbir como um ninho de vespas. Mas as mulheres disseram: "Vocês homens não toquem nele. Deixe ele com a gente." Por volta das três da manhã eu acordei com um barulho terrível. O informante entrou silenciosamente e foi para a cama. Mas as mulheres não estavam dormindo. Elas bateram nele com paus e bastões. Ele berrou e berrou até finalmente se calar. Eu já tinha visto brigas entre homens, e mais tarde nos campos de prisão havia poucas coisas que eu não tinha testemunhado, mas acredito que nunca vi algo tão selvagem e cruel como aquelas mulheres. Mas o informante sobreviveu.

Na manhã seguinte a tenda se transformou numa fábrica de passaportes estrangeiros. Eles apagaram as entradas e permissões de residência e forjaram novos e, então, fugiram do lugar da construção. Eu retornei à Novoshakhtinsk. Foi lá que recebi minha chamada para o serviço militar.

Eu fui mandado para o curso de técnicos e operadores de rádio de médio e longo alcance em Zaporozhe. O curso foi difícil porque eu não tinha nem cinco anos de escola. Mas eu me formei. Meu serviço militar foi um tormento porque não conseguia aguentar me tornar o soldado insignificante que viola a sua individualidade. Nós ficávamos em fila e eu conversava com um vizinho. Quando chamavam meu nome eu respondia sem pensar "uh-huh". Em uma noite de inverno nós fomos mandados em uma marcha forçada na lama, completamente carregados. Eu me recusei a correr, mas os outros me carregaram. Os outros soldados sempre me ajudavam. Nossa companhia era composta de

moscovitas e nativos de Novoshakhtinsk. Ela se tornou bem independente e protegia a dignidade de seus membros.

Em 1957, durante a campanha contra o "grupo anti-partido" – Molotov, Malenkov, Kaganovich, Voroshilov e Shepilov – eles nos colocaram em uma imensa sala para adicionar nossas vozes ao coro. [Esta campanha foi seguida por uma tentativa abortada da maioria do Politburo para expulsar Khrushchev]. Tudo isso me preocupava imensamente, ou seja, o Stalinismo e a repressão dos anos 1930. Eu também sabia que o telegrama de Voroshilov tinha libertado meu irmão. Seja como for, eu podia ver claramente que o Stalinismo ainda estava vivo nos métodos que estavam sendo usados. Então, eu falei naquela reunião: "Que direito moral nós temos de agir como juízes? Nós ouvimos apenas a versão dos acusadores. Onde estão as vozes dos acusados? Toda pessoa tem direito de defesa." A maioria absoluta dos presentes não votou. Apenas alguns votaram, oficiais e sargentos sentados na frente, e eles, naturalmente, optaram pela condenação. Eu fui o único a votar contra.

Depois disso, eu fui repetidamente chamado pelos departamentos Político e Especial. Eles usavam a abordagem de recompensa-e-punição: o Departamento Especial me assustava às lagrimas e o Departamento Político era gentil, fazendo todo tipo de promessas. Eles queriam uma coisa – que eu assinasse a resolução da reunião. Foi psicologicamente difícil, mas eu me recusei. Embora eu já tivesse participado na greve nas terras virgens, foi realmente naquele momento que eu adotei uma posição de resistência ativa ao Stalinismo. Eu entendi que não era só o último líder que era ruim, mas o partido inteiro é que não tinha nada em comum com o marxismo-leninismo ou com os ideais da revolução.

Hoje em dia, estudiosos discutem se haviam alternativas. Sim, é importante estudar as razões de fundo da degradação da revolução, para que fique claro que havia, de fato, uma alternativa. É claro, eles deixaram alguns trapos vermelhos e penas na fachada do regime. Eles não abandonaram por completo a ideologia de Outubro que dava forma às aspirações dos trabalhadores. Mas a essência do regime, sua prática, é o Stalinismo, que expressa completamente os interesses da burocracia do partido-Estado.

Eu terminei os testes do curso de rádio às dez da manhã, e ao meio dia eles me chamaram no prédio da divisão, me deram papéis, uma passagem de trem, ordens de viagem e me mandaram para a Criméia. Meus amigos ficaram com tanta inveja. Criméia! Uma área de recursos! Mas minha unidade na Criméia acabou sendo um batalhão de construção de um aeroporto. Quando eu cheguei, um tenente me perguntou pessoalmente "O que você fez para te mandarem para cá?" eu perguntei "O que você quer dizer? É um batalhão de punição?" ele respondeu "Bem, não, mas recebemos alguns documentos sobre você." Eu não revelei nada, é claro. Eu trabalhei no quadro de distribuição do batalhão e fiz serviço de guarda. Quando o batalhão foi enviado para construir aeroportos de reserva, eu fui deixado para trás, já que eles não confiavam em mim. Eu já era rotulado como um dissidente.

Nós tínhamos um batista que se recusava a carregar armas. Os soldados riam dele, penduravam rifles nele contra a sua vontade. Sempre existem uns bastardos no rebanho de ovelhas, isso inclui soldados. Eu falei para o oficial o que eu achava do caso e ele foi deixado em paz. Ele também era um dissidente, eu me senti solidário com ele.

Eu continuei pressionando por uma permissão para estudar. Eu tinha perdido minha chance de educação por causa da minha vida como errante, e agora eu queria compensar isso. Um dia alguns oficiais vieram do quartel. Eles me chamaram e depois o batista. Eles perguntaram se eu tinha algum pedido. Eu disse que queria estudar. "Ok, nós vamos ver isso." Algum tempo depois o comandante ativo me chamou e perguntou, "Como podemos deixar você estudar quando nem mesmo permitimos isso aos membros do Komsomol?" [Liga da Juventude Comunista]. Eu fui forçado a oferecer um acordo: "Eu farei parte, se você me deixar estudar." Foi assim que terminei o ensino médio.

Durante minha ausência, minha família se mudou de Novoshakhtinsk para Novocherkassk, onde meu pai viveu no início dos anos 1930. Depois de ser desmobilizado eu voltei para casa, mas, novamente, a família não era uma família. Eu decidi trabalhar em Yakutsk, no extremo norte. Nós cortávamos madeira e fotografávamos mapas do solo. Era um trabalho infernal nas condições mais difíceis. Nós vivíamos em tendas e a temperatura era de menos cinquenta graus célsius.

Lembro-me bem de 12 de abril de 1961. Nós estávamos trabalhando em uma mina de mica e ouvimos no rádio que um homem tinha sido mandado para o espaço. Isso teve um tremendo impacto entre nós, principalmente porque estávamos tão isolados.

Eu queria fugir para algum lugar. Mas tínhamo-nos inscrito para os recrutadores de trabalho. É a categoria mais baixa e degradada de trabalho assalariado. Você assina um contrato com a Agência de Organização de Recrutamento por um período específico. Mas você nunca sabe que condições realmente te esperam. Eles podem te enganar. Eles te dão 600 ou 700 rubros adiantados, parte você pega antes de sair, parte quando chega. Então, você vê que as condições não são nada como as prometidas. Mas você não pode ir embora, já que não tem como devolver o dinheiro que permitiria quebrar o contrato. Na verdade, você se vendeu para a escravidão por um período determinado. Mas eu tinha experiência e fugi. E eu não fui o único.

Eu cheguei em Novocherkassk e me matriculei como aluno por correspondência no instituto técnico. Consegui um emprego na linha de montagem da Fábrica de Locomotivas Elétricas de Novocherkassk (NELF), na montadora onde eles instalavam o sistema pneumático. Eu também me casei pela primeira vez. Eu era tolo – nós tínhamos nos conhecido há um dia. Minha vida não tinha direção. Nós alugamos um apartamento no setor privado. O aluguel era muito alto, trinta rubros. Meu pagamento era de cerca de 120 rubros por mês. E minha esposa estava grávida.

Em 1º de junho de 1962, quando a greve explodiu, eu estava no primeiro dia da minha licença de estudo, me preparando para as provas anuais. A mulher do dono do apartamento chegou e me disse "Petro, a fábrica está uma confusão. Algo deve ter acontecido."

Seu artigo passa a impressão de que os grevistas estavam orgulhosos de serem trabalhadores. Eles marcharam para a cidade carregando a foto de Lenin e bandeiras vermelhas, cantando canções revolucionárias. Eles chamavam outras fábricas para se unir a eles e se esforçaram para contatar outras cidades. Como eles fizeram tais coisas? Havia algum tipo de tradição lá?

Não, nenhuma. Não havia indústria em Novocherkassk antes da revolução. As fábricas realmente surgiram na época dos planos quinquenais de Stalin.

Novocherkassk já tinha sido um centro de Cossacos do Don, apesar de não ser mais desde mesmo antes da revolução. Havia provavelmente alguns poucos cossacos que tinham famílias lá desde antes da revolução. O Instituto Politécnico já existia no tempo da revolução. Depois eles construíram o Instituto de Recuperação de Terras e outros vários institutos técnicos. Então, historicamente, a cidade evoluiu de um centro administrativo, uma capital cossaca, para um centro de estudantes, uma cidade de institutos de educação superior. Em 1962, a cidade ainda era classificada como "estudantil" por objetivos de fornecimento de alimentos, mesmo tendo dezenas de fábricas, incluindo as maiores fábricas de locomotivas do mundo, com cerca de 12.000 trabalhadores. E, é claro, as autoridades consideravam que estudantes não precisam comer tão bem.

A situação da comida era horrível. Em Novocherkassk, os trabalhadores não tinham escolha senão comprar alimento no mercado camponês. [Os preços nos mercados camponeses eram muito mais altos que aqueles estabelecidos nas lojas do Estado]. Além disso, nos primeiros anos as pessoas tinham suas próprias vacas e hortas, mas Khrushchev deu um fim a isso; como resultado o próprio mercado empobreceu e os preços, por sua vez, subiram consequentemente. Em 1962, não havia nada nas lojas. As pessoas tinham que viajar todo o caminho até Rostov e Shakhty para comprar comida. Foi apenas depois desses eventos que foi dada uma classificação mais alta à cidade. Havia uma história de uma senhora que dizia: "Que Deus dê boa saúde a todas as vítimas. Agora nós temos tudo nas lojas." Apesar da situação estar bem ruim agora, novamente, a cidade recebe fornecimento no mesmo nível que as outras.

A escassez de moradia também era aguda. A cidade dos trabalhadores era constituída de construções pré-guerra antigas, barracos que datavam, provavelmente, da época da construção da fábrica de locomotivas. Vários outros prédios foram construídos desde 1962, mas em geral o setor de moradias era negligenciado. As pessoas tinham que alugar no setor privado. Isso significava de vinte e cinco a cinquenta rubros por mês. Depois desses eventos, a

construção de casas foi imediatamente acelerada. Hoje, poucas pessoas alugam no setor privado. É claro, pode-se ver como são esses prédios: você congela no inverno e no verão é como uma sauna. Não dá para respirar.

Quanto você foi pessoalmente afetado pelo corte nos salários?

Eu apanhei muito tanto da inflação quanto dos cortes no salário. Foi uma série de cortes realizados de maneira completamente arbitrária. Qualquer redução na taxa por peças deveria ser baseada nos ganhos de produtividade resultantes da melhora na tecnologia, mecanização ou automatização. Essas medidas não foram introduzidas. Mas havia um plano, que incluía metas para aumento de produtividade. E no topo disso tudo, havia uma reforma monetária em 1961, que atingiu seriamente os trabalhadores. Foi um ataque atrás do outro sobre os interesses dos trabalhadores.

Como os trabalhadores reagiram?

Bem, eles resmungaram, mas foi basicamente isso. Veja, eles não cortaram os salários de todos ao mesmo tempo. Em 15 de fevereiro, eles cortaram o salário da linha de montagem. No outro mês, foi a vez dos fundidores de ferro e daí em diante. As pessoas estavam se acostumando às novas taxas. Mas ninguém deve esquecer que o Stalinismo, por muitos anos, ensinou aos trabalhadores que poderiam pagar dois anos de cadeia por vinte minutos de atraso. Um primo meu pegou cinco anos por roubar cinco quilos de maçã. Verdade, as coisas relaxaram um pouco depois de Stalin, mas o legado psicológico ainda era forte; os trabalhadores tinham sido forçados a ficar de joelhos. Naquele tempo, como hoje, não havia organização que representasse os interesses dos trabalhadores. Portanto, apesar deles estarem loucos, ninguém pensou em agir.

Isso foi na época da desestalinização. Isso teve algum impacto sobre os trabalhadores?

Você pode dizer o que quiser sobre a desestalinização, mas o regime tinha seus próprios interesses particulares. Eles acabaram com o culto à personalidade e deixaram o culto ao partido, como se o partido não fosse cúmplice nos crimes do Stalinismo, e tivesse se mantido bolchevique, o partido de Lenin.

Quem precisava desse culto ao partido? Ora, os novos líderes, claro. Stalin estava acabado, mas o Stalinismo, que expressava os interesses da burocracia do partido-Estado ainda estava conosco. Os burocratas permitiram a democratização até o ponto em que os trabalhadores tentaram usá-la, onde montaram uma verdadeira ofensiva contra a essência do Stalinismo.

Os trabalhadores mesmos entendiam isso?

Não no primeiro momento, apesar de que, com o passar do tempo, a desilusão com a proclamada desestalinização cresceu. Mas, como escrevi em meu artigo, os trabalhadores no início realmente acreditavam nesses processos. Eles viram neles uma tentativa sincera de humanizar o socialismo soviético. Mesmo na véspera dos eventos, a fé estava, em certo ponto, intacta.

E então eles anunciaram o aumento dos preços.

Sim, de manhã cedo no rádio: o preço do leite, da carne e dos laticínios, assim como o preço dos ovos tinham sido aumentados.

Essas medidas foram anunciadas como temporárias, não foram?

Nós temos um ditado: "Nada é mais permanente que o temporário." Os preços têm aumentado pelos últimos vinte anos. Tudo é temporário.

Os trabalhadores estavam indignados. Mas ainda assim não haveria greve se as autoridades da fábrica tivessem conseguido intervir corretamente. Eles podiam, pelo menos, terem dito: "Ouçam, não podemos controlar o preço dos alimentos, mas vamos restaurar as antigas taxas por peça. Vamos dar mais atenção à construção de moradia, ao fornecimento de alimentos e tudo

mais." Mas esse é um dos traços do Stalinismo: ninguém ousa gritar na cara de um superior, seja um trabalhador com um pequeno oficial, seja um pequeno oficial com seu chefe. Em outras palavras, nem os trabalhadores, nem os oficiais estão preparados para pensar independentemente.

Mas os trabalhadores, ao contrário dos funcionários, foram educados na ideologia da revolução e a tinham absorvido. Enquanto os trabalhadores discutiam com o diretor no pátio, uma mulher passou com tortas de fígado. O diretor comentou cinicamente, "se vocês não podem comprar carne, então comam torta de fígado." Este comentário foi o catalisador da greve. Quando eles encararam a realidade, seus instintos proletários começaram a funcionar. Ainda assim, como era esperado, o diretor não foi prejudicado.

O movimento foi completamente espontâneo. Mas os trabalhadores sabiam o que fazer. Alguns foram aos dormitórios, outros à sala do compressor e outro grupo para as oficinas. Todo mundo estava guardando dor e raiva. Foi o bastante para lançar a palavra "Greve!", por tudo que vinha transbordando. Eles baixaram as ferramentas de vez. É claro, havia indivíduos, principalmente entre os mais velhos, que conheciam o terror dos anos 1930 e que se recusaram a participar. Mas a maioria absoluta se uniu sem a menor hesitação. Eles sabiam o que fazer. Eles tinham visto filmes e lido livros sobre o movimento revolucionário. Eles pegaram umas varas e colocaram um pano vermelho no qual escreveram: "precisamos de apartamentos, carne e manteiga" e pararam o trem. Na lateral do trem eles escreveram, "cortem o Khrushchev e peguem sua carne!" Era brincadeira, claro.

Apesar dos esforços por parte das autoridades, os trabalhadores se recusaram a reabrir as linhas e a deixar os trens passarem. Eles mandaram delegações para outras fábricas para pedir solidariedade e tentar contatar trabalhadores do resto do país. Mas todas as estradas estavam fechadas pelos cordões policiais e militares. Ao meio dia, a cidade estava fechada. Uma delegação foi para Shakhty, mas foi parada na estrada e mandada de volta.

Os trabalhadores entenderam no início que precisavam de apoio?

Sim, antes de qualquer coisa, é claro, o apoio dos trabalhadores de Novocherkassk. E que unidade! Assim que os trabalhadores de outras fábricas souberam da nossa ação eles quiseram se juntar. É por isso que as autoridades ficaram com tanto medo. Eles temiam um movimento de massa. Mikoyan disse que o governo ficou sabendo dos eventos em Novocherkassk vinte minutos após a parada dos trens. Eles entenderam que os trabalhadores de Novocherkassk podiam ser apoiados por outras massas. É aí que o maior perigo para a burocracia, para o Stalinismo, crescia. E sua reação foi imediatamente colocada em prática.

Foi Lenin que explicou como o povo estava dividido entre aqueles que são liderados e aqueles especialistas em liderar. Os especialistas em liderar se apropriaram de todo tipo de privilégio. Para defendê-los, eles criaram órgãos de repressão, um exército que era trancafiado em quartéis por anos e lhes era ensinado a atirar nas pessoas. Assim que os trabalhadores ameaçaram o privilégio dos burocratas e rejeitaram sua ditadura, a burocracia se assustou e lançou contra eles toda a força que tinha criado para defender seus privilégios – não para defender o socialismo, não para os interesses do povo, mas para defender seus próprios privilégios contra o povo.

Isso me ajuda a ver que hoje não há democracia real, apenas uma tendência à pseudodemocracia, apenas a possibilidade de falar. Eles te deixam falar e até abrem os palácios para você. "Tome o tempo que precisar. Fale o que está em seu coração. Se divirtam!". Eles abrem uma pequena válvula. Mas tente criar uma força que representaria os interesses dos trabalhadores!

Você estava dizendo que apesar da espontaneidade do movimento não houve violência.

Não da parte dos trabalhadores, apenas da parte das autoridades. Depois dos eventos, eles mobilizaram forças enormes – não apenas locais, mas agentes da KGB de Kiev, Moscou e Leningrado. Eles continuaram escavando e escavando, mas não conseguiram encontrar um único caso de trabalhadores usando faca ou clava, muito menos armas. Mas eu tenho a cópia da sentença de morte de sete pessoas. Eles foram acusados de vandalismo, banditismo e desordem em massa. Mesmo assim não

há uma prova sequer que apoie essa teoria. Veja o incidente com o engenheiro chefe Elkin, o único membro do partido com princípios o bastante para sair e falar com trabalhadores, apesar de não ter nenhum mandato. A inabilidade dele de responder às questões provocou raiva nos trabalhadores. Mas quando alguns deles o puxaram dentro da cabine do caminhão e estavam para bater nele, eu estava entre o grupo que formou um cordão de isolamento para protegê-lo. Ele não foi machucado.

Em resumo, as acusações são mentiras descaradas. É interessante que as autoridades espalharam rumores de que aquilo foi uma revolta cossaca. Eu ouvi isso, depois nos trens. Mas se tivesse sido uma revolta cossaca eles teriam "levantado seus sabres", como diz o ditado. Os trabalhadores se comportaram de acordo com os métodos do movimento revolucionário: eles apelaram para seus camaradas de outras fábricas e cidades para que se unissem ao movimento deles.

Mesmo antes disso, um grupo de administradores, ativistas do partido e sindicado saíram. Essa foi, acidentalmente, uma amostra daqueles sindicatos que se colocam do lado dos gestores ao invés de apoiar os trabalhadores. Eles se uniram para tentar convencer os trabalhadores a deixar o trem passar. Os trabalhadores não deram ouvidos. Nós sabíamos que deixar um trem passar significaria reabrir a linha. Era uma questão fundamental. No entanto, o calor estava insuportável e era um trem de passageiros, cheio de pessoas inocentes, crianças que precisavam de água. Então decidimos deixá-los passar por uma via alternativa, e eles eventualmente chegaram à estação.

Então aconteceu o episódio da limonada. Nós estávamos morrendo de sede e passou um caminhão de limonada vindo da cidade. Eles queriam que tomássemos o caminhão como uma gangue desorganizada. Apesar de alguns chamarem para fazer isso nós formamos um corredor através da massa de pessoas e deixamos o enorme caminhão passar. Menos de um minuto depois, as pessoas começaram a gritar "Os policiais estão aqui!" Então foi tudo encenado. A polícia formou uma fila dupla no campo de futebol, cerca de duzentos deles. Enquanto isso os caminhões que os trouxeram faziam a volta para a cidade.

Eu tive um momento inicial de pânico, mas então senti uma adrenalina. "Então esses bastardos querem uma briga!" O que

aconteceu em seguida parecia coisa de filme. Uma massa de pessoas, tomadas pelo entusiasmo revolucionário formaram uma onda humana. Quando a polícia vislumbrou a parede humana fechando ao redor deles, suas filas simplesmente se desfizeram. Os caminhões estavam indo embora e eles corriam atrás com todas as suas forças. Foi uma cena incrível de covardia. Somente dois sargentos mais velhos ficaram para trás. Seus corações eram fracos demais. Mas não os machucamos. Somente falamos em alto e claro russo "Deem o fora daqui!" E eles foram embora em paz.

Os trabalhadores estavam agora enlouquecidos. Alguém gritou, "Eles têm um rádio e estão tirando fotos no carro!". Quando consegui chegar ao carro ele já tinha sido derrubado. O que estava com a câmera escapou. O segundo foi liberado, apesar de ter sido maltratado um pouco. Então eles endireitaram o carro.

Por volta da noite, nós vimos as primeiras unidades militares. Eram soldados da guarnição local. Os trabalhadores correram para eles, os abraçaram e trocaram beijos. As autoridades mal conseguiram separá-los. Depois disso, eles mandaram oficiais em veículos blindados. Após balançá-los de um lado para o outro os trabalhadores deixaram que fossem embora. Nesse momento, uma enorme reunião começou, com o arco do túnel como nossa tribuna.

Eu tenho que esclarecer uma coisa: não houve ordem para tomar o poder na cidade. Isso necessitaria da tomada de prédios do comitê do partido da cidade, de comitês executivos do soviete, sedes dos órgãos de repressão, das cadeias. Não foram dados tais chamamentos. Houve, no entanto, a ordem para tomar certas instituições do Estado, principalmente o prédio do correio e dos telégrafos, para que pudéssemos contatar outras cidades, para contar à União Soviética inteira o que estava acontecendo em Novocherkassk e pedir apoio. Quando eu ouvi algumas falas propondo isso, eu levantei e avisei que aquilo era exatamente o que as autoridades queriam – extremismo e violência da parte dos trabalhadores. Eu expliquei que nossa força era nossa solidariedade, e propus nossa volta para a fábrica na manhã seguinte, não para trabalhar, mas para nos unirmos e marcharmos até o comitê do partido, onde poderíamos apresentar nossas demandas às autoridades. Enquanto a proposta de tomar o correio e os telégrafos não teve muito apoio a minha foi ovacionada.

Durante essa reunião alguns rapazes escalaram a fachada do prédio da administração – foi uma façanha e tanto, usando apenas suas mãos e pés – para remover uma frase enorme pintada de Khrushchev. Mas como era feita de metal, eles só conseguiram tirar as letras "N.S. Khrushchev." Naquele momento, decidimos tirar todas as fotos de Khrushchev e a multidão foi em direção ao prédio. Mas as portas estavam trancadas, com guardas posicionados atrás delas. Alguns começaram a empurrar. Seus nomes estão listados nas sentenças da corte. As portas cederam e um dos guardas recebeu uns murros. Um grupo de trabalhadores entrou nos escritórios tirando as fotos de Khrushchev e jogando-as pela janela. Metade da equipe de administração ainda estava lá, mas não tocamos em ninguém. Lá embaixo, as fotos foram queimadas em uma pilha.

Depois de concordarmos em voltar na manhã seguinte, as pessoas começaram a ir embora. Minha mulher chegou e implorou-me para eu ir para casa. Nós chegamos por volta da meia noite.

Onde estavam o diretor da fábrica e o secretario do comitê do partido durante todo esse tempo?

O diretor provavelmente estava escondido nos arbustos. Ou talvez já tivesse sido arrastado para os escritórios do partido e do governo. Também não havia sinal do secretário do partido. É verdade que o primeiro secretário do comitê do partido na província, Basov, veio falar conosco, mas do terceiro andar do prédio da administração. Isso foi visto como um sinal de desprezo. Os trabalhadores agora se sentiam livres e se recusavam a responder de baixo, então garrafas voaram.

Como estava o humor dos trabalhadores?

Isso vai parecer uma blasfêmia, mas era um momento feliz, um momento de libertação. O humor era de militância. Havia liberdade, independência. Sim, foi curto, mas foi. Você tem que entender o sentimento de escravidão, a preocupação constante a cada passo que você dá com o que seu chefe vai pensar. Não havia nada disso ali. É por isso que se você pedir a qualquer um dos que

participaram para recontar aqueles eventos em ordem cronológica, eles vão se perder. Os trabalhadores não olhavam os relógios. Você tem que consultar a informação coletada pelo órgão de repressão. O gosto de liberdade era inebriante; nós respirávamos o ar da liberdade.

Depois de respirar aquele ar, eu não consegui mais ficar de joelhos, e é assim até hoje. Mas nunca mais eu me senti tão livre. E isso vale para o presente também porque eu vejo a realidade como ela é.

Muitos experimentaram um despertar espiritual, abriram os olhos. A máscara do regime que se dizia popular e afirmava que as empresas pertenciam ao povo foi retirada. Os acontecimentos mostraram que a nossa sociedade é, de fato, antagônica, que o Estado está acima do povo. Não se trata do Estado do povo. Ele existe para proteger a classe dos exploradores – os burocratas do partido-Estado cuja plataforma é o Stalinismo. A classe dos explorados diante deles fica com nada mais que os ideais da revolução, como uma espécie de efeito apaziguador..

Quando os trabalhadores chegaram à fábrica na manhã de 2 de junho, eles encontraram tanques, soldados armados com armas automáticas e oficinas cheias de agentes da KGB. Mas o processo já era irreversível. O humor era "Se eles não querem falar com a gente e nos levar a serio, nós vamos até o fim." E se o massacre não tivesse ocorrido, o movimento teria continuado, talvez por um longo período, mas os trabalhadores não teriam recuado.

[No segundo dia, após a prisão de Siuda, milhares de trabalhadores marcharam para o centro da cidade, onde fizeram uma imensa reunião na frente do prédio do partido que eles eventualmente ocuparam. Uma parte da multidão desceu a rua até o prédio da polícia para libertar os trabalhadores que tinham sido presos na noite anterior. As tropas, então, abriram fogo simultaneamente na praça central e no prédio da polícia.]

Como você foi preso?

Os tanques chegaram à noite, antes de uma da manhã. Jovens trabalhadores que tinham ficado lá tentaram bloquear a passagem com barricadas feitas de bancos e outros objetos, mas eles passaram facilmente. Eu fui acordado às cinco da manhã por uma

explosão causada por um tanque que tinha batido numa torre. Eu corri para a fábrica e vi soldados, membros de nacionalidade caucasiana. Isso não seria suficiente para reprimir as pessoas. As autoridades os trouxeram quando viram que a guarnição local não era confiável. Pouco depois disso eu fui preso e levado ao escritório do diretor, onde a KGB me recebeu. "Siuda! Que bom ver você! Nós te aguardávamos!"

Eles me levaram à delegacia. Durante todo o caminho eu só ouvi insultos e ameaças de violência. Não ficamos muito tempo lá, só que a multidão que veio naquele dia nos resgatar não sabia disso. Eu fui levado para Bataisk, cerca de 80 km de distância, e fui deixado numa grande cela sozinho. Eles nem pegaram meu nome e endereço. Cerca de uma semana depois, fui levado junto com um camarada para Rostov num comboio com três carros cheios de agentes da KGB. Eu fico sempre impressionado com a abundância desses parasitas. A estrada foi liberada para nós.

Eu fui colocado numa cela de interrogatório da KGB. Como já mencionei, nunca comi tão bem. Mas o que mais me atingiu foi o isolamento completo do mundo lá fora. Nem mesmo a mínima informação chegava a mim. Nós tínhamos acabado de sair dos acontecimentos em Novocherkassk e não tínhamos ideia do que tinha acontecido depois. Era silencioso como uma tumba. Os corredores tinham tapetes macios e a janela na porta não fazia barulho ao abrir.

Os guardas da KGB eram muito educados, sempre falavam comigo muito formalmente. Por exemplo, eu tenho o hábito de dormir com um travesseiro em minha cabeça. Além do mais, a luz nunca era apagada. O guarda entrou e calmamente removeu o travesseiro, dizendo "Isso é contra o regulamento." Eu peguei no sono com o travesseiro embaixo da minha cabeça, mas ao dormir acabei colocando-o em cima. Ele veio novamente. Na terceira vez, eu acordei gritando. Na manhã seguinte o capitão disse, "Por favor, nos desculpe. Eu sei que é inconveniente, mas são as regras".

Minha mãe não sabia que eu tinha sido preso. Eu tinha desaparecido e ela temia que eu estivesse entre as vítimas do massacre. Ela estava procurando por mim. Então ela descobriu que eu tinha sido preso. Imediatamente ela escreveu para Mikoyan [Um membro do politburo de Khrushchev], lembrando que meu

pai tinha sido seu camarada próximo, e pediu para que ajudasse seu filho.

Nessa época, meu irmão mais velho estava trabalhando como encarregado chefe ou, possivelmente, como assistente de administração na fábrica. Ele estava crescendo. Como ele conseguiu isso? Em 1947 ele era parte de uma gangue de oito homens. Eles entravam em cafeterias com um revólver gritando, "Mãos ao alto! Todos no chão!" e saia com o caixa e algumas garrafas de vodca. Um dia depois de um desses assaltos eles estavam dormindo cheios de vodca no dormitório deles, quando a polícia quebrou a porta e prendeu sete deles. O oitavo tinha saído para um encontro com a namorada. Seis foram sentenciados à vinte anos cada e um deles, o filho do promotor, que já estava cumprindo uma pena de seis anos em liberdade vigiada, pegou vinte e cinco anos. Mas, eles protegeram o oitavo. A lealdade entre ladrões: se você é pego, fica calado e protege os outros. Enquanto meu irmão estava nos campos, o oitavo ladrão estava fazendo uma carreira. Ele já tinha se tornado assistente-chefe de departamento. E debaixo de sua asa benevolente, meu irmão também cresceu quando saiu da prisão.

Meu irmão se recusou a testemunhar contra mim, mas não impediu seus amigos ou subordinados. Mas a coisa mais relevante nisso tudo é como meu irmão, com seu histórico criminal, foi aceito no partido dessa vez. Os agentes da KGB disseram que eles recomendaram sua admissão. Depois do massacre, ele e sua mulher foram visitar amigos e tinham um buquê de flores luxuoso com eles. Minha mãe pediu ajuda a meu irmão. Ele disse que estava ocupado. Ela começou a envergonhá-lo. Ele bateu nela e ela caiu, perdendo a consciência. Ele disse, "Ela está fingindo, essa cadela!", então jogou um balde de água nela e foi embora. Minha mãe me contou isso depois.

O oitavo gangster, um tal de Vladimir Semyonovich Shevtsov, tem feito uma grande carreira hoje em dia. Mas durante os eventos de 1962 ele era apenas o diretor do comitê sindical da fábrica. Depois disso, ele se tornou secretário do partido no distrito e primeiro secretário do partido do comitê da cidade. [O secretário do partido era o verdadeiro patrão da cidade.] Hoje ele é nada menos que o diretor do comitê regional de Controle Popular [uma organização semi-oficial encarregada de investigar corrupção,

particularmente nas esferas de serviços e comércio.] Isso diz tudo sobre os valores dos oficiais.

No meu segundo dia em Rostov, eu fui retirado e me mostraram o arquivo do meu pai. Meus músculos estavam tensos e meus olhos quase saíam do meu rosto. Eu perguntei, "Qual foi a acusação principal contra ele?", o oficial só respondeu, "sim, era algo muito insignificante para aqueles tempos", mas não me disse o que era. Eu perguntei, "Posso ficar com algo do arquivo?" e ele respondeu, "Não, não há nada nele." Eu fiquei furioso, mas ele disse educadamente, "Perdoe-me, mas eu cumpri minha função. Sou obrigado a informá-lo que você pode fazer um pedido de compensação financeira."

Algum tempo depois, uma carta chegou de Mikoyan. A KGB tentou me ajudar, mas eu já tinha tomado conhecimento do massacre por meus colegas de cela e eu não aceitaria a oferta deles. Então eles começaram a lidar comigo psicologicamente, contudo, sempre com muita educação. Eles fizeram parecer como se todo mundo tivesse se arrependido e seriam libertados em breve, que eu era o único detido. Mas eu não conseguia me fazer cruzar aquela linha. Não era como se eu estivesse pensando se valia à pena ou não o sacrifício. Essa questão nunca sequer passou pela minha cabeça. Eu não precisava daquele tipo de liberdade. Parecia-me mais fácil no momento cometer suicídio. Não sei se você consegue entender isso. Provavelmente, só vivendo isso você mesmo.

Você culpa os outros por cederem?

Não. Eu pedi que eles cumprimentassem os outros lá fora. De qualquer forma, eu me encontrei com todos eles depois na cadeia e no campo.

A KGB decidiu me dar um descanso. Mandaram-me para a cadeia, para uma cela de cerca de um por três metros com uma dezena de prisioneiros dentro. Dormíamos em beliches de madeira cheios de insetos. A cela ao lado tinha prisioneiros dementes, criminosos fingindo-se de doidos para evitar o julgamento. Nós passávamos cigarros para eles e o que mais pudéssemos. Eles não tinham que fingir para a gente. Um dia a porta se abriu e entrou um sargento. Ele também tinha outro trabalho como instrutor na ala dos "*shut-ins*" [confinamento solitário] e com os que estavam no

corredor da morte. [Os "*shut-ins*" eram prisioneiros completamente confinados, exceto por uma caminhada diária de vinte minutos. Essa sentença era, geralmente, curta, talvez dois anos, seguida de trinta anos de trabalho nos campos] Veja, eles tentavam até educar as pessoas condenadas à morte. Todos se levantaram, como sardinhas numa lata, enquanto ele gritava, "Nome, nome, nome!" Nós respondíamos e ele gritava, "Seus bastardos, filhos da puta, escória, eles deviam bater em vocês como fizeram em Ivanovo-Voznesensk." [Ele estava se referindo ao tratamento da polícia czarista com os trabalhadores têxteis nessa região muito militante da Rússia central.] Eu explodi, "Quem te deu o direito de gritar com a gente?" "Quem é você?!" ele rugiu de volta. "Eu já disse meu nome", eu respondi. "Saia da cela!" enquanto eu saía ele balançou seu molho de chaves na minha cara. Nós gritávamos um com o outro e aos poucos a voz dele baixou. Quando o jantar chegou, eu me recusei a comer. Eu exigia ver o promotor. Ele chegou algumas horas depois e eu assinei uma declaração para dar queixa do sargento. Depois disso os guardas nunca mais foram rudes com os prisioneiros de Novocherkassk.

Julgaram sete de nós juntos. Outros eram julgados em grupos de três, cinco, dez, doze. Uma vez contamos pelo menos 105 pessoas, mas tenho certeza que havia muito mais.

Eu passei pelo julgamento numa espécie de entorpecimento. Eu estava indiferente. Mas fiquei feliz em ver meus camaradas e conversar com eles. Havia um trabalhador em nosso grupo – ele ainda está na fábrica – que não era normal, e mesmo do ponto de vista das nossas leis não devia ter sido julgado. Nós brincávamos com ele: "Gen, ouça. Levante-se agora e diga ao juiz: 'Camarada juiz, minha avó e meu avô e minha mãe e meu pai me amam e querem compartilhar a sentença comigo. Por favor, considere que vamos cumprir a sentença os cinco juntos.'" Isso te dá uma ideia de como foi o julgamento. Nós sentamos lá e rimos. O juiz ameaçou me remover e o *okhranniki*[175] prometeu me dar um conserto.

Nem mesmo a sentença de vinte anos me impressionava. Eu provavelmente tinha cruzado aquela linha quando eles me tratavam

[175] *Okhrana* era a polícia secreta do Czar. *Okhranniki* eram aqueles que faziam parte da organização. (N. do T.)

psicologicamente na cadeia. É claro, foi um choque terrível para minha mãe. Eu fui condenado por participação ativa em desordens de massa.

Em seu artigo você diz que sua mãe foi morar perto do campo.

Sim. Ela alugou um apartamento em Sinder, onde passou vários meses. Ela trabalhou de costureira para ganhar um dinheiro extra. Ela subornou todos os *okhranniki*. Eles se vendem barato. Ela também viajava para Moscou e procurava promotores. Em uma das visitas disseram a ela, "Marya Petrovna, veja os escritos de seu filho: ele é o único leninista e nós não somos. Agora diga-me, como podemos libertá-lo?" Ele se referia às minhas cartas nas quais eu denunciava o massacre como um crime perante à revolução. Ainda me recusava a retirar o que eu disse e eles prometeram que depois que todos fossem libertados, eu ficaria, mesmo depois do fim da minha sentença.

Eles começaram a libertar os prisioneiros de Novocherkassk no inverno de 1965. [Khrushchev foi retirado em setembro de 1964]. Mas eles ainda queriam que eu condenasse a ação dos trabalhadores, e eu continuava a me recusar. Fui solto em julho de 1966, um dos últimos. E isso apenas graças à minha mãe que conseguiu comprar um relatório de conduta favorável, subornando as autoridades do campo. Eu tinha uma mãe muito forte.

Como ficou sua vida depois do campo?

Eu voltei para Novocherkassk, para o NELF. A KGB nunca me chamou em seus escritórios. Pelo contrário, eles vinham conversar no prédio da administração da fábrica. Eles disseram que se algum dia eu tivesse algum problema com gente me perguntando sobre meu papel nos eventos de 1962, eu deveria dizer a eles, para que tomassem providências. Na verdade, não importa onde eu trabalhasse, me diziam sempre a mesma coisa, às vezes com hostilidade, às vezes com simpatia: "Eles ligaram para saber como você está. Eles querem um relatório de conduta." Eu me sentia como se vivesse dentro de uma redoma. Eu não tinha interesse algum em tomar partido em qualquer atividade política ou pública,

mas eu tinha a marca de um condenado político, condenado por Novocherkassk.

Durante os primeiros anos eu não pensava em política porque as coisas não iam bem entre eu e minha primeira esposa. No fim das contas, estávamos casados há doze anos, e a maioria destes tinha sido um pesadelo, também, tínhamos casado como que de brincadeira. Então, ela não estava esperando por mim. Eu tentei por dois anos fazer as coisas funcionarem. Até nos mudamos para uma área rural, longe da minha mãe, minha sogra, todo mundo. Isso não ajudou.

Os outros também retornaram à Novocherkassk?

Muitos sim. Mas vários deles estavam incapazes de reconstruir uma vida normal. De fato, quase nenhum deles teve sucesso. Havia muito alcoolismo, e muitos foram presos novamente, e até uma terceira vez, por atos criminosos. Outros só viviam com medo.

Como você se tornou politicamente ativo?

Minha iniciação no *anti-sovietismo* – como eles chamam – começou no incidente seguinte. Eu, então, me formei no Instituto Técnico como especialista em processamento de metal frio. Consegui um emprego na fábrica NEFTEMASH [maquinaria de perfuração de petróleo] como *designer*. Esses foram os dois anos e meio mais felizes da minha vida. Meu trabalho era muito produtivo. No curso de um ano apenas, minhas propostas pouparam cerca de 120.000 rubros à fábrica.

Uma das minhas propostas foi tão boa, que eles sugeriram que eu solicitasse o reconhecimento como minha invenção. Eu estava feliz até descobrir que eles queriam colocar o organizador do partido como co-autor. Ele não tinha conexão alguma com aquilo. Mais ainda, ele era preguiçoso, não valia nada e constantemente violava a disciplina sanitária na fábrica. Mesmo assim, como organizador do partido, ele nos dava lição de moralidade. Às vezes, enquanto ele dormia em serviço, os trabalhadores sorrateiramente desenhavam obscenidades nas costas dele. E ele queria ser co-autor! Eu não deixaria essa passar! Pode ser uma característica boa ou ruim, mas eu geralmente não gosto de arriscar. Eu pedi

categoricamente que ele retirasse seu nome. Ele não queria. Nós tivemos uma discussão quente em que ele disse, "O que você está fazendo aqui de qualquer forma? Você foi condenado por 1962". Eu o reembolsei em espécie.

Foi quando eu escrevi minha primeira carta aberta e a perseguição começou imediatamente. Não muito antes de tirar minhas férias eu percebi uma brigada inteira de agentes da KGB nos meus calcanhares. Você não podia chamar aquilo de ser seguido. Era simplesmente chantagem. Eles se mantinham a cinquenta ou apenas vinte metros de mim. Eles me seguiam em carros também. No início minha mulher não acreditava. Então ela tirou alguns dias de folga e me acompanhou, enquanto eu os fotografava, eles me fotografavam com uma câmera escondida numa mala.

Isso aparentemente os enfureceu de verdade e eles aumentaram a perseguição. Uma vez, numa viagem para Moscou, eu os levei até o distrito de Fili, onde há um grande morro. Eu entrei no que parecia ser uma pista íngreme, mas era na verdade cheia de buracos. Havia cinco em um carro e vieram atrás de mim. No final, eles desceram e me pegaram, ameaçaram partir minha cabeça se eu não saísse da cidade.

Eu tinha ido entregar minha carta aberta no Comitê Central do partido e na KGB. A conversa com a KGB foi muito dura. Eu disse que eles eram criminosos, uma organização assassina, coberta de sangue, que tinha destruído a revolução. Eles responderam, "Petr Petrovich, talvez possamos te ajudar a se tratar." Depois disso, eu escrevi minhas "Notas de um Dissidente." Isso já se passou em meados dos anos 1970.

Você tinha alguma conexão com o movimento dissidente?

Não, estava por conta própria. Eu escrevi cartas e protestos para o *Pravda*, para o *Literaturnaya Gazeta* e outros. Eu também não ouvia as "vozes" [as "vozes" eram estações americanas e outras no oeste da Rússia, dirigidas à União Soviética.]. Eu não tinha a paciência. O sinal falhava. Mas eu não precisava delas de qualquer forma. Eu podia ver que eles estavam basicamente fazendo propaganda de seu próprio sistema, então eu não buscava a verdade por aquelas fontes. As pessoas que ouviam as "vozes"

precisavam de informação para repensar as coisas. Eu já podia ver a realidade como ela era. Algumas pessoas diziam que era melhor que gente como eu deixasse o país, como muitos dissidentes fizeram. Mas não me interessava ir a qualquer outro lugar. Ninguém precisava de mim lá. Aqui a luta era realmente interessante.

Você ainda estava trabalhando na NEFTEMASH?

Não. Eu me demiti quando a KGB começou a me seguir. Minha situação lá se tornou impossível. Então eles tentaram me quebrar bloqueando todas as minhas tentativas de encontrar trabalho. Eu chegava em uma fábrica e eles diziam, "Sem vagas", ainda que houvesse uma placa no portão: "Convidamos você a trabalhar aqui...".Tentei dezenas de empresas e aí fui para Shakhty. Finalmente, fui contratado por um depósito de entulho de uma empresa. Era uma oficina de reparos para o equipamento sanitário da cidade. Não havia qualquer regra lá. Assim que cheguei eles viram meus documentos e me disseram para começar no dia seguinte. Era tarde demais para a KGB fazer qualquer coisa: eu já tinha sido contratado e seria um problema político me demitir. Eles não queriam isso. Esse método de perseguição ainda é usado hoje em dia, só que em uma escala mais modesta.

Na segunda vez, eu estava sem trabalhar depois da minha cirurgia. Eles removeram dois terços do meu estômago e a parte que restou deveria expandir depois da operação, mas isso nunca aconteceu. Me disseram que aquilo era extremamente raro. Como resultado, a comida vai direto para meu intestino e eu acabei inválido, com mais um monte de problemas ligados a isso. Quando recuperei minha força, novamente descobri que ninguém me contrataria. Depois de muito esforço, quando eu já tinha perdido a esperança, fui contratado como engenheiro-*designer* pelo Instituto de Pesquisa Científica de Engenharia de Locomotivas Elétricas. Já que eles conheciam meu *status* político, eu me senti livre.

Por exemplo, eu podia me recusar a votar. Eu não queria legitimar um sistema que não me deu escolha. Em 1980, as eleições aconteceram novamente. Como antes, eu me recusei a participar e proibi minha esposa de votar por mim. Por volta da meia noite, um secretário assistente do comitê do partido,

acompanhado de um agente da KGB em roupas de civil, veio perguntar por que eu não tinha votado. De alguma forma, começamos a falar sobre o Afeganistão, que eu caracterizei como um crime. Depois disso, durante a Perestroika, aquele agente se tornou diretor do soviete executivo da cidade.

Naquele ano eu fui vítima de outra provocação. Como diretor da nossa associação de hortaliceiros eu estava tentado melhorar a situação daqueles cuidadores da horta que não tinham direitos. Um dia eu fui, com um dos membros, um prisioneiro, comprar uma cerveja no quiosque. Peguei uma jarra de três litros. Quando chegamos, vimos que estava fechado. Mas um policial saiu de uma viatura estacionada por perto, veio até o quiosque e abriu. Havia seis ou sete pessoas na fila. Eu também entrei na fila, e uns oito chegaram depois. Comprei duas canecas de cerveja para cada um de nós e enchi a jarra. Quase imediatamente depois disso, o quiosque fechou novamente.

Nós temos uma categoria de criminosos e semi-criminosos que constantemente quebram a lei, mas tem proteção da polícia, que os usa como informantes e assassinos. Analisando isso, é claro que eles só estavam esperando que me servissem. Eu coloquei a jarra na mesa enquanto bebíamos das canecas. Enquanto isso esse cara entra e percebe que o quiosque está fechado, então ele aponta para minha jarra e diz, "Ah, tem cerveja. O quiosque está aberto!" Eu coloquei minha mão na jarra e disse: "Não, está fechado." Ele passa por mim, me dá um soco forte de lado. Eu imediatamente peguei a jarra e joguei na cabeça dele. Ela quebrou em pedacinhos. Sentindo o que estava por vir, eu disse ao senhor para ir embora rápido, mas calmamente para onde tivesse mais gente.

Pelo menos seis pessoas se envolveram na briga. Alguns meninos disseram à minha esposa que eu estava inconsciente no chão e ela veio correndo. A polícia chegou e me levou ao hospital. Mas eu não fui atendido. Sequer perguntaram onde eu estava ferido. Eles simplesmente me deixaram em uma cama na enfermaria. Depois de um dia, eu pedi que minha mulher me levasse para casa. Ela contratou uma ambulância e, de alguma forma, eu consegui subir quatro andares de escada até o apartamento. Depois, algumas pessoas do departamento de saúde da cidade vieram perguntar o que tinha acontecido. Um médico me visitou e eu fui finalmente levado de volta ao hospital.

Aquele ano, 1980, foi o início do que se mostrou o período mais difícil da minha vida. Em 18 de outubro, eu fui convocado pelos arquivos provinciais do partido em Rostov e me disseram que tinha chegado um pedido da Central de Arquivos do Partido do Instituto de Marxismo-Leninismo sobre a reabilitação do *status* do meu pai no partido. Eu fiquei estupefato, já que pensava que seu *status* já havia sido reabilitado em 1938. Eles disseram que as reabilitações de 1950 não tinham sido automáticas, só eram realizadas depois de pedido. Seguindo suas instruções, eu escrevi um pedido e levei ao comitê provincial do partido. Mas, já que eu sabia o que as autoridades regionais do partido pensavam de mim, mandei um pedido idêntico ao Comitê Central.

Em 10 de janeiro de 1981, eu recebi um incomum e educado chamado do comitê do partido na cidade pedindo que eu comparecesse quando pudesse. Eles me mostraram a resolução da Comissão de Controle do Comitê Central do partido reabilitando o nome do meu pai. Mas uma reabilitação formal é uma coisa, e a reabilitação de seu nome é outra história. Isso requer a coleta de dados arquivados sobre os anos do meu pai na revolução e no Soviete. Isso era, na verdade, tarefa dos arquivistas e historiadores do partido, mas eu sabia que eles não o fariam. Então eu mesmo comecei.

Por seis anos, onde quer que eu procurasse material a princípio me deparava com uma recepção amigável e positiva, que logo se transformava em total falta de cooperação. Veja, muitas das autoridades do partido, grandes e regionais, para quem eu fazia pedidos buscavam informações sobre mim no comitê provincial de Rostov. O comitê, é claro, sujava meu nome. Eu escrevi mais de 700 cartas. Eu me tornava cada vez mais e mais deprimido. No fim das contas, não era sobre mim, mas sobre um bolchevique. A cada passo que eu dava encontrava o tipo mais desprezível de anti-bolchevismo. Só minha mulher sabe o tamanho do meu desespero. Em 24 de maio de 1983, tentei me suicidar tomando todas as pílulas que tínhamos no apartamento. Minha mulher me encontrou inconsciente e me levou ao hospital a tempo de salvar minha vida.

Depois disso, meus pedidos relacionados ao meu pai não foram respondidos. Eu entendi que eles estavam usando a tentativa de suicídio para me rotular como doido. Assim como em 1962, quando tentei me matar na prisão, uma terrível indiferença tomou

conta de mim. Eu não chorei mais, nem briguei. Eu fui para o Azerbaijão e no fim das contas consegui coletar mais de 100 documentos. Agora tem uma rua com o nome do meu pai em Neftegorske e uma placa memorial. Uma série de artigos também foi publicada. Essas poucas coisas me custaram caro. Anti-bolchevismo ainda se mantém anti-bolchevismo.

No curso dessa luta eu esqueci da tragédia de Novocherkassk. Mas, um certo professor, cujo o nome eu provavelmente não devo mencionar, estava trabalhando no material em Moscou, e no outono de ano passado [1987] me disse: "Petr Petrovich, é hora de você dar atenção para os problemas de sua mãe e sua própria reabilitação." [Como resultado dos esforços de Siuda, a reabilitação da mãe dele se deu em 1989]. Somente quando voltei para casa é que aquelas palavras "...sua própria" realmente me tocaram. Em dezembro, eu mandei pedidos para o Comitê Central e para o *Presidium* do Soviete Supremo da URSS e para a Suprema Corte. Eu buscava a reabilitação dos próprios eventos, dos protestos dos trabalhadores de Novocherkassk.

A lei estipula um período máximo de três meses para que se dê uma resposta. Isso foi em dezembro de 1987. Três meses se passaram sem a resposta. Eu deixei meu trabalho em março para dedicar minhas energias a essa causa.

E como você se vira?

Bem, nós somos pobres.

Você não tem medo de ser preso por parasitismo? [a lei soviética requer que qualquer cidadão capaz, que não esteja estudando ou tomando conta de seus dependentes, esteja empregado pelo Estado ou pelo setor de cooperativas.]

É assim que eu explico para os burocratas locais do partido: Como Gorbachev, Ligachev e o primeiro secretário provincial do comitê do partido, Volodin, estão empregados? Eles estão envolvidos na atividade pública. A única diferença entre eles e eu é que eles são muito bem pagos em dinheiro e privilégios. Então, porque eu devo ter menos direitos que eles?

Que apoio você tem recebido das outras vítimas da repressão ou de seus parentes?

Apesar de eu ter encontrado pessoas que concordam com minha posição, nenhuma quer agir ativamente. Por exemplo, o jornal local do Komsomol publicou um artigo em resposta ao meu ensaio. É claro, distorcendo-o terrivelmente, mas pensei que pelo menos alguns outros que tinham sido condenados entrariam em contato comigo. Apenas um apareceu. Ele aprova o que estou fazendo, mas tem muito medo de se unir a mim. Ele tem uma família e tal. Por que revirar assuntos antigos? Por que chamar atenção novamente? Um dia eu recebi uma ligação da esposa de um dos treze que foram sentenciados comigo: "As crianças não sabiam por que ele estava no campo e agora, graças a você, elas descobriram!" Essa é a atmosfera. No geral, os eventos de 1962, em Novocherkassk, serviram de peso na consciência das pessoas por toda parte. E, é claro, pesou mais em Novocherkassk.

Mas e os parentes daqueles que foram mortos? Com certeza eles tentaram encontrar onde eles foram enterrados?

Eles não tentaram, e até hoje nós não sabemos onde foram enterrados. [Mais de 100 vítimas foram enterradas imediatamente em grandes sepulturas não identificadas e os soldados que enterraram foram forçados a fazer um voto de silêncio, sob pena de morte. As sepulturas foram reveladas em 1990 por um oficial que tinha supervisionado o enterro.] Mas mesmo que as pessoas ainda temam se tornar ativas, há muito interesse. A edição do jornal do Komsomol se tornou um *best-seller* instantâneo. As pessoas começaram a lembrar e a falar entre eles. A opinião pública está começando a se movimentar. Um camarada recontou uma reunião de ativistas do partido com Artemov, o delegado local do décimo nono Congresso do Partido. Alguém lhe perguntou como ele se sentia com a quebra das paredes de silêncio que rodeavam a tragédia de Novocherkassk. Ele tentou dar a opinião oficial, mas as pessoas gritaram, "Nos dê sua própria opinião. O que você pretende fazer?" A sala se encheu de gritos. Finalmente uma resolução foi aprovada por unanimidade: "pela criação de uma comissão para investigar e avaliar os eventos objetivamente".

Porque é importante que os trabalhadores saibam desses eventos, e quais lições eles devem tirar deles?

Primeiramente, eu quero que a tragédia seja parte do registro público para que – e não vou amenizar minhas palavras – se sangue for derramado novamente, não seja somente o sangue dos trabalhadores. Mas, espero que as lições de Novocherkassk ajudem a impedir tais tragédias. Hoje, eu vejo que muito é similar àquele período. Um processo de democratização está acontecendo. Sim, fomos mais longe dessa vez. Naqueles tempos, havia revelações sobre os crimes de Stalin, predecessor de Khrushchev. Hoje, também há revelações sobre os crimes de Stalin, mas eles vão mais fundo e ultrapassam o período de 1934 à 1953. Isso é bom. Eles estão nos dizendo que nunca mais vai acontecer, que eles estão nos dando democracia. Além do mais, existe um tipo de auto-revelação sobre a corrupção nos níveis mais altos, apesar disso, a corrupção também é representada como uma coisa do passado.

Mas apesar de tudo, a iniciativa nessa Perestroika e os níveis mais altos de poder se mantém nas mãos da burocracia do partido-Estado. Os acontecimentos de Novocherkassk revelaram a verdade sobre o Estado Soviético: é um Estado burocrata em cima de uma plataforma Stalinista, oprimindo os trabalhadores por trás de uma falsa fachada da ideologia revolucionária – isso não mudou. No começo desse ano, durante a visita à Shakhty, o Secretário do Comitê Central, Lukyanov disse que se o partido não tivesse se colocado a tempo – isto é, se não tivesse introduzido a Glasnost e a Perestroika – então, o povo teria tomado as ruas.

Então veja, a Glasnost e a Perestroika não são presentes das autoridades, mas um pequeno sacrifício que eles são forçados a fazer para salvar o que é fundamental para eles. Eles queriam fazer o Estado mais eficiente. Eles sabiam que a raiva crescia na sociedade. Eles tinham que aliviar a pressão.

O que você acha de Yeltsin?

Eu não sou fã de funcionários. Nosso partido foi formado de tal forma que para conseguir uma carreira na burocracia você tem que passar por uma escola básica de infâmia e sujeira. Quanto mais alto seu posto, mais seriamente você foi testado. O que eu quero

dizer por teste? Quero dizer que um burocrata não vai trair os interesses da burocracia. É por isso que eu não esperava muito da proclamação da Glasnost e da Perestroika.

A elite do partido-Estado está fazendo pequenos sacrifícios; eles estão abrindo mão de privilégios e regalias dos administradores medianos. E esses burocratas médios estão loucos de raiva de Gorbachev e dos outros que trouxeram a Glasnost e o direito de criticá-los. Mas assim que a verdadeira ameaça emergir – não nesse nível médio, porque a elite está disposta a sacrificá-la – mas na própria elite, ou parte dela, então eles vão passar à ofensiva.

Muito depende da liderança e da organização. É por isso que sou ativo no movimento social. Mas estive recentemente em uma conferência em um dos Institutos de Economia de Moscou. Os palestrantes diziam que o destino da Perestroika dependia dos intelectuais, e não dos trabalhadores. Na verdade, eles negaram qualquer papel aos trabalhadores. Eu disse que eles estavam falando absurdos, que quando o verdadeiro teste de força começasse, quando as pessoas fossem às ruas e sangue fosse derramado, eles iriam aguentar a responsabilidade moral, porque eles não seriam capazes de oferecer nenhuma liderança. A intelectualidade é, e continuará sendo, nada sem os trabalhadores.

Os intelectuais socialistas devem se unir e ir aos trabalhadores. Isto deve acabar com a conversa fiada nos corredores. Os trabalhadores precisam de uma análise do destino do movimento operário na Polônia, dos eventos de Novocherkassk, da relação entre os trabalhadores e os movimentos nacionais. Mas esse processo de unificação das forças socialistas está andando com muita dificuldade e, é claro, o regime faz de tudo para evita-lo.

A maior parte dos intelectuais está longe de socialista. Se a minoria socialista não tiver sucesso em forjar uma ligação orgânica com os trabalhadores, quais são as chances de os intelectuais liberais ou nacionalistas ganharem os trabalhadores?

Eu não acho que os trabalhadores seguirão os "ocidentais" que, no fim das contas, querem realmente restaurar o capitalismo. Isso vale tanto para os grupos como a União Democrática [uma

organização militante liberal], que olha nostalgicamente para o período pré-revolucionário, como para grupos como o *Pamyat* [um movimento ultranacionalista], que afirma que a revolução foi uma conspiração sionista.

Mas temos que reconhecer que no início dos anos 1920, mesmo durante a vida de Lenin, uma mudança se deu e a revolução perdeu rumo. Nós não devemos sonhar com o retorno do período da NEP [Nova Política Econômica, de 1921 à 1927, quando se deu uma restauração parcial do capitalismo], e menos ainda do período pré-revolucionário. Nós temos que lutar pelo controle absoluto do Estado pela sociedade, pela democracia genuína, do tipo que existia no início da revolução, quando as massas populares tomaram o destino do país em suas mãos, e por um eventual definhamento do aparato estatal. Para que isso aconteça, os trabalhadores devem formar organizações independentes, opostas ao aparato, leal aos interesses dos trabalhadores, e controlada pelos trabalhadores.

Apesar de tudo, os trabalhadores de alguma forma ainda acreditam no bolchevismo. Eu não digo isso porque sou filho de um velho bolchevique. Eles entendem intuitivamente que o desenvolvimento saudável do país deve ocorrer sobre uma base socialista. Esse é seu instinto de classe.